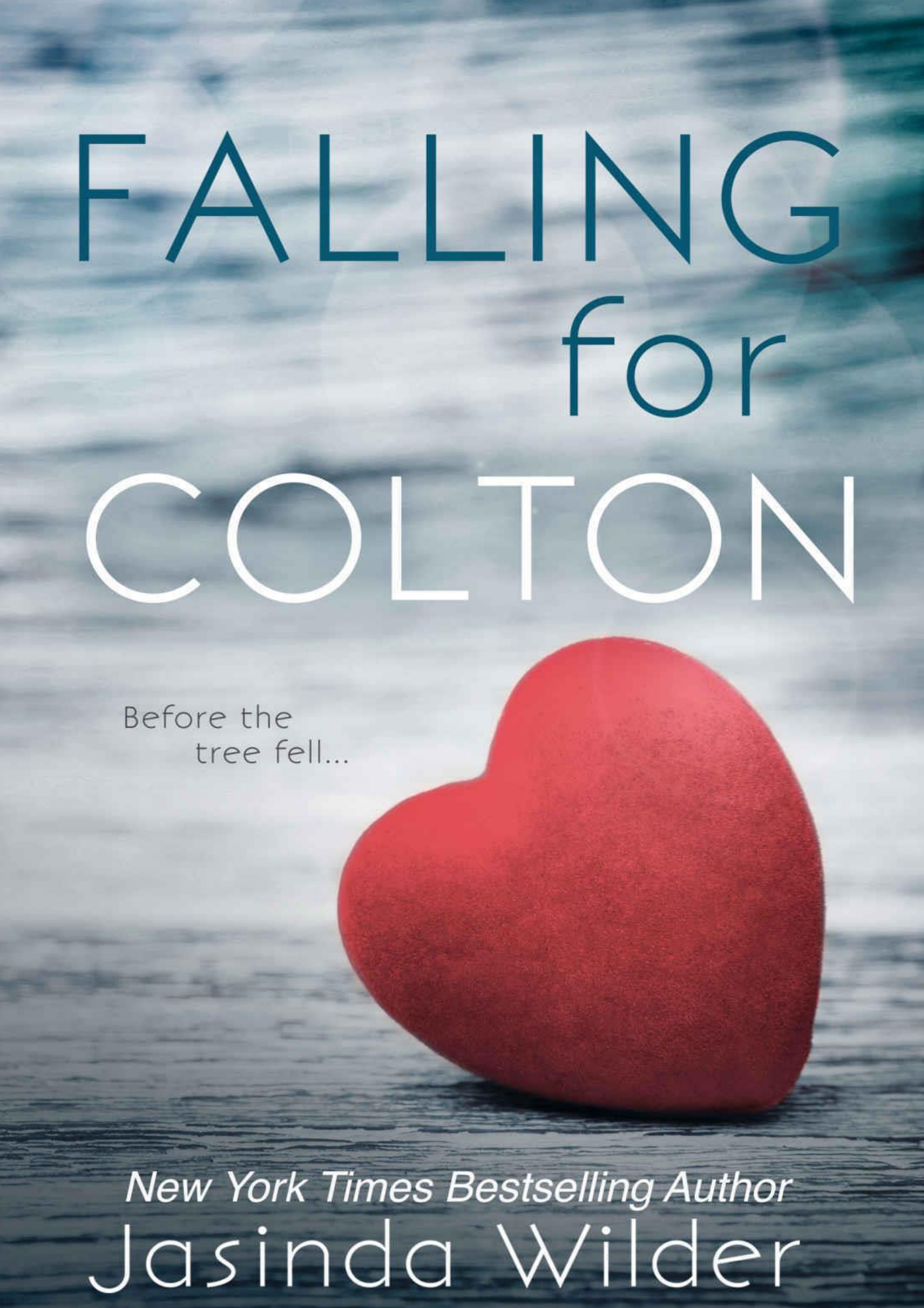
FALLING for COLTON



New York Times Bestselling Author

Jasinda Wilder

PÉGASUS LANÇAMENTOS
&
WARRIORS ANGELS OF SIN



DISPONIBILIZAÇÃO E TM – **SIDRIEL WINGS**

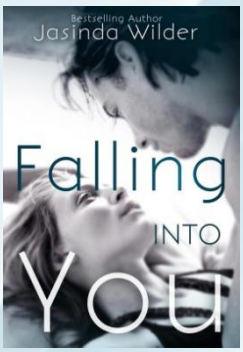
TRADUÇÃO E REVISÃO – **EQUIPE LINDAS & CALIENTES**

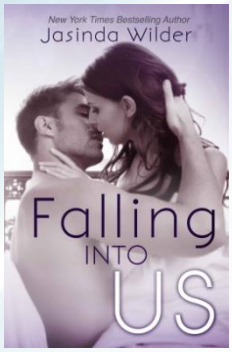
LEITURA FINAL – **ATENAS WINGS & SIDRIEL WINGS**

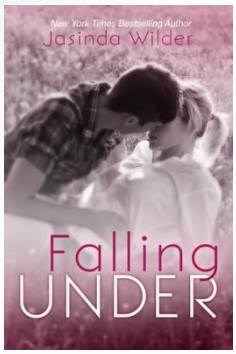
FORMATAÇÃO – **WARRIOR**

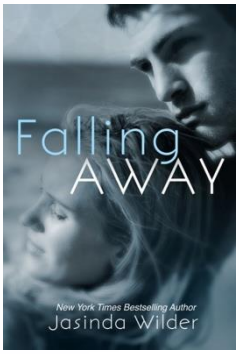
Janeiro 2021

SÉRIE FALLING (FINALIZADA)

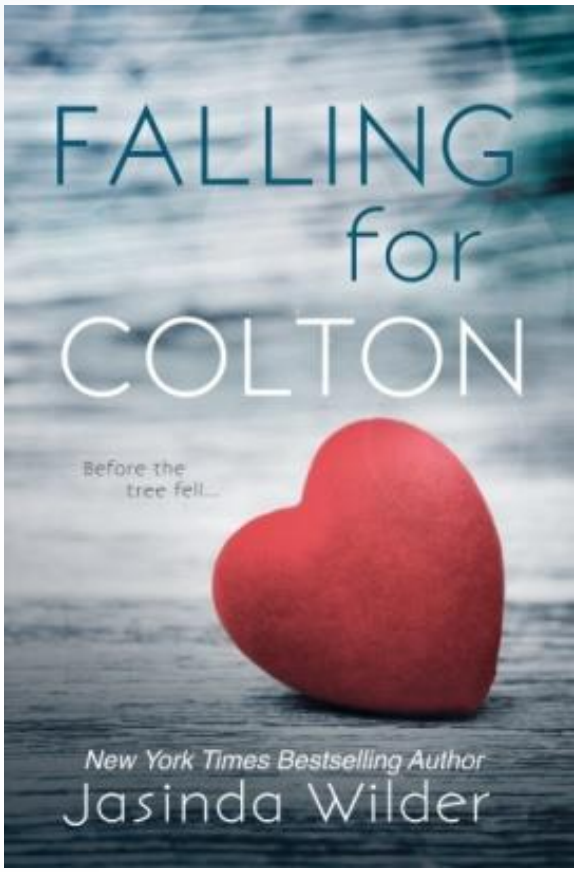








LANÇAMENTO:



DEDICATÓRIA

Este livro é para vocês, leitores, para todos aqueles que se apaixonaram por Colton comigo.

SINOPSE

Nem sempre estive apaixonado por Nell Hawthorne;

Eu estava apaixonado por uma garota chamada India antes de conhecer Nell.

India?

Ela foi meu primeiro amor, a garota que me fez querer ser melhor que meu passado, melhor que o sangue e a violência.

Viva pela espada, morra pela espada, é o que dizem, certo?

Deveria ter sido eu, naquele dia. Mas não fui. Foi ela. E isso me mudou.

Mandou-me por um caminho ainda mais sombrio do que antes.

Até eu conhecê-la.

Nell Hawthorne.

A garota que mudou tudo.

Você conhece essa história.

Mas o que você não sabe é tudo o que levou àquele dia chuvoso debaixo de uma árvore, em um funeral.

CAPÍTULO 1

Que tipo de chance é essa?

Não quero ir para casa; *não posso* ir para casa. Não arrisco. Não com esse boletim escolar em minhas mãos. Se papai vir esse boletim... merda. Não há a menor chance de eu ir para casa. Inferno, não. Quer dizer, eu sei que ele eventualmente vai descobrir, mas também posso adiar essa merda o máximo possível.

Lá na frente, o idiota do professor ainda está tagarelando sobre gerúndios, seja lá o que isso seja, mesmo que o sinal esteja, literalmente, a dez segundos de tocar.

Com raiva enfio o envelope na minha mochila, amassando-o no fundo e colocando meu estúpido livro de recuperação de inglês por cima. Livro grosso e idiota, cheio de merda sem utilidade.

Palavras de merda, cara. Todas essas palavras, um livro cheio de palavras de merda. Eles me deram esse livro do caralho como parte da turma de recuperação que peguei, porque não consigo ler. Quer dizer, fala sério, quanto sentido isso faz? Estúpidos, malditos, filhos da puta.

Afinal, se um professor particular não podia ajudar, não acredito que uma turma de recuperação com a merda de um livro gigante vai ajudar também. Não é que eu não me importe, não goste, ou não esteja tentando. Eu apenas... não consigo ler. Meus pais já gastaram centenas de dólares com aulas particulares e elas não me levaram a lugar algum.

Fecho a minha mochila e jogo sobre meu ombro, deixando-a pendurada por uma alça.

Cacete.

Eu levanto e me dirijo para a porta, não esperando pelo sinal tocar.

— Sr. Calloway. Nós ainda não acabamos.

O professor é baixinho e rabugento, gordo na cintura com pernas e braços finos. Ele é careca com alguns fios puxados de um lado da cabeça para o outro. Tipo, que diabos? Quem faz teias para cobrir a cabeça? E, por quê? BBBBBBBRRRRRIIIIIIINNNNNNNNNNNNNGGGGGGGG! Salvo pelo gongo, literalmente.

Mostro-lhe o dedo do meio, estilo Detroit, polegar para fora e dedos dobrados na segunda junta.

— Sim, nós acabamos.

Ele começou a preencher a folha de detenção antes mesmo que eu terminasse de falar.

— Aqui está Sr. Calloway. Pela terceira vez essa semana.

Ele estica a folha de detenção em minha direção, enquanto os outros alunos saem, alguns deles olham para mim com uma mistura de pena e frustração. Eles já viram essa cena várias vezes antes.

Eu arranco a folha das suas mãos e amasso em uma bola, jogo-a nele e acerto em sua testa.

— Você está perdendo o seu tempo. Eu não vou para essa detenção mais do que eu fui para as outras duas essa semana, babaca. Por que você não preenche uma para todos os dias, hein? Na verdade...

Eu pego o bloco de folhas de detenção da sua mesa e jogo nele. Ele bate no seu peito. — Apenas assine todos ou eu posso jogar o bloco inteiro fora, e poderemos pular essa babaquice.

Ele me encara com a cara vermelha, envergonhado.

— Por que você tem que ser tão antagônico? — Ele balbucia.

Dei de ombros.

— Por que você tem que ser tão babaca?

Sua expressão endureceu. Com um bufo, ele caminha em minha direção me agarra pelo cotovelo e se dirige para a porta. O problema é que eu tenho 13kg de músculo e sou 10cm mais alto. Eu firmo meus pés no chão e ele leva um solavanco.

Ele aperta meu braço e me puxa novamente.

— Para a direção, Sr. Calloway. *Agora*.

Agarro a sua mão e a arranco do meu braço, torcendo seus dedos até que doam. Eu o seguro assim por um segundo e o jogo para o lado como uma boneca de pano.

— Mantenha a porra das mãos longe de mim.

Ele bufa.

— Você... você não pode...

Eu me aproximo do seu rosto.

— Você-você-você… você também não pode me tocar. Você sabe quem é o meu pai? Se eu disser a ele que você agarrou meu braço, você já era. Mas quer saber? Isso não vai acontecer. Porque se você me tocar novamente, vou arrancar seu braço

fino e lhe bater com ele. Agora. Estou saindo. E não irei para a porra da detenção, então você pode simplesmente prosseguir e se reportar ao Dr. Shintsky. Assim, eu serei suspenso e poderei ficar em casa por alguns dias e bater uma punheta.

— Você é desprezível.

— Você também é.

Eu lhe dou um tapinha nas costas, forte o suficiente para fazê-lo se encolher.

— Feliz por termos essa conversa, babaca.

— Pare de me chamar assim! — Ele soou como uma criancinha – ele provavelmente sofreu bullying quando era mais jovem.

Merda. Estou fazendo bullying com ele agora mesmo, e ele é um homem adulto enquanto eu tenho apenas dezesseis anos.

Saio da sala de aula sem olhar para trás.

Vou aparecer para aula amanhã, mas estou suspeitando que terei uma reunião com o Diretor, o bom Chizinsky – também conhecido como Dr. Shintsky. Ele vai me mandar para casa por de dez a onze vezes esse ano, e isso é tudo. Quero dizer, deve haver um limite de vezes que você pode ser suspenso em apenas um ano, certo? Aparentemente, não. Ou não para mim, já que meu bom pai é um Senador.

No segundo que deixo a propriedade escolar começo a pensar sobre o cano de escape que estou melhorando no meu Camaro 67. Ainda não terminei, então mentalmente vou traçando os próximos passos enquanto caminho para casa. Ter esse hobby é a única coisa que tira minha cabeça da escola. E me dá algo para fazer fora da mira do meu pai. Sempre que ele está em casa, longe de Washington, ele está me

atormentando sobre praticamente tudo: graduação, detenção, suspensões, meu trabalho, inscrição em faculdades.

Como se por um cacete eu fosse para a faculdade. Haha – Essa é boa. Se a ideia não fosse tão esfarrapada, até seria engraçada. Ele honestamente acha que irei para *Harvard*? Estou numa insignificante escola de ensino médio rural do Michigan, e quase não estou passando, e ele pensa que vou para uma maldita faculdade da Ivy League?

Já perdi a conta do número de discussões que tivemos sobre isso. Sei que ele provavelmente pode puxar algumas cordas e essas merdas e me colocar numa delas, mesmo com minhas péssimas notas, mas eu apenas não irei. Não sei o que farei depois da graduação do ensino médio, mas é mais certo que a merda que não vou para a faculdade.

Corto caminho pelo bosque, entre a escola e a estrada principal, que separa a escola do meu bairro. Uma rota familiar. Eu acho que, na verdade, literalmente criei uma trilha entre as árvores, por ter passado tantas vezes nos últimos quatro anos. Eu até mesmo consegui um pequeno esconderijo, uma árvore velha com um buraco que apodreceu perto da base, apenas grande o suficiente para guardar minhas merdas. Eu passo algum tempo aqui, fumo, bebo e basicamente evito ir para casa. Tudo para evitar o olhar desapontado do meu pai e quanto a minha mãe... bem a ausência dela. Ela está sempre tão ansiosa para agradar meu pai e sei que ela tem medo de me deixar com raiva, porque ela apenas não consegue gerenciar conflito, e eu tenho um bocado de temperamento.

Paro em frente à minha árvore, jogo minha mochila no chão e me sento ao lado dela. Estico o braço para o buraco na árvore, dentro do pequeno buraco e

vasculho o interior. É grande o suficiente para esconder um pequeno frasco de whiskey barato, um saquinho de maconha, um maço de papeis para enrolar e um isqueiro. Eu não me arrisco a manter essas coisas em casa ou em minha mochila, mas tenho a puta certeza de que não consigo viver sem elas.

Tomo um gole do whiskey e ofego quando ele queima ao descer, então enrolo um cigarro. Recostado contra a árvore, trago preguiçosamente, saboreando a sensação de ter a cabeça flutuando e os membros pesados e soltos.

Deus, eu realmente não quero ir para casa.

Mas caralho. Eu não posso evitar o lugar para sempre. Assim também posso me livrar disso logo.

Hora de tomar coragem.

Escondo meus tesouros e faço meu caminho para fora da floresta, não prestando realmente atenção a quase nada, enquanto eu dou uma corrida através da movimentada rodovia de quatro pistas, e pulo a parede entre a via e meu bairro. Existem grandes terrenos vazios aqui desse lado do muro, hectares de grama verde bem cuidada cortada em arcos suaves, com as casas bem distantes, todas voltadas para dentro.

Tão logo eu aterrizo no chão, um punho se conecta com meu crânio, enviando estrelas brilhando nos meus olhos e dor perfurando minha cabeça.

Eu me desequilibro para trás, batendo contra a parede, piscando e sacudindo a névoa da dor. Eu largo minha mochila e os encaro.

— Você fodeu a minha garota, Calloway, — Preston rosna.

Sorrio para ele.

— E foi uma foda doce.

São quatro contra um, então provocá-los não é a coisa mais inteligente, mas ei – ninguém nunca me acusou de ser a pessoa mais brilhante do mundo.

— Tomei aquela bunda maravilhosa dela, curvada no banco de trás, e... eu a fodi intensamente, cara.

— Seu fodido filho da puta!

Eu levanto minhas mãos como sinal de inocência.

— Ei, cara, não é minha culpa se ela não está tendo o suficiente disso com você.

O babaca do Preston, o babaca do Doug, o babaca do Brady e aquele filho da puta de merda do Dane. Atletas do futebol. Extraordinariamente idiotas. Imbecis ciumentos.

Bem, talvez ciumentos seja a palavra errada. Eu não sei a palavra correta, mas seja lá qual for, eles o são. Estão todos loucos como o inferno comigo, não apenas por foder todas as suas namoradas, mas eu chutei suas bundas covardes mais de uma vez.

Mas agora eles estão todos juntos aqui. E são grandes para cacete. E estão putos. E estão em vantagem contra mim.

Meus ouvidos ainda estão zunindo e ainda estou piscando para clarear minha visão – socos de surpresa são difíceis de dissipar. Eu analiso a situação: Preston está a minha esquerda, perto da parede – ele foi o que me socou de surpresa, Brady e Doug estão a minha frente e Dare à minha esquerda. Todos eles usando suas estúpidas jaquetas do time durante as férias, como orgulhosos idiotas que são.

Cacete.

Eu avanço para Dare primeiro, porque é o que mais odeio – não por qualquer razão específica, apenas porque é um metido, prepotente, idiota, garoto bonitinho, e eu discordo com a sua existência em um nível fundamental. Eu conecto com a sua mandíbula e ele gira e tropeça. Eu preparo mais um golpe e acerto no mesmo lugar. Diga boa noite, Gracie. Ele agora está no chão, chorando.

Bem, não chorando, mas gemendo.

Preston está atrás de mim com seus braços em volta do meu pescoço, Brady tem um dos meus braços e Doug está colocando soco atrás de soco em meu abdome, bam-bam-bam.

Dói para cacete.

Mas Doug é um covarde.

Eu o chuto nas bolas e ele tropeça para trás, apertando suas bolas, fazendo um chiado baixo. Eu pressiono meu cotovelo no peito do Brady, mas ele acerta na minha bochecha, outro no meu lábio e um terceiro que abre meu nariz. Eu estou vendo estrelas agora. Tonto, com dor – cacete. Brady é o mais forte deles, o único que pode na verdade lutar alguma coisa. Preston está apertando meu pescoço tão forte quanto consegue, mas eu coloquei meu queixo entre seus braços e minha traqueia, então ele não consegue realmente me estrangular.

Eu ataco Brady novamente, porque ele é o único para me preocupar. Eu o acerto em algum lugar entre seus olhos e sua bochecha com uma esquerda selvagem, e ele fica distraído o suficiente para que eu possa lidar com Preston.

Preston Fairchild, filho da puta. Ele é o mais pretensioso de todos eles. Menino bonito chupador de pau. Estico o braço por trás de mim e o agarro pelo

cabelo loiro espetado com gel e penteado artificialmente, e bato minha cabeça em seu nariz.

O sangue escorre pegajoso e quente pela minha nuca, e então ele me solta. Eu giro no lugar, tropeçando, tonto, e então dou quatro golpes ultrarrápidos nele, esquerda-esquerda-direita-esquerda, um-dois-três-quatro no rosto. Nariz, maçã do rosto, maxilar, nariz. Mais um, um golpe de esquerda em seu nariz novamente, só para realmente foder seu rosto.

O babaca está tão machucado que ele ficará marcado para o resto da vida.

Brady ainda está lá, mas ele recua, com as mãos levantadas.

— Estou de boa, cara.

Eu cuspo sangue.

— Foda-se, seu frouxo. Vem me enfrentar.

Ele balança a cabeça.

— Já falamos antes. Não, obrigado. Eu não tenho problemas com você.

Eu rio, meu tom é amargo com sarcasmo.

— Você sabe que Shelly chupou meu pau debaixo das arquibancadas semana passada?

Devo ter um desejo de morte. Brady poderia me fazer lutar pela minha vida na minha condição atual.

— E então eu transei com ela em seu carro, coloquei aquelas pernas de líder de torcida sobre meus ombros e tudo.

Seu olhar escurece.

— Sim, eu sei. — Ele acena com a mão com desdém.

— Ela era uma vagabunda. Ela chupou metade dos paus de toda a escola. Eu não sei o que estava pensando, saindo com ela.

— Eu também não.

Ele bufa.

— Você transou com ela também, cara.

Eu encolho os ombros.

— Bem, sim, quero dizer, ela é gostosa - vadia, mas gostosa. Eu não estou prestes a recusar uma boceta fácil.

Aponto para Preston, que está no chão, segurando o nariz, se contorcendo. Eu também estou sangrando, mas apenas deixo minha merda sangrar.

— Agora a garota dele, cara... ela era apertada como o inferno. Não tenho certeza se ele realmente comeu aquela bunda, era tão apertada.

— Ela estava menstruada? — Brady pergunta.

Eu balancei minha cabeça.

— Nah. Não que eu tenha percebido.

— Você sabe o quê? Tanto faz. Eu não me importo.

Um encolher de ombros.

— Como eu disse, estou de boa, cara. Se você avançar, eu vou te derrubar. Mas eu estou de boa se você estiver.

Não sou tão guloso por punições que esteja disposto a ignorar o ramo de oliveira que ele está oferecendo.

— Diga a seus amigos babacas para me deixarem em paz.

Ele se afasta de mim, ignora-me e ajuda seus amigos a se levantarem.

Pego minha mochila e saio correndo. Foda-se isso. Fodam-se eles.

Eu chego ao final da minha rua antes de desacelerar. Minha camiseta está encharcada com o sangue que ainda escorre do meu nariz. Meu olho está inchado e fechado, e tenho certeza de que meu lábio está aberto. Eu passo minha língua sobre o caroço ardente em meu lábio, com certeza sinto gosto de sangue. Golpes no rosto doem, cara. Posso receber golpes no corpo o dia todo e não me intimidar, acumulei tantos músculos no meu torso que alguém tem que realmente bater com força para me enfraquecer. Mas não há como endurecer seu rosto. Seus lábios vão se abrir. Seus olhos vão inchar e ficar pretos - e depois amarelos, roxos e verdes. Os dentes ficarão soltos. Não há nada que você possa fazer sobre essa merda.

Ok, talvez eu tenha mentido, meu estômago dói pra caralho, cara.

Mas eu aprendi tudo isso da maneira mais difícil. Estive em muitas brigas este ano, o que explica a quase uma dúzia de suspensões que tive desde setembro. Eu sou um cara grande naturalmente. Aos dezessete anos, tenho um metro e noventa. Eu malho muito, o que mais há para fazer nesta cidadezinha de merda? Então, estou muito rasgado, o que é um convite a problemas, especialmente quando você adiciona o fato de que minha atitude deixa algo a desejar.

Basicamente, o que estou dizendo é que não tenho mais merdas para dar, visto que tenho tudo que posso aguentar apenas tentando passar nas aulas e manter meu pai longe da minha bunda.

Atravesso pelos quintais, pulo cercas e entro furtivamente em minha casa pela porta dos fundos. Tudo está quieto. Não há sinal do meu pai ou mãe, então aproveito

para pegar um saco de ervilhas congeladas, uma lata de Coca-Cola e um punhado daquelas barras de granola de manteiga de amendoim crocantes que acabam deixando uma pilha de migalhas a cada mordida.

Quase chego ao meu quarto. Quase.

— Colton? Querido, é você? — Mamãe está chamando do banheiro do corredor.

— Sim. — Abro a porta do meu quarto. — Tenho muito dever de casa. Vou jantar mais tarde.

Ela está atrás de mim, no entanto. Eu me afasto quando ela se aproxima, fingindo cavar na minha bolsa para que ela não veja meu rosto.

— Tem certeza de que não pode descer para jantar? — Ela pergunta enquanto fica na porta do meu quarto. — Estará pronto em menos de quinze minutos. Estamos comendo cedo porque Kyle vai a uma festa na piscina com seu time de beisebol esta noite.

Eu encolho os ombros. — Nah. — Eu levanto a barra de granola. — Eu estou bem.

— Você não pode comer apenas uma barra de granola no jantar, Colton.

Mamãe ainda não viu nada... talvez eu consiga evitar a chateação de saco de *você lutou de novo*.

— Claro que eu posso. Muitos trabalhos de casa para fazer. Desço mais tarde, mãe.

Jogo um livro de história na mesa, chuto a cadeira para trás e me sento. Ao inclinar-me sobre ela, vejo que o sangue está pingando no livro - pim-pim-pim-pim.

Ela vê isso. Droga.

— Colt? Você está bem? Você está sangrando?

— Acabei de bater meu nariz. Nada demais. — Há uma caixa de lenços de papel na mesa. Enrolei um punhado e coloquei contra o nariz. — Estou bem.

— Deixe-me ver. — Ela agarra meu ombro e me vira. Suspiros. — Meu Deus! Colton Henry Calloway! O que diabos aconteceu com você?

— Nada. Estou bem, de verdade.

Eu me afasto, me viro e olho para o livro de história que permanece fechado, um lembrete silencioso do fato de que eu não consigo ler, porra.

— Você estava em outra briga?

Ela se ajoelha ao meu lado e ficamos cara a cara. Ela cutuca meu nariz e meu olho. Suas mãos cheiram a cebola e sabonete sofisticado, e não posso deixar de notar a dor e a preocupação em seus olhos.

— Você está passando alvejante em mim, mãe. Você não está ajudando. — Eu afasto o meu rosto. — Estou bem, porra.

— Cuidado com a sua linguagem, Colton. O que aconteceu?

— Não é nada, eu lidei com isso. Estou bem. — Eu preciso me mover, fazer algo.

Pego minha mochila e começo a arrancar a merda dela. Que, estupidamente, inclui o boletim escolar.

— Você recebeu seu boletim escolar? — Vendo-o sobre a mesa, ela o pega.

Eu quero arrancá-lo, rasgá-lo. Mas não.

— Sim.

Limpo meu nariz com a bola vermelha e encharcada de lenços de papel. Tento ignorá-la e fingir que não me importo. Eu a ignoro quando ela abre, a ignoro enquanto ela desdobra o papel e o lê. Ignoro a maneira como seus ombros começam a ceder.

— Achei que você iria se sair melhor neste semestre, Colton?

— Eu também.

Eu jogo o chumaço de tecido encharcado de sangue pela sala.

Ele se espatifa úmido contra a porta do meu armário, deixando um rastro rosa avermelhado na madeira branca enquanto desliza e atinge o chão.

Mamãe vê isso acontecer.

— Sério, Colton? Isso é nojento. — Ela acena o boletim escolar. — Lamento dizer isso, mas seu pai vai ficar...

Eu arranco o papel dela e o enrolo, jogo com raiva fora.

— Muito desapontado, — eu termino por ela, imitando a voz estrondosa do meu pai. — Eu sei. Que porra de surpresa isso vai ser.

— Colton...

— Ele está em casa?

— Sim, mas eu acho...

— Mãe, acho que você deveria procurar outra coisa para fazer. — Eu atravesso o meu quarto, desamasso o boletim e passo por ela. — Você não vai querer ouvir isso.

— Talvez você deva esperar até depois do jantar...

— Ele não vai ficar menos decepcionado comigo com o estômago cheio, mãe.

Ela apenas suspira. — Talvez você deva trocar de camisa primeiro?

Eu olho para baixo. Minha camiseta da Rage Against the Machine está fortemente manchada com meu sangue. Encolho os ombros.

— Não importa.

Já que não há mais nada que ela possa dizer, ela me deixa ir em silêncio.

Meu pai está em seu escritório, o que não é surpresa. Nas ocasiões em que está em casa, o grande senador está sempre em seu escritório trabalhando.

O trabalho de um servidor público nunca acaba, filho, ele dirá.

Sim, bem, nem o de um pai, mas o que eu sei?

Eu odeio seu maldito escritório. As portas francesas do foyer abrem para dentro, revelando um navio de guerra de uma mesa. É feito de madeira escura polida, imaculada, exceto por algumas coisas: computador, teclado, mouse, um mata-borrão / calendário de mesa e uma caneta de prata elegante em um suporte. As estantes de livros cobrem as paredes do chão ao teto, cheias de livros de capa dura de literatura clássica, juntamente com volumes jurídicos de dez centímetros de espessura em igual número. Carpete espesso sob os pés. Cortinas fechadas para manter o ambiente fresco e em constante sombra. Um toca-discos de vinil antigo está sob seus diplomas emoldurados da U of M, Brown e Harvard. Sim, ele tem um doutorado da Ivy League, mas não fala sobre isso com muita frequência. Ele não atende pelo Dr. Calloway. Ele é humilde assim.

Quando entro na sala, vejo que seu rosto está iluminado pela tela do computador, um brilho esbranquiçado em seus traços de beleza clássica. E ele é coroa boa pinta, meu pai. Mesmo em casa nas férias, ele se veste bem o suficiente para entrar em qualquer restaurante cinco estrelas. Calça bege engomada e vincada, camisa branca e gravata azul-marinho fina.

Não poderíamos ser mais diferentes. Estou vestindo uma calça cáqui folgada - que tem sangue, tinta e óleo - e uma camiseta de banda de rock manchada de sangue. Eu tenho tatuagens no meu bíceps e nos meus antebraços. Tenho brincos de diamante em minhas orelhas. Meu cabelo está desgrenhado, sem cortes, bagunçado e suado.

Merda, meu olho está preto, meu lábio está partido e meu nariz está com uma crosta de sangue seco.

Ele olha para mim, franze a testa.

— Não sangre no meu tapete, filho.

— Sim, obrigado, estou bem. — Eu atravesso o tapete, levanto a bainha da minha camiseta e limpo meu nariz com ela - a camisa sai seca, então acho que não estou mais sangrando. — Aqui. — Jogo o boletim na mesa dele e me viro para sair.

— Espere. — É uma ordem, o estalo agudo de um homem acostumado a ser ouvido.

Eu paro com minha mão na maçaneta da porta, ouvindo o papel estalar enquanto ele o alisa em sua mesa. Posso ver o movimento em minha mente, a palma da mão deslizando sobre o papel, pressionando-o contra a mesa compulsivamente. Ele odeia bagunça, odeia coisas fora de ordem. Tudo o que sou, basicamente.

— Isso não é aceitável, Colton. — Ele diz isso com um longo suspiro de sofrimento.

— Nós concordamos que você se esforçaria neste último semestre.

Eu não me preocupo em discutir. Não me preocupo em apontar quantas horas passei no meu quarto, estudando, fazendo lição de casa. Eu me esforcei. Eu garanto a você que trabalhei mais duro do que qualquer outra pessoa na escola inteira. Eu trabalhei pra caramba apenas para conseguir essas notas. Mas ele não vê isso. Ele não se importa.

— Cálculo, C+. Não é ruim.

Claro que ele vai revisar cada uma das notas, e fazer um comentário sarcástico sobre cada uma. E eu só tenho que ficar aqui e ouvir. Estou tremendo de raiva. Mais dez segundos.

Vou ouvir sua merda por mais dez segundos e então estou fora daqui.

— História da Civilização Ocidental, D-. Quase não passou nessa. Fundamentos de leitura e compreensão, E-. A nota mais baixa está aqui. Quer dizer, é preciso talento para tirar uma nota tão baixa. Jesus, Colton. Como você consegue isso? É desconcertante.

— Por ser um fodido disléxico? — Eu me viro para encará-lo, as palmas batendo em sua mesa chique. — Que parte disso você não entende, filho da puta? Eu não posso ler! Não importa o quanto eu tente - e eu juro pela alma da sua mãe morta, que tenho estudado como um cachorro minha vida inteira - nunca serei capaz de ler como você. Não é preguiça, há algo errado com meu cérebro que não pode ser consertado.

— Você é apenas preguiçoso. Você está culpando o seu fracasso por uma pequena deficiência que poderia ser facilmente superada se você se esforçasse. — Ele nem mesmo fica perturbado com meus gritos, nem mesmo me ouve. Meu insulto vulgar não foi registrado. Ele está acostumado com eles agora. — Vamos ver... Anatomia humana, C. Estudo independente em reparo automotivo avançado, A+. Economia, D.

Giro a maçaneta e abro a porta.

— Acabou?

Ele se levanta. Ouço rodízios rolando no tapete de plástico debaixo da sua cadeira.

— Não, não terminei.

— Ruim pra caralho. Eu não quero ouvir mais nada. — Eu vou para a porta dos fundos, para o velho celeiro nos fundos da propriedade.

Ele me segue.

— Volte aqui, Colton Calloway. Eu tenho mais a dizer para você.

— Você sempre tem mais a dizer, seu velho fanático. Eu parei de me importar há muito tempo. — Eu me viro e ando em silêncio pelo quintal bem cuidado, pela cerca viva e entro no bosque que esconde o celeiro que é minha oficina.

Eu o sinto atrás de mim, mas não me preocupo em olhar para trás. Eu me aproximo do teclado de segurança que protege a única porta do celeiro, insiro os números corretos e abro-a. Afasto o trinco, agacho-me e empurro a porta de enrolar. Ligo as luzes, que piscam-piscam-piscam, então estabilizam com um zumbido, banhando a oficina com um brilho branco fluorescente.

O sistema de escapamento do Camaro está disposto em pedaços na bancada. Um novo Flowmaster American Thunder. Uma vez que essa cadela estiver no meu Camaro, ele será ainda mais poderoso e muito mais alto. Este bebê rosnará como um maldito leão. Não é tão bom quanto um sistema de escapamento personalizado seria, mas este ainda está um pouco fora do meu alcance.

Começo a trabalhar, tiro a tampa do Camaro, jogo de lado, pego as ferramentas de que vou precisar junto com uma das peças do escapamento e, em seguida, me deito na minha prancha. Eu deslizo sob o Camaro, que é puxado para cima de um conjunto de blocos para permitir mais alguns centímetros de espaço.

Papai apenas me observa por um tempo.

— Se ao menos você pudesse se dedicar à escola do jeito que você faz com este carro. — Ele parece honestamente taciturno. Triste.

Eu não paro de trabalhar.

— Não se trata de me esforçar, pai. Se eu não estivesse me esforçando, essas notas seriam todas E. Se eu não estivesse me esforçando, seria capitão do time de futebol. Eu estaria jogando bola com meus amigos agora - merda, se eu não estivesse me esforçando, eu teria amigos. Se eu não estivesse me esforçando, não gastaria quatro ou cinco horas por dia na porra do dever de casa. Eu não vou para a cama antes das duas da manhã, pai. Fazendo lição de casa. E então eu me levanto de novo às oito, e passo meus intervalos de almoço na biblioteca, estudando. Eu vejo um professor particular às quartas-feiras... — Eu paro com um suspiro. Não sei por que estou dizendo isso a ele. Ele sabe tudo sobre isso.

Ele simplesmente não se importa. — Estou tentando, porra. Lamento que o meu melhor nunca seja bom o suficiente para você.

— Você passa todo o seu tempo aqui, trabalhando neste carro.

— Porque é a única coisa na minha vida que eu realmente gosto. Sou bom nisso.

— Mas você é um Calloway. Você é meu filho.

— Nada de errado em trabalhar em um comércio, pai. Posso desmontar um motor e montá-lo de olhos fechados. Posso nomear cada parte de um carro, de parafusos a cabeçalhos. Posso ajustar qualquer carro que você colocar na minha frente.

— Isso é ótimo, Colton, mas não é o tipo de futuro para nenhum dos meus filhos. — Ele suspira. — Eu só queria que você pudesse ser mais como seu irmão. Ele tirou nota máxima nos últimos três anos consecutivos e tem onze anos.

Estou tentado a jogar essa porra de catraca na cabeça dele. Respiro fundo algumas vezes para não acabar na prisão por patricídio. E, sim, eu sei o que significa patricídio.

— Bem, sinto muito, não posso ser mais parecido com seu precioso menino de ouro perfeito, doce Kyle. Lamento ser uma decepção para você.

Noto sua falta de desacordo com minha última declaração. Ou a anterior, por falar nisso. Kyle é perfeito e eu sou uma grande decepção.

Eu o ouço expirar um suspiro de resignação.

— Bem, mesmo com essas notas, tenho certeza de que com uma doação generosa e alguns telefonemas, ainda posso colocá-lo na NYU ou Harvard.

Eu rio alto.

— Harvard? Você ainda acha isso honestamente? Você deve fumar mais maconha do que eu, se acha que isso vai acontecer.

Silêncio. Ele está tentando decidir se aborda ou não minha admissão flagrante de que fumo maconha.

— Você está indo para a faculdade. Ou você está sozinho.

— Por mim tudo bem. Eu posso fazer meu próprio caminho.

— Estou falando sério, Colt. Você não receberá nada de mim se não prosseguir com seus estudos. Nem um centavo. E você não pode pegar nada que eu paguei. O que inclui esse carro.

Foda-se ele. Construí este carro com minhas próprias mãos de uma pilha enferrujada de merda de um ferro-velho para a beleza hortelã que ela é agora. Eu paguei por cada peça e ferramenta com o dinheiro ganho trocando óleo e aparando gramados e escavando calçadas e limpando carros e limpando baias de cavalos. Ele pagou dois mil dólares pela carcaça e pelo motor emperrado e enferrujado.

Não tinha nem transmissão. Era mais ferrugem do que metal ou tinta.

E ele vai tirar isso de mim se eu não for a uma maldita universidade da Ivy League?

Foda-se ele.

— Tenho garantias pessoais dos reitores de Harvard, NYU e Stanford que você será admitido, contanto que se inscreva até fevereiro, o mais tardar.

— O congresso estará de volta à sessão em breve, mas espero que você envie suas inscrições e a papelada apropriada, incluindo as redações, para as três

universidades que discutimos. — Uma pausa. — Você tem três meses até à formatura, Colton. Três meses e você irá para a faculdade ou estará sozinho.

Ainda estou embaixo do carro, mas o ouço sair do celeiro, ouço seus pés esmagando o cascalho.

Exceto pelo zumbido das luzes fluorescentes, o celeiro está inundado de silêncio.

Ele está falando sério, mortalmente sério. Ou eu vou para uma faculdade da Ivy League ou sou deserdado.

Que tipo de escolha é essa?

CAPÍTULO 2

Tanto para escolhas.

Eu me formei no ensino médio, passei em todas as minhas aulas, exceto a leitura para imbecis. E eu não me candidatei a nenhuma faculdade, obviamente. E passei o verão dirigindo meu Camaro, trabalhando para o Sr. Boyd - o professor automotivo e o único adulto de quem eu realmente gostei - com seu hobby de verão, ajudando-o a restaurar um carro clássico. Aprendi muito com ele e ele me deu uma mesada, que eu economizei. Bem, exceto por cigarros e copos de uísque e maconha.

Foram uns bons três meses.

Papai estava ausente na maior parte do tempo, viagens para Washington não sei por que motivo.

Mamãe me deixou sozinho e Kyle estava ausente no acampamento de futebol a maior parte do tempo, então eu estava sozinho, o que foi legal para mim.

Eu tive a companhia de Lacey Myles na maior parte do verão. Muito gostosa, essa garota. Mais burra do que uma caixa de pedras, mas gostosa. Boca, como um aspirador. Aparentemente, ela não teve nenhum problema com o fato de que eu sou o tipo de cara mais rude. Talvez tenha sido a razão pela qual ela passou esse tempo comigo em primeiro lugar - para sentir o gosto do lado selvagem e depois se juntar aos seus pais ricos. Quero dizer, não foi por causa da minha impressionante habilidade de falar doce, com certeza. Eu fui um idiota com ela na maior parte do tempo e isso nunca mudou desde o primeiro dia, então ela não pode dizer que não sabia disso. Basicamente, acabei de buscá-la em sua casa e observei seus peitões suculentos balançando enquanto ela descia aqueles quatro degraus de sua sofisticada

porta da frente para a calçada, e observava seus quadris balançarem enquanto ela se aproximava do meu carro. Ela sempre fazia essa coisa de se inclinar pela cintura, se inclinar para a janela do passageiro aberta e me dar um aceno estranho enquanto balança a ponta dos dedos para mim. Eu gostava, no entanto, porque ela basicamente se derramava da camisa enquanto fazia isso.

Nós íamos comer alguma coisa - outra razão pela qual eu gostava de Lacey é que ela não dava a mínima para coisas como cavalheirismo, então ela pagava pelas refeições visto que tinha muito dinheiro, embora eu sempre dissesse que pagaria, apesar de ser um idiota, não sou um idiota completo - e então andaríamos por ai no Camaro. Talvez ir até à Woodward Avenue por um tempo, ou Gratiot. Eventualmente, encontraríamos um lugar tranquilo em algum lugar e ela me ajudaria com meu cinto e eu a ajudaria com sua camisa, ela viraria e me cavalgaria como se estivesse praticando uma corrida de barril no rodeio.

Honestamente, ela era uma coisinha doce. Nunca me deu merda nenhuma. Nunca esperou nada mais de mim do que o que eu estava oferecendo, que era uma carona no meu carro, um gole do meu uísque e uma tragada da minha droga e um passeio no meu pau. Não conversamos muito. Nós apenas dirigimos, fumamos, bebemos e transamos. Mas quando ela falava, ela era doce. Ela era apenas... estúpida. Não realmente estúpida, eu não acho, apenas... um pouco lunática - a razão de haver um estereótipo em relação às loiras.

Mas todas as coisas boas chegam a um fim. Lacey estava pronta para seguir para a MSU, provavelmente para se formar em boquete e jornalismo. Meu pai voltou para casa no último intervalo antes que a temporada do Congresso realmente começasse a funcionar em setembro. Minha rejeição completa de suas demandas por aplicação nas faculdades três meses atrás desencadeou nossa grande briga. Eu sabia

que tinha provocado uma boa parte ao me recusar a me inscrever na faculdade. Eu estava escolhendo a deserdação. É uma merda.

Eu ia perder o Camaro também, e essa era, honestamente, a parte mais difícil de engolir.

Pelo menos eles não estavam vendendo para algum idiota, no entanto. Meu pai claramente respeitava minhas habilidades, mesmo que ele não as aprovasse para 'um Calloway', já que ele decidiu dar meu Camaro para Kyle quando ele fizesse dezesseis anos.

Até tive uma conversinha com Kyle sobre isso. Estou trabalhando em minha loja, ajustando as coisas aqui e ali, e chega Kyle, recém-saído do acampamento de futebol. Merdinhas magricelas, todo onze anos, quase doze, cabelo preto bem cortado curto no couro cabeludo. Ele seria um filho da puta bonito, porém, você já poderia dizer.

Ele puxa um banquinho de baixo da bancada, abaixa o volume do CD do Metallica, e chuta. Eu sei que ele está lá, obviamente, mas também sei que ele tem algo a dizer e o fará quando estiver pronto. Ele nunca vem aqui para minha loja, ninguém o faz a menos que seja necessário, mas principalmente Kyle. Eu o peguei aqui um dia quando ele tinha nove ou dez anos, mexendo nas minhas ferramentas, provavelmente tentando ajudar. Eu não sei. O que eu sei é que ele fodeu com um novo conjunto de velas de ignição, no entanto, e eu perdi minha cabeça, disse a ele que o mataria durante o sono se o encontrasse aqui novamente.

Alguns minutos se passam e Kyle apenas me observa trabalhar, balançando os seus pés.

Finalmente, eu coloco minha chave inglesa, viro para encará-lo, os braços cruzados sobre o peito.

— Bem? O que você quer, garoto?

— Você está partindo?

Eu encolho os ombros, aceno.

— Sim.

— Por quê?

Eu suspiro.

— Difícil de explicar. Papai quer que eu vá para a faculdade e eu quero trabalhar com carros. E ele disse que se eu não fosse para a faculdade, agora que me formei no ensino médio, não poderia mais morar aqui. Então, estou indo embora.

— Para onde você vai?

— O inferno se eu sei, amigo.

— Quando você estará de volta?

Eu sinto aquele nó no estômago. Eu não tenho sido o melhor irmão mais velho para este pequeno esguicho, mas ele é um bom garoto. Melhor do que eu, com certeza. Eu só posso balançar minha cabeça.

— Eu não sei. Resposta de merda, mas é a verdade.

— Eu ouvi mamãe e papai discutindo sobre você na noite passada.

Eu levanto uma sobrancelha para ele.

— Oh sim? O que eles disseram?

— Bem, mamãe está brava porque papai está fazendo você ir embora, e ele estava todo tipo***'Ele fez sua cama, agora tem que deitar nela'***, seja lá o que isso signifique. E mamãe está brava porque papai não está deixando você ficar com seu carro, o que eu acho que é uma babaquice.

— Você ainda não tem idade para xingar, garoto. — Eu jogo uma esponja nele, que pega e joga de volta com força. O garoto tem um bom braço, cara.

— Você xinga o tempo todo. E, além disso, é babaquice. Você fez todo o trabalho naquele carro. Por que você não pode ficar com ele?

— Porque papai pagou pela carcaça. Eu mesmo construí o motor, coloquei a transmissão, o escapamento, o som, os bancos, tudo. Mas ele pagou pela carcaça, então ele é tecnicamente o dono. Eu poderia tirar todas essas coisas, mas então eu teria as peças do carro e nada onde colocá-las. Não faz sentido destruir uma obra de arte por petulância, sabe?

— Então, o que vai acontecer com ele?

— Você vai tê-lo. — Eu atiro para ele um sorriso que realmente não sinto, mas não posso usar nada contra Kyle, já que ele é inocente em tudo isso.

— Eu vou? Sério?

— Bem, sim. Você vai fazer dezesseis em alguns anos e vai precisar de um carro. Dessa forma, eles não precisam comprar um novo. O bônus para você é que você terá o carro mais maneiro de toda a escola. As cadelas vão tropeçar para conseguir uma carona nele, mano.

Kyle franze a testa.

— Você não deve chamar as mulheres de cadelas, Colt. Não é legal.

Eu jogo uma porca hexagonal em sua cabeça, não gentilmente desta vez.

— Mas eu também não sou legal, se você não tiver notado.

Mãos rápidas pegam a porca, jogam-na de lado casualmente.

— Você poderia ser. Você não precisa ser um idiota o tempo todo.

Eu balanço para trás, atordoado.

— Você acha que eu sou um idiota?

Ele encolhe os ombros.

— Bem, não comigo, principalmente. Mas também, você mal percebe que eu existo na maior parte do tempo. Mas você é um idiota com o papai.

— Isso é porque ele é um idiota comigo. Não concordamos em muitas coisas, Kyle. Esperançosamente, você nunca terá que entender isso.

Eu suspiro, abro a porta do motorista, faço um gesto para ele entrar. Ele pula do banco e desliza para o assento do motorista, agarra o volante com uma mão e o câmbio com a outra.

— Cara, isso é tão legal! — Ele sorri para mim. — Não acredito que vou chegar a dirigir isso!

— É melhor você cuidar disso, Kyle. Ela é uma belezinha, mas você tem que cuidar dela. Qualquer problema, o Sr. Boyd poderá ajudar. Ele é o professor de oficina automotiva do colégio. NÃO deixe mamãe ou papai levá-lo para a porra de uma oficina de merda, eles vão simplesmente ferrar com tudo. Leve para o Sr. Boyd. Entendeu?

Ele balança a cabeça, sério.

— Entendi.

Hesito, então confesso.

— Kyle, não é que eu não tenha percebido você. É só que... Tive problemas na escola, então tive que trabalhar muito mais duro do que todo mundo nas merdas que são fáceis para alguém como você. E, honestamente, eu não queria te colocar na minha bagunça. Eu não tenho sido o melhor irmão. Eu entendo e sinto muito.

Ele encontra meu olhar, acena com a cabeça. Sua expressão é conhecedora e séria, de compreensão.

— Está tudo bem, Colt. Eu sempre notei que papai é muito mais duro com você do que comigo. Não é realmente justo, não é?

Eu esfrego minhas mãos no meu cabelo.

— Na verdade, não. Mas ele é bom para você, então isso é tudo que você precisa saber. Eu não vou falar merda sobre papai para você, porque isso é um problema entre mim e ele. Não tem nada a ver com você, então não se preocupe com isso.

— Mas ele está fazendo você ir embora, e você não sabe para onde está indo ou quando estará de volta.

— Basicamente. Embora, se eu tivesse deixado ele me obrigar a ir para alguma universidade da Ivy League, eu poderia ter ficado aqui, mantido o Camaro, tudo isso. Mas eu não posso ir para a faculdade. Eu simplesmente não posso. Então fiz essa escolha. E como eu disse, só espero que você nunca compreenda por que fui embora. Só saiba... que não foi por sua causa, ok?

Um aceno de cabeça.

— OK. É uma merda, no entanto.

— É uma merda, — eu concordo. — Agora dê o fora, para que eu possa terminar isso.

Ele sai do banco do motorista, relutantemente. Sim, ele vai cuidar do meu bebê, com certeza.

— Kyle? — Ele olha para mim. — Certifique-se de que este seja ligado e movimentado uma vez por mês, ou peça ao Sr. Boyd para prepará-lo para o inverno até que você tenha idade suficiente para dirigir. Não pode ficar aqui parado. Já que vai ser seu, você precisa começar a assumir a responsabilidade por isso.

Ele concorda. — Eu vou. Prometo. — Ele se lança sobre mim, envolve seus braços em volta da minha cintura, aperta forte e rápido e me solta. — Tchau, Colt.

Eu não sei o que fazer com o abraço, então apenas dou um tapinha no ombro dele, sem jeito.

— Tchau, Garoto de Ouro.

Um sorriso envergonhado.

— Cala a boca.

Eu o observo trotar com a energia ilimitada de um garoto de onze anos, pulando para golpear um galho baixo, tropeçando em uma raiz e se endireitando, chutando uma noz.

* * * *

Tudo vem à tona em três meses, quase no dia da formatura.

Estou na doca, oito da noite, muito cedo para mim, mas Lacey tem que ir para a MSU[1] amanhã de manhã. Eu acabei de deixá-la pela última vez, e estou me sentindo bem com nossa brincadeira de foda de adeus áspera e selvagem. Estou alto, mas não muito alto. Descendo. Fumando um cigarro. Esperando por ele, basicamente.

— Colton. Jogue essa coisa desagradável fora, — diz ele como um oi. Eu jogo a ponta na água. — Eu não quis dizer jogá-lo no lago, seu degenerado.

Eu apenas espero. Sentando-me ainda mais relaxado na cadeira Adirondack e observando a lua brilhar nas ondas batendo suavemente.

— Bem? — Ele está atrás de mim, batendo um dedo do pé, braços cruzados.

— Bem o quê? — Eu pergunto, sem me virar.

— Em qual faculdade você entrou? — Ele diz isso com expectativa. — Você tinha uma entrada fácil em três delas. Qual você escolheu?

Idiota, agindo como se não soubesse muito bem. Só quer fazer uma cena com esse papo.

Esfrego o salto da minha bota Wolverine na madeira do convés.

— Não me inscrevi em nenhuma delas.

— Você o quê? — Eu o ouço dar um passo mais perto. — Diga-me que não ouvi corretamente.

Eu me levanto e passo por ele.

[1] Michigan State University

— Tenho uma entrevista, no entanto. É no Hemingway Auto na quinta-feira. O proprietário, Jimmy, faz customizações personalizadas paralelamente, então vou me candidatar a isso.

— Nós tínhamos um acordo, Colton.

Eu paro e aponto o dedo para ele.

— Não, na verdade, você me deu um ultimato - vá para a faculdade, ou será deserdado. Mas há uma opção C: eu consigo um emprego, um bom trabalho fazendo algo em que sou muito bom. Posso conseguir meu próprio apartamento em alguns meses, e você pode até fingir que não existo, se quiser.

— Por quê, Colton? Por que você não consegue seguir a linha? Por que você não pôde aproveitar a abertura que eu forneci? Eu coloquei você em três das melhores faculdades do país. Tudo que você precisava fazer era se inscrever, droga! As redações nem precisavam ser boas! Você apenas tinha que fazer!

— Eu não vou para a merda da faculdade, pai! Eu mal passei no ensino médio! Eu tenho outras habilidades, ok? Por que você não consegue ver isso? Eu não sou inteligente em livros, mas posso fazer outras coisas. Existem outras coisas na vida além das universidades e escritórios sofisticados da Ivy League.

— Não para você. Não para um Calloway.

— Oh, vamos, pai. Não é como se fôssemos os malditos Brahmins de Boston, ou algo assim. Não somos algum tipo de aristocrata de velho antigo. Seu bisavô era de Dubuque, Iowa. Ele era um fazendeiro. O que, aliás, passa a ser uma vocação perfeitamente respeitável.

— Mas meu avô queria algo melhor. Ele mesmo pagou a faculdade trabalhando como garçom. Ele foi para Yale em seus próprios termos. Graduado *summa cum laude*, em Yale. Meu pai estudou em Brown. Eu fui para...

— Sim, eu conheço. U of M, Brown e Harvard. Eu já sei. Eu vi os malditos diplomas.

— É mais do que um pedaço de papel, Colton! É uma questão de orgulho! É uma questão de tradição. É sobre fazer algo de si mesmo, fazer algo que valha a pena com sua vida!

Eu gemo, jogando minha cabeça para trás. — Eu posso ter orgulho de mim também, você sabe. Posso construir um carro sozinho. Ainda não tenho dezoito anos e posso desmontar, consertar e remontar um motor. Posso fazer algo por mim mesmo sem ir para a faculdade.

— Você vai para a faculdade. — Ele enfia a mão no bolso. — Vou ligar para Bill em Stanford. Ele provavelmente ainda conseguirá sua inclusão se você se inscrever até o final da semana.

— Eu não vou!

— Sim, você vai!

Eu olho para ele, gritando: — Puta que pariu, pai! Por quê? Por que essa é a única coisa que você pode me deixar fazer? Por quê? Por que você não pode se orgulhar de mim pelas coisas em que sou bom, em vez de tentar me forçar a entrar em uma caixa na qual nunca caberei?

— Porque você pode caber, se você apenas tentar.

— Mas eu não quero! Eu não quero ir para a faculdade. Eu odeio salas de aula. Eu odeio professores. Odeio livros, redações e testes. Eu sou bom em carros - não sou bom na escola.

— Juro por Deus... — ele geme, assim como eu fiz momentos atrás, inclinando a cabeça para trás em frustração. — Se você não escolheu ser tão burro. Sem mencionar ingrato.

Você sabe quantas vezes outras crianças me chamaram de burro, crescendo? Mais vezes do que posso contar. Eu cresci com crianças ricas, crianças ricas inteligentes. Eu fui o único que lutou academicamente. O único que conseguiu testes de volta com uma nota E vermelho na frente.

Por que você é tão burro, Colt? Sua mãe te deixou cair de cabeça, Colt? Você é um idiota, Colt.

Mas nunca esperei ouvir isso dele, do meu próprio pai.

— O que você disse? — Eu pergunto em um quase sussurro.

— Você é burro! Foi o que eu disse! — Ele grita isso para mim. — Você não tem que ser, mas você é. Você está escolhendo intencionalmente ser burro! Que tipo de idiota não consegue nem escrever uma pequena redação? Que tipo de idiota joga fora uma carona para uma escola da Ivy League?

— Eu não sou idiota. — Pareço tão pequeno e petulante ao dizer isso, e odeio isso. Eu odeio o nó na minha garganta. Eu odeio a forma como meu estômago dói, de como essa palavra dói.

— Sim, você é.

— Foda-se VOCÊ! — Eu grito e sigo com um gancho de direita perverso.

Meu pai tropeça para trás, segurando o queixo. Seus olhos estão brilhando. Azuis, como os meus. Cheio de nojo e raiva. Ele vem para mim, balançando.

Ele lutou boxe na faculdade, lembro-me tardiamente. Menino formal de boxe, regras e protetores bucais e tudo mais.

Ele ainda me atinge, no entanto, e ele dá uma baita briga para um cara velho.

Estamos lutando, arfando. Estou prestes a dar uma joelhada nele quando ouço mamãe gritando, chorando. Eu a sinto me bater na nuca, ouço papai latir de surpresa. Nós nos separamos, ofegantes, e vejo que mamãe tem uma grande colher de madeira na mão, aquela que ela usa na cozinha. Ela está batendo no papai repetidamente, batendo em sua cabeça, ombros e braços.

— Henry! Pelo amor de Deus, o que há de errado com você? — Ela o acerta na nuca com força. — Ele é nosso filho!

Eu recuo, limpando o sangue do canto da minha boca. — Não há nada de errado com ele. Eu sou simplesmente burro, de acordo com ele. — Eu odeio a picada salgada em meus olhos quando me viro e corro para fora do cais.

— Colton! — Mamãe chama. — Espera.

Acho que ela pensa que esta é apenas outra discussão, uma das centenas que papai e eu tivemos sobre esse assunto nos últimos anos.

Eu ignoro seus apelos. Subo as escadas para o meu quarto e esvazio minha velha mochila Jansport preta. Enfio jeans, calças cáqui, camisetas, meias, roupas íntimas e alguns moletons com capuz. Eu procuro debaixo da minha cama a caixa de sapatos que contém minhas economias. Mil duzentos e quatro dólares, uma pilha

pateticamente pequena de notas presas por um elástico. Enfio isso na minha bolsa também.

Lá embaixo, eu vou para a despensa. Algumas barras de granola, algumas maçãs, um pacote de biscoitos Ritz, quatro latas de Coca. Tudo fica guardado na mochila.

Mamãe está na porta dos fundos, observando. — Colt? O que você está fazendo?

— Estou indo embora.

— Para onde você vai? — ela pergunta. Ela está chorosa, claramente chateada.

— Não sei. Qualquer lugar menos aqui. Nova York, talvez.

— Não, Colton. Ele não quis dizer isso.

— O inferno que ele não quis.

— Deixe-o em paz, Olivia. — De repente, meu pai está lá, observando minha mãe e a mim. Seu lábio está partido e inchado. Seus olhos estão mortos e frios. — Deixe-o ir.

— Você só vai ficar aí parado e permitir que nosso filho mais velho fuja?

— Ele não está fugindo. — Meu pai me olha. — Ele está escolhendo seu próprio caminho.

— Não, não estou, idiota. Estou escolhendo a única opção que você me deixou.

— Colton, não fale com seu pai dessa maneira, — diz a mãe.

Eu olho diretamente para ele.

— Ele não é meu pai. Ele é apenas o senador. E eu sou apenas uma vergonha.

Eu olho para a mamãe.

— Você provavelmente não vai me ver tão cedo.

— O que... do que você está falando, Colton?

Eu coloco minha mochila no ombro. — Estou indo embora, mãe. Estou saindo por aquela porta e nunca mais vou voltar.

— Mas Colton, você não pode...

— Você não pode me impedir.

— Eu não entendo. — Ela está chorando agora.

Suspiro. Eu odeio vê-la chorar. Ela é fraca, mas pelo menos me ama, do seu jeito tímido.

— Eu sei que não. Fale com seu marido. É por culpa dele.

Uma última vez, suplico a meu pai.

— Não teria que ser assim. Você vai olhar para trás e ver este momento algum dia e vai se arrepender.

— A única coisa de que lamento é você, Colton.

Eu corro minha língua sobre meu lábio e suspiro, balançando a cabeça.

— Sim, tudo bem. Foda-se você também.

Eu coloco um braço em volta dos ombros da mamãe e aperto brevemente.

— Eu te amo, mãe. Eu te vejo por aí. — Dizer essas palavras é realmente uma droga e é difícil, mas tenho que ficar forte, especialmente agora.

Eu tenho apenas dezessete anos. Apesar do que eles possam pensar, não estou fugindo. Não tive outra escolha. Estou indo embora e meus pais - e Kyle lá em cima, em seu quarto, olhando através de suas cortinas - olham enquanto fecho a porta dos fundos atrás de mim.

Sozinho.

* * * *

À primeira vista, não parece real. Caminhando pela estrada no meio da noite. Minhas pernas doem. Já andei vários quilômetros, indo cada vez mais para o sul. Em algum lugar onde possa encontrar um ônibus saindo de Michigan. Não tenho ideia do que vou fazer ou para onde estou indo. Eu me sinto como se estivesse em um sonho. Como se eu ainda pudesse ir para casa.

Mas não posso.

Nunca poderei voltar para casa. Porque eu não tenho mais casa.

Eu sou um adolescente sem-teto.

Puta merda: eu me tornei uma das estatísticas de que você ouve falar.

Começa uma chuva fraca. Está quente, soprado na diagonal por uma brisa fresca. Eu não me importo, no começo. Mas então começo a ficar encharcado e o tempo esfria.

Um carro passa e para, as lanternas traseiras brilhando em vermelho à frente. Eu continuo andando até estar ao lado da janela do passageiro aberta. A motorista é uma mulher de trinta e poucos anos, talvez. Obviamente, não muito inteligente. Querida, parar para um cara como eu, em um tempo como este, é uma jogada arriscada. Você não me conhece de Adam.

Mas eu não estou recusando uma carona grátis. Além do mais, ela é meio sexy.

— Para onde você está indo? — ela pergunta.

— Estação rodoviária, eu acho.

— Entre.

— Estou molhado.

— Assentos de couro. Eles vão secar.

Dou de ombros, abro a porta, jogo minha mochila no chão e deslizo para dentro. Belo carro. BMW, novo, cheira a couro e perfume.

E maconha.

Eu posso ter apenas ganho em mais de uma maneira.

Ela é morena, com o cabelo preso em um coque bagunçado, usando uma saia justa e uma camisa decotada - roupa casual de negócios, basicamente. Não abertamente sexy, mas o suficiente para deixar claro que ela é toda mulher. Sua maquiagem está borrada e ela tem rímel escorrendo pelo rosto. Ela tem um lenço em uma mão e está limpando a maquiagem. Eu não me preocupo em esconder minha leitura. Belo corpo. Não é exatamente ótimo, mas é legal. Peitos decentes,

provavelmente um pouco menor do que parece sustentado por aquele sutiã - não que eu esteja reclamando.

Ela me olha. Eu estou com um moletom, capuz puxado para baixo, jeans largos, botas de trabalho. Eu poderia ser qualquer um. Por que ela parou? Eu não entendo.

— Eu sou Helen, — diz ela, estendendo a mão.

Eu pego a dela na minha e sacudo, apertando levemente.

Ela solta minha mão, estende a mão e puxa meu capuz. Bastante avançado, mas tanto faz. Eu não corto meu cabelo preto há um tempo, então ele está bem desgrenhado e nos meus olhos. As meninas parecem gostar da minha aparência, então sei que não sou exatamente feio. E seu olhar parece indicar que ela gosta do que está vendo.

— Colt, — digo como introdução.

— Quantos anos você tem, Colt? — Ela pergunta isso enquanto olha pela janela para a esquerda e para trás, observando o tráfego, inclinando-se para a frente e puxa seu BMW do acostamento para a rua.

Qual é a resposta certa, aqui? Opção A, digo a ela minha verdadeira idade. Se ela for inteligente, tudo bem. Fim da história. Ou, opção B, digo a ela que tenho dezoito anos e nos divertimos um pouco. Eu sinto que a resposta que eu der vai me dizer que tipo de pessoa eu sou.

Respiração profunda. Suspiro de frustração.

— Dezessete, Helen.

— Droga. — Ela sorri ao dizer isso. Ela obviamente tinha algo em mente quando me pegou, embora não pudesse dizer nada sobre mim quando parou.

— Desculpe.

Ela encolhe os ombros.

— Está bem. Está uma merda lá fora. — Ela olha para mim. — Então. Colton. Por que você está aqui sozinho, com este tempo?

— Merda acontece.

Um aceno de cabeça, como se ela soubesse.

— Ah. Fugindo?

— Não exatamente. Eles sabem que estou indo, eles simplesmente não dão a mínima.

— Ai.

— Sim, bem... foda-se.

Outro aceno conhecedor.

— Exatamente. Foda-se. — Ela alcança o porta-copo e tira uma tigela de vidro. E não, não me refiro a uma tigela real, como para cereais, mas um cachimbo de vidro para fumar maconha. — Fuma?

— Com certeza.

Ela o entrega para mim, alcançando o porta-copos novamente para pegar um isqueiro. Passe o Bic, baby. Ohhh merda, esta erva é boa. Tipo, quase classe médica, provavelmente de marca. Eu afundo mais no assento e seguro a fumaça enquanto posso. Gostaria de ter pensado em parar na minha árvore e recolher meu estoque

antes de sair. Estou piscando vertiginosamente enquanto expulso a fumaça, porque o THC bate forte e rápido. Eu olho para o lado e, de alguma forma, os três primeiros botões da camisa de Helen se abriram. E foda-se se o sutiã dela não é basicamente transparente. Renda preta transparente. Visão completa de seus seios, pele pálida, pequenas aréolas rosadas, mamilos duros. Acontece que eu estava errado: o sutiã não é muito além de renda, por isso não ajuda muito, e posso ver que ela está com os seios um pouco caídos. Gravidade, cara. Mesmo assim, belos seios. Um bom punhado de cada um.

Eu dou outra tragada, apago, inclino minha cabeça para trás contra o encosto de cabeça, rolo minha cabeça para o lado e olho.

— Tudo bem então. — Entrego a ela o cachimbo e o isqueiro. — Obrigado. É da boa.

Ela sorri para mim. Olha para baixo, — Eles, — levanta o cachimbo e acende, — ou isto?

Eu sorrio e encolho os ombros.

— Ambos. — Pisco com força e começo a flutuar, porque estou chapado pra caralho. — Mas eu ainda tenho apenas dezessete anos, Helen.

— Não significa que você não pode olhar. — Ela aperta os joelhos enquanto dá uma tragada.

— Verdade. — Eu a vejo inalar e vejo a forma como seu peito incha e faz seus seios empurrarem para fora. — Você provavelmente não deveria sair por aí pegando caras que você não conhece na beira da estrada. Quer dizer, você teve sorte comigo, mas algum outro gato que você escolher pode não ter as mesmas maneiras que eu. Não é seguro, Helen.

Ela desliza a mão entre seu assento e o apoio de braço central e traz uma pequena 9 mm prateada.

— Registrada, com um CCW. — Ela a guarda depois de ficar satisfeita por eu dar uma boa olhada nela.

Eu aceno e encolho os ombros.

— Ainda assim.

— Obrigada pelo aviso.

Fumamos o cachimbo inteiro. Ela tem uma música pop idiota tocando, mas eu não me importo. Não falamos muito enquanto fumamos e dirigimos, o que está bom para mim. Eu roubo olhares para ela. Quer dizer, ela desabotoou a camisa, então não é realmente um roubo, é? Não tenho certeza do que está acontecendo. Ou o que ela quer. Tudo isso é surreal. Eu estou apenas indo com isso.

Eu sou um sem-teto.

Estou em um carro com uma mulher dez ou quinze anos mais velha que eu. Ela tem os peitos dela para fora, nós estamos fumando maconha e ela tem uma arma. Que porra é essa?

Ela vai me chupar? Atirar em mim? Ou nenhum dos dois? Talvez ela apenas goste de dirigir por aí com os seios de fora. Eu realmente não tenho ideia do que esperar em seguida.

Ela me leva a uma estação Greyhound no centro de Detroit. O estacionamento está basicamente vazio, mas ela estaciona no fundo, em um canto, nas sombras. Solta o cinto de segurança e se vira para olhar para mim.

— Bem, aqui estamos. Para onde você está indo agora?

A maconha faz a verdade vir à tona, eu acho.

— Qualquer lugar. Vou pegar o primeiro ônibus que puder pagar.

Ela lambe os lábios. Me olha.

— Que tal eu fazer você se sentir bem, antes de ir?

— Por quê, Helen?

— Você quer a verdade?

Eu concordo.

— Com certeza.

— Estou solitária. Sou casada, mas meu marido me trai. Ele não me ama e eu não o amo. É um casamento de conveniência. Ele é rico, o que me torna uma esposa troféu. Eu não sei se quero deixá-lo, porque gosto de ter dinheiro. Gosto de ter um carro bonito e uma casa grande com um armário cheio de roupas caras. Eu sei que é totalmente superficial, mas... Eu também fui uma fugitiva uma vez, então sei o que é não ter nada.

— Então você está solitária. Pega fugitivos sem-teto, os tem altos e os chupa?

Ela ri, uma risadinha alegre.

— Oh inferno, não. Apenas os realmente sexy para caralho.

— Oh. — Não tenho certeza do que mais devo dizer. — Obrigado, eu acho.

— Então. — Ela enfia a mão embaixo do volante e o tira do caminho.

Então ela puxa o sutiã para baixo dos seios, deixando-os à mostra. Droga, eles são legais. — Incline seu assento para trás. Tire as mãos e deixe-me fazer todo o trabalho.

Merda. Como posso dizer não?

— OK.

Encontro o botão na lateral do meu assento. Eu o inclino para trás o máximo que posso. Fico confortável e, em seguida, coloco minhas mãos sob a minha cabeça e vejo como ela se inclina sobre o console. Ela puxa a barra do meu moletom para cima e desabotoa meu cinto. Abre o botão da minha calça jeans e abaixa o zíper. Olha para mim com um sorriso torto no rosto. Ela realmente está gostando disso. Estranho pra caralho. Eu vejo enquanto ela puxa minha cueca boxer para longe do meu estômago e a puxa para baixo. Eu me levanto e ela enfia meu jeans embaixo da minha bunda. Eu estou duro, muito duro.

— Droga, Colt. Você é um menino crescido, não é?

— Se você diz. — Eu sorrio, no entanto, porque a maioria das garotas com quem namorei fez comentários semelhantes.

Ela envolve as duas mãos em volta do meu pau e agita seu toque para cima e para baixo. Jesus, ela é boa nisso e é muito bom. Ela não gasta muito tempo usando as mãos, no entanto. Curvando-se sobre mim, seus seios roçando minha coxa, ela leva meu pau em sua boca. Quente, úmida. Apertada - caramba, este é o melhor boquete que eu já recebi. Ela chupa com força, depois se afasta e me lambe. Ela olha para mim, piscando, grandes olhos verdes me dizendo que ela está encontrando algo nisso. Um sorriso, então ela lambe os lábios e coloca a boca em mim novamente. Me leva muito fundo, muito fundo. Eu nunca tive uma garota que fizesse garganta profunda antes. Meninas do ensino médio não gostam tanto de técnica quanto de avidez e diversão. Este é... um nível totalmente novo.

— Caraaaaalhooooo. — Eu não posso evitar o gemido.

— Sim?

— Caralho, sim.

Ela cantarola enquanto desce no meu pau. Eu olho e me sinto endurecendo em sua boca enquanto ela chupa e balança, usando a língua e lábios e dentes. O murmúrio me deixa louco.

Ela se afasta e envolve as mãos em volta de mim.

— Puxe meu cabelo duas vezes quando estiver prestes a gozar, ok?

Eu concordo.

— Entendi.

Ela se inclina mais perto, seus olhos em mim.

— E Colt? Você pode se mover, se quiser. Use seus quadris. Eu aguento.

Com sua boca em mim novamente, não tenho chance de responder. Eu não posso deixar de fazer o que ela disse, trabalhando com meus quadris, fodendo sua boca. Ela cantarola, ou talvez esteja gemendo. Seja como for, é muito bom. Ela se estica para trás e tira o cabelo rebelde do rosto, mas não perde o ritmo.

Ela está realmente mandando ver agora, balançando rápido e furiosa. Eu não quero que isso acabe, porque é tão bom pra caralho. E, porque no fundo da minha cabeça, eu sei que quando acabar, terei que sair do carro e enfrentar o fato de que estou sozinho no mundo.

Mas, por agora, estou tendo meu pau chupado.

E caramba, eu preciso disso.

Eu sinto o orgasmo surgindo em minhas bolas, e me abaixo, puxando suavemente uma mecha de seu cabelo duas vezes. Quando eu faço isso, ela geme e desce. Levanta-se na cadeira e inclina a cabeça para baixo, leva-me o mais longe que pode, tão fundo que seu nariz toca minha barriga. Posso ouvir sua respiração pelo nariz, gemendo um pouco. Suas mãos estão em minhas coxas, segurando com força. Balançando, recuando alguns centímetros ou mais e depois recuando, ela repete o ritmo forte e rápido.

Meu pau deve estar enchendo a maior parte de sua garganta. Quase me sinto culpado pelo que deve ser. Mas ela está fazendo isso voluntariamente. Então…

— Ohhhh Jesus, Jesus-foda-se. — Eu puxo seu cabelo novamente.

— Mmmmhhhmmm, — ela geme.

Ela pega minhas mãos e as coloca em seus cabelos. Ela me disse para não tocar, então não o fiz. Mas agora ela colocou minhas mãos em seu cabelo e eu estou indo em frente, puxando-a suavemente. Mais forte, então involuntariamente enquanto me preparo para explodir minha carga.

— Ohhh santo... porra... — Eu gemo.

Eu gozo, então, forte. Forte para cacete. Eu ouço Helen engolir em seco, e então ela se afasta e pega o resto do meu gozo, engole, volta para baixo, me levando profundamente, engolindo para que eu possa sentir os músculos da garganta dela ondulando ao redor do meu pau. Porra, isso é bom.

Finalmente, terminei e Helen está se sentando. Seus seios pendem e balançam.

— Sinto que devo retribuir o favor, — digo. — Isso foi incrível pra caralho.

Ela passa o pulso pela boca e lambe os lábios. — Estou feliz que você gostou.

Eu inclino minha cabeça para trás e suspiro. Em seguida, levanto meu assento e ajusto minhas calças, fivela e zíper. — Sério. Levante sua saia. Eu vou te ajudar também.

Ela balança a cabeça. — Não, obrigado. Vou me masturbar mais tarde e pensar em você. Vou usar meu vibrador e fingir que é você.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. Isso foi para você.

— Por quê? Ainda não entendi.

— Não posso fazer muito para ajudá-lo. Dar-lhe uma carona, dar-lhe algumas boas lembranças para guardar. Como eu disse, fui sem teto. Eu gostaria de poder fazer mais por você. Isso... era o que eu poderia dar a você. Além disso, também gostei.

— Bem... obrigado.

Ela me entrega o cachimbo, que está quase vazio, mas ainda tem uma dose nela.

— Puxe uma última vez. Para a estrada.

Eu puxo, inalo e seguro. Dou mais uma olhada em seus seios e sopro a fumaça. Pego minha bolsa e torço a alça em meu punho.

Ela puxa o sutiã para cima e abotoa a camisa. — Lembre de mim.

— Não poderia esquecer se eu quisesse. — Eu me inclino em direção a ela, dando-lhe um abraço.

— Chega de pegar meninos sem-teto. Mesmo com a arma. E deixe seu marido.

Ela apenas acena com a mão.

— Eu provavelmente nunca irei. Ele me trai, eu o traio. Mas vou concordar com não mais meninos sem-teto.

Abro a porta do carro, saio e coloco minha bolsa no ombro.

— Tchau, Helen.

— Tchau, Colt. Fique seguro. Tome cuidado.

Ela espera até que eu esteja na estação antes de ir embora.

Tenho um momento, então, em que me pergunto se isso realmente aconteceu.

Estou bem e formigando lá embaixo, o que é um bom lembrete de que, sim, realmente aconteceu.

A placa de embarque representa um desafio, já que não consigo ler porra nenhuma e todas as palavras são realmente minúsculas. Acabo tendo que engolir meu orgulho e perguntar a um caixa da bilheteria os horários de partida.

O único ônibus que sai em breve é para Toledo em dez minutos.

Vinte dólares.

Não muito longe, mas melhor do que ficar aqui sentado. Procurando o dinheiro na minha bolsa, tiro algumas notas extras para não ter que continuar fazendo isso. Pago a passagem e vou esperar do lado de fora no ponto de ônibus. Eu penso em Helen e seus seios bonitos e sua boca.

Novamente me pergunto por que isso aconteceu. Quero dizer, o quão solitária uma mulher tem que estar para fazer isso? Na verdade, deixa-me meio triste, pensar em uma mulher bonita como Helen sendo solitária o suficiente para pegar um estranho aleatório na beira da estrada e chupar seu pau daquele jeito. Isso é muito solitário.

O ônibus aparece e eu tropeço. Estou chapado pra caralho, e isso é lindo.

A viagem não é longa - pouco mais de uma hora - e logo me encontro sentado na estação Toledo Greyhound. É então que a larica me atinge.

Esqueço isso por um minuto e me pergunto para onde irei em seguida. Acho que há ônibus saindo para Nova Iorque, Filadélfia, Flórida, Texas... Tenho que realmente focar no quadro apenas para decifrar os nomes de cada cidade e, novamente, acabo tendo que pedir a alguém que me diga os horários e destinos.

Aqui, porém, o caixa é um idiota, um velho rabugento que simplesmente me entrega uma agenda impressa.

Pego uma barra de granola, e depois outra, e estou consciente de que provavelmente devo economizar minha comida, já que é pouco o suficiente e é tudo o que tenho. Mil dólares não duram muito.

Em vez disso, como uma maçã e fico olhando para os horários dos ônibus. As letras e palavras são uma confusão para mim, mas finalmente consigo identificar as palavras Nova Iorque.

Nova Iorque. Por que não? Eu mencionei isso como um comentário descartável para a mamãe, mas…

Foda-se. Nova Iorque, então. Eu compro um bilhete de setenta e sete dólares para Nova Iorque. O cara no balcão me disse que o ônibus sai às onze da noite, então tenho de esperar um pouco. Tem algumas revistas na sala de espera, mas, merda, não consigo ler. E isso só serve como um lembrete deprimente sobre o porquê estou aqui em primeiro lugar. Escolhi uma revista com a foto de um hiper carro foda. Tenho que me concentrar nas palavras com muito cuidado e bloquear os sons ao meu redor, bloquear a voz distorcida no PA, bloquear tudo. Só para descobrir a porra do título.

Mot — Mot… Motor… Te… Tendência? Tendência do motor?

Apenas isso levou cinco minutos do caralho para descobrir.

Abro a primeira página e, mesmo semicerrando os olhos e focalizando, não consigo descobrir nenhuma das palavras que estou vendo. As palavras são muito pequenas, e há muitas delas. As letras se distorcem e se retorcem e então desaparecem. Viro a página e há uma foto de uma loira sexy ao lado de um charger clássico personalizado. Cara, eu poderia fazer isso. Eu poderia construir aquele carro. Eu poderia polir a carroceria e pintá-la, poderia fabricar novos para-choques cromados e desmontar o motor e reconstruí-lo, colocar um câmbio manual de seis marchas matador e um escapamento personalizado, algo rosnado e áspero que daria àquela vadia algumas pernas sérias.

Sonho acordado, minha própria loja. Prateleiras e mais prateleiras de ferramentas, malditas torres de caixas de ferramentas de artesão, alguns elevadores hidráulicos, alguns bancos longos e mesas enormes para colocar o motor em ordem... Eu poderia fazer isso. Se eu tivesse dinheiro, poderia fazer isso.

Papai poderia ter me dado o dinheiro inicial, e eu poderia ter feito isso. Começaria pequeno, depois me desenvolveria sozinho e o pagaria de volta. Mas porra, não.

Vá para a faculdade, Colton.

Você é burro, Colton.

Você é um idiota, Colton.

Devo ter cochilado, porque a próxima coisa que ouço é o som do PA gritando. Eu percebo as palavras — …Nova Iorque… — e me levanto, esfregando meus olhos. Balanço minha bolsa sobre meu ombro e sigo para o ônibus.

Está lotado. Tenho sorte de estar respondendo à última chamada de embarque.

Há apenas um assento vago, ao lado de um cara branco desdentado velho e desagradável que cheira muito a bebida e cigarro. Eu me sento, coloco minha mochila no chão entre minhas pernas, e dentro de instantes o ônibus está barulhento e se movendo. As luzes do teto se apagam e a única luz vem das pequenas luzes de leitura que pontilham o interior. A maioria das pessoas está tentando dormir.

Ocorre-me cerca de uma hora depois: Toledo fica a apenas uma hora de Detroit e Detroit fica a apenas uma hora ou mais de casa. Teria sido tão fácil voltar para casa sem muitos problemas. Mas agora estou a duas horas de Detroit e, quando sair do ônibus novamente, estarei na cidade de Nova Iorque.

Dar meia volta nesse ponto não será tão fácil. Isso é permanente, cara. Estou por minha conta.

Estou sozinho.

Eu sou um sem-teto.

CAPÍTULO 3

Vencedores e perdedores

Às vezes é engraçado como o desastre pode ser sutil.

A viagem de ônibus é fácil. Eu durmo a maior parte do tempo. Acordo em um determinado momento e bebo uma lata de Coca, e como outra maçã e outra barra de granola. Estou quase sem comida e estou fora há menos de 12 horas. Estou reduzido a um pacote de biscoitos e uma lata de Coca.

A sacola contendo o resto do meu dinheiro está no fundo da minha mochila. Fecho a mochila e coloco entre as pernas. Eu a mantenho perto de mim o tempo todo, bem fechada.

Volto a dormir e acordo quando o ônibus está parando guinchando. Eu pisco, esfrego meus olhos e me recomponho. É final da manhã e estou na cidade de Nova York. Eu me levanto, pegando minha mochila, e então noto que o zíper está aberto, só um pouco. Não muito, mas o suficiente para eu notar. Isso é estranho, porque eu sei que o fechei. E são as pequenas coisas, certo?

Sempre que fecho minha mochila, sempre fecho o zíper totalmente para um lado ou para o outro, porque dessa forma, se algo mudar dentro do zíper, não se abrirá acidentalmente. Isso aconteceu uma vez no segundo ano. Eu tinha todos os meus livros comigo, porque meu armário ficava na parte mais alta da escola e eu não estava prestes a ir para lá depois de cada aula. Eu fui colocar minha bolsa no ombro e ela se

abriu e derramou tudo em toda parte. Embaraçoso. Depois disso, sempre fecho o zíper de um lado. Nunca no topo.

E agora, os zíperes da minha mochila estão em cima, no meio e um pouco abertos.

O cara empurra para passar por mim e salta do ônibus bem rápido, desaparecendo na multidão da rodoviária de Port Authority. A velocidade com que ele passa voando por mim e sai do ônibus acende um pequeno incêndio de suspeita. Então eu sento novamente e abro minha mochila.

Eu vejo biscoitos,

Uma lata de Coca-Cola,

Roupas,

Mas não o dinheiro.

PORRA.

— PORRA! — Eu grito em voz alta.

— Com licença, jovem. Não há necessidade desse tipo de linguagem. — Uma velha mulher negra, com dreadlocks grisalhos amarrados atrás por um grande elástico, olha para mim.

— Desculpe. Mas aquele idiota roubou meu dinheiro. — Eu aponto para o assento onde ele estava. — Ou alguém fez.

Ela me lança um olhar simpático. — Eu não vi nada, querido. Desculpe.

Eu quero chorar. Eu não, não posso, mas se pudesse, provavelmente faria. — Pessoas, cara. Pessoas fodidas.

Ela balança a cabeça, sua grossa mecha de cabelo balançando. — Má sorte. Desculpe, querido. — E então ela se foi.

Ninguém mais diz nada, nem se dá ao trabalho de olhar para mim.

Estou duro. Totalmente quebrado. Eu procuro em meu bolso e encontro uma única nota de cinco dólares amassada.

Sozinho em Nova Iorque, sem-teto e agora sem dinheiro com cinco dólares em meu nome.

Nada a fazer além de lidar com isso, eu acho. Eu desço do ônibus e procuro o velho na multidão, mas ele não está em lugar nenhum. A multidão de pessoas é diferente de tudo que eu já vi antes. Pessoas de todas as idades, raças e tamanhos vivem em um mar sem fim, e encontrar um rosto, mesmo que eu conheça bem, seria impossível. Encontrar um homem que mal notei quando entrei no ônibus? Impossível. Além disso, ele provavelmente já se foi há muito tempo, com meu dinheiro.

Eu sigo a multidão para fora da estação e para a estrada principal, ignorando os traficantes que tentam tirar vantagem de crianças exatamente como eu. Jovens, sem-teto e assustados. Posso não ser muito esperto, mas sei melhor. Eu os empurro, finjo que não existem.

Por um segundo, perco o fôlego. A realidade bate forte.

Estou na porra da cidade de Nova Iorque. A rua é um mar de carros, muitos deles o icônico taxi amarelo. A calçada está lotada de gente. O barulho é ensurdecedor. Motores, buzinas, freios, vozes. Um apito soa à minha direita e eu me viro para olhar e vejo um policial apitando seu apito de trânsito.

Eu sigo meus instintos e acabo no cruzamento da Oitava com a Quarenta e Dois Oeste. Não tenho ideia do que isso significa ou de onde estou na cidade.

Para onde eu vou? O que eu faço?

Estou com fome. Estou acostumado a comer muito mais do que barras de granola, maçãs e essas merdas. Eu malho muito, então estou acostumado a ganhar massa com shakes de proteína, ovos e carne, muita proteína para embalar no músculo. Eu tenho que cagar. Estou cansado.

Em que diabos eu me meti?

Como diabos vou sobreviver? Minha garganta está apertada. Meu peito dói e meus olhos ardem. Eu só dormi intermitentemente no ônibus, então estou acordado há... merda, quase dois dias.

Digo a mim mesmo para me acalmar. Pensar. Ser racional. Eu posso fazer isso.

A primeira coisa que preciso fazer é arrumar um emprego. Esta é a Big Apple, deve haver uma garagem ou algo onde eu possa trabalhar.

Trocar óleo, varrer o chão, merda, qualquer coisa. Vou limpar banheiros.

A primeira coisa, porém, é começar a andar e encontrar uma garagem.

Um pé na frente do outro, sigo a Oitava Avenida e continuo andando e olhando. Acabo no Central Park, que é lindo e interessante, mas não é o que preciso agora. Volto para a cidade, por uma rua que acho que se chama Central Park West. Não tenho ideia de para onde estou indo, então começo a virar as ruas aleatoriamente e acabo na... Sessenta e quatro.

Eu paro na esquina da Broadway. A verdadeira Broadway. E, por um momento, enquanto eu observo as luzes e as pessoas e a magia, eu esqueço porque acabei aqui em primeiro lugar.

Um pouco mais adiante no quarteirão, vejo uma placa que, depois de alguma confusão, qualifico como ‘Conserto de emergência de automóveis’ e entro.

Apoiando os antebraços grossos no balcão arranhado está um cara branco grande e careca.

Ele tem tatuagens, brincos e um macacão azul. — Posso ajudar você?

— Oi, estou procurando trabalho. Eu tenho muita experiência com reparo automotivo, posso desmontar e remontar...

— Não estamos contratando. Desculpe. — Ele se endireita e cruza os braços sobre o peito.

— Sério, eu posso fazer isso de olhos vendados. Vou trabalhar na mesa, vou limpar o chão...

— Disse que não estamos contratando, garoto. Foda-se. — Seu olhar é frio, plano.

— Você conhece alguém que esteja? — Eu pergunto, ciente de que estou abusando da minha sorte.

— Não. Dê o fora. — Ele se move como se fosse dar a volta na mesa, o que me diz que isso não vai acabar bem para mim se eu não sair agora.

Eu saio e acabo refazendo meu caminho de volta para o sul, desta vez caminhando ao longo de Columbus, onde vejo outra oficina mecânica na rua 55. Este lugar tem uma vibração diferente. Atrás do balcão está uma mulher com cabelos

loiros desbotados, uma senhora de aparência rude que obviamente já viu dias melhores.

— Oi. Estou procurando trabalho. — Começo a falar antes mesmo de ela reconhecer a minha presença ou dizer olá.

Ela nem se preocupa em tirar os olhos da tela do computador. Ela está usando óculos, então posso ver no reflexo que ela está jogando paciência.

— Cai fora, garoto.

— Eu preciso de um emprego, senhora. Eu trabalho duro, eu conheço motores...

— Não estamos contratando. A menos que você tenha um carro que precise de conserto, vá embora.

Eu saio e continuo andando, mas não tenho ideia de onde estou ou para onde estou indo. Perdido. Cansado. Os pés doloridos. Com fome. Assustado. E então eu tenho uma ideia: vou encontrar uma lista telefônica com páginas amarelas e começar a procurar todas as garagens e oficinas de conserto da região.

Eu entro na próxima porta que vejo - é um restaurante chinês. Peço para usar a lista telefônica e o velhinho asiático joga para mim sem dizer uma palavra. Eu pego e me sento em uma mesa vazia. Respiro fundo e chamo toda a minha atenção, então abro o livro de dez centímetros de espessura.

Porra. Palavras minúsculas. Como diabos você vai ler essa merda?

Jesus. Viro para as Páginas Amarelas, mas leva uma merda de uma eternidade para encontrar a seção de conserto de automóveis e ainda mais tempo para copiar os

endereços no pedaço de papel que pedi. Minha letra parece a de uma criança de cinco anos.

Rabiscos e rabiscos infantis.

Ao todo, levo mais de meia hora para encontrar e copiar cinco endereços e números de telefone.

Eu ignoro minha exaustão e fome, principalmente porque eu realmente não tenho escolha. Depois de sair do restaurante, paro em um quiosquezinho na calçada que vende revistas e cigarros e tal e peço um mapa.

O jovem hispânico atrás do balcão diz que não vende mapas, mas me diz para tentar um hotel, que às vezes tem mapas turísticos. Então eu vou em busca de um hotel e finalmente encontro um. O mapa que eles me deram é basicamente um desenho animado, mas me dá uma compreensão básica do layout da ilha de Manhattan, eu percebo. Provavelmente é melhor para minha bunda analfabeta do que um mapa real, para ser honesto. Talvez eu devesse me aventurar para fora de Manhattan e tentar procurar trabalho em outra área - talvez no Brooklyn ou no Bronx.

Amanhã, eu decido. É uma caminhada longa, eu acho.

Nesse ínterim, consigo encontrar as cinco oficinas de automóveis da minha lista. Elas estão espalhadas pela cidade, separadas por dezenas de quarteirões. Passo horas e horas apenas caminhando, mas nenhuma pessoa me dá sequer uma hora do dia.

Não estou contratando, garoto.

Desculpe, nós temos toda a ajuda que precisamos.

Cai fora, garoto.

Volte em alguns anos.

Vá embora, garoto.

Já é tarde da noite quando decido que tenho que me sentar antes de desmaiar. E é quando começo a me perguntar onde vou dormir esta noite. Central Park, talvez? É grande, então deve haver algum lugar onde eu possa dormir algumas horas.

Claro, quando eu finalmente decido tentar, estou a meia hora de caminhada. Quando chego lá, estou completamente machucado e depois tenho que caçar no parque para encontrar um lugar para dormir. Há gente por toda a parte, mesmo a esta hora da noite, caminhando, correndo, andando de bicicleta, andando de patins, em casal e sozinhos e com cães. Eu vejo um policial a pé, de aparência amigável, polegares enganchados em seu cinto de engrenagens. Sorrindo para as pessoas, acenando, apenas passeando pelo parque.

Ok, correção, o Central Park é gigante. Eu tenho caminhado por esses malditos caminhos pelo que deve ser uma hora, e estou totalmente perdido. Existem muitos caminhos e muito espaço aberto.

Está escurecendo rápido. Há cada vez menos pessoas por perto e, eventualmente, me sinto como a única pessoa por perto. Então, surgem mais alguns tipos de madrugada - um cara de bicicleta passa por mim, usando um capacete com uma lanterna, um corredor com um farol, um casal passeando com um cachorro enorme, cada um carregando lanternas.

Finalmente, depois de muito procurar, encontro um banco localizado em uma alcova sombria, sob uma copa de árvores. Diante de mim, posso ver o topo dos edifícios altos - pequenos quadrados de luz aparecendo por cima da linha das árvores à distância.

Jogo minha mochila em uma das pontas do banco, coloco minha cabeça nela, me enrolo e tento ficar confortável.

Porra, é bom me deitar. Meus pés doem. Meu estômago ronca - eu não como uma refeição adequada há dois dias.

Sinto falta de casa: uma cama de verdade, comida de verdade, merda, até sinto falta do Kyle, só um pouco. Este é o último pensamento que tenho antes de dormir e me afastar de minhas dores e da profunda solidão que sinto.

* * * *

Pancada. — Ei, acorde, cara. Não pode dormir aqui. — *Pancada*.

Cada pancada é acompanhada por um golpe afiado e doloroso de uma mão no meu ombro. Eu rolo, sento-me e fico cego por uma lanterna, um corpo atrás dela, um policial. A escuridão atrás dele, destacando os ângulos de seu boné.

Eu protejo meu rosto contra a lanterna cegante. — Tudo bem, tudo bem. Você pode tirar isso da minha cara?

Ele abaixa a lanterna e ilumina meu peito, o banco, minhas mãos. Procurando por armas, talvez. Sua mão não está exatamente na coronha da arma, mas perto dela. Pronto para segurá-la e explodir-me, provavelmente. Ou talvez não.

— Levante-se. — Sua voz é profunda e, a julgar apenas pelo som de sua voz, acho que ele é negro. — Vá em frente, cara. Fora do parque.

— Não sei como sair do parque, — digo.

Ele ilumina o feixe de luz à sua esquerda, iluminando uma encruzilhada à distância.

— Pegue esse caminho, você vai sair.

— Ok, obrigado. — Eu coloco minha bolsa no ombro enquanto me levanto. Eu me estico e trabalho as minhas costas.

— Deve ser novo aqui se você está tentando dormir em um banco do parque. — Ele está conversando um pouco, esperando que eu comece a andar.

— Sim, senhor. Acabei de chegar aqui ontem. Hoje, tanto faz.

— Nenhum lugar para ir?

Eu sigo em direção ao caminho que ele indicou.

— Não, senhor. Por mim mesmo. — Posso ser um adolescente, mas fui criado por pais de classe alta e eles me ensinaram a mostrar respeito pelos policiais. Dizer 'senhor' está arraigado.

— Entre nós, garoto, você não vai conseguir dormir em um banco. Encontre um beco ou debaixo de uma ponte em algum lugar. Cuide de suas costas, mas você tem uma chance melhor dessa forma.

— Obrigado, policial.

Ele me observa enquanto eu viro para o caminho, e então vejo sua luz se apagando e ele continua andando. Cantarolando uma música, uma melodia que reconheço do rádio.

As ruas da cidade são melhor iluminadas do que o parque, mas não é a paisagem noturna rural que estou acostumado. Sem estrelas, sem silêncio, sem grilos. Eu costumava me sentar no cais lá em casa, tarde da noite, ouvir grilos e corujas, as

ondas e olhar para o céu cheio de estrelas. Agora estou na cidade grande e os únicos sons são carros, buzinas e barulho urbano no ambiente.

Não tenho escolha a não ser andar, andar e andar.

Mais uma vez, não tenho certeza para onde estou indo. Estou apenas caminhando para ficar acordado.

Caminhando para fazer algo.

Várias horas depois, o céu muda de preto para cinza e começa a iluminar, e eu ainda estou andando. Caminhando como um zumbi. Eu cruzei uma ponte longa em algum ponto. Água bem abaixo, vigas acima, semifinais e táxis passando rugindo. Não estou mais em Manhattan, mas não tenho certeza de onde estou.

Os prédios são menores - não há prédios altos aqui. Eu noto mais grafite nas paredes. Menos táxis. Barras de segurança nas janelas, poucas luzes, mais lixo na sarjeta.

Pouco depois do amanhecer, vejo um cara alto e magro, preto, usando macacão de mecânico, atravessar a rua à minha frente, carregando uma lancheira. Ele tem grandes fones de ouvido roxos brilhantes em suas orelhas, o fio caindo na frente aberta de seu macacão. Ele manca um pouco e posso ver que seus olhos estão esquadrinhando os arredores, sua cabeça girando constantemente. Ele me vê se aproximando dele e para, fica tenso.

Ele puxa os fones de ouvido em volta do pescoço.

— O que você quer, cara?

— Você é mecânico?

— Sim, por quê? — Ele ainda está tenso, as mãos no bolso. Provavelmente manuseando uma arma.

Eu mantenho minhas mãos nas alças da minha mochila para que fiquem visíveis. — Estou procurando trabalho. Eu conheço carros, eu conheço motores. Eu faço qualquer coisa.

Ele recua. — Não posso te ajudar. Desculpe, cara. Eu só tenho trabalho para mim mesmo. Troca de óleo e essas coisas. Eles apenas me contrataram, provavelmente não vão contratar mais ninguém.

— Porra. — Eu recuo, levanto meu queixo para ele. — Obrigado.

— Ok, cara. — Ele me olha por cima do ombro enquanto se afasta.

Eu continuo caminhando. O amanhecer cinzento se transforma em dia, e estou a quilômetros e quilômetros de onde comecei - aquele banco no Central Park. O início da manhã rapidamente se transforma em meio-dia, e nessa hora eu mudei de direção, pedi trabalho em mais três garagens. É tudo o que sei e é todo o talento que tenho a oferecer. Não penso muito nas minhas chances de me candidatar a outra coisa.

Inscrição significa escrever. Leitura média. Responder a perguntas. Diga uma ocasião em que você forneceu um excelente atendimento ao cliente. Lembro-me disso na inscrição que tive que preencher para o Sr. Boyd. Ele me fez preencher, não sei por quê. Então, eu saberia, eu acho.

Passo o dia caminhando. A porra do dia inteiro. Não é como se os bairros fossem rotulados ou algo assim, então eu não tenho ideia de onde estou. Estou em uma área desgastada, não exatamente um gueto, mas, sendo branco, com certeza me destaquei, especialmente em plena luz do dia.

Perto do pôr-do-sol, vejo um cara lutando sozinho para colocar um sofá em uma van de mudança. Como ele chegou até aqui, eu não sei. É um sofá de couro grande e parece pesado como o inferno.

— Ei cara, precisa de ajuda? — Eu pergunto, me aproximando dele.

Ele coloca a ponta no chão, enxuga o suor da testa.

— Com certeza. — Ele pula para dentro da van de mudança. — Pegue a ponta, levante-a.

Eu o ajudo a colocar o sofá na van e posicioná-lo contra a parede. Ele pula para baixo.

— Obrigado.

Eu o sigo e nos encostamos no caminhão.

— Sem problemas, — eu digo.

Ele me olha. Ele é hispânico, baixo e forte, com uma camisa sem mangas revelando tatuagens do ombro aos nós dos dedos.

— Eu tenho alguma outra merda para resolver. Meu filho deveria me ajudar, mas ele fugiu de mim. Vou te dar uma nota de dez se você me ajudar com o resto.

— Porra, cara, eu vou te ajudar por um pouco de comida. Eu não como há alguns dias.

Ele enfia a mão no bolso traseiro de seu short largo, cuja bainha vai até o meio da canela.

— Que merda. — Ele pega um maço de cigarros. — Fuma?

Eu pego um, e ele acende o meu e depois o dele com um isqueiro Zippo prateado. Fumamos em silêncio, e então ele joga na estrada e indica para eu segui-lo. Seu apartamento fica no segundo andar e ele tem suas merdas embaladas em caixas, todas empilhadas em sua sala de estar, uma pilha de pôsteres emoldurados perto da porta, uma poltrona reclinável para combinar com o sofá, uma grande TV embrulhada em um edredom.

Passei uma hora ajudando-o a colocar suas coisas na caminhonete. Quando o apartamento está vazio, ele enfia a mão no bolso e me entrega o resto de seus cigarros, seu Zippo e uma nota de dez dólares.

— Estou prestes a cumprir 4 anos na penitenciária, então não tenho comida para lhe dar. Colocando todas as minhas merdas no armazém.

Estendo o Zippo de volta para ele.

— Quer ficar com o isqueiro?

Ele encolhe os ombros. — Eles vão pegá-lo quando eu me entregar. — Ele levanta a mão e eu bato palmas com ele, inclino-me e dou um tapinha nos ombros. O abraço do bandido, eu penso nisso. — Há uma ponte alguns quarteirões ao norte. Bom local para descansar.

— Obrigado.

Ele sobe no caminhão, abaixa a janela e descansa seu braço no batente da porta, tinta cobrindo seus antebraços e nós dos dedos. Ele vai embora. Eu nem sabia o nome dele.

Ele se inclina para fora da janela, a cerca de seis metros de distância.

— Ei, cara! Verifique o final do pacote! — Então ele vira a esquina e ele se foi.

Pego o maço, coloco de lado os últimos cigarros e vejo que ele escondeu uma pepita de maconha no fundo. O suficiente para fumar um par de cigarros. Ponto.

Eu sigo para o norte e vejo a ponte que ele mencionou. É apenas um pequeno viaduto, duas pistas com uma lacuna entre elas deixando cair uma faixa de luz. Paredes de concreto em ângulo acentuado se erguem da estrada embaixo para encontrar a ponte acima, deixando uma crista baixa e estreita no topo onde as duas estruturas se encontram. As etiquetas marcam o concreto, sobrepondo-se a tinta preta e vermelha em redemoinhos dramáticos, linhas e arcos, indecifráveis, a menos que você saiba o que está olhando. Olhando ao redor em busca de tráfego e curiosos, encontro coisas vazias no momento. Subo na parede de concreto e, no topo, a ponte está tão perto e baixa que não consigo ficar em pé direito.

Há uma pilha de jornais no meio da borda. A maioria está amassada, rasgada e manchada, obviamente já há algum tempo ali. Bom o bastante. Eu me deito sobre eles, coloco minha cabeça na mochila e coloco minhas mãos em minhas axilas. Enrolo-me.

Penumbra. Legal. Não é muito frio, mas o suficiente para me fazer sentar, procurar em minha mochila um moletom. Eu puxo o capuz sobre a minha cabeça e me deito.

O concreto, mesmo amortecido por jornais, não é confortável.

Eu consigo dormir, no entanto.

Por um tempo.

Fui acordado por um chute violento nas minhas costas, tirando o fôlego de mim.

— Meu lugar! — Um grito, gutural, enfurecido. — Saia do meu lugar!

Outro chute, mas já estou me movendo, rolando, joelhos levantados para proteger meu estômago e bolas. Recebi um chute nas minhas canelas, identifiquei o rosto de um homem velho grisalho com uma longa barba grisalha e suja. Minhas canelas gritam com o chute, mas estou de pé e recuando.

O velho vagabundo se lança contra mim.

— Meu lugar, filho da puta! Fique fora do meu lugar!

Estou atordoado de sono, sem fôlego desde o chute nas minhas costas, tonto e desmaiado de fome.

A raiva me envolve.

— Foda-se, velho! Eu encontrei. Estou dormindo lá.

Batemos um no outro. Ele é magro e musculoso, mas forte. Duro. Joelhos, cotovelos e punhos quebram em mim, batendo em minhas entranhas repetidamente. Eu tensiono meus músculos e pego, o empurro de volta, ataco.

Normalmente, este velho desmaiaria em segundos, mas estou literalmente desmaiando de fome. Três dias, talvez mais, desde que comi algo decente. Sem dormir, mas por algumas piscadelas aqui e ali, tudo interrompido.

Horas de caminhada. Eu não estou no topo do meu jogo.

Mas estou desesperado. Eu preciso dormir.

Então eu luto muito. É bagunçado, cara. Ele é um velho durão, pega os golpes no corpo e os devolve com a mesma força. Ele esmaga meu nariz com a testa e estou sangrando. Consigo levantar um joelho e enfiar em sua virilha, um movimento sujo, mas merda, isso é sobre ganhar. É uma questão de sobrevivência. Não tenho certeza se ele não vai me matar se eu perder. Eu não posso perder. Não ouso perder.

Vermelho mancha minha visão e meu olho dói. Minha sobrancelha está aberta. Pisco para tirar o sangue e vejo que o velho idiota está desacelerando, mancando. Lembro-me de acertá-lo vagamente na coxa, um movimento que aprendi da maneira mais difícil. Se você for acertado com força suficiente no ponto certo em sua coxa, isso vai aleijar sua bunda. Agora eu corro para ele, ambos os punhos balançando duros e desleixados, um esmaga sua bochecha, o outro suas costelas. Eu sinto algo estalar.

Ele tosse, tropeça, desequilibra e desliza pelo concreto. Ele para contra os pilares que separam a estrada do aterro.

Eu assisto. Ele geme, se mexe, mas não se levanta.

Merda, poderia ser eu lá embaixo.

Eu o observo por mais um minuto e, eventualmente, ele se levanta, lentamente. Me encara. Joga o dedo para mim, mas sai mancando, desaparecendo nas sombras.

Eu volto para o meu lugar. Meu lugar conquistado com dificuldade. Eu me deito novamente. O mundo gira pior do que estar bêbado. Tudo dói.

Estou desmaiando rápido, mas algo me mantém acordado. Ouço passos.

Merda. Eu só quero dormir.

— Que luta infernal, cara. — A voz é profunda e lenta, um pouco distante.

Eu me sento. Espreito as sombras com visão turva.

— Sim.

— O velho Bruce está nessa posição há anos. Eu o vi destruir algumas pessoas para mantê-las afastadas. — Chama cintila, um brilho laranja aparece. A fumaça sobe. A brasa brilhante ilumina um rosto redondo e preto, dentes brancos.

— Eu só precisava de um lugar para dormir. Ele me chutou enquanto eu estava deitado aqui.

— Eu não disse nada. Bruce é um velho filho da puta miserável. Odeia todo mundo.

O brilho aumenta, o tabaco estala.

Eu acendo minha própria fumaça, ficando onde estou. Lutei por este lugar, não desisto facilmente dele. Sinto uma necessidade de me defender, de preencher o silêncio. Mas não.

Eventualmente, o outro cara joga fora o cigarro e eu sinto que ele está considerando algo.

— Quer ganhar cem dólares bem rápido?

— Fazendo o quê? — Eu pergunto.

— Eu vou te mostrar.

Eu sei melhor. Estou me xingando de idiota, mesmo quando me levanto e sigo o cara. Eu vou levar um tiro. Esfaqueado. Alguma coisa. Quer dizer, isso é realmente estúpido.

Mas são cem dólares. Com cem dólares eu poderia conseguir um quarto de motel e dormir em uma cama.

Não há muito que eu não faça por cem dólares, neste momento.

Então pego minha bolsa e sigo o cara, deixando o local pelo qual acabei de lutar com alguém. Ele me leva para fora da ponte e um poste de luz laranja revela que ele é um cara negro cerca de cinco anos mais velho do que eu, vestindo jeans pretos largos, botas Timberland, uma camiseta preta, boné dos Yankees preto virado para cima, inclinado sobre uma faixa elástica. Ele caminha com uma arrogância confiante. Não olha para trás para ver se estou seguindo - ele sabe que estou. Ele é musculoso, forte, mas enganosamente leve em seus pés. E enquanto o estou seguindo, noto a forma como a parte de trás de sua camiseta cai sobre sua calça jeans, revelando o cabo de uma pistola em sua cintura.

No que estou me metendo?

Merda.

Ele me leva para fora da estrada principal e por um beco. Merda, merda, merda. Tenho certeza de que vou ser morto. Eu desacelero, colocando espaço entre mim e o outro cara.

Ele percebe. — E aí cara. Acompanhe-me. Eu não vou fazer nada.

— Como se você me contaria se fosse?

Ele ri.

— Acertou. — Ele aponta para um velho Buick. — Entre. Vamos dar um passeio.

Eu deslizo para o banco do passageiro. O carro cheira a carro velho, cigarros, maconha, algo mais forte, crack talvez. Ele gira a chave do carro e o motor liga imediatamente. Ele acelera o motor, e ele responde com o ruído grave de um motor definitivamente não original do Buick.

— O que você tem sob o capô? — Eu pergunto.

Ele olha para mim, encolhe os ombros.

— 350. Pedi a um cara para montar para mim.

Ou seja, ele não sabe muito sobre o motor, mas o que seu amigo disse a ele. Existem todos os tipos de blocos de motor '350', variando por ano, fabricante original, furo, curso, um monte de merda. Dizer que é um 350 é como dizer que é um V-8, um pouco vago.

O exterior do carro não parece muito, um pouco desgastado, ferrugem nas bordas. O interior é confortável, aquele material aveludado antigo nos bancos.

Rádio estéreo e alto-falantes personalizados, provavelmente alguns woofers gigantes na parte de trás. Não é o carro mais bonito do quarteirão, mas o ronco do motor soa com alguma potência robusta, então acho que essa velha belezinha pode rodar.

Ele puxa o carro pelo beco, dirigindo sem faróis até chegar à estrada principal. O rádio está silencioso. Quando estamos descendo a estrada, ele acende os faróis, liga o aparelho de som. Rap bate baixo, o baixo vibrando fortemente.

Um olhar para mim.

— Eu sou Eli.

— Colt. — Eu observo os prédios passando e nós dirigimos através de alguns cruzamentos. É tarde, meio da noite. Eu poderia estar em qualquer lugar na cidade de Nova Iorque agora, e ele poderia estar me levando Deus sabe para onde. Eu sou um idiota. — Para onde vamos, Eli?

Um sorriso de dentes brancos, olhar de soslaio.

— Por quê, você está nervoso, garoto branco?

— Com certeza. — Eu digo isso com uma risada, mas é verdade.

— Entendo, cara. Você não estaria no meu carro se eu fosse atirar em você. — Uma pausa para efeito. — Isso faz uma bagunça.

Eu olho para ele, mas isso não parece ser uma piada.

— Certo.

Ele ainda não está me dizendo como vou ganhar esses cem dólares, mas eu não empurro. Nós dirigimos por um longo tempo, serpenteando por um bairro após o outro, dirigindo devagar. Ele parece saber exatamente para onde está indo, mas não tem pressa para chegar lá. Ele está sempre olhando ao seu redor, olhando para as poucas pessoas na calçada. Ele observa os cruzamentos cuidadosamente enquanto passa por eles.

Estou tenso. Nervoso. Assustado. Joelho quicando, mãos se fechando em punhos e se desenrolando, as palmas das mãos suadas. Meu estômago ronca alto.

— Com fome? — Eli pergunta.

— Faz alguns dias, — eu admito.

— Entendo. — Esta parece ser uma resposta padrão para Eli, o significado variando de acordo com o contexto.

Eu assisto o relógio digital do rádio. Entrei no carro às 13h28, estivemos dirigindo devagar por quase uma hora agora. Poucos minutos depois, Eli para em um beco entre dois edifícios gigantescos. Não é realmente um beco, eu percebo, mas apenas um espaço entre eles. Ambos os edifícios são antigos depósitos feitos de paredes de ferro com ferrugem descendo pelas laterais. As janelas perto do telhado estão todas quebradas e denteadas. O vidro estala sob as rodas do Buick. Eli apaga e acende as luzes duas vezes, rapidamente, e depois as deixa apagadas. À distância, o único círculo de luz de uma lanterna pisca duas vezes em resposta.

Avançamos muito, muito lentamente. Eli se estica atrás de suas costas, segura a sua pistola, mas não a puxa. Meu coração está na minha garganta.

O ar está denso e tenso.

— Deixe sua mochila. Ninguém vai mexer com isso no meu carro. — Eli olha para mim enquanto para, aparentemente ao acaso. — Vou te proteger. Não fale com ninguém e fique comigo.

— Ok. — Sai como ele diria, uma gíria urbana arrastada.

Eli me lança um olhar, mas não diz nada enquanto sai do carro, puxa a parte de trás de sua camisa para evitar que se enrosque na coronha de sua arma. Ele olha por cima do teto do carro, e eu sigo seu olhar e vejo portas largas, abertas. As portas são grandes o suficiente para precisar de dois caras para abri-las e fechá-las. Luzes brilham lá dentro e ouço vozes. Torcendo, vaiando.

Batidas. Smacks. Oohs e xingamentos. Pelas portas abertas, vejo uma enorme multidão formando um círculo. Eu vejo movimento através dos corpos moídos e um lampejo de pele. Eu ouço o barulho característico de punho encontrando carne.

Isso não é bom.

Nada bom.

Mal passamos pela porta quando um grande cara latino emerge das sombras. Ele estende o punho, e ele e Eli tocam os nós dos dedos.

— 'E aí, Ruiz?

— Eli. — Ruiz olha para mim. — Quem é?

— Colt. — Eli inclina a cabeça em uma escada ao longo de uma parede perto das portas abertas. — Vou subir lá por um minuto.

— Mais dois antes de você. — Ruiz diz isso como se Eli devesse saber o que significa, e Eli apenas acena com a cabeça como se soubesse.

É tudo muito vago, trocam-se olhares e silêncios significativos. Eu não sei o que pensar, mas posso adivinhar.

Mais duas - o que significa que haverá mais duas lutas, e então estarei lutando, eu acho.

Eli lidera o caminho até às escadas, que nos levam a grades de metal que formam uma passarela para uma grande plataforma com vista para o armazém. Corrimãos finos formam uma cerca em torno do perímetro da plataforma, e há sofás nos dois lados e algumas mesas. As pessoas circulam, a maioria são homens, e a maioria deles é negra ou latina. Existem apenas algumas mulheres ao redor, e essas estão sem camisa e carregando bandejas. Esta é uma configuração e tanto. Eli se aproxima da pequena multidão na plataforma, talvez vinte pessoas no total. Um homem enorme se separa da multidão, um cara negro cujas dimensões gerais se assemelham a um freezer industrial. Ele tem diamantes brilhando em suas orelhas e brilhando em seus dedos.

— Eli. O que há de bom?

— Encontrei um lutador. — Eli não olha para mim, mas obviamente está se referindo a mim.

— Ele é bom?

— Derrubou Bruce perto da minha área.

Um aceno de cabeça.

— Tudo bem, então. — Um olhar para mim. — Sente-se, cara. — Um dedo grosso bate em um sofá.

Eli acena para mim, então eu sigo em direção ao sofá mais próximo, passando por entre os corpos. Eu sinto olhares. Parece que sou a única outra pessoa branca aqui além de uma das garotas. Eu assisto Eli, que conversa com o grandão por um minuto. Uma dobra do dedo indicador e uma das garçonetes em topless trota, ouve, e então balança a cabeça e foge.

Alguns segundos depois, aquela mesma garota me encontra no sofá, me entrega uma garrafa de cerveja e um sanduíche embrulhado em papel manteiga branco. Uma piscadela e um movimento de seus seios para mim, e então ela se foi ziguezagueando pela multidão, ignorando as mãos que livremente a tateiam e a agarram. O sanduíche é a melhor coisa que já comi, rosbife em fatias finas e queijo cheddar, e maionese, alface, tomate, cebola. Porra, é bom. Tenho que me forçar a ir devagar e tomar um gole de cerveja.

Eu não esqueci porque estou aqui.

Quando termino, enrolo o papel e jogo na mesa próxima, em seguida, pego minha cerveja e caminho até à grade com vista para a luta. A multidão é enorme,

centenas de pessoas. A fita adesiva de prata forma um grande quadrado no chão de concreto, e há outra camada de fita ao redor, formando um perímetro para separar os lutadores da multidão.

Uma luta acabou, eu acho. Há sangue respingado no chão. As pessoas na primeira fila da multidão têm manchas vermelhas e manchas em suas camisas. O dinheiro está preso em punhos erguidos. A multidão se separa e Ruiz avança, levando dois outros caras. Um cara magro do Oriente Médio em seus vinte e poucos anos e um garoto negro muito maior e muito mais jovem.

Ruiz os empurra para cantos separados. Aponta para o cara árabe e aborda a multidão.

— Ibrahim. Primeira luta.

Aponta para o garoto negro, que talvez seja um ano mais velho do que eu.

— Julius. Nove lutas, sete vitórias, duas derrotas. Julius é o favorito. Faça suas apostas.

Os lutadores saltam e apertam as mãos enquanto a multidão grita com Ruiz, que caminha pela primeira fila, recolhendo dinheiro e distribuindo pedaços de papel com números escritos neles. Um ou dois, ao que parece. Supondo que ‘1’ seja Ibrahim, quase todo mundo espera que Julius ganhe.

A luta é curta e brutal. Ibrahim é lento e hesitante e só consegue dois bons golpes, logo no início. Julius permitiu, eu acho, apenas para sentir o poder de soco do seu oponente. Após esses dois socos iniciais, Ibrahim é destruído. Apenas... destruído. Julius é um turbilhão de punhos, indo forte e rápido, todos golpes como britadeiras. Ibrahim cai de joelhos, tossindo, cuspindo sangue, levanta a mão. Julius o

derruba de qualquer maneira com um gancho de esquerda esmagador. Ibrahim cai em uma nuvem desordenada de suor, saliva e sangue, um dente caindo no concreto.

Ninguém ajuda Ibrahim a se levantar. Ninguém oferece a ele nada para impedir o sangramento. Ele tem que se levantar por conta própria, cuspindo gotas vermelhas. Ele consegue arrastar sua carcaça para fora do ringue, ignorando as vaias.

Eli aparece ao meu lado.

— Você é o próximo, Colt.

— O que acontece se eu perder? — Eu pergunto.

— Não perca, — diz Eli.

— Mas se eu perder?

— Ganhe, vou lhe dar $Cem, um lugar para dormir, sob um teto. Perca, você não ganha nada. Você sai daqui com seus próprios pés, e pronto. Você terá sorte de sair daqui se perder, no entanto. — Ele olha para mim. — Cem é para a primeira luta. Quanto mais você ganha, mais você ganha por luta. Julius arrecadou três mil para aquela luta.

— Grandes saltos, — eu ressalto.

— Eu não apoio Julius. Ele é rápido e brutal, mas acho que alguém vai derrubá-lo para sempre em algum momento. Ele é muito arrogante.

Eu não quero saber o que isso significa. A resposta não respondeu realmente à minha pergunta, no entanto.

— Então, luto uma vez esta noite e ganho cem se ganhar.

— Sim. Você pode lutar mais de uma vez por noite se vencer e se quiser. Se você vencer, eu vou apoiar você por mais cento e cinquenta.

Estou me sentindo bem considerando as circunstâncias. Não sinto mais fome e a cerveja estava boa e gelada. Estou conectado agora. Adrenalizado.

Eli me bate no peito com as costas da mão. — Vamos, garoto branco. Sua vez.

Eu o sigo escada abaixo. Olhos me seguem. O dinheiro muda de mãos.

Estou com calor agora. Suando. Tremendo. Febril. Minhas mãos tremem.

Quando estou no meio da multidão, meu batimento cardíaco se transforma em uma batida frenética. Tudo o que vejo são caras ansiosos, olhos brilhantes com sede de sangue e rostos suados.

Principalmente homens, mas também há algumas mulheres na multidão. Eles estão todos uivando. Tiro meu moletom e entrego a Eli. Sinto algo pegajoso no rosto, embaixo do nariz. Quase me esqueci da briga com Bruce, o nariz sangrando. Eu limpo, mas está com uma crosta. Eu balanço meus braços, estico meus peitorais. Contraio meu abdômen, relaxo, fico tenso. Pulo, pulo. As costelas estão um pouco sensíveis, mas nada muito ruim.

A adrenalina me faz vibrar, pular.

Ruiz passa pela multidão, e o homem atrás dele é a porra de um gigante. Branco com cabelo loiro, olhos castanhos e tatuagens de prisão. Um metro e oitenta facilmente, largo como um celeiro, sem camisa, fortemente musculoso. Não como um fisiculturista, mas como os caras que competem nas competições do Strongest Man -

grossas placas de músculo sob uma camada de gordura. O tipo de cara que é difícil de machucar.

Ruiz aponta para mim.

— Colt. Primeira luta.

Ele aponta para o meu oponente.

— Al, quinta luta. Quatro vitórias, uma derrota. Al é o favorito. Façam suas apostas.

Os olhos de Al estão ansiosos. Ele está ansioso por isso. Ele enrola os punhos, estala os dedos, então sorri para mim. Foda-se.

Ruiz olha para cada um de nós e dá um passo para trás.

— Lutem.

CAPÍTULO 4

Uma cama para a noite

Al cambaleia em minha direção. Ele espera me demolir, claramente. E não tenho certeza se ele está errado.

Eu não posso pensar assim, no entanto. Vou foder com ele.

Al balança primeiro, um gerador de feno lento que teria tirado minha cabeça se tivesse se conectado. Eu vejo isso vindo a uma milha de distância, porém, e me escondo. Esmago minha esquerda com força, como posso, nas costelas dele, cortando o soco e colocando meu peso nele, torcendo nele. Aquele golpe deveria tê-lo pelo menos sacudido, mas ele apenas grunhiu e sorriu e levantou o joelho no meu peito. Tropeço para trás, chiando, recuando enquanto Al se lança para mim.

Ok, então ele realmente telegrafa suas fotos.

Mais uma vez, sou capaz de sair do balanço e desta vez ponho o punho na mandíbula dele e sei que ele sentiu essa merda. Também não gostei. Ele sacode, mas eu não terminei. Estou dentro do balanço dele, mas tenho que ser rápido. Aposto que esse garoto grande poderia arrancar a vida de mim, se ele me pegasse. Dois golpes, direito-esquerdo, o mais rápido que posso. Nariz quebrado; lábios, divididos. Volte, dance de volta e deixe-o balançar. Fique no alcance até que ele esteja comprometido com o ceifeiro selvagem.

Mas merda, ele não é tão estúpido quanto eu pensava.

Ele deixa o golpe fatal enlouquecer, mas enquanto eu estou me aproximando, ele bate o joelho em mim. Leva o joelho ao meu estômago e sinto bile. Eu não

consigo respirar. Porra. Ele tem um grande punho esquerdo para mim, um tiro certeiro que vejo, mas não consigo me afastar. Então eu pego. Sinto gosto de sangue na boca e cuspo. Foda-se, isso dói. Mas agora estou com sangue e chateado. Enrosco o máximo de golpes em seu diafragma, o mais forte que posso, com tiros em cadeia, exatamente onde sua caixa torácica se encontra em um V desprotegido pelos músculos. Isso o enrola e o manda tropeçar. Eu sigo, pingando sangue e saliva dos meus lábios rachados. Eu balanço minha testa para ele e conecto uma campainha no queixo.

Dica: bater na cabeça de alguém também te machuca.

Nós dois tropeçamos para trás, tontos. Eu me recupero primeiro, mas apenas por uma questão de segundos. Minha direita encontra sua bochecha, alta e dura, e sua esquerda atinge minhas costelas, baixas e duras.

Então o caos se inicia. Eu fecho e martelo meu punho sem arte ou técnica em seu rosto. Tiros no corpo não fazem nada para derrubar esta fera, então tiros no rosto são tudo o que posso esperar. Ele está sofrendo, mas seus socos ainda têm poder de matar por trás deles e ele pode sofrer um inferno. Eu levo um até o nariz e sinto que ele quebra.

Mas então eu entro na mandíbula e ele tropeça e bate nos joelhos.

Esta não é uma arena em que a misericórdia é recompensada.

Como Julius antes de mim, não mostrou nada. Eu aperto meu punho na têmpora dele, e ele tomba.

De repente, a multidão está enlouquecendo. Isso foi um transtorno. Al foi favorecido por uma merda, eu acho, e eu fiz muita gente perder muito dinheiro. Olho

para cima e Eli está sorrindo, uma ponta gorda nos dedos, uma garrafa de conhaque na mão. Um aceno de cabeça; eu fiz bem.

Sou cem dólares mais rico por sofrer uma surra.

Eu cuspo sangue no chão e faço uma careta enquanto respiro fundo. Aquele filho da puta poderia bater forte. Empurro a multidão, ignorando uivos, zombarias, maldições e insultos, e saio sob a fumaça e entre nas sombras.

Os tremores me atingiram.

— Isso foi uma boa merda, cara. — Eli me seguiu; ele me entrega o franco, e eu tomo por muito tempo. — Al foi favorecido por um longo tiro.

— Eu acho que a maioria não passa mais do que alguns segundos com ele, — eu digo enquanto seguro a fumaça nos meus pulmões.

— Não. Ele balança selvagem assim, para você não sair do caminho, você conseguiu. Eu o vi arruinar alguns filhos da puta com esse primeiro golpe.

— Acredito nisso. Eu lutei com caras como ele na escola. Os atletas de futebol em casa me odiavam. Eles jogavam os zagueiros em mim no vestiário depois da aula de ginástica. Você precisa esmagar os rostos deles para derrubá-los.

— Bem, você bateu na bunda dele. — Ele me entrega cinco notas de vinte dólares. — Você terminou, ou quer tentar por mais cem?

Olho o conhaque na mão dele, e ele me vê olhando, me deixa tomar um gole. Queima tão bem, é bom. Tonto, algumas dores. Ainda cuspindo sangue. — Quanto tempo até eu ir de novo?

Eli se vira de lado, de frente para a porta aberta. — Ei, Ruiz! Quando é a próxima abertura?

— Julius está indo de novo, então Hector... — uma pausa, — Marshawn, e dois caras novos. Então nós preparamos Jesus para ir, mas ninguém para lutar com ele.

Eli olha para mim. — Jesus em quatro rodadas. Vinte minutos mais ou menos.

— Eu vou levá-lo.

Eli levanta as sobrancelhas. — Você tem certeza disso? Você não viu Jesus lutar, yo. Ele não é brincadeira.

Estou com fome de dinheiro e me sentindo imprudente. — Eu vou aproveitar minhas chances.

Um encolher de ombros, um brilho de diversão em seus olhos. — Está certo, então. — Ele gira para gritar com Ruiz. — Meu garoto Colt aqui conseguiu a vaga contra Jesus.

Uma gargalhada. — Cara, seu garoto tem alguns colhões. Jesus é mau.

Essa conversa não está me fazendo sentir bem com minha decisão. Eles estão fazendo Jesus parecer pior que Al. É melhor eu ficar aquecido. Caio no asfalto áspero, solto trinta flexões, lenta e constante, seguro-as por dois segundos, lento devagar. Eu pulo, faço polichinelos até estar ofegando e suando, depois caio no chão novamente e faço escaladores até que tudo dói e treme. Descanso um minuto e apenas respiro, depois caio no chão, faço uma única flexão, giro o torso para cima e planto os pés entre as mãos e pulo o mais alto que posso, pouso e desço para fazer outra flexão. Repito a sequência até estar ofegante.

Eli assiste com diversão. — Que diabos é essa besteira?

Tiro a camisa, limpo o rosto com ela. — É assim que você fica rasgado sem academia.

Eli olha meus abdominais, que, reconhecidamente, são bem rasgados. Quando você está entediado e cansado de fazer o dever de casa, mas não pode sair do seu quarto, o que faz? Exercite-se até desmaiar. Pelo menos, foi o que eu fiz. Peguei alguns halteres e instalei uma barra de puxar no celeiro. Afiei minha rotina para poder trabalhar no isolamento de partes do meu corpo. Eles eram principalmente todas as rotinas de peso corporal já que eu nunca tive acesso a uma academia adequada com máquinas. Quero dizer, havia uma na escola, mas não havia nenhuma maneira maldita de passar mais um maldito segundo naquele buraco do inferno do que eu precisava, e de maneira nenhuma pediria ao papai que me comprasse pesos livres ou alguma coisa assim, nem eu vou gastar meu dinheiro com eles.

Combine uma rotina de exercícios de uma hora por dia com a tendência de brigar, multiplique isso por uma dose saudável de raiva e o que você ganha?

Eu, pronto para arruinar alguma merda.

Macacos saltadores e astronautas pulam, e então Eli está me entregando uma garrafa de água, que eu derrubei. A batida do narcótico e o gole de conhaque foram consumidos na maior parte do tempo, então agora estou apenas solto e flexível, suado, reforçado.

Ruiz coloca a cabeça para fora. — Colt é o próximo, porra.

— Cara, eu não tô nem aí, Ruiz. — Palavras duras são acompanhadas por um sorriso e um tapa nas palmas das mãos, um gesto para mim. — Vamos lá, cara. Espero que com todo aquele pulo esteja preparado para essa merda.

Ruiz me agarra pelo ombro, me empurra para a frente, faz uma pausa, estende a mão e pega um garoto latino -americano baixo, magro - que eu suponho ser Jesus - pela nuca, nos empurra para a multidão, que parte para nos deixar passar. Uma vez no ringue, Jesus faz o salto antes da luta, balanços e golpes falsos. Rola a cabeça no pescoço. Ele não é rasgado, mas é magro. Duro. Olhos feios e redondos, nariz grande demais, mandíbula saliente e um rosnado permanente no rosto. Ele já lutou esta noite, a julgar pelo lábio rachado e pelo sangue coberto de crostas sob o nariz.

Eu não me incomodo em pular ou saltar dessa vez. Eu simplesmente rolo meus ombros, cuspo rosa, flexiono meus punhos. Olho meu oponente.

Isso vai ser desagradável.

Ruiz está entre nós. Ele gesticula para Jesus. — Jesus, quinze lutas. Sem perdas. Fortemente favorecido. Merda, filho da puta - nada bom. — Colt, uma luta, uma vitória.

Ele olha para nós dois. Nenhuma menção de regras, agora que penso nisso. — Lutem. — Ele dá um passo atrás.

Jesus está em mim antes que a palavra saia dos lábios de Ruiz, antes mesmo de ele dar um passo atrás. Mãos enroladas na parte de trás do meu pescoço, joelho brilhando como uma britadeira, batendo no meu estômago - uma, duas, três vezes. Dá um passo para trás, lança um foguete direto que me pega no queixo, me manda para trás.

Porra, inferno. Não consigo respirar, e esse soco no queixo era uma merda. Mas eu não sou uma.

Deixe-o vir até mim, entrar em seu próximo soco, envolver meu braço direito em seu cotovelo esquerdo e debaixo da axila, trancá-lo. Dê um passo para o lado,

levantando-se. A mão direita é uma bola de demolição na caixa torácica de Jesus, batendo, batendo, batendo. Ele está em agonia, mas aguenta sem fazer barulho. Parece que ele vai me dar um soco com a mão direita, mas muda de tática no último segundo, aponta o polegar no meu olho. Eu finalmente consigo virar minha cabeça apenas para colocar a pele sob meu olho rasgada pelo polegar. O sangue escorre livremente e esquenta no meu rosto, e eu xingo de surpresa. Isso permite que ele enfie o joelho no meu rim, o que me obriga a deixá-lo ir. Ele não recua, nem demora um segundo para recuperar o fôlego. Apenas vem direto para mim, rosnando, sorrindo e socando como uma metralhadora. Duro e rápido. A maioria cai no estômago e nas laterais, o que posso aguentar um pouco. Tenso, recuar, encolher-se, sentir seus punhos ossudos e magros martelando no meu abdômen sem deixar escapar.

Eu cronometro meu golpe entre socos, me afasto, sinto seu punho bater nas minhas costas e então estou girando nos calcanhares, girando meu punho em um arco, colocando impulso e todo o meu peso no balanço. Meu punho pousa em seu fígado como um maldito caminhão Mack, e ele suspira sem fôlego, amaldiçoa em espanhol, avança. Eu sigo, rosnando, grunhindo quando aterro golpe após golpe no mesmo local. Fígado, fígado, fígado, até que eu tenha certeza que ele vai mijar sangue por uma semana. Quando ele cambaleia, finalmente, entro, bato minha testa bem perto da linha do cabelo na ponte do nariz.

Sinto um estalo e depois vejo estrelas.

Jesus fica mole e cai no chão, sangrando pelas duas narinas.

Eu estou sofrendo agora. Muito.

Afasto-me, com o queixo erguido, observando Jesus se contorcer no chão. A multidão está em silêncio agora. Ou quase silencioso, exceto por murmúrios de choque.

Eu vou sentir isso amanhã.

Mas então eu estou fora do ringue e Eli está me entregando uma velha toalha azul e outra garrafa de água.

Seguro a toalha contra minha bochecha. — Ele tentou arrancar a porra dos meus olhos.

— Não tem regras aqui, cara. Em lutas por grandes prêmios em dinheiro, Ruiz pode lhe dizer que não há mordidas nem golpes de cabeça, mas isso é tudo.

— Quanto é muito dinheiro? — Eu pergunto, andando em círculos fora do armazém.

Eli me olha, me passando outro rolo de notas de vinte dólares. — Cerca de dois meses atrás, tivemos uma grande luta de boxe. Sleek Zeke contra Lil Nasty. Mais de um milhão trocou de mãos nessa luta. Ambos os lutadores tiveram uma base de vinte mil, e Nasty venceu, então ele ganhou o prêmio, outros oitenta mil.

— Não brinca. Cem mil?

— Nasty parou de lutar depois disso. Ele foi o melhor que eu já vi, aquele fodido. Ele provavelmente ganhou um bom meio milhão em prêmios em dinheiro ao longo de sua carreira. Cem lutas, perdidas apenas uma, e isso foi para Sleek. Foi uma revanche. Inferno de uma luta. Eu mesmo consegui um bom quarto de milha, apostando no Nasty.

— Um quarto de milhão de dólares? Você está me enganando?

— Inferno não, cara. Não brinco com dinheiro.

— Mas você dirige um Buick e mora no gueto?

— Um Buick rápido como o inferno, e você não viu minha casa. — Sua voz é dura. — E se você acha que é o gueto, filho, você não sabe nada. Eu assistiria sua bunda, falando essa merda, garoto branco.

— Isso é muito dinheiro, sabe? É dinheiro para dar o fora daqui.

— Foda-se, cara. Sou nova-iorquino, nascido e criado. Eu vou viver e morrer nessa porra. Não quero sair, só quero acordar. Isso significa? A cidade, filho. Um grande e velho bloco de merda com algumas putas sensuais para entrar.

— Ouça isso, cara. — Punho na carne, gritos.

Ruiz aparece, uma articulação entre o polegar e o indicador. — Traga nessa merda, porra. — Ele entrega a Eli, que inspira profundamente, e depois entrega para mim. Ruiz me observa fumar. — Você quer mais uma?

— Outra briga? — Eu pergunto, estupidamente.

Ruiz pega o baseado de mim e dá uma tragada, rindo. — Sim, cara. Outra briga. Julius quer outra. Ele deve dinheiro a alguém, eu acho. Precisa de dinheiro rápido.

Julius. Seria uma luta bastante brutal, e eu já estou sofrendo. Mas, foda-se. — Duzentos e eu estou dentro.

Eli balança a cabeça de um lado para o outro. — Eu não sei, cara. Julius pode ter seu número.

— Foda-se, isso. Eu posso levá-lo.

— É melhor você vencer, então estou colocando duzentos no chão.

— Quanto você ganhou comigo até agora?

Um sorriso e uma risada e um aceno de cabeça. — Cinco grandes.

— Exatamente. — Eu bato no meu rosto com o polegar e noto que o sangue ainda está escorrendo do corte na minha bochecha. — E sou eu quem está lutando.

Eli apenas encolhe os ombros. — Está certo, então. Mas é melhor você vencer.

— Eu vou. E quando eu fizer, recebo quinhentos na minha próxima luta.

— Você não está lutando novamente esta noite. Você e Julius são o grande final, cara.

— Eu não lutaria novamente hoje à noite de qualquer maneira. Eu acho que Julius vai acabar com a dor. Vou levá-lo, mas vai doer.

Eli me olha com algo muito parecido com respeito. — Seu garoto branco louco. Bruce, Al, Jesus e agora Julius?

— Não tenho nada a perder, — eu digo. É a maldita verdade. O que mais eu vou fazer? Andar sem rumo por Nova York?

— Você está brigando com Bruce louco por um lugar para dormir, provavelmente está certo. — Ele estende a mão, polegar apontando para cima, e eu bato minha palma contra ela. — Você conseguiu um acordo. Você vence Julius, eu colocarei quinhentos para sua próxima luta.

Isso está pressionando, até para mim. Estou exausto. Eu não dormi nem sei quanto tempo. Estou com o nariz quebrado, costelas latejantes, uma bochecha cortada

e juntas sangrentas. E vou entrar em outra briga com um ferido conhecido. Eu realmente devo estar louco. Porra, eu sei que estou. Estou sofrendo muito, cara.

Isso me impede de contemplar minha existência, pelo menos.

Inclino-me contra o painel traseiro do carro de Eli, cuspo sangue, me inclino e sopro sangue e muco do meu nariz. Eu cuspo um pouco mais. Coloco meus dedos sobre o nariz e uno as palmas das mãos. Eu respiro fundo, hesito; essa merda não é boa. Puxe minhas mãos para baixo lentamente em direção ao meu queixo, gemendo, tonto de dor quando a cartilagem quebrada se realinha. Eu tenho que afundar no chão, sentando no meu quadril até que a tontura passe.

— Não sujou meu passeio de sangue, não é? — Eli pergunta. Eu não acho que ele está brincando.

— Não, — eu resmungo. — Quanto tempo eu tenho?

Ruiz desapareceu em algum momento, mas agora ele reaparece. — Você acordou Colt. — Aparentemente, não havia tempo.

Eu empurro balanço nas pontas dos pés e aperto as mãos, giro a cabeça no pescoço. — Lidere o caminho, Ruiz.

Julius já está esperando no ringue, flexionando os punhos. Ele tem olhos inchados, lábios rachados, juntas sangrentas e um corte profundo na sobrancelha. Ele também perdeu a camisa. Acho que estamos em pé de igualdade, apenas em termos de tamanho. Ele pode ter alguns quilos a mais de músculo, mas tenho certeza de que tenho um alcance maior. Ele tem a experiência comigo, no entanto. E duvido que ele tenha perdido alguma refeição recentemente.

Estou com raiva, determinação e agora, desespero.

Ruiz fica entre Julius e eu. — Mantenha os dentes na boca, vocês dois. Esta é a última luta da noite, façam com que seja uma luta boa. — Ele se dirige à multidão. — Você sabe quem é quem agora. Julius tem doze lutas, dez vitórias e duas derrotas. Colt tem duas lutas, sem perdas. Julius é favorecido. Façam suas apostas. — Ele termina de recolher o dinheiro, enrola um elástico em torno da pilha de dinheiro e o enfia no bolso de trás e depois se coloca entre nós novamente. Olha para cada um de nós. Passos para trás. — Lutem!

Julius é cuidadoso. Ele não sai balançando para mim, apenas se inclina para frente, cabeça baixa, punhos para cima. A multidão está enlouquecida e ouço meu nome ser chamado algumas vezes. Nem todo mundo está apostando em Julius, então. Isso me faz sentir um pouco melhor.

Nós circulamos algumas vezes, e então eu lidero soco esquerdo. Rápido e sujo, apalpador. Ele atinge os antebraços barrados de Julius, e eu o sigo com outro, e um cruzado de direita. A cruz se conecta, reabrindo sua sobrancelha. O irrita. Ele abandona sua abordagem cuidadosa e entra, frenético de sangue. Coloco meu queixo contra o peito e coloco meus punhos no rosto, recuando e abaixando e tecendo sob a enxurrada de golpes. A maioria das pancadas contra os meus antebraços, um roça o topo da minha cabeça, outro encontra o caminho para o meu lado. Ele não desiste, no entanto, apenas continua martelando golpe após golpe em mim, socando como um louco, e alguns deles se conectam dolorosamente.

Já é suficiente.

Eu abaixo minha cabeça e dou uma estocada para ele, bato o punho de lado e esmago os dois ao mesmo tempo em seu peito. Minha cabeça bate contra a dele, mas meus punhos encontram seu peito, e ele está caindo para trás, nós dois balançando a

cabeça. Julius se recupera primeiro e entra em um gancho forte e duro na minha sobrancelha, dividindo-a. Um golpe na mandíbula, me derrubando, quebrando os dentes. Ele segue o bastardo, colocando um punho no meu estômago. O filho da puta é duro, e ele bate forte.

Estou tonto, estou com dor. Me machuquei. Não aguento outro golpe forte ou cairei e, quando isso acontece, termino. Então eu não deixo isso acontecer. Eu danço fora de alcance, pisco contra a tontura da dor e respiro através dela. Estou rosnando por ele, rosnando como um urso, o peito arfando, balançando a cabeça para clarear minha visão, quase espumando pela boca. Julius está cobrando por mim, um touro à solta. Giro para o lado no último segundo, dou-lhe um soco na parte de trás da cabeça e o derrubo. Pulo sobre ele, monto nele, viro ele e bato o punho contra seu rosto de novo e de novo, sentindo seu joelho golpeando minha espinha, seus punhos batendo contra meus lados.

Eu recebo meia dúzia de bons acertos antes que ele me pegue, role e se levante. Eu ligo e vou adiante, indo atrás dele, recusando deixá-lo fugir, recusando-me a ir na defesa. Ele é sangrento, vacilante, mas ainda feroz. Entro com punhos e joelhos, batendo e levando-o até a beira do ringue. Ele está se afastando, tentando ganhar tempo para se livrar dos danos. Não vejo nada além de Julius, não ouço nada além de minha própria respiração irregular. Ele está se afastando de mim, enxugando seu rosto, tentando limpar sua visão, e puta merda, esse cara é um filho da puta durão. Poucos caras conseguem aguentar esse tipo de espancamento e ficar em pé.

Tenho uma visão de mim, sangrando, o perdedor, andando pela cidade sozinho, machucado, faminto, exausto, com dinheiro roubado. Tenho uma visão de dormir embaixo de pontes, roubando restos de ratos e pombos. Foda-se isso.

Nós nos aproximamos quase nos apertando, nós dois sangrando como porcos presos. Ele me dá outra esquerda forte no meu estômago, e essa é a sua ruína. Eu intencionalmente aceito o tiro no estômago, tenso e estremecendo com o toque de seu punho no meu abdômen. Foi uma aposta, tendo aquele golpe. Estou quase terminando, mas se eu puder dar mais um soco no estômago, se eu puder chegar perto o suficiente, dentro de seus punhos perversos, e espancá-lo, acho que tenho uma chance de acabar com isso.

Quando o punho dele está enterrado no meu estômago, eu já estou balançando. Não para o estômago, no entanto. Até as costelas. Como com Al. Você tem que ser tático, às vezes, identificar essa merda. Eu o balanço com um golpe brutal no diafragma, outro e outro. Tudo o mais perto possível do mesmo local.

Ele cambaleia ofegante. Eu tenho que terminar. Siga através. Eu cuspo sangue e parto em sua direção. Ele está orgulhoso demais para levantar a mão em sinal de rendição e sabe que neste ringue não há piedade e não me mostraria se as mesas estivessem viradas.

Eu balanço minha direita mais uma vez. Eu não seguro. Não é um finalizador, mas basta derrubá-lo.

O balanço me deixa desconcertante. Babando. Tosse, sangue escorrendo pelo chão dos meus lábios. Julius está no chão, de lado, de rosto no concreto, ofegando e engasgando. Cuspindo para não se engasgar.

Eu tenho um respeito louco por Julius. Eu me arrasto passo a passo até ele. Fico em cima dele. Ele é cauteloso, esperando um chute, talvez. Eu não sei. Eu estendo minha mão para ele, e depois de um olhar desconfiado e desagradável, ele

levanta a mão e agarra a minha. Eu o levanto e ficamos a alguns centímetros de distância. Olhando um para o outro. Avaliando.

— Você é um lutador, cão, — diz Julius. Sua voz é profunda, o som vem do fundo de um poço.

— Você também, cara. — Eu sorrio — Não vamos fazer isso de novo tão cedo, hein?

Ele ri e nós caminhamos - cambaleando, realmente - fora do ringue. — Não brinca. Naquele maldito gancho no peito, cara... essa merda é um assassino.

Deixamos o prédio juntos. Eli está lá, descascando as notas de um rolo, fumando sem corte. O enorme homem negro da plataforma da passarela também está lá, os diamantes nos ouvidos e nos dedos brilhando à luz da lua. Enorme e silencioso, as mãos nos bolsos, até os nós dos dedos, a cabeça inclinada para o lado.

— Vocês são manos, agora, hein? — ele pergunta.

Julius se afasta. — Inferno, não. Apenas respeito, cara.

— Ele bateu em você. — O homem enorme dá um passo à frente. Claramente infeliz. — Você perdeu, cara. Eu tinha dez gramas nessa merda.

— Ei cara, poderia ter sido de qualquer maneira. Se eu tivesse conseguido mais um golpe, ele estaria acabado também.

— Mas você não fez.

Julius está nervoso. O ar está parado, frio e duro. Não ouso falar, me mexer ou mesmo respirar alto demais. Eli é o mesmo, contundente em seus dedos, enrolando fumaça para cima, para cima, para cima, sem fumar agora, apenas

segurando-a. Assistindo. Esperando. Há violência no ar. Não punhos e narizes quebrados, mas buracos no peito e olhos mortos.

— Vamos lá, cara. — Julius apenas fica parado, limpando o sangue escorrendo do nariz com o polegar. — Eu venci dez de três lutas, Train. Não vou perder de novo.

Engulo em seco, minha garganta grossa. Eu posso ver uma conversa semelhante acontecendo entre Eli e eu. Isso não é boxe. Não é MMA ou UFC. É beco, subterrâneo, desagradável. Não há regras, mas as estabelecidas pelos caras que a administram. Como Train, lá. Encarando Julius, segurando o destino do jovem nas mãos. Você perde, você pode morrer. Não no ringue, mas fora, depois.

— Eu apoio você, espero que você ganhe, — diz Train. — Eu não apoio perdedores. Deixei essas duas primeiras perdas desde que você era novo. Você não é mais novo. Não deixarei mais perdas acontecerem.

— Entendi. — Julius apenas respira, ainda não ousando relaxar.

Train lança um olhar para Eli. Escava o bolso e pega uma pilha grossa de dinheiro. — Acho que devo isso a você.

— Eu disse que ele era um lutador, — diz Eli, pegando lentamente o dinheiro do Train e jogando-o na janela aberta do motorista.

— Sho fez. — Train me olha agora. — Ele poderia ser grande. Eu o comprarei de você.

— Me comprar? — Não posso deixar de perguntar.

Eli me lança um olhar significativo. — Cale a boca, garoto branco. Deixe-me lidar com isso. Seus olhos se movem para Train. — Não, cara. Eu o encontrei, vou apoiá-lo.

— Mude de ideia, deixe-me saber. — O Train volta para o prédio. — Saia daqui, Julius. Vá ver Johnny amanhã. Aprenda alguma merda.

Julius assente e recua os ombros caídos. Quando Train está fora de vista, Julius se afasta e passa as mãos sobre o couro cabeludo raspado. — Merda, cara. Merda. Merda. Eu estava prestes a me mijar, sem brincadeira.

Eu não sei o que dizer. — Fiquei tenso por um minuto.

Eli coloca a ponta nos lábios. Dá uma longa tragada. — Train, não brinca.

— Então, se eu perder muitas vezes, você vai me matar? — Eu pergunto a Eli.

— Eu posso, cara. Eu devo. — Ele não soa como se estivesse brincando. Também não parece que esteja brincando.

— Acho que é melhor eu ganhar, então.

Julius levanta o queixo para mim. — Vejo você, Colt. Boa luta.

— Você também, Julius.

Quando Julius se foi, Eli balança a cabeça. — Cara, eu pensei que Train iria explodi-lo com certeza. Seria um inferno de um desperdício. Aquele garoto é rápido. Uma perda como essa o fará tomar cuidado, derrubá-lo. Bom para ele. — Ele me entrega quatro notas de cinquenta dólares. — Isso é seu. Quatrocentos em uma noite, sua primeira vez no ringue. Nada mal, garoto branco.

— Sim, bem, eu não estou mais no Kansas, estou?

— Você é do Kansas?

Não tenho certeza se ele está brincando. — Hum, não. Detroit. Isso foi... foi de um filme.

— Ah sim, com o leão, o espantalho, o cara de lata e aquela cadela branca com os sapatos vermelhos. Que porra se chama? O Mágico de Oz, não é? Eu já vi essa merda antes. — Ele aperta a cereja do bolo, coloca a barata em um saco e depois no bolso. — Então, o que isso quer dizer com você não está mais no Kansas?

Eu dou de ombros. — Só que eu não posso me dar ao luxo de perder, posso?

Eli ri. — Eu estava apenas fodendo com você, cara, eu não atiraria em você por perder.

— Bom saber. — Não tenho certeza se acredito nele. — Ei, cara, eu terminei. Preciso bater em algum lugar.

— Entendi. — Ele olha para o lado, alguém nas sombras acenando para ele. — Eu tenho alguns negócios por um minuto. Tente não ter problemas.

Eli desaparece nas sombras, e eu estou sozinho no beco. Mas não por muito tempo.

A garota que me trouxe o sanduíche esgueirou-se para fora da porta, desta vez vestindo shorts e saias sem sutiã, sem bandeja. Ela é... Eu não sei o que ela é, etnicamente. Misturada, talvez. Cabelos encaracolados escuros, o tipo de pele que poderia ser uma garota branca bronzeada, italiana, mexicana. Olhos escuros com maquiagem pesada. Um corpo fodido, uma bunda que não para, tetas por dias. Tetas reais também, a julgar pela forma como balançam. Eu seguro meu chão, encostando-

me na parede, deixando as dores desaparecerem. Ela vem direto para mim, encosta-se na parede ao meu lado e tira um cigarro do decote.

— Tem fogo? — ela pergunta, olhando para mim de lado.

— Tenho. — Abro meu isqueiro recém-adquirido, acendo sua fumaça.

— Obrigada.

— Sem problemas. — Eu a assisto fumando, observo como seus seios incham em sua blusa a cada respiração.

Ela os exibe para ganhar dinheiro, então não estou realmente preocupado em ser pego olhando. Além disso, os olhares que ela está me dando, acho que ela tem algo em mente. E deixe-me dizer, não importa o quão machucado eu esteja, nunca estou muito dolorido para me meter com uma garota sexy.

Terminado o cigarro, ela se afasta da parede, se afasta de mim, caminha alguns passos e depois vira a cabeça para olhar para mim, um sorriso brincalhão nos lábios, uma sobrancelha arqueada. É um convite, se eu já vi um, então eu arrisco, e a sigo. Subo as escadas para a passarela, do outro lado até uma porta que leva a uma cozinha improvisada. Não há muito apenas uma fritadeira, uma geladeira industrial, uma bancada de enrolar e uma prateleira com alguns produtos secos. Outra porta leva a um escritório, uma mesa de metal desgastada, um armário de arquivo e um sofá de couro novo o suficiente para parecer fora do lugar.

Ela fecha a porta atrás de mim, gira em volta de mim e se coloca de costas para a porta. Olha para mim. — Normalmente, eu não gosto de assistir às lutas, mas você a torna sexy, de alguma forma. — Sua voz é baixa, sensual.

— Oh sim?

Ela pega meu cinto. — Sim. Muito sexy. Fiquei com tudo quente e incomodado, vendo você lutar. — Ela tirou meu pau e acariciou-o lentamente; sem perder tempo, claramente. — A maneira como você levou golpe após golpe após golpe...

Ela cronometra os golpes no ritmo de suas palavras, me fazendo resistir e gemer dentro de alguns segundos. Deixei que ela se ajoelhasse, observei-a envolver aqueles lábios macios ao meu redor, observei-a chupar. Deixei-a chupar por um minuto, até eu ficar excitado, e então me afasto.

— Eu não terminei, — ela protesta.

— Sim, você fez. — Eu a puxo para seus pés. — Eu não vou descer pela sua garganta.

Ela geme quando eu puxo sua blusa, choraminga quando lambo um mamilo ereto. — Não? Onde então?

Faço um trabalho rápido com o short dela, deixando-a nua. Giro-a no lugar, bato na bunda dela com força suficiente para deixar uma marca, deixando-a tremendo. — Tudo isso.

— Há preservativos na mesa.

Não penso no que significa a conveniência disso, porque realmente não importa. Essa garota - cujo nome eu não sei e não vou perguntar - sabe o que é tão bem quanto eu. Encontro o estoque em uma gaveta da mesa, de todos os tamanhos, de todos os tipos. Pego um, abro-o e rolo-o.

Ela está ocupada enquanto eu estou envolvido em proteção permanente; seus dedos estão em sua vagina, deslizando em círculos lisos e rápidos, ficando lá de pé,

com os pés abertos, os ombros contra a porta. Eu assisto por um segundo, porque isso é quente pra caralho.

— Você quer assumir, Colt? — ela convida.

— Não. Ver você é divertido.

Isso me dá outro sorriso sexy, que desaparece rapidamente à medida que ela se aproxima cada vez mais, os quadris começando a girar, os olhos tremulando fechados, as coxas tremendo com um pequeno movimento agradável.

Espero até que pareça que ela vai aparecer a qualquer segundo e então agarro seus quadris. Puxo-a para mim. Bato os dedos fora do caminho, assumo o controle e termino com uma punhalada rápida e áspera de dois dedos em sua fenda, polegar contra seu clitóris. Ela goza com um grito baixo, e eu deslizo nela enquanto ela está gozando e empurro profundamente.

Fodo duro, batendo-a contra a porta. Ela coloca as mãos nos meus ombros, levanta um pé para prender a perna em volta da minha cintura. Agarro-a por baixo de sua bunda, levanto-a do chão e depois me enrosco nela com força, com tanta força que sua cabeça recua e seus seios saltam lindamente.

Mas eu passei por muita coisa nos últimos dias para poder sustentar isso por muito tempo, então eu desisto. Giro-a e dobro-a sobre o braço do sofá. Ela coloca as palmas das mãos na almofada, inclina-se para que o rosto fique abaixado, com a bunda erguida, erguida na ponta dos pés. Jesus, ela está ansiosa. Eu deslizo de volta, e foda-se, ela pode não estar apertada, mas está mais molhada do que um deslize, e não parece se importar com a palma da minha mão batendo em sua bochecha. Eu bato nela assim, mais e mais e mais, até que estou perto de gozar.

E então eu puxo, tiro a camisinha e me bato com o punho, atiro por toda a sua bunda grande e redonda, espirrando pingos de semen na espinha, nas bochechas dela e na rachadura.

Há Kleenex em cima da mesa, então eu tomo um momento para limpá-la; Eu gosto de sexo fácil, mas isso não significa que eu sou um idiota sobre isso.

Ela puxa suas roupas, me olhando com curiosidade, como se nenhuma conexão tivesse se dado ao trabalho de fazer isso antes. — Não precisava fazer isso, — diz ela.

— Eu faço uma bagunça, eu limpo. É decência básica.

— Bem, obrigada. — Ela afivelou meu cinto para mim, quase melancolicamente. — Você transa ainda melhor do que luta.

Eu dou a ela um sorriso arrogante. — Obrigado. — Uma buzina toca lá fora, Eli ficando impaciente, provavelmente. — Tenho que ir. Obrigado por um bom tempo.

— Graças a você. — Ela pisca para mim. — Você quer mais, me encontre na próxima luta. Eu posso até trazer uma amiga ou duas, da próxima vez.

Puta merda. — Eu com certeza vou aceitar isso.

— Eu sou Raquel, a propósito.

Outra buzina essa por mais tempo. — Realmente tenho que ir. Meu patrocinador está ficando nervoso. Prazer em conhecê-la, Raquel.

Saio pela porta, corro pela cozinha e atravesso a passarela até à saída.

Eli está esperando em seu estrondoso Buick, e eu me junto a ele, me sentando no banco do passageiro.

— Onde você foi, cara?

Inclino-me no banco, soltando um suspiro. — Negócios— murmuro. Raquel está cuidando da saída, me vê pela janela aberta do Buick de Eli, acena para mim, um meneio dos cinco dedos.

Eli ri. — Ohhhh, esse negócio. Tudo ficou nisso, não é? — Outra risada. — Você não perde tempo, não é? Porra, filho, isso foi rápido. Raquel não mexe com os lutadores, geralmente.

Outro longo e lento cruzeiro pelas ruas, uma linha de baixo pesada batendo nos woofers no porta-malas. Não voltamos para a ponte onde me envolvi com o velho sem-teto. Nós vamos para outro lugar. Não sei onde, mas parece familiar. Prédios baixos, pichações nas paredes, cercas de arame em torno das quadras de basquete, cortiços em ruínas com escadas de tijolos em ruínas e caixas de interfone surradas. Os arranha-céus de Manhattan mal são visíveis à minha esquerda, longe, retângulos altos na névoa da manhã. Eli para em frente a um prédio de apartamentos. Ele sai do carro e desdobra a moldura, puxando a cauda da camisa. Ele cambaleia até a porta da frente e a abre. As campainhas do interfone estão todas quebradas, sem nomes, apenas grafites em marcador preto.

Há luzes piscando no alto, uma escada maltratada, uma garrafa vazia de licor de malte barato no canto. Um preservativo usado. O vestíbulo fede como mijo, fumaça, graxa alimentar e prédio antigo. Eli sobe as escadas e sobe outro lance para o segundo andar e segue para a terceira porta à esquerda. 2B. Ele não bate, apenas abre a porta para revelar uma névoa de fumaça no quarto. Há um calafrio na minha pele. O lugar é bonito - uma mesa baixa no meio da sala, um sofá puído debaixo de uma janela e outro perpendicular a ela. Há uma pequena cozinha, panelas e frigideiras no

fogão, com crostas e fedorentos, pratos na pia, recipientes de bagagem nos balcões, garrafas de cerveja e licores por toda parte.

Uma garota negra descansa no sofá, quase nua, vestindo um roupão esfarrapado, amarrado frouxamente, mostrando seios nus e uma calcinha fio dental. Um cachimbo de metal arde na mesa de café. A julgar pelo cheiro, ela não está fumando maconha.

— Maisy, — Eli murmura. — Acorde, porra.

— Estou acordada. — Ela se mexe, gira a cabeça para me encarar com desdém e depois vê Eli. — O queee foiii?

— Colt. Ele vai bater algumas noites. Não dê a mínima para ele.

— Tem algo de bom para mim, Eli?

— Não. — Eli solta um suspiro frustrado. — Eu acho que você está alta o suficiente, vadia. Talvez amanhã.

— Bem. Foda-se você também.

— Cuidado com essa merda, Maisy. — Eli embaralha lado a lado. Me olha. Há história entre esses dois, mas eu realmente não quero saber o que é. Estou cansado demais para me importar. — Pegue o quarto à esquerda. Tranque a porta.

— OK. — Eu manco, dolorido, cansado, machucado, com fome, sozinho e assustado, em direção ao corredor.

— Voltarei mais tarde. Não vá a lugar nenhum.

— Eu preciso de comida.

— Maisy. Tem algo para comer? — Eli pergunta.

— Eu não sou sua cadela. Ele pode procurar. — Maisy dá um longo tapa no cachimbo, segura a fumaça, sopra com uma tosse e cai de volta no sofá, passando o antebraço sobre os olhos.

— Só estou perguntando se você tem alguma coisa aqui para ele encontrar. — Eli balança a cabeça com nojo. — Você precisa dispensar essa merda, Maisy. Não está lhe fazendo nenhum favor.

— Viva sua própria vida, Eli. Nós não rolamos mais juntos. Lembra?

A merda está ficando tensa.

Afasto-me da sala de estar. — Eu vou ficar bem até você voltar.

— Basta olhar em volta. Ela pode ter algo para comer. Ela está tão alta, que não vai se importar com o que você faz. — Ele esfrega a nuca. — Gostaria de não ter trazido você até aqui. Tudo o que ela faz é ficar chapada e querer discutir.

Ela está olhando para Eli, olhos pálidos, vidrados. Não tenho certeza se ela está vendo alguma coisa.

— Devo tipo, dar uma olhada nela ou algo assim? — Eu pergunto.

Eli acena com a mão em despedida. — Não. Ela ficará bem. Eu garanto que ela não tem o suficiente para se matar. Puta burra não pode ajudar a si mesma. — Ele abre a porta da frente e sai. — Voltarei mais tarde. Fique aqui, de verdade. Fique no quarto e cuide dos seus negócios. — ele diz.

— OK. — Não tenho certeza para onde mais eu iria. Não sei onde estou. Agora tenho um pouco de dinheiro, mas não o suficiente para conseguir um lugar ou uma carona.

Quando Eli se foi, espero no corredor por um tempo, assistindo Maisy. Ela está caída, deitada de lado, as pálpebras quase fechadas, o braço pendurado no sofá, o pulso flácido. Quando tenho certeza que ela está realmente fora da realidade, vou para a cozinha. Porra aqui, cara. O molde está crescendo nos pratos. O fedor é suficiente para virar meu estômago. Não me deixa muito esperançoso que haja qualquer alimento comestível, mas vasculho os armários e a geladeira, só por precaução. Algumas latas velhas de feijão que expiraram seis meses atrás, caixas de gelatina que expiraram há mais de um ano atrás, um pouco de pão mofado, um pote de manteiga de amendoim que parece bem, um pouco de geléia de uva na geladeira, o aro coberto de geléia endurecida. Manteiga de amendoim e geléia, sem pão. Uma caixa de leite, tão velha e azeda que os lados estão inchados. Suco de laranja nas mesmas condições.

Como essa garota sobrevive?

Encontro uma caixa de Cheez-Its em cima da geladeira que não é muito velha, então me acomodo com eles e colheres de manteiga de amendoim. Encontro um copo de suco empoeirado em um armário, enxáguo e encho com água da torneira. Colheres de manteiga de amendoim, um punhado de Cheez-Its. Isso é familiar. Costumava fazer a lição de casa tão tarde da noite que perdia o jantar e depois entrava na cozinha no meio da noite e buscava comida. Muitas vezes, o jantar seria barras de granola, frutas, um PB&J, bolachas, sobras, qualquer coisa que eu pudesse encontrar e comer rapidamente sem ter que trabalhar nisso. Não porque tinha medo de cozinhar ou não sabia como, mas por causa do meu irmão. Kyle. O menino de ouro. Quando eu tinha catorze, quinze, dezesseis, ele estava na escola primária, e Deus me ajude se eu o acordasse. O garoto perfeito e precioso precisava dormir, sabia? Isso é inveja falando, no entanto. Eu sempre tinha que acordar no raiar do dia para ir até à escola, terminar

o dever de casa, enquanto Kyle dormia, era levado para a escola. Não foi culpa dele, mas com certeza estava com ciúmes.

Não que eu seja amargo com Kyle, no entanto. Quero dizer, de verdade. Ele é um bom garoto. Esse é o problema: ele é bom. Inteligente, bem-comportado. Todos os alunos estão na escola, atléticos, ótimos no beisebol ou futebol e escola. Cinco anos mais novo que eu, um mundo entre nós. Quero dizer, quando você tem onze anos e é uma merda por ser estúpido, seu irmão de seis anos fica meio confuso, sabe? E há um mundo de diferença entre garotos nessa idade, de qualquer maneira, mas com tudo o que eu podia fazer para conseguir algo perto de passar nas notas na escola, eu praticamente nunca o via. E acho que meus pais estavam bem com isso. Com medo que minha marca de idiota estivesse pegando, talvez. Com medo de infectar o pobre Kyle com minha estupidez. O constrangimento. Foi assim que papai me viu, e mamãe nunca ousou desafiá-lo abertamente.

Ok, talvez eu esteja um pouco ressentido com Kyle. Eu acabei de ficar doente de tanto ouvir — Por que você não pode ser mais como Kyle?

Nem sei por que estou pensando nele agora, já que tenho algumas outras coisas em mente.

Quando estou tão cheio quanto posso, vou ao banheiro, pensando que talvez um banho seria bom. Abaixo minha mochila no linóleo rachado e manchado no chão, folheando com desgosto a bagunça suja do banheiro. Merda feminina em todos os lugares. Spray de cabelo, maquiagem, pincéis, um milhão de garrafas aleatórias contendo quem-sabe-o quê, uma lata de lixo perto do banheiro transbordando de embalagens de preservativos, embrulhos de bolas de papel higiênico provavelmente contendo o conteúdo usado das embalagens descartadas, vários produtos usados e

descartados... produtos femininos para a época do mês... Produtos de meninas para o mês.

Nojento como a merda.

Jesus, essa cadela é uma babaca.

O chuveiro não está muito melhor. Uma cortina de chuveiro que antes era branca, mas agora é laranja devido a manchas de água, bolor pontilhando o fundo. Ou talvez seja apenas um molde plano. Mais garrafas, um pano velho, duro, cor de ferrugem, dobrado sobre a torneira de uma forma irreversível. Uma fina tira de sabão em um canto. Não vejo toalhas limpas, mas há uma úmida pendurada no canto da porta do banheiro. Verifico o armário embaixo da pia. Ferro de frisar, um saco de presilhas ou algo assim, grampos de algum tipo e pequenos elásticos. Mais caixas de tampões, uma caixa de preservativos e... Merda, um saquinho de drogas, longos cristais brancos, provavelmente metanfetamina. Nunca toquei e nunca tocarei nessa merda. Pelo menos há uma toalha limpa embaixo da pia, azul desbotada, dobrada em quartos desleixados.

Fechei a porta do banheiro e a tranquei. Ligo o chuveiro e o aqueço - por mais quente que seja o que não é muito - e me lavo. Eu esfrego meu cabelo, assobio e estremeço com a picada de sabão no meu rosto. Os cortes na minha sobrancelha e o lábio rasgado e o canto do meu nariz e minha bochecha doíam como o inferno. Esfrego meu corpo e, merda, isso dói também. Eu tenho um monte de hematomas no meu torso, peito, estômago e laterais.

Finalmente estou limpo. Seco, visto roupas limpas e enfio as sujas na minha bolsa e espero ter a chance de lavar a roupa em algum momento.

Finalmente, eu me olho no espelho; cara, eu estou quebrado. Meu rosto está em ruínas, os dois olhos estão pretos e quase inchados, os lábios estão inchados e quebrados e meu nariz ainda está torto, apesar das minhas tentativas de restaurá-lo.

Mas tenho quatrocentos dólares no bolso. Valeu a pena, tirar a merda de mim?

Eu posso comprar minha própria comida agora. Talvez, se eu fizer outras lutas e ganhar mais dinheiro, poderei comprar meu próprio lugar. Um quarto em algum lugar, pelo menos.

Penduro a toalha que usei sobre a barra da cortina do chuveiro, deslizo os dedos pelos cabelos grossos e desgrenhados e tento desembaraçar um pouco e depois saio do banheiro.

Maisy ainda está desmaiada. Ela não se mexeu. Está deitada no sofá com os peitos pendurados e o roupão enfiado no rabo. Ela está roncando alto.

Eli disse que a sala estava à esquerda, então naturalmente eu espio a sala à direita. Nada além de uma cama de solteiro, uma mesa de cabeceira e uma pilha de dinheiro enrolada e com elásticos juntos. As cortinas estão fechadas. Mas é a única sala limpa do apartamento.

Não quero tirar conclusões falsas, mas tenho uma ideia de como Maisy paga o apartamento e as drogas.

Fecho a porta e tento o quarto à esquerda. Está totalmente vazio, exceto algumas barras e halteres em um canto e um colchão nu e manchado de mijo no chão. Sem cobertor.

Foda-se. É uma cama e está dentro de casa.

Tranco a porta atrás de mim, apago a luz e deito. Mais uma vez, enfio minha mochila debaixo do rosto e envolvo os meus braços a volta.

Estou dormindo antes de tomar três respirações.

CAPÍTULO 5

Poder da Terra

Quando Eli disse que voltaria mais tarde, aparentemente ele quis dizer muito mais tarde. Três dias se passaram. Ele me disse para ficar parado, mas eu tinha que comer. Além disso, meu palpite sobre o que Maisy faz com seu tempo, além de tomar metanfetaminas, estava correto. Há grunhidos vindos da sala em frente à minha a qualquer hora. Maisy me ignora completamente. Fico em meu quarto a todo custo, apenas saindo em momentos de silêncio para mijar, ou talvez, pegar um copo de água e outro punhado de Cheez-Its. Mas, eventualmente, estou com muita fome. Eu tenho que sair e encontrar algo decente para comer. Eu preciso.

Penduro minha mochila no ombro, colocando a maior parte do meu dinheiro bem dobrado enfiado num par de meias enrolada, de maneira escondida, na parte inferior. Eu mantenho duas notas de vinte no meu bolso. Memorizo o endereço enquanto saio do prédio e viro à esquerda. Lembro-me de ver alguns lugares de fast food no caminho para cá e vou em direção a eles.

Eu ando três quarteirões.

Atravessando o estacionamento ao lado de uma lavanderia, um grande SUV preto com aros brilhantes e giratórios rasga o estacionamento e para na minha frente, bloqueando o meu progresso. Recuo devagar, com as mãos nos bolsos, o coração batendo forte. Seis caras saem, todos negros, todos grandes, durões, assustadores pra caralho. Eles se arrumam, cada um deles vestindo Jordans brancos brilhantes ou Timberlands marrons impecáveis, bandanas na cabeça ou penduradas nos bolsos.

— Você está no bairro errado, cara, — diz um deles. — O que você tem nessa bolsa? — diz outro.

Merda. Merda.

Meu coração está na minha garganta. A adrenalina bombeia como fogo em minhas veias. Essa bolsa é tudo que tenho. Algumas roupas sujas, algumas bolachas esfareladas e 375 dólares. Eles terão que passar por cima do meu cadáver.

Eu permaneço firme e não digo nada. Eles se espalham na minha frente num semi-círculo. Giro minha cabeça, tentando ficar de olho em todos eles ao mesmo tempo.

Seis contra um. Eu não gosto dessas chances. Isso vai doer.

Um deles se aproxima de mim. — Tyrell perguntou o que você tem em sua bolsa, filho da puta.

— Roupas. Nada mais. — Eu deixei deslizar um pouco, pronto para largar e balançar.

— Besteira.

— É só roupa suja, cara, — eu digo. Eu balanço na frente, abro um pouco o zíper e mostro a ele. — Apenas roupas sujas.

Ele a pega, ou tenta. Eu puxo de volta, arrancando-a de suas mãos. Eu vejo o soco dele chegando, evito, bato meu punho o mais forte que posso em sua garganta. Ele resmunga e embaralha para trás.

Eu sei o que está por vir. Eu recuo para trás, largo minha bolsa e piso sobre a alça. Eles estão se aproximando, todos os cinco. Um bate, eu me esquivo e dou o soco, mas outro punho está chegando ao mesmo tempo e não consigo desviar dos

dois. Eu não sou Jackie Chan, isso é certo. É um soco na nuca e me deixa estatelado. Eu rolo, dou um chute no rim antes que eu possa levantar.

Fica desagradável, depois disso.

Eu dou tudo o que tenho. Eu os coloco para fora, arranco os dentes dos crânios e as virilhas das bolas. Eu tomo soco após soco e continuo me levantando. Estou babando sangue e sinto um dente soltar. Eu suspiro, olhando ofegante, tonto com a cena ao meu redor. Estou cedendo, cambaleando. Um deles está de pé em cima de mim. Ele me empurra, me chuta quando eu caio, me fazendo voar. Eu não posso respirar, porra.

Outro chute. Vendo minha bolsa, eu a agarro e a puxo para mim, enrolando-a. Chute após chute, sacudindo meus ossos e sacudindo meus órgãos.

Ouço um som petrificante: um deslize metálico, seguido de um clique. Uma arma sendo engatilhada.

— Deixe de lado esse idiota, cara. Ele não vale nada.

— Quebrou o meu dente, o inferno que eu vou deixá-lo em paz.

Eu me afasto, cada movimento uma agonia. Rolo de joelhos, luto de pé e cuspo mais sangue. Todos os seis estão de pé, olhando para mim. Eles estão todos machucados e ensanguentados; Eu segurei meus próprios filhos da puta.

O que está na frente tem uma pistola de prata na mão e está apontada para mim. Isso não é besteira de filme em que algum bandido segura a arma num ângulo estúpido para o lado. Ele se aproxima de mim, enfia o cano no meu peito, mói com força. Eu mantenho minha posição.

O sangue escorre na minha boca e cuspo aos meus pés. Encontro o olhar do portador da arma. Limpo meu queixo no meu braço. Olho para ele. Quase o desafiando a atirar em mim, basicamente.

— Vamos lá, cara. Ele não vale a pena. Apenas uma bolacha no bairro errado. Deixe que ele vá embora. — O que fala pede para seu amigo se afastar. Eu levanto meu queixo. Estou com medo feito um frango, literalmente tremendo nas minhas botas. Mas não mostro. Eu continuo olhando para eles, segurando minha bolsa numa mão. Cuspo mais sangue.

Eu juro que estou prestes a levar um tiro.

Mas então um motor rosna e pneus guincham. Eli, em seu Buick, desliza até parar ao meu lado e salta. Ele puxa sua pistola suavemente, segura-a, balançando-a para apontar para cada um dos outros caras.

— Você me conhece. Recue. Você quer começar uma merda comigo, você está começando uma merda com o Train. Para trás... foda-se... fora. — Ele diz a última parte com os dentes cerrados, avançando como se tivesse uma dúzia de amigos armados nas costas, e não apenas um merda, fodido como eu.

Todos recuam, entram no SUV sem dar as costas a Eli. Ele não abaixa a pistola até que o SUV preto esteja fora de vista.

E então ele gira para mim. — Eu disse para você ficar parado, filho da puta!

— E você se foi há três dias, Eli! Não há merda nenhuma para comer naquele lugar, exceto bolachas, cara! Eu estou com fome! Eu não tive nada, exceto aquele sanduíche de antes da luta em mais de uma semana. Eu tenho que comer.

— Você está brincando?

— Por que diabos eu mentiria sobre isso? Você acha que eu estaria lutando com vagabundos sem teto por algum lugar para dormir se eu tivesse algum lugar para ir? Você acha que eu me aventuraria aqui sozinho, se não precisasse? Eu sei o que se passa. Eu sabia que provavelmente seria atacado, e fui. Mas tenho que comer porra e não sabia quando você voltaria. Eu não podia esperar por você.

— Você é um filho da puta maluco, sabia disso, Colt? Eles atirariam em você se eu não tivesse aparecido.

— Quase atirou em mim. — Eu tenho que cair de costas contra o carro de Eli, cedendo, respirando com dificuldade, apertando minhas costelas onde elas doem.

— Você fodeu bem as coisas, cara. Há uma luta hoje à noite. Uma grande. Eu tenho você reservado para lutar contra este gato chamado Moreno. Ele é um grande problema, muito duro. Eu tenho um prêmio de mil por você, aposto cinco G's em você para bater no traseiro dele. E agora você vai e leva um chute no traseiro. Que porra eu devo fazer agora, cara? Não posso desistir.

— Apenas me traga algo para comer. Eu vou lutar com ele e vou ganhar. Apenas me traga comida e deixe-me relaxar.

— Você acabou de dar a sua bunda por seis caras. Você vai lutar de qualquer maneira?

— Não posso me dar ao luxo de recusar mil dólares, Eli. Eu preciso do meu próprio lugar.

Ele ri. — O quê, Maisy não está cortando isso para você?

— Entre a metanfetamina e os truques, não, na verdade não.

Eli faz uma cara de surpresa infeliz. — Essa cadela idiota está se drogando de novo? Eu disse a ela para parar com essa merda. Eu disse a ela que cuidaria dela.

— Não recebeu o memorando, eu acho. Sete ou oito nos últimos três dias.

Sua expressão endurece. — Estou cortando a merda dela, então. Ela não está levando merda de mim, se ela quiser fazer truques nas minhas costas. Puta idiota. — Ele coloca a arma de volta na cintura. — Você precisa de algo da casa dela?

Balanço a cabeça. — Eu peguei minha bolsa. Não ia deixar isso lá.

— Inteligente. — Ele sacode a cabeça. — Vamos.

Subo cautelosamente em seu carro, encosto no estofamento aveludado. Apenas respiro, deixo-o dirigir aonde quer que esteja me levando. Eu devo ter cochilado, porque começo a acordar quando o motor é desligado. Eu me levanto e olho em volta. Mais uma parte de Nova York, semelhante a qualquer outro lugar que Eli me levou até agora. Tanto faz. Não importa onde eu estou.

Há uma lanchonete chinesa, uma academia, uma loja de bebidas e uma loja de telefones celular, tudo enfileirado num único edifício com apartamentos acima. Eli lidera o caminho até à porta que leva aos apartamentos acima das lojas. Escada estreita, lambris com painéis de madeira, o cheiro de comida chinesa permeando o espaço. Há um pequeno corredor com duas portas, uma de cada lado do corredor. Eli bate na porta à esquerda e espera. Ouço várias fechaduras sendo destrancadas, então a porta se abre.

— Eli, ei cara? Quem você tem com você? — Uma voz muito, mas muito profunda. Profunda, densa.

— Rhino, este é Colt. — Eli se afasta para que a pessoa do outro lado da porta possa me ver. Não vejo nada além de pele com tinta, olhos avermelhados e íris marrons, uma pitada de pelos no queixo, uma fatia de testa, uma cabeça raspada. — Colt, este é o meu garoto Rhino.

— Ele é um lutador? — Rhino pergunta.

— Sim. Em ascensão. Precisa de um lugar para bater, e alguma técnica.

— Parece que você acabou de perder uma briga.

— Havia seis deles, — eu digo.

Um aceno de entendimento. Seis-em-um é uma desagradável probabilidade para qualquer um. — Você está com problemas? — ele pergunta, de olho em mim, nos meus machucados e cortes.

— Não.

— Ninguém te procurando?

Balanço a cabeça. — Não.

Essa é a triste verdade também. Não há ninguém me procurando. Eles apenas me deixaram ir. Porque eu não conseguia cumprir os padrões deles.

A porta se fecha, uma corrente desliza, se abre e a porta se abre novamente. — Entrem.

Santo inferno. Eu vejo por que ele se chama Rhino. Um mínimo de dois metros, e provavelmente perto de cento e oitenta quilos. Filho da puta enorme. Couro cabeludo raspado, careca, cavanhaque, correntes de ouro em volta do pescoço, anéis nos dedos. Ele está vestindo um short de ginástica e nada mais, exibindo um físico que me assusta um pouco. Ou muito. Uma camada de gordura, mas por baixo disso

há músculo suficiente para levantar um carro do chão. Tatuagens, um dragão no braço direito, caveiras, letras, um rosto e ‘RIP’ nas letras. Cicatrizes de buracos de bala, cicatrizes de faca e uma cicatriz de queimadura no antebraço esquerdo.

Rhino se acomoda numa poltrona reclinável de La-Z-Boy, com dobradiças e molas rangendo. Há um sofá marrom, felpudo e arranhado, o tecido amassado, almofadas desbotadas e amassadas por décadas de bundas. Eli e eu nos sentamos. Um baseado do tamanho de um cigarro queimava num cinzeiro na mesa de café maltratada, e Rhino o levanta, dá uma tragada. Estende para Eli, que fuma e entrega para mim.

— Então, por que você quer esconder seu garoto aqui, Eli? — Rhino pergunta.

— Tenho que encontrar um lugar. Tentei com a Maisy, mas ela voltou a se divertir de novo, então não vai funcionar.

Realmente não sei por que Eli está fazendo isso. Ou por que ele se importa.

— Eu só preciso de um lugar para dormir por algumas noites. Algumas lutas, terei o suficiente para o meu próprio lugar. — Eu tomo o cigarro quando ele volta para mim.

Rhino ri. — Algumas lutas e você terminou, hein?

— Esse é o plano.

— Esse é um plano estúpido. — Ele ri de novo. — Não é assim que esse jogo funciona, cara. Você não desiste. Especialmente quando o dinheiro começa a aumentar.

Eli parece inquieto, nervoso. — Então, você está?

Rhino deixa a fumaça rolar pela boca numa nuvem espessa. Ele olha para Eli através da névoa. — Ele vence, eu recebo um corte. Quinze por cento.

— Cinco.

— Foda-se você e sua bunda barata. Doze. — Rhino passa o cigarro para Eli. Eli olha para a ponta, pensando. — Dez.

— Tudo bem. Dez. — Um olhar para mim. — É melhor você vencer, garoto branco.

Por que continuo ouvindo isso? — Eu vou.

Ele aperta os joelhos, empurra o corpo para cima. — Melhor ir à academia, então. Veja o que você tem. — Um olhar para Eli. — Ele está lutando hoje à noite?

— Sim. Ele está lutando com Julio Moreno.

Rhino apenas assente. — Depois das pisadas que você acabou de tomar, isso vai ser um saco de luta.

— Eu vou ficar bem.

— Você ainda não lutou com Moreno. — Um sorriso perverso. — Você não ficará bem quando isso acabar.

— Muito inspirador.

Rhino ri. — Você é engraçado.

Ele estende a mão para Eli, e eles batem nas palmas das mãos, batem nos ombros. — Vou trabalhar com ele. Ele pode dormir no sofá por um tempo. Vou levá-lo para a luta hoje à noite.

Eli assente. — Não brigue mais, a menos que você esteja sendo pago por isso, entendeu? — Ele aponta para mim com o dedo indicador, sua expressão séria. — Eu estou falando a verdade, cara. Você tem talento para encontrar problemas.

— Entendido.

Eli sai, então, e Rhino desaparece, reaparecendo vestindo uma camiseta com mangas que foram arrancadas. — Vamos para a academia.

— Você é o dono da academia? — Eu pergunto, seguindo-o.

— Sim.

O lugar está na escuridão; as sombras das máquinas de musculação mal são visíveis, mas vejo um ringue de boxe, uma configuração de bolsas de velocidade e um saco de peso. Rhino acende alguns interruptores de luz e as lâmpadas fluorescentes zumbem e piscam. É um espaço pequeno, mas todo o equipamento é novo e bem conservado, o piso é limpo e as paredes foram pintadas recentemente.

Ele circula o anel e para perto do saco de peso. — Trabalhe no saco, deixe-me ver o que você consegue.

Eu só fico lá por um segundo, me sentindo estranho. — Eu nunca trabalhei numa academia antes. Eu só... Entrei em muitas brigas.

Ele concorda. — O que significa que você provavelmente não tem técnica, e é isso que eu quero ver. Apenas bata no saco com força, como você pode.

Entro numa posição de luta, volto e bato o saco com o punho direito o mais forte que consigo. A pancada é alta e o saco pula para trás, balançando e balançando. Meu punho arde.

— Novamente. Apenas continue batendo nele. Mova-se.

Então eu acerto no saco. Esquerda, direita, cruz, gancho, uppercut. Jogo tudo o que tenho nele, movendo-me em círculos. Encontro um ritmo e me deixo fluir. Me abaixei, teci, sacudi e usei meu torso como impulso até suar e o saco ficar circulando, balançando e balançando.

— Tudo bem. Aguarde. — Rhino assume uma aproximação vaga da posição de um boxeador. — Você gosta disso. Punhos baixos, corpo voltado para a frente, quase em pé, cabeça erguida. — Ele gira para que seu corpo fique de lado, aproxima os punhos perto do rosto, agacha-se. Queixo dobrado, joelhos dobrados. — Precisa ficar abaixado. Dê a eles menos para bater e dobre o queixo para que não seja quebrado. Essa é a maneira mais rápida de ser nocauteado.

Ele se aproxima do saco e soca. Apenas um soco leve, mas o saco está mais afastado do que eu consegui com o meu soco mais forte. Ele olha para mim, garante que eu esteja olhando para ele. — Você está usando seu corpo, você acertou muito. Mas você não está usando as pernas. Um bom soco começa nos seus pés, bem no fundo dos seus pés, cara. Empurre com o pé, deixe que ele se alinhe pelos quadris e pelo braço. — Ele se move numa caminhada lateral de caranguejo, abaixa-se como se evitasse um balanço e, em seguida, dá um soco num arco sibilante. Ele bate no saco com tanta força que eu acho que por um minuto ele o abriu. — Com um golpe como esse, você torce e, como eu disse, tem que sair dos seus pés. Isso pode parecer estúpido, mas tento fingir que tenho toda a Terra me empurrando, torcendo comigo quando dou um soco. Como se o poder estivesse subindo do chão e se movendo através de mim. Sabe o que estou dizendo?

Eu concordo. — Sim, entendi.

Eu me agacho, giro de lado, enfio o queixo e experimento o jab. Eu empurro meus dedos dos pés. Meu corpo inteiro avança com o soco. Sinto a diferença imediatamente, sinto na maneira como meu corpo se move, na sensação do soco, na maneira como o saco pesado é empurrado para trás. Eu deixo o saco balançar, me afasto, circulo, me abaixo com um soco imaginário e tento convocar o poder da terra através dos meus pés. Eu giro, empurro meus pés, empurro com o meu estômago e os ombros, os joelhos e o cotovelo, e o impacto é como um trovão.

— Você entendeu. — Rhino bate na sacola com uma série de socos, altos e baixos, cruzados e ganchos, e eu percebo o quão devastador deve ser lutar contra um hematoma enorme como ele, especialmente com a velocidade e habilidade que ele está mostrando. — Agora você precisa praticar até que esse tipo de movimento seja automático. Segunda natureza, não é? Cada golpe vem bem baixo. Você pode levar uma surra e tanto, e você tem uma técnica naturalmente boa, que é como você ganhou até agora. Um pouco de habilidade natural e muita vontade de ficar em pé, estou certo?

Eu concordo. — Você não está errado.

— Bem, se você quer ganhar regularmente, tem que adicionar muito mais habilidade. Lutando contra um filho da puta como Moreno, a sorte não vai dar certo. Moreno é bom. Ele tem uma reputação de vencedor, por isso, se você pode vencê-lo, isso vai levá-lo a lugares. Te trazer grandes lutas de dinheiro. E é isso que você quer. Grandes brigas de dinheiro me compraram essa academia.

— Você não luta mais?

Ele apenas ri. — Inferno, não. Eu tenho minha academia, não preciso mais lutar.

— Então você desistiu.

— Lutei por quatro anos antes de desistir. Economizei todo o dinheiro que ganhei. Gastei dinheiro com comida e fumaça, e foi isso. Guardei até que eu tivesse o suficiente para comprar este lugar com dinheiro. Você quer sair, tem que pagar suas dívidas. Você não sai rápido. — Sua expressão é séria, dura. — Você está entrando, Colt. Você tem muita luta pela frente.

Esse é um pensamento preocupante.

CAPÍTULO 6

Merda Ruim

Eu danço e pulo nas pontas dos meus pés. Balanço meus punhos e reviro meus ombros e me pergunto em que porra sempre amorosa eu me meti. O homem que está de frente para mim é um predador. Magro, com todas as bordas afiadas e músculos duros, olhos frios e mortos e um leve sorriso. Um metro e oitenta de altura, igual a mim, mas provavelmente dez quilos mais leve. Braços longos, pés rápidos. Seus punhos estão presos nos antebraços, e está claro que ele já lutou pelo menos uma vez hoje à noite, a julgar pelos lábios inchados e cortados, e pela pequena bandagem de borboleta sobre a ponte do nariz. Ele está vestindo um par de shorts soltos e nada mais, sem meias ou sapatos, sem camisa.

Ruiz está entre nós, colocando o dinheiro das apostas no bolso de trás da sua calça cáqui solta e baixa.

Ele olha para cada um de nós. — Sem mordidas, sem truques.

Agora estamos encarando um ao outro, em pé, nós dois respirando devagar e uniformemente, afastando todos os pensamentos, convocando a frieza necessária para espancar o inferno de um estranho contra quem você não tem ressentimento. Julio sorri e diz algo em espanhol, algo insultuoso, se os cacarejos e uivos dos falantes de espanhol na multidão são alguma indicação.

— Os insultos funcionam melhor se a pessoa os entende, — digo.

Ele joga o queixo para mim. — Você tem certeza que quer lutar, gringo? Parece que alguém já te destruiu.

Não há nada a dizer sobre isso, então eu apenas bato os punhos, junto os nós dos dedos e cuspo no chão. A verdade é que eu não quero lutar. Quero me deitar, dormir e não acordar por uma semana. Eu estou sofrendo. Minhas costelas doem pelos chutes, minha mandíbula dói, um dente está solto e meus olhos estão pretos e amarelos.

Mas eu nunca recuo. Não de ninguém.

Então eu levanto meu queixo, parecendo distante e arrogante. Eu ignoro as batidas no meu peito, o zumbido de adrenalina, o medo na corrente sanguínea, e o leve tremor nas minhas mãos enquanto as cerro em punhos.

Ruiz se afasta e coloca o braço entre nós. — Lutem.

Moreno é como um raio maldito e lubrificado. Ele está em cima de mim e martelando os punhos no meu estômago com a rapidez de uma metralhadora antes que eu tenha a chance de colocar meus pés. E então ele está dançando de volta e tecendo, os pés trabalhando ao meu redor como uma dançarina. Um prumo, uma trama, uma finta, e então ele está colocando um golpe vicioso nas minhas costelas e eu estou ofegando e vendo estrelas, e ainda não se passaram seis segundos. Maldito.

Foda-se isso.

Encolho-me, enraizo os pés na terra, sinto o chão embaixo de mim como uma âncora e sinto a névoa de sangue sobre o meu cérebro.

Moreno se aproxima, esperando soltar outra enxurrada de lesmas perversas, mas sou mais rápido que ele neste momento. Ele está no meio de um soco, comprometido. Eu giro, e seu torso está bem aberto. Eu torço com o poder da Terra em rotação, grunhindo enquanto coloco toda a minha força nisso. Balanço meu braço,

giro meus quadris, enrolo meu torso, levanto meu punho como um trem de carga filho da puta para o fígado de Moreno.

Ele está cambaleando para trás, sem fôlego, atordoado pela fúria crua e esmagadora do golpe. Sem misericórdia. Estou sobre ele como um urso machucado, estabelecendo-me em cada soco e extraindo um vigor colossal e primitivo do chão sob meus pés.

Para seu crédito, ele suporta a agressão que eu lhe dou e consegue entregar um cotovelo na minha garganta.

Eu suspiro, e nós dois estamos cambaleando para trás, respirando.

E é quando ele muda a merda em mim. Em vez de vir para mim como eu esperava, com os punhos voando, ele se lança para a frente, pula e envia a bola do pé esquerdo no meu peito. Não consigo respirar, e ele está girando como um ciclone, e posso ver o próximo chute chegando, mas não consigo sair do caminho. Consigo levantar o antebraço, interceptando o chute. Vou ter uma contusão infernal lá, com certeza.

O minuto seguinte é um borrão perverso e cruel de chutes, joelhos, socos, cotovelos, socos no corpo e golpes fortes no rosto. Ele está sangrando e eu também. A multidão está selvagem, como se eles não pudessem acreditar na luta que estão testemunhando.

Eu tenho que terminar isso.

Estou sofrendo tanto que não consigo ver, não consigo respirar, não consigo pensar. Eu mal posso me mover.

Moreno lança outro pontapé no ar, e eu não penso, não planejo, apenas reajo. Pego o tornozelo na dobra do cotovelo, giro sobre ele e pressiono a articulação com força na direção errada, balançando a palma da minha mão sobre o joelho como uma britadeira.

Crack. Ele grita. Ele cai.

Eu cambaleio para trás na multidão silenciosa. Caio, depois sou arremessado para a frente e caio no chão ao lado de Moreno.

Eu vomito e suspiro.

Moreno está no chão, a um pé de distância. Lágrimas brilham em seus olhos, e ele está gritando, segurando o joelho enquanto três caras hispânicos correm em sua direção, gritando em espanhol.

— Me desculpe... Me desculpe... — Estou ofegando enquanto vomito de exaustão e agonia.

Ruiz está no ringue. Olhando para mim. — Você só ganha se estiver de pé, Colt.

— Levante-se, filho da puta, — Moreno rosna para mim com os dentes cerrados. — Levante sua bunda ou você é um homem morto.

Eu rolo de costas, suspiro, cuspo e sinto que ele cai na minha bochecha, na lateral do meu pescoço. Sinto gosto de sangue e bile. Rolo para o lado e levanto os pés debaixo de mim, planto as palmas das mãos no concreto frio, áspero e oleoso e resmungo com o esforço de sustentar meu peso.

Eu não consigo respirar. Cada insuflação dos meus pulmões envia uma onda de agonia através de mim, cada movimento é absolutamente excruciante: costelas quebradas. Não me lembro disso.

A multidão está quieta e silenciosa. Os latinos estão num círculo protetor ao redor de Moreno, e mais de um está empunhando uma faca. Merda está prestes a cair, de verdade.

A tensão é tão espessa que é como uma névoa na sala. Ninguém nem se atreve a respirar. Aparentemente, não há problema em bater num cara até transformá-lo numa polpa sangrenta, mas não é bom aleijá-lo. Quem diria?

— Vencedor, Colt. — Ruiz me empurra sem cerimônia através da multidão e do lado de fora.

O armazém fica num cais, a água batendo suavemente contra os postes. A lua está no alto, iluminando formas na água, evidência de um píer que já esteve aqui. Manhattan é uma vista cintilante sobre a água. Podemos estar em Nova Jersey, não sei.

— Jesus, Colt! — Rhino está lá, de repente, me dando um tapa nas costas. — Você esmagou a bunda dele, cara. Eu não posso acreditar nessa merda. Você fodeu com ele!

Eli está do meu outro lado. — Isso foi brutal, meu homem.

Eu continuo sentindo o joelho dele esmagar sob o meu punho. Eu poderia estar doente de novo pela memória. — Eu não quis...

— Mas você conseguiu. Não pode voltar atrás agora. — Rhino está parado na minha frente, cutucando meu torso com dedos grossos, balançando a cabeça quando

eu estremeço e gemo com seu toque. — Quebrou algumas costelas. Você parou de lutar por um minuto, filho. Vamos.

Eu tenho que andar sozinho. Eu me recuso a me apoiar nele, ou em qualquer pessoa. É uma batalha, porém, apenas para chegar aos cem metros do cais até o carro de Rhino, uma grande Escalade com rodas brilhantes e efeitos retorcidos. Subir no couro liso me tira tudo o que me resta.

Eu vejo o carro de Eli à nossa frente, e então ele se foi e Rhino está balançando a cabeça para o baixo estridente do hip-hop vindo dos alto-falantes.

— Nada pode ser feito para costelas quebradas, deixe-as se curar por conta própria, — diz ele. — Mas eu tenho uma merda que vai aliviar a tensão.

Eu apenas gemo e desmaio contra a janela. As luzes amarelo-alaranjadas brilham no alto e desaparecem, e há o zumbido do túnel e a lavagem ocasional dos faróis que se aproximam, e eu tenho que lutar por cada respiração.

— Foi uma luta e tanto, — diz Rhino. — Você fez um nome para si mesmo com essa. Os caras grandes vão querer um pedaço de você, agora. Muito dinheiro está vindo no seu caminho.

— Eu não posso... Eu não consigo respirar... — Eu suspiro.

Rhino apenas ri, um som como uma avalanche. — Costelas quebradas fazem isso. Endireite-se, incline o encosto do banco. Não force as fraturas e elas se sentirão melhor. Ainda dói como uma filha da puta, mas não tão ruim quanto se seu tronco tivesse que ser enrolado.

Eu levanto o assento para trás até sentir a tensão puxar e, de repente, posso respirar um pouco mais facilmente. A lança da agonia recua um pouco, o suficiente

para que eu possa respirar superficialmente. Não muito profundo, ou a dor me atinge como um tiro.

Quilômetros e minutos passam em silêncio. Rhino olha para mim. — Vi um cara ser morto no ringue, uma vez. Apenas um acidente de merda. Levou um golpe no crânio, caiu e abriu a cabeça. Estávamos a quilômetros de qualquer médico, então ele apenas... Sangrou. Estremeceu e sangrou até que ele não estava mais respirando.

— Jesus.

— É uma luta subterrânea, cara. Merda ruim vai acontecer. — Ele torce o punho no volante. — Eu destruí algumas pessoas no meu tempo. Quebrei tanto a mandíbula de um cara que ele precisou de cirurgia reconstrutiva, fios, parafusos e essas merdas. Coloquei outro cara em tração por um mês. Quebrei as pernas, arranquei os dentes. Não é bonito. Você não luta nesses ringues e não distribui dor, assim como você não luta nesses ringues e não sente dor. Você vai machucar, e você vai se machucar. Não pode sair agora. Só tem que lidar com isso.

CAPÍTULO 7

Divisão; o drive-by

Cinco meses depois

Depois que minhas costelas finalmente cicatrizaram, Rhino me fez treinar como um cachorro.

Horas e horas e horas na academia e então eu sequer conseguia me mover. Ele me forçou a engolir shakes e barras de proteína, me obrigou a comer peixe como se eu fosse um maldito pinguim. Eu comia dois bifes de cada vez, meia dúzia de ovos todas as manhãs. E me fez correr cinco milhas todas as manhãs e me pressionava para levantar, levantar, levantar, e mergulhos e todo tipo de merda chique o dia inteiro. Sem brigas, sem garotas, apenas horas intermináveis na academia, aulas de técnicas e horas esmurrando o saco e a bola de velocidade e lutando com Rhino. Descanso aos domingos, fumar maconha até flutuar no espaço sideral, beber, ouvir hip-hop, passeiar pelas ruas no Escalade do Rhino.

Ele me apresentou a centenas de pessoas. Ele conhece todos na vizinhança, velhos e jovens, homens e mulheres. Todos. Crianças, velhos, OGs [2] duros pra caralho, bebezinhos. Todos o abraçam, batem no seu ombro robusto e ficam felizes por estar com ele. Eles me olham com cautela a princípio, mas eventualmente me aceitam.

[2] OGs- Gíria Original Gang. Geralmente usado para designar os membros mais antigos ou os originais de uma gang .

Quando o quinto mês passou, eu já havia acumulado dezoito quilos de puro músculo. Se eu era um bolo de carne antes, sou um monstro agora. Também não esquecemos o dia das pernas, por isso sou leve nos pés. Havia dias inteiros só de treino dos pés, pular pneus como se vê em noticiários de campos de futebol, fazer saltos explosivos nas plataformas de três a quatro pés de altura. Eu treinava minhas pernas até ficar gelatinoso da cintura para baixo, mal conseguindo colocar um pé na frente do outro.

Não vi Eli nenhuma vez durante esse tempo. Rhino diz que falou a Eli que eu precisava de tempo antes da próxima luta para curar as costelas e me condicionar. Em troca de comida, alimentação e treinamento, ajudo Rhino a administrar sua academia. Eu limpo as máquinas, empilho os pesos no final do dia, organizo os bancos, reabasteço as bebidas, treino com lutadores no ringue. Faço tudo e qualquer coisa, e não me importo. Sempre gostei da queima de um treino matador, mas a diferença entre os exercícios com peso corporal que fiz no meu quarto e o treinamento muscular direcionado e com equipamento especializado é incrível. Não estou magro e musculoso agora, honestamente, estou trincado. Inchado com camadas de músculo e pouca gordura. Mas rápido, e meus punhos são como relâmpagos.

Rhino treina comigo, tarde da noite. Quando começo a melhorar no ringue, percebo que ele se segura cada vez menos, sinto seus golpes ganharem poder, vejo-o trabalhando para desviar dos meus e ficando tenso para pegá-los. Ainda não me envolveria numa briga com Rhino, mas ganhei mais confiança em minhas habilidades de luta.

Quando treinar para a minha próxima luta, vou ser imparável.

Eli aparece num domingo e joga uma sacola enorme na mesa. Rhino puxa um broto e o quebra em migalhas. Eli tem uma cigarrilha e a abre, sacudindo o tabaco no cinzeiro e depois o entrega a Rhino, que enche o papel vazio com maconha, e o enrola de volta numa ponta grossa. Ele acende e entrega a Eli primeiro, seu direito como fornecedor de drogas. Eli respira fundo, segura, passa para Rhino; há uma ordem hierárquica nessas coisas, e eu vou por último como o novo cara.

Eli lança um olhar para mim enquanto lentamente deixa a fumaça espessa sair do nariz. — Você está forte, cara.

Eu concordo. — Rhino está chutando minha bunda.

— Fica bem em você. Você parece um assassino.

— Esse é o ponto, — Rhino murmura. — Ele vai esmagar alguns filhos da puta, agora.

Eli esfrega as palmas das mãos nos joelhos enquanto dou minha tragada. — Consegui uma luta para ele na terça-feira. Um cara novo, grande e mau. A escolha de Train, como uma proposta, caso Julius não decida.

— Como está Julius? — Eu pergunto.

Eli encolhe os ombros. — Ainda chutando a bunda. Train ensinou-lhe algumas aulas de Muay Thai com um cara chamado Johnny. Ele está se machucando.

Vejo Rhino dar uma tragada enorme. — Como é o novo cara? — Pergunto.

Eli encolhe os ombros novamente. — Como eu disse, grande e mau. Não tão grande quanto você, agora. Mas novo. Só teve uma luta, e foi por pouco. Acho que você não terá nenhum problema.

Rhino balança a cabeça. — E não vai. Não acho que muitos caras da lista possam pegá-lo. — Um olhar afiado para mim. — Não fique convencido. Você nunca sabe como é um lutador até lutar com ele. A única luta que perdi foi para um filipino. Mais rápido, bate como uma porra de uma bazuca. Pulei tão rápido que não consegui acertar. Ele me derrubou tão rápido que minha cabeça ainda estava girando no dia seguinte. Achei que o esmagaria como um inseto, ele era tão pequeno. O ponto é: não seja arrogante. Mas acho que você não terá nenhum problema.

* * * *

Não tive nenhum problema. Dominei aquela luta e mais duas naquela noite.

E depois de quatro meses de celibato, graças a Deus Raquel estava trabalhando na luta naquela noite. Ela me apresentou sua amiga Lisa, e nós três fomos como Donkey Kong, minha primeira vez com mais de uma garota, o que, honestamente, foi muito mais trabalhoso do que eu pensava, manter duas garotas de uma vez só. Ainda bem que sou coordenado.

Mais três lutas na semana seguinte e o mesmo no próximo - e agora que conheci Lisa, se Raquel não estava lá, Lisa estava, ou uma de suas amigas. Os tipos de garotas que trabalham de topless em lutas secretas… Um bom momento e todas parecem gostar de mim. Talvez fosse só porque acabei com todos os filhos da puta na minha frente. Eu era uma máquina de destruição. Enchi o banco, como se costuma dizer, mil por luta no primeiro mês, dois mil por luta no mês seguinte, chegando a cinco no terceiro mês. E guardei tudo. Cada centavo. Continuei no ginásio de Rhino e dirigindo o barco para ele e treinei no ringue e nos sacos até meus dedos ficarem

como pedra. Comecei a prendê-los, até os antebraços, e lutei descalço, como Julio Moreno. Parte inspiração e parte porque parecia certo. Concreto nu sob meus pés, eu podia sentir o chão, podia sentir cada soco torcendo como um tornado.

Cuidei do meu banco e lutei como um tigre ferido. Luta após luta. Semanas. Meses.

Mais cedo do que esperava, saí dos dezenove para os vinte anos. Não tive notícias de mamãe ou papai ou de alguém em casa. Me pergunto sobre Kyle, como ele está. Ele tem treze anos agora, acho. Quase quatorze? Eu realmente não sinto falta de casa, mas sinto muita falta da mamãe. Ela era legal comigo, na maior parte. E Kyle também. Mas... Estou aqui agora, progredindo. Não é muita vida, mas é minha. Melhor do que estar na porra de Harvard ou onde diabos papai quis que eu fosse. Essa merda soa como o inferno, se quer saber.

Eu tomo surras, é claro. Vou para casa ensanguentado, nariz quebrado, costelas doloridas. Mas eu sempre ganho. Sempre.

E então eu fico idiota. Fico arrogante.

É tarde, cedo, tanto faz realmente não me lembro. Acho que são quase três da manhã, talvez quase quatro. Já lutei uma vez e ganhei dez mil. Sei formas de bater o pobre idiota no domingo. Estou me sentindo bem, me sentindo imparável. Caras que entram no ringue comigo estão tremendo, com medo. Eles sabem o que meus punhos podem fazer, me viram destruir lutador após lutador, rasgando-os como papel de arroz.

Tanto faz. Por volta das três da manhã, Eli desliza ao meu lado, onde estou enterrado na multidão, assistindo a luta. Corpos estão suados e fedorentos ao meu redor, gritos ecoam no armazém, punhos na carne.

Eli me dá uma cotovelada. — Tenho uma proposta para você.

Eu olho para ele. — Sabe que eu estou pronto para uma briga.

Ele balança a cabeça. — Não. Não isso. É um desafio. Dois lutadores de nível médio querem enfrentá-lo. Ambos de uma vez. Nunca foi feito antes, mas Train e eu estamos dispostos a colocar dinheiro em você. Preço alto. Mas precisa ter certeza, porque esses dois são bons. Um a um, você não vai se ferrar. Mas dois de uma vez? Pode ser um problema. O negócio é: você aceita o desafio, nós o negociaremos com o que apostarmos na vitória. Você perde você nos paga. De qualquer maneira, isso vai te machucar. Esses caras não são brincadeira.

Meu peito incha. Orgulho - arrogância estúpida e tola - preenche meu crânio. — Foda-se eles. Eu aceito os dois.

Eli olha para mim. — Tem certeza, cara? Tem segurança? Porque estamos falando... Uns cem mil, pelo menos. Para você, ou você nos deve. Se você perder, terá que lutar de graça até recuperarmos nosso banco.

Tenho cinquenta mil, mas é todo centavo que guardei de Rhino. Cada maldito centavo. Mas cem mil... ? É a entrada para a loja de automóveis. Conheço um cara perto da academia de Rhino que tem uma loja de carros, mas ele está lutando. Ele precisa de uma nova entrada de dinheiro para novos equipamentos e precisa de outro mecânico para levar clientes. Já provei minha habilidade desmontando e remontando um motor para ele, então é uma questão. Mas Diego precisa de cento e cinquenta mil dólares de participação mínima. Essa luta poderia me levar até lá, já que eu teria que lutar mais vinte vezes para conseguir isso.

Além disso, sou arrogante.

— E os pego, Eli. Sem suar.

Eli me dá um tapa nas costas. — Certo, cara. Mas é melhor você vencer. Está na hora.

— Vocês sempre dizem isso para mim. — Eu rolo os ombros e olho para Eli. — Quando é a luta?

Eli gesticula para o ringue, que eliminou os lutadores anteriores, e vejo dois caras negros enormes entrarem, sem camisa e com físico rasgado, tatuagens de gangue e cicatrizes. Ambos têm bandanas verdes amarradas às presilhas, professando afiliação a uma gangue em particular. Não tenho certeza de qual, mas não me importo. Eli não estava brincando. Esses caras são grandes e de fortes. A única razão pela qual são considerados de nível médio é porque são relativamente novos, com menos de dez lutas. Muito sangue derramado pelos dois nas ruas, sem dúvida.

Sinto uma contração de dúvida. Foda-se isso.

Empurro a multidão que se abre quando percebe que sou eu. Quando estou no ringue, tiro a camisa, os sapatos e as meias. Ainda tenho as mãos enfaixadas. Faço alguns polichinelos para bombear o sangue. Pulo usando apenas os pés e panturrilhas, depois estico as pernas e quadris. Os dois lutadores assistem, sorrindo. Eles estão imóveis, lado a lado, braços cruzados nos peitos enormes. Suas juntas estão marcadas. Um tem um corte na sobrancelha, o outro um lábio inchado; os dois lutaram esta noite.

Ruiz está no centro do ringue. Ele está me olhando, balançando a cabeça. — Má ideia, *ese*. Eu vi esses caras lutando. Eles são ruins.

— Deixa comigo.

— Seu funeral. — Ele se dirige à multidão. — Temos algo novo hoje à noite. Um dois-em-um. O único, e apenas... COLT! Mais de cem lutas e ele permanece

invicto. Tentando derrubá-lo estão Irving e Jermaine, oito lutas cada, sem perdas. Probabilidades? Isso é complicado. Um a um, Colt é fortemente favorecido. Dois em um assim? Suas chances caem muito. Eu diria que é o mesmo que combinar na melhor das hipóteses.

Merda, merda, merda, merda.

Agora que estou em contato com esses caras, estou começando a sentir o menor sinal de medo. Esta é uma má ideia. Uma péssima ideia.

Não posso voltar atrás agora. A única coisa a fazer é me agarrar ao medo. Deixo cristalizar e endurecer dentro de mim. Medo é o que te mantém cuidadoso. Medo te torna um sobrevivente. Tenho medo e vou vencer.

Cem mil na mão. Deixe-me colocar as mãos em algumas ferramentas, colocar um pouco de graxa nas unhas novamente. Óleo de motor em minhas narinas, o barulho de um motor afinado.

— Prontos? — Ruiz olha para Irving e Jermaine, que apenas olham impassíveis.

Ele olha para mim e eu aceno. Bato meus punhos juntos. A batida dos ossos são meu sinal.

— Lutem! — Ruiz recua, deixando a mão entre nós.

Jermaine e Irving - não tenho ideia quem é quem, sendo parecidos o suficiente para passarem muito bem por irmãos - se separam, circulam em direções opostas, de modo que não tenho como manter os dois na minha frente. Porra sou um idiota. Maldito idiota arrogante. Vou chutar minha bunda. Um deles oscila, um golpe solto e preguiçoso. Devem ter me visto lutar; precisam saber que essa merda não vai voar.

Eu me esquivo, e é aí que, tarde demais, reconheço a tática. Eu me esquivo... Direto do cara atrás de mim. Bem no rim. Um gemido danço para trás, giro, balanço, faço contato com uma caixa torácica forte para frente e balanço novamente. Coloco toda força em cada golpe, e agora o caos está no meu sangue, o mundo é dor e sofrimento e socos jogados, socos tomados.

A névoa de sangue nubla minha visão. Minha sobrancelha está aberta. Corte de lábio. Corte nas costelas. Mas ainda continuo. Eles estão sangrando, sofrendo, mantendo distância quando não estão atacando. Tático, aqueles dois filhos da puta.

Nunca juntos, nunca onde posso ver os dois. Martelo um, o outro está atrás de mim, batendo com o punho em minhas costelas, em minhas costas.

É um knock-down se arrastando, uma surra brutal para todos os três. Eu principalmente.

Tenho que acabar com isso.

Desvio de um uppercut danço e giro, me abaixo e dou um golpe forte no diafragma. O outro está atrás de mim, golpeando-me sem piedade, mas apelo a toda minha vontade, toda minha determinação e esqueço a dor. O golpe do diafragma cria uma abertura momentânea, um torso exposto enquanto ele respira fundo. Jogo meu punho direto, meus dedos batem na garganta e ele cai, ofegando e engasgando, rolando para longe. Giro num clinch com o outro, o suficiente para recuperar o fôlego, e então o empurro para longe e dou um soco no estômago para ganhar mais tempo. O outro ainda está abatido, ainda engasgando. Eu passo por ele, levanto e encontro seu olhar. Ele tem os olhos arregalados, aterrorizado pela asfixia. Balança a cabeça, levanta a mão — *...não; estou fora.*

Um a um, agora.

Cuspo uma gota de saliva sangrenta enquanto encaro meu oponente restante. Ele é um animal enfurecido, respirando com dificuldade, uma mão no joelho, babando sangue. Me olhando com ódio enquanto recupera o fôlego. Entro, de frente, com o queixo alto, o peito inchado com o hálito vingativo. Dois em um?

Eu consigo isso.

Mas ele é rápido. Mais rápido do que eu pensava. Tão rápido porra. Me põe abaixo do meu balanço e enterra o punho no meu estômago, me dobrando com um golpe tão poderoso que quase vomito. Me bate de cabeça, quebrando o nariz. Martela três socos no meu fígado.

Estou tonto, cambaleando, cedendo. Ele está em mim, feroz e assustador, brutalizando-me até que eu esteja pronto para implorar para que pare, mas eu não paro, fico de pé por pura força de vontade. Eu cambaleei, depois caí de joelhos.

Terminei.

Ele está sobre mim, uma posição que conheço muito bem, preparado para finalizar, aquele punho angular de fúria para baixo, para me acabar. Me esmagar.

Ainda tenho uma chance, uma última explosão de poder, talvez. Eu espero por isso.

Ele olha a multidão, sentindo a vitória. Estou engasgando com ranho, saliva e sangue, e cada fibra do meu ser dói. Mal posso respirar. Minhas costelas estão quase quebradas novamente, eu acho machucadas por golpes sem fim. Minhas pernas estão fracas e meu coração bate rápido por tanto esforço. O vômito se acumula na minha garganta, quente e ardente, ácido biliar atrás dos dentes. Pingos de suor, sangue cobre meu rosto, meu peito e meus punhos. A multidão grita selvagem, esperando minha queda.

Ele balança um golpe em arco destinado ao meu crânio.

Eu me lanço para a frente, sinto o concreto áspero sob meu ombro rasgar minha pele enquanto rolo. Eu mergulho para ele, o pego de joelhos com meu ombro. Ele está de pé, e ouço sua cabeça bater no chão. Ele está atordoado, mas não caiu. Batidas mais fortes, tenho certeza, um filho da puta durão como esse não é fácil. De jeito nenhum.

Subo sobre ele e sento em seu peito, golpeio seu rosto com os dois punhos, um-dois, um-dois, com o uivo selvagem estridente da multidão, e então Ruiz, Eli e Rhino estão me afastando, e quando ele diz '*estou fora*', fico mole.

Eles me soltam e caio de joelhos, vomitando bile e sangue. Eu cuspo, tusso e soluço. Incapaz de me levantar desmorono para a frente e sinto o concreto frio esmagar meu rosto, mas não me importo. Não consigo respirar, não consigo me mexer.

— Tem que ficar de pé para vencer, Colt. — Ruiz, como sempre. Calmo.

Não aguento mais. Estou babando e há uma poça de sangue debaixo do meu rosto. Tusso novamente, provando bile e o cheiro metálico do sangue. Coloco meus joelhos embaixo de mim e depois luto com as palmas das mãos no chão de cimento. É bagunçado, desleixado e indigno, mas sou um hambúrguer. Me apoio em mãos e joelhos. Respirando com dificuldade, luto para colocar um pé no chão. Tenho que gemer e me puxar, como se estivesse tentando dar o último rep no supino. Ninguém vai me ajudar. Não podem, não vão e eu não deixaria. Tenho que levantar sozinho, ou não vale.

Eli observa, Rhino observa. Ruiz espera. Sem contar, apenas à espera. A multidão se acalmou.

Eu caio de volta. Não consigo. Estou muito machucado. Muito. Quero chorar, dói muito. Estou gritando por entre os dentes cerrados enquanto esforço, empurro...

— COLT! COLT! COLT! — A multidão canta, punhos no ar. Eles querem isso.

— Fique de pé, garoto branco, — Rhino resmunga.

— Vamos lá, cara, — diz Eli. — Não me irrite agora, cara.

— Foda-se... Você... — Eu engasgo, apesar de baba, sangue e soluços de esforço. Um pé.

Empurro-me de volta no joelho com as duas mãos, tremendo, grunhindo como se estivesse levantando o mundo sobre meus ombros.

Meu segundo pé é plantado no concreto e estou de pé. Foda-se sim, inferno, sim, eu levantei.

Cem mil, baby.

Eu cambaleio para trás, bato em Rhino, que agarra meu bíceps e me segura no lugar. Estou tonto, tonto, vendo em dobro, mal ficando de pé.

— Colt vence, — diz Ruiz. — Paguem perdedores.

Jermaine e Irving ainda estão no chão. Empurro Rhino e tropeço até eles. Inclino e estendo minha mão para aquele cuja garganta esmaguei. Ele bate a mão na minha e eu o levanto. Ele não diz nada, e mesmo que pudesse, o que diria? Sem laços entre nós, é exatamente isso que fazemos: bater a merda um do outro por dinheiro. Filhos da puta loucos, nós somos. Dou uma cambalhota instável para o outro, e ele está piscando para mim por entre olhos vermelhos e inchados, baba pelos lábios inchados e rachados. Estendo minha mão para ele.

Ele hesita. Não quer pegar minha mão ou aceitar minha ajuda para se levantar. Há inimizade aqui, porque não se pode lutar sem sentir a raiva te queimar. É assim que se vence essa raiva. É o que todos temos em comum, uma raiva básica que nos alimenta. Mas no final, seus olhos procuram os meus. A palma dá um tapa na minha mão e eu o levanto. Ele me afasta, envolve um braço em torno de seu amigo ou irmão, e eles cambaleiam juntos. Inclinando-se, murmurando um para o outro.

Observo sua camaradagem fácil e familiar com inveja.

Eli e Rhino me afastam. Ambos têm pilhas de maços de dinheiro com faixas de borracha nas mãos. Apostaram muito na minha vitória.

Eles me deixam encostado no painel frontal do Escalade preto do Rhino, empilham seus ganhos no capô e contam sobre ele, sempre de olho nos arredores. Não deixaria passar alguém para fazer algo. É muito dinheiro.

— Essa foi por pouco, cara, — diz Eli.

E, naquele momento, percebo uma coisa: Eli não é leal a mim. Sou uma vaca de dinheiro para ele. Ele ganha dezenas de milhares de dólares comigo todas as lutas, todas as semanas, e sou seu cara desde que ganhe. Assim que eu perder, ele me abandonará.

Vejo Rhino me olhando, olhando Eli. Ele vê, me vê perceber. Balança a cabeça: *não aqui, agora não*.

Não digo nada a Eli por alguns minutos, reunindo meu senso para não cuspir algo imprudente. — Mas eu ganhei, — é o que eu digo.

— Sofrível. — Ele me entrega dez pacotes de dinheiro. Restam pelo menos vinte, talvez até mais. Se cada pacote é de dez mil, ele tirou facilmente duzentos mil

de mim e está me dando menos da metade, que é uma porcentagem muito maior que o normal.

Ganhei cem mil dólares nessa luta, e é apenas a minha opinião sobre o que Eli e Rhino conseguiram. Tenho cento e oitenta mil dólares depositados, agora. Isso é muito dinheiro; eu provavelmente poderia ter a participação na garagem de Diego, mas estaria trabalhando para ele, e não é o que eu quero. Preciso do meu *próprio* lugar. Continuarei apostando cada centavo até poder comprar mais do que uma participação na loja de outra pessoa. Não tem mais a ver com dinheiro, pelo menos.

Ele coloca as mãos nas pilhas de dinheiro, olhos frios e duros para mim. — Dê uma pausa, Colt. Semanas, talvez. — Seus olhos percorrem o meu rosto, e até ele estremece. — Cara, você está ferrado. Tirou um pouco da sua beleza.

— Obrigado. — Digo isso secamente.

Eli ignora meu golpe sarcástico, estende uma palma para mim e bato nela. Sem ombro aqui. — Estou fora, cara. — Ele se vira para Rhino e eles se abraçam. — Cuide do meu menino. Coloque-o de pé novamente.

— Estou de pé, — protesto.

Eli apenas ri. — Uma criança de seis anos pode derrubá-lo, cara.

Estou com raiva. De mim mesmo, dele. Me pergunto quanto ganhou nos últimos dois anos em que lutei por ele. Estou com raiva por ter demorado tanto para perceber que ele não é leal a mim. Eli leva seu dinheiro para o Buick, e o motor pega com aquele barulho gutural lindo. Ele se foi em uma nuvem de exaustão e um rastro de luzes traseiras vermelhas.

— Vamos sair daqui, Colt. Você precisa de alguns pontos, pelo menos. — Rhino pega seu dinheiro e joga-o descuidadamente no banco de trás, depois pula no banco do motorista.

Vou devagar, cautelosamente, subindo no banco do passageiro quando uma figura sai do armazém, indo em minha direção. No começo, acho que é Raquel ou uma das outras garotas e, na minha condição atual, não tenho certeza se posso lidar fisicamente com qualquer coisa, por mais que me doa admitir.

— Ei, espere. — É um cara negro, talvez vinte e oito, vinte e nove, magro, musculoso. Negro como tinta, como sombras não filtradas.

— E aí, Split? — Rhino diz. Parece... Quase apreensivo. — Posso ter um minuto com seu garoto Colt?

— Realmente rápido.

E me trocam como se fosse uma criança ou uma posse. Irritante. Split se afasta e fica de costas para a parede de blocos de concreto do armazém, esperando por mim. Ele mostra autoridade, fazendo-me procurá-lo. Eu manco magoado, irritado, cansado, pronto para cair.

— O que há? — Eu pergunto.

Split pega um baseado já enrolado, acende e passa para mim. Negócios, então. — Estou com os Five-One Bishops.

Passamos de um para o outro enquanto conversamos. — OK.

— Você quer sair do ringue. — Não é uma pergunta.

— Eu poderia.

— Pare de jogar. Eu vi essa merda. Você venceu essa luta pela pele dos seus dentes. Eu acho que há um uso melhor para suas habilidades.

— Qual seria?

— Me ajudando. Preciso de alguém nas minhas costas que não seja... Familiar. Pressionar pessoas que não trabalham como deveriam.

— Executor, basicamente.

— Preciso de um soldado. — Ele aponta Rhino com um gesto sutil que só eu posso ver. — Quando você parar de lutar, ele vai encontrar outra pessoa. Sem ressentimentos, mas é o que ele faz. Eli? Cara, você perde uma vez, está acabado. Você está sozinho aqui. Não tem amigos. Rhino não é seu amigo. Eli com certeza não é seu amigo.

— E você é?

— Poderia ser. Meus garotos poderiam ser. — Encontro seu olhar, finalmente, e o que vejo me assusta.

Sem frio; há vida em seus olhos, mas de um verdadeiro guerreiro. Ele viu merda. Ele conhece morte e violência, derramamento de sangue e perda. Seus olhos são penetrantes. Há uma afiada inteligência em seus olhos, uma capacidade aguda de avaliar alguém com um único olhar. Seus olhos são claros, castanhos claros, quase cáqui. Ferozes, penetrantees.

— Não te ofereço um emprego, cara. Te ofereço uma *vida*. — Ele aponta o polegar para trás, no interior do armazém e as brigas ainda acontecem lá dentro. — Isso não é vida.

— Por quê eu?

— Porque é um sobrevivente. Um vencedor. Assisti aquela luta, cara, e você estava acabado. Você estava arrumado. Mas conseguiu. É uma qualidade desperdiçada lá.

E não é desperdício ficar numa gangue? Não digo isso, mas acho. E, no entanto... Ele apresenta uma tentação.

Odeio lutar. Gosto de ganhar e do dinheiro, mas está cobrando um preço. E a surra que acabei de tomar... Não sei se posso fazer de novo. Isso me trouxe dinheiro, mas, como Split diz, mal consegui. E se não tivesse, ficaria em dívida com Eli e Rhino. Dívida que jamais pagaria. Nunca seguiria em frente. Estou ganhando muito dinheiro, lutando por Eli e Rhino, mas é um jogo perdedor. Eventualmente, alguém vai me derrubar, e estarei acabado. Talvez seja hora de sair do jogo enquanto estou por cima. Eu poderia ter amigos, alguém para me vigiar. Uma vida em que não acorde com dor, com costelas machucadas e saliva sangrenta e um nariz quebrado. Não vou ganhar tanto dinheiro, pode levar mais tempo para comprar minha loja, mas estou começando a perceber que talvez exista uma forma melhor, uma vida melhor para mim do que bater na cara e levar um chute na bunda semana após semana.

— Deixe-me dizer uma coisa, — diz Split. — Você ganha minha lealdade, eu garanto sua vida. Você ganha a lealdade dos meus meninos, nós garantimos sua vida.

— Como ganho sua lealdade?

— Dê as costas. Nunca volte atrás. Faça o que tem que fazer. Lealdade aos Bishops antes de qualquer coisa. Sempre.

— Preciso pensar sobre isso.

— Não pense muito. A oferta não permanece por tanto tempo. — Ele aperta a ponta do baseado de quinze centímetros de comprimento.

— Como posso te encontrar?

— Eu sei onde você está. Eu passo por lá.

— Certo.

Se afastando, joga o baseado no fundo de um maço de cigarros. Eu o vejo sair, e quando ele está fora de vista, volto ao SUV de Rhino. Ele está recostado no banco do motorista, a aba do boné dos Yankees puxada para baixo nos olhos. Quando entro, devagar e com grunhidos de dor, ele ergue a aba e me olha.

— Então. Vai ficar com os Bishops, hein? — Ele liga a caminhonete e se afasta do armazém.

— Poderia.

— Acha que é difícil sair do ringue? Os Bishops nunca te deixarão sair.

— Ainda não decidi. — Alguns minutos passam em silêncio. E então arrisco a pergunta. — Você conhece Split?

— Vejo ele por perto. O território dos Bishops é por perto. Quanto a Split? Só não faça dele seu inimigo. Tudo o que tenho a dizer sobre isso.

Vindo de Rhino, isso diz alguma coisa.

* * * *

Tomo a decisão alguns dias depois. Tarde da noite, Rhino e eu estamos levantando pesos. Só ele e eu na academia. Em algum lugar na rua, os pneus guincham. Não penso nisso. Rhino, no entanto, ouve algo no uivo da borracha

queimada que não ouço. Ele joga a barra nos ganchos, desliza para fora do banco muito mais rápido do que um homem do seu tamanho deveria e pega minha barra de duzentos e cinquenta quilos em suas mãos, ajeita-a e me puxa para fora. Tudo isso leva menos de quinze segundos. Faróis inundam a rua além da janela de vidro da academia.

Há uma mesa num canto, com um grande arquivo de metal cinza ao lado. Rhino me empurra pela sala, forte o suficiente para eu bater na parede com um baque. Ele tomba sobre a mesa e, com um empurrão violento, derruba o arquivo para o lado. Ele me puxa para baixo, empurra minha cabeça para baixo e fica paralelo ao chão, abre uma gaveta da mesa e puxa uma enorme pistola semi-automática preta, uma Magnum, talvez. Não sei muito sobre armas. Grande pra caralho é tudo o que posso dizer com certeza.

— O que está acontecendo, Rhino? — Eu pergunto.

— Mantenha sua cabeça baixa e cale a boca. — Ele está atrás da mesa, seu volume enorme encolhido o máximo possível atrás do metal desgastado da mesa.

Nesse momento, quando estou prestes a perguntar novamente o que diabos está acontecendo, um velho sedã de quatro portas derrapa parando na frente, talvez um modelo Taurus do início dos anos 90 ou algo parecido. Eu me escondo atrás do armário quando percebo o que está prestes a acontecer. A alguns metros de distância, há uma explosão ensurdecedora, Rhino abrindo fogo primeiro. O vidro da placa se despedaça, e outra explosão estrondosa atravessa o ar. E então é uma zona de guerra. Tiros de automáticas, espingardas, revólveres. A Magnum de Rhino explode devagar, metodicamente, e ouço um grito de dor, um segundo, um terceiro.

Vejo um pedaço de parede explodir sobre minha cabeça e, em seguida, o armário de arquivos apita e bate com o impacto das balas. Paro de respirar e só espero que as balas não passem pelo metal. Eu ouço um grunhido de Rhino e, em seguida, três tiros rápidos de sua pistola, um silêncio e, em seguida, um clique batendo enquanto ele recarrega.

Há uma fração de silêncio, e então ouço o som pesado dos passos de Rhino, botas esmagando o vidro, e ele está explodindo, gritando e pneus gritam.

— Fora daqui, filhos da puta! Não me podem vencer! Vou matar todos vocês!

Silêncio novamente.

Levanto minha cabeça e avalio. O gesso da parede acima da minha cabeça está esfarelado, pregos aparecem uns destruídos. O armário que me escondi atrás está cheio de buracos. A mesa também.

O vidro suja o chão e a calçada em torno da moldura da janela, e vejo as luzes da rua brilhando no vidro, nas conchas espalhadas na calçada. Rhino está parado no meio da rua, com a pistola pendurada ao lado. Ele veste uma regata; o sangue escorre em seu braço, um corte alto no bíceps, perto do ombro. Saio para a rua ao lado dele.

Há três poças de sangue diferentes na estrada, brilhando em preto. — Malditos punks. Pensando que podem atirar na minha merda e fugir. Acabam de assinar suas sentenças de morte. Um OG não se deixa matar, filhos da puta. Vou matá-los a todos.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Ele gira e sua palma bate no meu peito, me fazendo tropeçar para trás. — NÃO! Não, não estou bem. Eu levei um tiro, e minha academia está fodida. E é tudo

porque sua bunda idiota não pode recusar uma briga que você não tem como negociar. Deveria dizer não, idiota garoto branco. Burro estúpido. Porra de burro estúpido. Sorte que aqueles punks não conseguiam atirar em merda nenhuma.

— Esses eram... Como eram os nomes deles? Irving e Jermaine?

— Sim, eles e o resto dos Trey-Nines vêm atrás de você. Começando alguma merda que não podem terminar. Estou aposentado dessa merda, mas agora eles me irritaram.

— Por que eles fariam isso?

— Por embaraçá-los na luta. Você não deveria ter vencido. Eles não permitem essa merda.

— Me desculpe.

— Precisa sair daqui. Eles voltarão, e vou atirar neles.

Ele caminha de volta para a academia, passa pela moldura da janela. Eu o sigo e, quando ele abre um armário estreito e pega uma vassoura, eu pego e começo a varrer.

Ele assiste por um momento, depois vem na minha direção, me tirando a vassoura. — Não, cara. Minha academia, eu vou limpar. Saia daqui.

— Rhino...

— Não estou bravo com você, garoto. Mas se você ficar com Split e eles, esta é sua vida. Será você em um carro assim, atirando na casa de alguém. Saiba disso. Você fecha com os Bishops, essa é a sua vida.

— Não sei mais para onde ir. O que mais fazer?

Ele encolhe os ombros. — Bem-vindo às grandes ligas, cara.

Deixo-o varrendo vidro e gesso, subindo as escadas, enfio minhas roupas e minhas economias em dinheiro na mochila. Tenho quase duzentos mil nessa mochila, desta vez. É tudo o que tenho e ainda cabe numa mochila.

Desembalo uma pilha de dinheiro, uma pilha de dez gramas. Eu o levo enquanto volto para a academia, onde Rhino está arrancando o gesso arruinado das paredes com as mãos, rasgando-o em empurrões furiosos, puxando grandes seções de gesso e jogando para o lado. Assisto por um segundo, sentindo uma pontada. Não quero sair daqui. Eu gostei daqui, malhando, comendo, fumando, apenas relaxando, seguro, longe de tudo.

Coloco o dinheiro na mesa e Rhino vê.

— Eu não quero a porra do seu dinheiro, cara.

— Mas sua academia...

— Não se trata de dinheiro. Construí este lugar com minhas próprias mãos. Coloquei as vigas, coloquei o drywall. Trouxe todos os equipamentos aqui. Construí o anel. Pendurei a janela. Um carro idiota e tenho que fazer tudo de novo. Eu tenho dinheiro. É só... é só o fato de ter que fazer tudo de novo. Entendeu?

Ele joga a pilha de dinheiro de volta para mim e eu a pego e a coloco na mochila.

Faróis se aproximam, mas sem pneus rangendo. Rhino sente a enorme pistola na parte de trás da cintura, mas não parece preocupado. Os faróis se ampliam até à frente de um Pontiac GTO enferrujado dos anos 70 aparecer. O motor ronca alto, mas tem uma pegadinha no barulho, um pistão está com defeito. Precisa de um ajuste.

Os faróis permanecem acesos, o motor continua a roncar, mas a porta do motorista abre e Split sai um trapo vermelho e elástico amarrado na parte de trás da cabeça. Ele olha as poças de sangue na rua, a moldura da janela, os buracos de bala na mesa, na parede e no armário. A porta do passageiro abre e outro cara sai. Jeans mais curtos, grossos e pretos, calças largas penduradas, camiseta branca até as coxas. Anda com arrogância profunda, não diz nada, apenas fica ao lado de Split.

— Deixe-me adivinhar... Trey-Nines? — Split diz, passando pela moldura da janela.

— Você entendeu, — responde Rhino, olhando para cima e depois voltando sua atenção para empilhar o drywall em um canto.

— Acha que eles sabem com quem começaram a brigar?

Rhino encolhe os ombros. — Com certeza vão descobrir.

— Quer que eu leve os garotos para passear? — Split pergunta, e a pergunta é complicada.

— Não. Eu consigo. Coloque os Bishops nisso, teremos um problema de quatro vias. Bishops, os Eighty-Eights, os Trey-Nines, e seus garotos da 113 Posse. Só leve Colt e deixe-me lidar com isso.

Split assente, depois olha para mim. — Colt?

Dou um suspiro. — É isso, ou tentar as ruas novamente por conta própria. Acho que estou dentro.

Split se endireita e me encara. — Não, veja, você tem dois problemas. Primeiro, agora que os Trey-Nines estão atrás de você, não vai durar uma hora lá fora sozinho. Dois, você não pode achar. Você está dentro ou não.

— Foi uma luta cara a cara que eu venci! Como podem estar atrás de mim?

— Você não deveria ganhar. Então você ganhou e os ajudou. Precisam salvar a cara.

— E se eu for com você?

— Os Trey-Nines não se atrevem a começar nada conosco. Temos o dobro do número, muito mais território e mais alianças. Se começarem a brigar com os Bishops, eles caem. Vamos limpá-los. Não sobrará ninguém.

— E você vai me aceitar, só porque venci essa luta?

— Você tem que ganhar seu lugar, mas sim.

— Odeio apontar o óbvio, aqui, mas... Sou branco, você é negro. Não sou daqui. Não conheço você ou seus amigos. E você me deixou entrar em uma gangue negra de rua?

— 'Gangue negra de rua'. — Ele ri. — Você é engraçado. Você não estaria 'na turma'. — Ele enfatiza a frase com um tom de voz zombeteiro. — Estaria comigo. Talvez com o tempo eu levaria os outros a aceitá-lo, mas isso levaria um tempo.

— Por quê?

Ele franze a testa para mim. — Por que questiona isso?

Eu dou de ombros. — Nada é fácil. Nada é gratuito.

— Aceite isso.

— Eu só não entendo. Não sei muito sobre como toda essa merda funciona, mas sei que não funciona assim.

— Inteligente. Geralmente não. — Ele se inclina perto. — Mas tenho um problema e acho que pode me ajudar a resolvê-lo. Em troca, você terá proteção. E como um cara branco neste bairro, você precisa.

Como cheguei aqui? O que estou fazendo? Como esta é a minha vida?

— Estou dentro. — Não vejo muita escolha. Rhino quer que eu vá. Eli vai me largar no segundo em que eu perder uma luta. Mas o triste é que, apesar de economizar muito dinheiro, não tenho mais para onde ir. O que eu faria? Hambúrgueres no McDonald's? Não conheço Split, na verdade, mas parece uma saída do ciclo interminável em que fiquei preso, onde não ouso perder, não ouso atrapalhar, não ouso confiar em qualquer um. Quero confiar em Split, quero sentir que tenho alguém com quem contar. Não há muito a perguntar, eu acho.

Outro par de faróis aparece, vindo da outra direção. Em seguida, outro e um terceiro. Três utilitários esportivos pretos deslizam, parando em uníssono em frente ao ginásio de Rhino, a menos de um metro do carro de Split. Quinze homens saem dos utilitários esportivos, todos vestidos com jaquetas jeans pretas, jeans pretos folgados, botas e chapéus de ianques como Rhino costuma usar. Todos carregam espingardas e revólveres, e alguns têm rifles de assalto pendurados nos ombros. Eles não dão um olhar para Split ou para mim, e não falam uma palavra. Eles passam por nós e entram na academia. Rodeiam Rhino, que nem se incomodou em estancar o sangramento da ferida de raspão no bíceps. Murmúrios baixos.

Rhino empurra a multidão. — Hora de vocês irem.

Ele tem uma pistola na mão. O comportamento de pessoa tranquila e descontraída que conheci mudou completamente. Frio, duro, enorme e assustador pra caralho. Não é alguém que eu quero estar no caminho.

Mais um par de faróis aparece desta vez um furgão. Ele range até parar, dois jovens negros pulam e abrem a porta traseira. Equipamento de construção, baldes de gesso, escadas, uma enorme folha de vidro presa a uma parede emoldurada, uma nova mesa, um novo arquivo. Vassouras, latas de lixo, pás, caixas de ferramentas.

Rhino não espera o reconhecimento, apenas desliza para o banco do passageiro da frente do SUV principal e o resto dos membros da gangue armada se aproxima dele. Em questão de segundos, os três caminhões se foram e os dois que restam para lidar com a reconstrução estão ocupados removendo os detritos.

— Hora de ir, — diz Split. — Vou explicar o que preciso no caminho.

Deslizo atrás, um cara que não conheço está sentado no banco do passageiro ao lado de Split.

Ele se vira e simplesmente diz: — T-Shawn. — Ele estende o punho e nós batemos.

— Colt.

— Bem-vindo aos Bishops.

De alguma forma, não acho que seja tão fácil quanto tudo isso - um breve ei, você é bem-vindo. Você sempre tem que se provar e, neste mundo, isso nem sempre é fácil. Mas estou prestes a descobrir.

Quando partimos para a noite, a realidade fria se instala - estou começando de novo.

Novamente.

CAPÍTULO 8

Uma garota chamada India

Ser aliado dos Bishops não é o que pensei que seria. No final, é só... Viver: trabalhar, comer, fumar, ser pago, uma foda ocasional com uma das sempre dispostas garotas que andam com os Bishops. E, claro, algumas pequenas intimidações físicas e bullying, brigas por território, sacos de maconha em movimento, pequenas coisas assim. Split geralmente só quer uma forma de fazer com que as pessoas que lhe deviam dinheiro pagassem sem ter que recorrer a atirar nelas. Conseguir que prestassem atenção entende? Ele usava a velha escola: intimidação. Duro. Mostre-lhes que ele quis dizer negócios. Foi aí que eu entrei. Eu era grande, forte e disposto a acertar alguns estômagos, se era o necessário para fazê-los entender. E, para mim, isso significava não ter mais que lutar no ringue. Meu trabalho principal era assustar as pessoas e fazê-las pagar.

Às vezes eles aguentavam.

E nunca acabava muito bem para eles.

Eu era trazido; e batia neles por aí. Solte alguns dentes, alguns narizes sangrentos, machuque algumas costelas. Esses caras eram frequentemente jovens bandidos que pensavam que eram durões. Deviam dinheiro a Split por drogas ou deviam a lealdade a Split e não demonstravam. Meu trabalho era convencê-los do contrário, sem que Split tivesse que sujar a mão.

A primeira vez que alguém recusou, Split - que normalmente ficava quieto atrás da porta - deu um passo à frente e ficou na frente do imbecil teimoso e apenas o

encarou. O pobre homem assustado cedeu num piscar de olhos. Claramente ele sabia algo sobre Split que eu não sabia.

Alguns meses depois, outra pessoa decidiu delatar, e prendeu um dos Bishops por posse de narcóticos e armas de fogo ilegais. A coisa sobre este mundo é que a lealdade é rei. Você nunca fala com policiais. Nunca. Eles procuravam ficar longe do nosso território, na maioria das vezes, exceto em patrulhas ocasionais, ou se alguém puxava uma arma e começava a atirar. Então, se alguém denuncia, especialmente para os malditos narcóticos, isso não termina bem.

Split me disse para ser duro e não mostrar piedade. Então eu fui duro e o deixei no chão, uma bagunça sangrenta. Quando terminou, Split caminhou devagar, como uma cobra deslizando pela grama em direção a sua presa.

Ajoelhou-se e sussurrou algo no ouvido do dedo duro.

Imediatamente senti o cheiro de urina - o cara estava urinando de medo. No dia seguinte, esse mesmo cara foi levado para fora de sua casa em uma sacola. Não se sabe quem o matou, mas não fui eu e não foi Split. Aparentemente, o informante tentou negociar com seu cara do outro lado do distintivo por segurança de Split.

Aparentemente, não funcionou muito bem para ele.

Mais algumas vezes, não com muita frequência, alguém bufava ou resistia. Se apenas resistiam, eles se machucavam e eram convencidos a pagar e jogar junto. Se eram informantes... Eles desapareciam. Ou eram encontrados mortos. Uma bagunça.

Eu não ligava muito para nada disso, mas o que poderia fazer? Eu me aliei aos Bishops. Eu tinha que prestar atenção em que lado da rua andava que cor de roupa usava com quem falava. Se fizesse errado, falasse errado, usasse a cor errada, acabaria morto ou começaria uma guerra por território.

Todo mundo sabia que eu estava com Split, o que me fez um membro de fato dos Bishops.

Então um dia as coisas mudaram.

Estou com Split e T-Shawn no GTO de Split - que eu havia ajustado para ele corretamente, é claro - e estamos viajando pelo território dos Bishops, devagar, batendo palmas através das janelas abertas do carro e trocando cumprimentos, acenando, fumando. E então, no cruzamento logo à nossa frente, o inferno se abre em uma fração de segundos.

Um garoto, um novato, buscando o respeito dos Gs mais velhos, estando do outro lado da rua. Do lado dele. Um carro passa, desvia com força, prende o garoto no painel esquerdo e ele voa. A cabeça dele se abre contra o meio-fio, o sangue saindo do crânio quebrado.

O acelerador é pisado, e o velho carro salta em perseguição. Nós uivamos na esquina, pneus gritando. O outro carro está a algumas dezenas de metros à frente quando Split puxa sua peça de baixo do assento, uma pequena nove preta. Ele solta algumas e acerta o pneu traseiro e o para-brisa traseiro. T-Shawn também faz, causando sérios danos.

Estou sentado atrás, congelado de medo; isso é novo. Antes disso, houve muitos roncos e socos, bastões, correntes, algumas facas puxadas e um pouco de sangue derramado. Mas ninguém morreu, além dos delatores. Nenhuma arma foi disparada, pelo menos na minha frente. Talvez os Bishops da gangue cuidaram dessa merda sem mim porque, mesmo agora, sou o estranho, o novo cara, o branco, o desconhecido.

O carro à frente desvia pneus fumando, aros faiscando na calçada e depois pára.

Split interrompe o GTO, chega na minha frente e abre o porta-luvas e me entrega uma pistola como a dele.

— De jeito nenhum. Eu nunca uso uma arma. — Balanço a cabeça.

— Eles mataram um Bishop, — murmura T-Shawn. Ele não fala muito, mas quando fala, você ouve. — No nosso território. Por nenhuma razão, porra. Apenas uma maldita criança.

Pego a peça. É fria e pesada. Parece estranha na minha mão. Split sai e eu sigo alguns segundos depois, com o coração disparado. T-Shawn balança, a arma apontada. O carro à frente está silencioso e completamente parado. Não há som. Não há carros em lugar nenhum.

O carro fica a apenas seis metros de distância, no máximo, mas parece uma milha com aquela pistola pequena e pesada na mão.

Meu coração está na minha garganta, grosso e amargo. A adrenalina troveja em minhas veias.

Split vira a cabeça em direção ao lado do motorista e gesticula para eu dar a volta para o lado do passageiro. Arma para cima, segurada com ambas as mãos. Avanço devagar e com cuidado.

BANGBANGBANG!

Sinto algo quente e duro morder meu ombro, e então tudo fica nebuloso. Meu ombro está mais quente que o inferno, tão quente que está entorpecido e sinto uma dor latejante. Agonia forte. Sinto-me avançando, vejo um rosto e um logotipo do

Mets, uma pistola, o cano um amplo buraco negro.Percebo que vai dar tudo errado. BANG! Algo passa pelo meu rosto. Sinto minhas mãos sacudirem involuntariamente, e então ouço algo estalar.

De repente, tudo o que vejo é vermelho.

E então silêncio. Silêncio profundo e vibrante.

Split está na minha frente. Não consigo ouvi-lo, mas vejo sua boca se mexendo, mas não ouço nada. Há um trovão nos meus ouvidos que abafa tudo. Split está me puxando em direção ao GTO e me empurrando para o banco de trás, onde caio contra a janela.

Algo molhado escorre pelo meu braço. E dói como o inferno.

Split está em silêncio agora, e o GTO está arrasando. Ele pega um velho celular bloqueado, abre e disca um número com o polegar. Eu o ouço cuspir algumas palavras concisas para a pessoa do outro lado e então desliga. Ele está correndo rápido demais nas esquinas, ziguezagueando, gritando para diminuir a velocidade em uma esquina e depois acelera. Depois de alguns quarteirões, ele finalmente diminui para a velocidade normal de direção.

T-Shawn olha para mim. — Você é corajoso?

Balanço a cabeça e giro para mostrar meu ombro. — Estou deixando sangue no seu assento.

— Foda-se, cara, — diz Split. — Por que você não me diz alguma coisa?

— Alguma coisa — Estou tonto, entorpecido por causa da dor.

— Espertinho. — Ele gira o volante e atravessa três faixas de tráfego para fazer uma esquerda repentina. Split tira sua bandana e entrega para mim. — Coloque alguma pressão nessa merda. Segure firme.

— Eu o matei, não foi?

Split não responde imediatamente. — A menos que aquele filho da puta possa sobreviver a um buraco na cara, sim, você conseguiu.

— Merda.

Split finalmente me olha no espelho retrovisor. — Ele atirou primeiro. — Ele aponta para o meu rosto. — Quase te pegou também.

— Ele me pegou.

— Não, cara. Verifique sua merda. — T-Shawn abre a viseira, angula o espelho para que possa me ver nele. Há uma linha vermelha escorrendo sangue pela minha têmpora. Aquele último tiro foi a milímetros de se enterrar no meu crânio.

— Puta merda.

— Você é G de verdade agora, cara. Cuidou da retaguarda. Não vamos esquecer isso. — Ele para o GTO em frente a um prédio de apartamentos no coração do território Bishop.

Entramos, até o quarto andar. Uma das portas se abre e uma jovem negra sai correndo, com tranças estreitas pendendo até o meio das costas, argolas de ouro nas orelhas. Ela veste jeans azul escuro apertado e uma blusa branca. Ela pula em Split e envolve seus braços e pernas em volta dele. T-Shawn está lá, mas silencioso, como sempre.

— Eu ouvi, — diz ela. — Você está bem?

— Estou bem. — Faz gestos para mim sem colocá-la no chão. — Ele não está bem. Precisa que olhe o ombro dele.

— Casa da mamãe.

Split gesticula na porta, olhando para mim. — Entre. Está seguro aqui. — Ele se dirige à namorada. — Callie, este é o meu garoto Colt. Colt, esta é minha namorada, Callie.

— Oi, Callie.

Ela sorri para mim. Ela é baixa, curvilínea, bonita, um sorriso branco vibrante num rosto castanho claro. — Ouvi dizer que você apoiou meu homem hoje. Obrigada.

— Ele cuidou de mim, então... — Dou de ombros, imaginando que o resto é evidente.

— Split tem bom coração, ele só esconde. — Callie lidera o caminho para dentro do apartamento.

Cheira a comida e cigarros. Tetos baixos, pintura descascada, piso de madeira arranhado e com um tapete oval de malha puído no meio do piso. Uma TV de tela grande de 20 anos, alto-falantes enormes, uma mesa de café e cinzeiros e caixas de papelão de Newports completam a decoração. A cozinha fica perto da sala e Callie nos leva até lá. Uma mulher que poderia ser gêmea de Callie, talvez vinte anos mais velha, está parada no fogão, mexendo algo na panela. Uma grande mesa quadrada ocupa a maior parte da cozinha, e minha atenção é imediatamente capturada pela jovem sentada à mesa.

Esqueço meu nome. Esqueço o ombro ferido. Ela é… Incrivelmente linda. De tirar o fôlego.

Mesmo sentada, posso dizer que ela é alta, talvez com quase um metro e oitenta, e quase da minha idade, vinte e poucos anos. Ela tem cabelos longos e encaracolados, pendurados em espirais apertadas, explodindo numa auréola em torno do rosto magro e de características duras. Seus olhos escuros são profundos entre maçãs do rosto angulares e altas. Parece que é parte asiática, parte negra, tão linda. Deus, que linda. Seus olhos encontram os meus, e eu juro que o ar brilha entre nós.

Callie vê e fica entre nós, estalando os dedos. — Oh, *inferno* não. Você, garoto branco, sente sua bunda. Mama? Pode ver o ombro dele?

A mãe de Callie coloca a colher de pau no topo da panela, limpa as mãos no avental, desata e a põe no balcão. Ela lava bem as mãos, depois vasculha um armário embaixo da pia, puxando um prato largo de cerâmica branco cheio de caixas de suprimentos médicos. Ela puxa uma cadeira da mesa e gentilmente empurra meus ombros até eu me sentar. Não consigo tirar meus olhos da garota. Sou sugado.

Split e T-Shawn desapareceram em algum lugar do apartamento, deixando-me sozinho com três mulheres que nunca vi antes, uma das quais não consigo parar de olhar.

— Preciso tirar a sua camisa, — diz a mãe de Callie. Eu tento, mas não consigo levantar o braço. Dói muito mesmo tentar resistir a isso. Ela pega uma tesoura. — A camisa está arruinada de qualquer maneira. Eu vou cortar.

Alguns cortes, e o algodão manchado de sangue se foi, e estou nu da cintura para cima. Os olhos da garota são imediatamente atraídos para minha parte superior

do corpo. O que, reconhecidamente, é bem reforçado. Ela não consegue desviar o olhar de mim, e eu não consigo parar de olhar para ela. Callie vê, e não gosta disso.

— Você não tem algo para fazer, India? — Callie diz.

India dá de ombros, um pequeno sorriso tímido e doce no rosto. — Não. Estou bem.

Callie olha para mim e depois se vira para a garota. India; Deus, até o nome é lindo. Callie bufa. — Ele é *branco*, India.

— E eu sou meio coreana. Onde você quer chegar?

— Meu ponto é..., — ela solta um suspiro frustrado. — Ele é *branco*, — ela repete.

— Ele pode ser azul como um maldito Smurf, — diz India, — ele está bem como o inferno.

— Vocês sabem que estou sentado aqui? — Eu tenho que respirar e tentar cerrar os dentes com um gemido de dor enquanto a mãe de Callie cava no meu ombro com algo afiado. — Porra, isso dói.

— Bem, se você não tivesse saído e levado um tiro, eu não teria que cavar a bala, teria? Crianças estúpidas, atirando umas nas outras. Por quê? Drogas? Orgulho? Todos vocês são um monte de idiotas.

— Ele estava me ajudando, — diz Split, da porta da cozinha, onde está encostado no batente da porta. T-Shawn não pode ser visto em lugar nenhum. — Um carro parou e esbarrou em Lil B. Ele estava atravessando a rua e o atropelaram. Eles o mataram. Sem motivo. Tive que cuidar disso.

— Lil B está morto? — A mãe de Callie diz a voz triste.

— Sim.

— Quem era? — Callie pergunta.

— Ninguém mais com quem você se precisa preocupar. — A voz de Split é fria e dura. Sem arrependimentos. — Como está indo, Cleo?

Sou grato por ter a dor para me distrair da ideia do que acabei de fazer - matei outra pessoa.

A mãe de Callie, Cleo, não responde, inclinando perto do meu ombro e apertando os olhos enquanto retira cuidadosamente as grandes pinças médicas - talvez fórceps - do buraco no meu braço. Ela deixa cair um pedaço de metal avermelhado numa tigela de cerâmica e depois pega uma garrafa de álcool e um punhado grosso de toalhas de papel.

Cleo olha para mim enquanto aperta as toalhas de papel na minha pele logo abaixo da ferida de entrada. — Isso vai doer como uma cadela, filho.

Ela me leva a inclinar para trás na cadeira e mal tenho tempo de cerrar os dentes e inspirar antes de Cleo derramar o álcool na ferida.

Não há palavras para descrever a agonia rasgante, ardente e abrasadora. Estou consciente de India, me observando. Não ouso gritar; orgulho não me deixa. Ela não mostra o menor indício de melindre, então acho que isso não é novidade. Tento respirar, mas as respirações saem como grunhidos e gemidos quando Cleo derrama mais álcool na ferida. Finalmente, ela coloca a garrafa no chão. Graças a Deus. Dou um suspiro de alívio.

— Não fique muito animado, querido, — diz Cleo. — Ainda não terminamos. Ainda precisa fechar a ferida, e isso dói mais do que limpá-la.

Porra.

Ela também não está brincando. Ela faz uma bola apertada de gaze e a força na ferida, e não posso evitar um rosnado enquanto ela faz isso. Empacota e depois mais. Queima muito. Merda isso dói. Quero chorar de tanta dor, mas India, Split e Callie estão assistindo. Então eu pisco, respiro e amaldiçoo. Um grande curativo é colado sobre a ferida e, finalmente, Cleo se levanta e lava as mãos na pia.

— É melhor você relaxar um pouco esse ombro, — diz Cleo. — Vai demorar algumas semanas, talvez alguns meses, antes de curar. Mova demais, ele começará a sangrar novamente. Terá que mudar esse curativo duas vezes ao dia também. Split, certifique-se de trazê-lo para que eu possa vê-lo.

— Certo, — diz Split. — Obrigado, Cleo.

— Sim. Agora vá. Preciso fazer o jantar.

Eu me levanto e fico atrás de Cleo. — Obrigado, Cleo. De verdade, eu...

Ela gira, olha para mim, os olhos duros e com raiva, mas há compaixão enterrada profundamente. — Me agradeça não me obrigando a fazer isso de novo. Fique longe de problemas.

— Vou tentar.

Ela suspira e balança a cabeça. — Eu digo a Split para ficar longe de problemas desde que ele saltava como um gafanhoto, mas veja quão bem me faz. Perdi a conta do número de vezes que consertei seu traseiro. O mesmo para T-Shawn. Você voltará, acredite em mim.

Suas palavras me irritam um pouco e com certeza espero que ela esteja errada sobre isso.

Callie, India e Split saem pela porta e descem para a calçada correndo na frente dos prédios de apartamentos, esperando por mim. Não sei mais o que dizer a Cleo, então apenas me viro e saio, levando as ruínas da minha camisa comigo. Minha cabeça está girando, meu ombro dói como um filho da puta, e me sinto doente por dentro. Mal chego à entrada da frente do prédio e saio para a rua.

Split me cutuca em direção ao carro dele. — Vamos.

Surpreendo-me dizendo: — Não, cara. Não me sinto tão bem. Só quero ir para casa. — Há muita coisa acontecendo na minha cabeça, no meu coração. Acabei de atirar em alguém, e a realidade disso está me atingindo com força.

Split levanta as sobrancelhas, e posso vê-lo se perguntando qual é o problema. — Qual é cara, tenho algumas coisas boas no carro. Tudo o que você precisa são alguns hits e nem se lembrará do que aconteceu.

Sempre treinei, não importava qual era a situação, mas de alguma forma isso é diferente. Não é apenas a dor de ter acabado de levar um tiro, é uma maldita crise existencial, é o que é.

Posso ver India e Callie sair do carro e vir até nós. Merda, só quero me deitar - eu não preciso de uma porra de audiência.

India se aproxima de mim, quase, mas não exatamente se colocando entre Split e eu. — Não vê que ele está cansado, Split? Deixe-o ir. Se ele quer ir para casa, deixe-o ir para casa.

Não sou do tipo machão, mas ter uma garota me defendendo é estranho. Estou tonto. A dor está me atingindo onda após onda, me deixando enjoado. Estou balançando de pé, piscando com força, tentando manter tudo junto. Mas merda, só

preciso me sentar. Mas não consigo achar palavras para dizer isso. Só balanço, lutando contra a inconsciência.

India envolve um braço em volta da minha cintura. — Vamos lá, venha comigo.

Eu deveria argumentar, mas não o faço. Eu a deixo me guiar de volta para o prédio, até o quarto andar mais uma vez, passando por Callie e Cleo até a unidade duas portas abaixo. Ela tira uma chave do bolso do quadril e nos deixa entrar. Não há ninguém aqui, o apartamento está escuro, silencioso e tem uma sensação de vazio. India tem que apoiar uma mão contra a parede oposta do corredor para segurar meu peso flácido. Após uma porta, num quarto feminino, paredes brancas com pôsteres de bandas, fotos de modelos e recortes de revistas de moda, um edredom rosa suave na cama, um sutiã pendurado na maçaneta da porta do armário, outro nas costas de uma cadeira, calcinha e camisetas, jeans e saias no chão. Confuso, mas vivo, cheirando a feminilidade e suavidade.

Vejo isso com um olhar superficial, mas me sinto mais tonto do que nunca, e o latejar no meu ombro é tão ruim que não consigo ver a dor. India me abaixa o mais gentilmente possível para a cama - não é uma tarefa fácil, considerando o meu tamanho.

Coloco meu braço sobre os olhos, tento respirar através da dor. — Eu só preciso descansar um minuto. Vou sair daqui assim que puder.

— Você não vai a lugar algum, — diz India. — Minha mãe trabalha no hospital, vou ver se ela consegue alguns antibióticos para você. Você precisará deles. E um pouco de curativo para que eu possa cobrir essa ferida.

— Não precisa me ajudar.

— Eu quero.

— Por quê?

— Eu gosto de você. Você é fofo.

— Fofo?

Ela ri um som musical. — Quero dizer duro. E robusto. E bonito.

— Isso é melhor.

Ela coloca o cobertor nas minhas pernas. — Relaxe um minuto. Você não precisa ser duro o tempo todo.

Eu já estou dormindo.

A próxima coisa que sei é que estou acordando, ainda no quarto de India, em sua cama. O quarto está escuro, porta entreaberta. A luz branco-azulada de uma TV pisca na sala de estar, e posso ouvir outros sons indescritíveis no apartamento, vozes murmurando, pratos batendo. Eu me levanto, estremecendo com a pulsação no ombro. Tento fazer um teste, mas é impossível, a dor que dispara me diz que não usarei este braço tão cedo. Entro na sala, vejo India no sofá, assistindo um reality show, uma almofada feita à mão no colo. Quando me vê, ela levanta um canto do cobertor em convite, um sorriso tímido nos lábios. Sento ao seu lado. Um pouco perto demais, talvez – coxas encostando, cotovelos batendo, quadris tocando. Mas India não se afasta, mesmo que tenha muito espaço do outro lado, se quiser. Na verdade, ela se mexe um pouco mais perto de mim.

Eu fecho meus olhos, deixo os sons da TV me invadirem. Tudo volta à tona; meu primeiro pensamento é que matei um homem. Fui baleado no processo, mas... Atirei em alguém. Acabei com sua vida.

— Pare de pensar nisso. — India não olha para mim. — O que está feito está feito.

— Eu não consigo.

— Não foi uma pessoa inocente que você atirou por acidente, — diz, com um sorriso. — Ele teve o que mereceu. Ele matou uma criança. Eu conhecia Lil B. Era um garoto legal. E eles o atropelaram sem razão.

— Não tenho certeza que seja uma justificativa, mas... obrigado. — Deixo minha cabeça cair contra as costas do sofá, me sentindo tonto de novo.

Assistimos TV juntos por um tempo e começo a sentir calor. Pele febril, dolorida, formigando, com sede. Desmaio. Em algum momento, acho que desmaiei, porque volto à consciência, mas agora estou horizontal no sofá, minha cabeça no colo de India, um cobertor me cobrindo. Estou suado e me movo para empurrar o cobertor, mas imediatamente estou congelando e puxo-o de volta. Meu ombro dói, lateja, ardente e impossível de ignorar.

Minha boca está seca, como se eu tivesse tentado comer um pote de bolas de algodão. Tudo machuca.

Eu desmaio novamente.

Desta vez, sou acordado pela mão de India no meu ombro. — Vamos, Colt, você precisa tomar isso.

Eu sequer a questiono. Sento-me tonto, a cabeça pesada, muita febre, ombro em chamas. Ela joga um punhado de comprimidos na minha palma - Tylenol e o que parece ser antibiótico - e um copo de água gelada. Eu tomo as pílulas e depois ingiro o resto da água com avidez.

— Obrigado.

Ela gesticula através da sala. — Agradeça minha mãe, ela trouxe os antibióticos do trabalho.

A mãe da India é linda, é claro, cabelos puxados para trás numa bola de pêlos crespos na parte de trás da cabeça, vestindo avental verde e Keds branco, comendo algo de um recipiente para viagem.

— Obrigado, — eu digo.

— Meu nome é Maya, — diz ela, acenando para mim com o garfo.

— Colt.

— Você é um homem doente, Colt. Cleo limpou tudo muito bem, mas às vezes infecções são inevitáveis, especialmente em ferimentos de bala. Você pode ficar aqui até melhorar, mas não quero que nenhuma das suas merdas de gangue se espalhe em minha vida ou da minha filha, ouviu?

— Sim, senhora.

— Oooh, ele até tem alguns modos. — Ela sorri para ser menos insulto. — A melhor coisa que pode fazer é descansar. E tome os antibióticos no horário. India espero que se comporte. Não que ele esteja em condições de causar problemas, mas sei que crianças têm a idade de vocês.

— Mamãe! — India está mortificada.

— Só estou dizendo. Eu não sou burra.

— Você não precisa trabalhar agora, mamãe? — Diz India.

Outro sorriso de Maya, este sábio. — Claro. Estou num turno duplo, então não voltarei até amanhã. Tchau, India. Até mais, Colt.

Só consigo dar um pequeno aceno enquanto Maya pega a bolsa e sai.

Alterno períodos de consciência durante dias, se o brilho ou ausência de luz através das cortinas é uma indicação. A febre me afeta, mantendo-me deprimido e pouco lúcido. Vejo India em fragmentos e flashes, a mão dela na minha testa, uma compressa fria no meu rosto de vez em quando, me ajudando a tomar Tylenol e antibióticos e a beber água quando estou muito fraco para segurar um copo. Ela está sempre lá, sempre que acordo, sorrindo, perguntando como me sinto, perguntando se quero um pouco de água. Só tenho alguns vislumbres de Maya, sempre de uniforme, cabelo puxado para trás, bolsa no ombro, chaves na mão, uma lata de spray de pimenta pendurada no chaveiro e uma enorme xícara de café na outra. Ela me olha também, muda o curativo do ombro - o que dói pra caralho.

Callie, Split e T-Shawn aparecem em algum momento. Split acendeu um baseado e India o flagrou, o que é engraçado, porque Split é geralmente tão assustador, mas de alguma forma India tem um jeito de colocá-lo em seu lugar. É claro que estou esgotado e meus amigos saem novamente, com conselhos para melhorar.

Eu não os vejo novamente depois disso, mesmo que viessem. Tudo bem, porque até a febre parar, sou inútil, pouco coerente, lutando para me manter consciente e odiando quando estou. Acho que nunca dormi tanto na minha vida como naqueles dias no sofá de India.

No quarto dia, pelos meus cálculos, a febre diminuiu.

— Eu realmente não quero, mas preciso trabalhar. Troquei turnos para poder ficar aqui enquanto você estava mal, mas agora que a febre diminuiu, preciso ir. — India diz, saindo do quarto, vestindo uma camiseta cáqui de gola da Walgreens. E ela fica linda até nesse uniforme; Sei que estou me sentindo melhor quando esse pensamento passa pela minha cabeça.

— Você trabalha na Walgreens, hein? — Sério. Isso é óbvio.

— Departamento de cosméticos.

— Então, quando você volta?

— Saio às sete. Não muito tempo depois disso. Vou trazer comida. — Ela coloca a bolsa por cima do ombro. — Você ainda precisa descansar e dormir o máximo possível.

Eu gemo. — Nunca passei tanto tempo descansando em toda a minha vida. Estou ficando louco.

Ela ri. — É bom para você. Se dê um tempo para pensar.

Eu realmente não quero tempo para pensar. Sento no sofá o dia todo, pensando. Revivendo. Sentindo a 9mm em minhas mãos, a névoa vermelha pulverizar... Merda. A dor da bala batendo no meu ombro.

O que está feito está feito. Ele mereceu.

Eu sou um assassino.

Colt Calloway, número de corpos: um.

É um peso. Não me lembro do rosto dele. É tudo um borrão, exceto as sensações físicas. Não me lembro da cor do carro que estávamos perseguindo, quantos outros estavam nele com o cara que atirei.

Apenas a arma, o spray de sangue, o golpe da bala no meu ombro.

Em algum momento, estou além do cansaço, tanto pela febre recém-partida quanto pela taxa mental e emocional de reviver a cena repetidas vezes, imaginando o que poderia ter feito de diferente. Não aguento mais, e estou cansado do sofá, então vou para o quarto de India, examino seus pôsteres, algumas fotos emolduradas dela e de Maya ao longo dos anos, uma pequena coleção de livros, todos romances. Uma poltrona velha de casca de vime branca, cheia de bichos de pelúcia; a coleção é enorme, dezenas de bichos de pelúcia de todos os tamanhos e tipos. É uma coisa estranha, aquela cadeira cheia de bichos de pelúcia. Ela é uma garota de vinte e poucos anos, não é mais uma criança e, no geral, o quarto dela reflete isso. É distintamente um lugar feminino, mas é o santuário de um adulto, não uma garotinha de animais empalhados.

A cama, agora bem arrumada, tem apenas um bicho de pelúcia: um ursinho claramente especial, velho, desbotado e muito amado. Um olho de contas de vidro, um olho de botão. Marcas de pontos óbvias onde foram rasgadas, recolocadas e costuradas novamente. O olho de botão, no entanto, é um botão azul brilhante, quatro furos, costurado com fio marrom. Azul da cor da planta pervinca e das flores, em contraste intenso e vívido com o olho preto do outro lado.

Coloco o ursinho de pelúcia na ponta dos pés da cama e me estico, fecho os olhos.

Desfaleço.

* * * *

Ela me acorda deslizando na cama, de costas para mim. Está vestida, posso notar. Shorts de pijama, uma blusa. Mas Deus, toda pele que posso sentir o calor do corpo dela... É intoxicante. Quero mais. Mas quero que ela queira mais. Não quero que seja rápido, cômodo ou fácil. Não quero que ela seja uma foda. Tive tantas pessoas ao longo dos anos que estou cansado disso. Quero mais. Deslizo o braço em sua cintura, puxando-a para mais perto. Respiro seu perfume, aprecio as cócegas de seus cachos na minha bochecha.

Abafo um gemido quando ela mexe a bundinha apertada contra mim, se aproximando.

Eu reajo.

Sei que ela sente, e sei que ela sabe que eu sei. Ambos estamos acordados. Ela está esperando que eu faça uma jogada, eu acho.

Mas, pela primeira vez, não faço. Preciso de mais dela, mais tempo para conhecer a mulher, a pessoa, a mente, o coração, a alma da garota, e não apenas o corpo.

Então, sofro com a delirante e deliciosa tortura do meu pau duro sendo aninhado entre suas nádegas, e não faço nada além de abraçá-la.

— Colt, — ela sussurra, torcendo a cabeça um pouco.

— Shiiii. Ainda não.

Ela faz um som decepcionado, mas aperta minha mão. Eu a ouço roncar pouco tempo depois.

Demora muito tempo até eu voltar a dormir, imaginando que tipo de idiota eu sou para deixar passar um convite tão óbvio. Ela me quer, eu a quero, temos uma

química louca. Mas não quero só uma foda rápida. Não quero um boquete no banco de trás de um carro, dado por uma garota cujo nome nunca vou perguntar. Eu quero mais. Quero algo de verdade com India. Ela vale mais. Ela não é um tipo de garota de foda. Ela não é como as garotas após as lutas.

Ela tem qualidade. Tem potencial, um futuro. Ela tem sonhos.

Adormeço imaginando o que ela quer da vida, e percebo que por isso esperei, por isso rejeitei seu convite: quero conhecer seus sonhos, quero saber o que ela quer, para onde está indo.

Quando acordo, ela está de frente para o armário, no meio de tirar as roupas em que dormiu. Ela ainda está de short e foi bom não poder vê-la ontem à noite, porque os shorts não são... Realmente uma peça de roupa, em qualquer sentido da palavra. Apenas um pouco de algodão esticado nos quadris e moldando suas nádegas naquela bunda incrível.

Percebo que ela não sabe que estou acordado e também que estou prendendo a respiração. Ela desliza o short, mostrando a bunda. Estou duro, duro como pedra. Sem calcinha por baixo, também. Agora ela está nua e torce um pouco enquanto tira os shorts e os coloca numa pilha de roupa suja. O chute e a torção me dão um vislumbre tentador de seu seio, um pedaço de mamilo, a borda externa arredondada. Engulo em seco quando ela se vira para a cômoda, e agora tenho uma visão completa dela. Magra, adorável. Peitos cheios e pesados, pele escura de caramelo. Aureolas marrons largas, mamilos planos implorando para serem beijados e lambidos. Quadris largos e uma bunda firme e arredondada. Coxas fortes, panturrilhas bem torneadas. O cabelo está solto e selvagem, uma profusão de espirais

negras. E Deus, seu rosto, a beleza de seu rosto de perfil me tira o fôlego ainda mais do que seu corpo.

Ela retira uma calcinha verde da gaveta e olha para mim enquanto isso. Percebe que estou acordado e observando. Torce para me encarar, me dando uma vista frontal, agora. Ela é aparada entre as coxas. A sombra do V de suas coxas está me provocando, me chamando.

Eu só olho para ela. Deixo meu olhar subir e descer e voltar para cima, e seus olhos estão quentes, escuros, sondadores. Não se afastam dos meus. Ela me olha de cima a baixo também, descaradamente. Retornando o gesto. Aparentemente, eu chutei os cobertores, então estou com apenas um par de shorts, e a evidência do meu desejo é óbvia, claramente delineada. Seu olhar vai para a protuberância, depois me encara.

— Você é linda. — Salta aos olhos. Me sinto um idiota afirmando o óbvio, mas penso nisso todos os dias desde que estou aqui. E agora, seu corpo em plena exibição para mim, não consigo pensar em mais nada.

Ela sorri para mim, no entanto. Abaixa a cabeça, sorrindo. — Obrigada. — Um olhar para mim. — Então aí está você.

— Não quis assistir, — digo, precisando que ela entenda. — Acabei de acordar e você estava tirando a roupa e não havia como desviar o olhar.

— Compreendo.

— Só queria que você soubesse, não sou um psicopata nem nada.

Ela dá um passo mais perto. — Tudo bem, Colt. Não teria arriscado me despir com você no quarto, se estivesse preocupada com isso. — Mais um passo.

Ela está a menos de um pé de distância agora, e todos os meus sentidos estão em alerta máximo, sintonizados com ela. Eu poderia alcançá-la, tocá-la, tomá-la em meus braços e puxá-la para mim. Fazer um milhão de coisas maravilhosas e sujas com ela.

— Sobre a noite passada, — eu começo.

— Não precisa explicar, — ela interrompe.

— Não, eu preciso. Eu te quis muito. Aliás, eu ainda te quero. — Eu me sento. Cerro os punhos nos joelhos.

Seus olhos vão para a minha ereção, ainda uma visível protuberância furiosa no short. — Senti isso ontem à noite e agora posso ver. — Seus olhos se voltam para os meus. — Então, por que não está seguindo em frente?

— Porque... Quero mais do que isso com você. Nunca tive namorada de verdade antes, India. Ninguém que me importasse. Mas você... Você é diferente.

— Como sou diferente? — Ela ainda segura a tanga verde pendurada nos dedos. Ela ainda está nua, a centímetros de mim, testando meus limites.

— Jesus, India, precisa vestir as roupas. — Eu murmuro isso, porque a maior parte de mim não quer que ela faça. — Você não é uma das garotas que eu só fodia. E é só isso que realmente tenho feito foder. Você é melhor que isso. Mais que isso. E quero isso com você.

— Então está dizendo que quer esperar para fazer sexo porque quer me conhecer?

Eu suspiro. — Sim, é o que estou dizendo.

Ela ri. — Ouvir o cara que se gosta dizer isso, é um sonho virando realidade para a maioria das garotas. Mas você sabe como estou frustrada, agora? Esta é a segunda vez que quase me joguei em você e fui rejeitada.

— Eu não te rejeitei, India.

Ela franze a testa. — Sim, você meio que fez. Docemente, e por um ótimo motivo. Mas Colt... Eu quero você. Quero que você me toque. Quero pegar seu short e... — Ela balança a cabeça, parando. — E você está sentado aí, com esse grande e duro..., eu nua na sua frente, flertando e dizendo que te quero que quero isso. E não está fazendo nada.

— Acha que essa merda é fácil? — Balanço a cabeça. — É a coisa mais difícil que já fiz controlar minhas mãos.

Um momento. Seus olhos procurando os meus. Os meus procurando os dela. — Você é de verdade? Você quer algo a longo prazo comigo?

— Isso aí.

— E você realmente *quer me conhecer*... — A frase é bem enfatizada, quase sarcástica, — antes de dormirmos juntos.

— Sim.

— Você é louco. — Mas o sorriso dela é brilhante e esperançoso. — Mas vou jogar o seu jogo.

— Não é um jogo, India.

— Eu sei. Acho que não vejo por que não nos conhecer e continuar.

— Porque assim que eu te provar, não pensarei em nada, exceto em ter mais de você. Por muito tempo.

Não tenho certeza se isso ajudou, a julgar pela emoção que ilumina suas feições.

— Oh, — ela respira. — É assim?

— É assim.

— Então é melhor eu me vestir, hein?

— Antes que eu goze na calças só de olhar para você, sim.

— Eu poderia ajudá-lo com isso.

— Não me tente, mulher. Estou tentando ser o mocinho aqui.

— Oooh, o garoto mau está tentando ser bom. — Ela está me provocando, em todos os níveis.

Ela tira um robe do topo de um cesto cheio de roupas limpas, encolhe os ombros, tristemente, mas prudentemente, cobrindo seu corpo glorioso.

— Então, estive pensando. Por que Callie não quer que isso aconteça? — Eu gesticulo entre nós. — O que ela tem contra os brancos?

Outro sorriso e meu coração palpita. — Não é porque você é branco. Na verdade não. É mais porque faz parte dos Bishops. Ela está preocupada comigo. — Ela diz, sentando na cama ao meu lado.

— Eu não sou exatamente parte da gangue.

— Você é amigo de Split. Isso é tudo o que realmente importa para ela. Ela só está me protegendo.

— É o que os amigos fazem, eu acho.

Ela assente. — Ela tem medo que eu me apegue a um dos caras de Split e então... — India encolhe os ombros, acena com a mão. Ela realmente não precisa terminar o pensamento.

Concordo. Sei o que ela quer dizer. Depois do que experimentei, faz sentido.

— Mas há uma história por trás disso. — India volta a atenção para mim. — Callie tinha um irmão, Isaac. Split cresceu ao lado de Callie e eu do outro lado. Split e Isaac eram como irmãos - mais próximos do que irmãos, na verdade. Os três começaram os Bishops juntos. A mãe de Split não é uma boa pessoa, então ele ficava na Callie a maior parte do tempo. Cleo é como uma mãe para ele, a única que realmente já teve. Ele e Callie estão juntos para sempre, a vida toda. Nunca houve dúvida sobre isso. — Ela pisca para conter as lágrimas. — E Isaac e eu... — O jeito que ela pára diz tudo o que precisa ser dito.

Eu não gosto de onde isso está indo. — O que aconteceu?

Ela assente. Seus cachos saltam. — Eles saíram com outros caras. Algum tipo de rixa com outra gangue, a merda de sempre. Split e T-Shawn chegaram em casa carregando Isaac e todos estavam sangrando. Disparos ruins. Isaac morreu na própria sala de estar. Cleo se esforçou ao máximo e mamãe também, mas elas sabiam, ambas sabiam que era tarde demais, mesmo para uma ambulância. Split se culpa, mesmo que nunca tenha realmente dito o que aconteceu. Não pode se perdoar por deixar Isaac morrer. — Uma respiração longa e trêmula. — Eles o carregaram duas milhas para voltar para casa, mesmo que ambos tenham sido baleados também.

— Você estava lá?

Ela assente novamente. — Sim. Eu estava... A cabeça de Isaac estava no meu colo. Eu o observei... Eu o observei...

— Porra. Me desculpe, eu...

Ela balança a cabeça, tenta sorrir, pisca com força. — É só um assunto sensível. Para todos nós, mais para Split, acima de tudo.

— Você está preocupada? — Gostaria de saber de onde veio a pergunta, mas agora que fiz, não posso voltar atrás.

— Sobre?

— Com o que Callie está preocupada.

— Oh. — Ela balança a cabeça de um lado para o outro. — Sim e não. Sou otimista. Tento acreditar no melhor. Quero sair do bairro. Quero ser alguém. Quero encontrar um homem que não seja como os outros Bishops. Nada de errado com eles, necessariamente, mas... Isso é tudo que eles conhecem. É tudo o que eles têm.

— E você quer mais.

Ela assente. — Eu quero mais.

— Eu também. — Me ouço dizer, mesmo que não tivesse ousado pensar comigo mesmo até agora.

— Quer? — Mais uma vez, ela parece surpresa.

Meu riso é um pouco autodepreciativo, um pouco sarcástico. — Sim, nunca pensei que estaria... Fazendo o que estou fazendo. Não sei exatamente *o que* eu quero. Mas quero mais. Sou dos subúrbios brancos nos arredores de Detroit. Meu pai é senador. Não é como se eu tivesse me mudado para Nova York e falado: 'Hmmm, com certeza quero me juntar a uma gangue do centro da cidade.'.

India me olha. — Um senador? Como no Senado em DC?

Eu dou de ombros. — Sim. Não fique muito animada. Recusei-me a ir para a faculdade e ele me deserdou.

É claro que há mais, mas realmente não quero entrar nessa merda. Agora não, pelo menos.

Mas ela persiste. — Foi deserdado por não ir para a faculdade? — Ela pergunta compaixão e confusão em sua voz.

Eu aceno. — Bem, é uma situação complicada. Até minha mãe, uma mãe que fica em casa, tem diploma universitário. Mas eu apenas - não nasci para a faculdade. Nunca fui nunca serei. Meu pai não podia aceitar isso, e uma coisa levou a outra, e... Aqui estou eu. — Dou de ombros.

— Então *o que* você quer?

Penso na pergunta e a olho pelo canto do olho. Suas longas pernas estão dobradas sob uma coxa e seu cabelo está solto, selvagem e incrível, uma explosão maciça de espessas espirais negras ao redor do rosto, tocando seus ombros e chegando ao meio da espinha.

O que eu quero? Além da India?

A resposta surge sozinha. Enquanto falo, vejo a verdade irromper dentro de mim e entrar em minha consciência. — Quero ser mecânico. Quero ser dono de minha própria garagem. Quero fazer carros customizados e reconstruir clássicos.

— Você consegue fazer isso?

— Sim. Sou bom com carros. Posso desmontar um motor com os olhos vendados e montá-lo novamente para que funcione melhor do que nunca.

— Sério?

— Sério. É nisso que eu era bom. Era mais do que um hobby. Era realmente tudo o que eu tinha.

India se vira para me encarar. Eu me viro também, e nossos joelhos roçam. Ela se aproxima de mim e seu olhar é sombrio e sério.

— Você vai conseguir essa garagem. — Dedos longos, finos e elegantes brincam com o nó de sua túnica.

As bordas se soltaram um pouco, me dando um vislumbre tentador de seus seios incríveis, e me vejo endurecendo, olhando para a sugestão do decote, tentando mentalmente justificar uma forma de me deixar tê-la, apesar do que eu disse.

— Espero que sim, — eu digo.

Ela balança a cabeça, cachos saltando. — Não, Colt. Você vai. Você é bom demais para essa merda. — Ela aponta para o meu ombro.

Enquanto conversava com India, quase me esqueci da dor no meu ombro - ela está tão bonita assim.

— O que *você* quer India?

Ela abaixa a cabeça, levanta um ombro delicado. — É bobo.

— Não, não é.

— Você nem sabe o que eu ia dizer! — Ela protesta, rindo.

— Não importa. Não será bobo.

— Modelo. — Ela sussurra. — Quero ser uma modelo.

— Você com certeza poderia ser. Você é tão linda que juro que as revistas tropeçariam umas nas outras para se inscrever.

Ela ri um som doce. — Não é assim que funciona. Você se inscreve em uma agência, faz ligações e espera uma ligação de volta. Mas acho que poderia dar certo. Sou alta e naturalmente magra. Tenho características exóticas, como sempre me disseram.

— Então, por que você não tenta? — Eu pergunto.

Ela tenta se afastar, mas sinto uma onda de ousadia e a agarro, a prendendo perto de mim. Ela não se afasta. O roupão, o maldito roupão não fica fechado, e ela não parece se importar.

— Estou com medo, — ela sussurra, descansando a cabeça no meu peito. — E se eles disserem não?

— Não deixe eles dizerem não. Continue tentando até que digam sim.

— É só um sonho. — Ela diz como uma desculpa. Ou uma razão.

— É por isso que precisa trabalhar para torná-lo real.

Sua cabeça se inclina, seu olhar encontra o meu. — O que está fazendo, hein? — A voz dela é aguda.

— Só estou dizendo. — Sorrio numa tentativa patética de aliviar a tensão repentina.

— Bem, eu também só estou dizendo. — O sorriso dela em resposta é suave, um pouco sensual e não mais agudo.

— Então, que tal fazermos uma promessa um para o outro de que trabalharemos o máximo possível para tornar nossos sonhos realidade? — Eu sugiro.

— Então, o que vai fazer para conseguir aquela garagem? — Ela pergunta.

— Economizar. Conseguir um espaço é o maior passo. Preciso de muito dinheiro para comprar ou alugar um espaço. Eu tenho algum, o suficiente para um espaço, mas ainda preciso comprar todas as ferramentas e equipamentos, e isso é mais do que tenho. E então tenho que conseguir clientes. Então, toda a merda que passei todo o dinheiro que economizei e talvez ainda esteja apenas na metade do caminho.

Estou de costas para a parede, e India está entre a parede lateral e eu, com a cabeça no meu ombro, encolhida contra mim. Sua cabeça está inclinada para me olhar, uma pequena mão quente no meu peito nu. Eu tenho uma mão no quadril dela, quase casualmente, mas meu coração dispara. Algo nessa garota me confunde; garotas não fazem meu pulso trovejar, meus pensamentos vacilarem, minha virilha palpitar com apenas um olhar. Mas India? Ela é diferente. Ela faz tudo isso e muito mais.

— Qual é o seu plano para se tornar uma modelo? — Eu pergunto.

Ela suspira. — Estou pensando na escola de cosmetologia. Eu gosto de tudo sobre maquiagem, e talvez um dia eu possa ir à cidade e fazer uma ligação ou algo assim. Tenho meu emprego na Walgreens e estou tentando economizar dinheiro para a escola, mas vai demorar muito tempo.

Eu concordo. — Eu também. Rodar com Split e T-Shawn não foi tão mal, e devo a ele por me livrar de algumas... Bem, algumas merdas ruins. Devo a ele. Continuo pensando que tenho o suficiente, porque guardei o máximo que pude, mas às vezes olho garagens e tudo o mais, vejo espaços, preços de equipamentos, e sempre acrescenta mais do que tenho. E sendo jovem, sem cartão de crédito ou

histórico de crédito, não tenho chance de empréstimo, então o dinheiro é minha única opção. E não importa o quanto eu economize, nunca é suficiente.

Um silêncio cai entre nós. Estou pensando no futuro e acho que India também.

De repente, India se levanta, se inclina para perto, seus braços vão ao redor do meu pescoço e ela está me puxando em sua direção. Ela está sendo gentil por causa do meu ombro, mas posso sentir urgência em suas ações. Fortes e exigentes, suas mãos são macias e quentes nos cabelos na parte de trás da minha cabeça, me guiando inexoravelmente para ela. Lábios quentes e úmidos comprimem os meus, e sua língua desliza entre os meus lábios. Ela não está se segurando.

Deus do céu beijá-la é como encontrar um universo totalmente novo, é como êxtase. Eu me perco no beijo. Seus seios pressionam suavemente meu peito, e seus quadris agora estão presos entre as minhas coxas. Ela sabe o que quer. E, puta merda, eu também.

— Merda, — ela respira, mal se afastando o suficiente para mover os lábios. — Você beija bem.

Eu dou uma risada e a beijo novamente. Mais forte. Mostrando a ela o que realmente é um beijo. Me enterro na sensação de seus braços ao meu redor, de suas mãos deslizando sob a minha camisa tocando minha pele.

Meus dedos encontram a borda de sua túnica, esgueiram-se sob o algodão, encontram a pele nua. Explorar, procurar, caçar. Ela está gemendo no beijo, levantando-se para se aproximar, implorando por mais. Estou perdido. Não há como parar agora, não há como voltar agora.

Eu preciso disso. Jesus, eu preciso disso.

Mas então a porta da frente se abre. — Olá! — É Maya. — Eu trouxe o jantar. Tailandês. Espero que goste de padthai.

India se afasta com relutância, sentando-se, arrumando os cabelos e fechando o roupão. Deslizando da cama, saindo do quarto com um rápido olhar para trás, um sorriso secreto só para mim, porque nós dois sabemos que começamos algo grande, algo quente, real e intenso.

CAPÍTULO 9

A última noite, sempre haverá

Algumas semanas depois, estou me sentindo quase recuperando. Meu ombro está fraco, rígido e com dores, mas as febres e os suores desapareceram - Maya disse que eu tinha muita sorte de várias maneiras. A India trabalha muito durante o dia, então estou em casa - o apartamento da India e da Maya, de alguma forma - sozinho, ouvindo música, assistindo TV e pensando muito.

O que continuo sugerindo é que quanto mais tempo fico longe das ruas, mais sei que não quero voltar.

A melhor parte da minha vida, porém, é a India. Ela está bem ligada em todo o meu mundo. Sempre temos algo para conversar e discutimos esperanças, sonhos e medos, coisas sobre as quais nunca conversei com ninguém.

Mas nunca temos tempo a sós. As pessoas estão aqui para visitar ou a mãe da India está em casa. De um jeito ou de outro, nunca acabamos tendo tempo para acompanhar o beijo que compartilhamos. Claro, roubamos um beijo ou dois quando ninguém está olhando, mas não é suficiente. Nunca é o bastante.

Não é até decidirmos ir a uma festa no apartamento sombrio de um Bichop que finalmente temos tempo a sós. A festa é violenta, muitos Bishops e seus amigos que não pertencem a gangues, muitas garotas, muita bebida, maconha e outras coisas que eu não toco; A India também não está interessada. Ela fica com suas amigas, Callie e algumas outras, e eu fico com Split e T-Shawn, já que não sou íntimo de nenhum dos outros. Eu gosto do T-Shawn, apesar de tudo. Ele está quieto e se mantém sozinho, mas é sábio. Quando ele fala, vale a pena ouvir. Ele faz o que tem

que fazer. Diferente dos outros, ele me aceita do seu jeito, sem dizer uma palavra, e posso dizer que ele se sente à vontade comigo. Eu sinto que ele é um cara que é muito mais interessante do que ele deixa transparecer, e eu gostaria de conhecê-lo melhor. Quando os outros falam merda comigo, tudo o que ele precisa fazer para desligá-lo é ficar ao meu lado e encará-los. Eles calam a boca e seguem em frente. Ele tem uma maneira muito modesta sobre ele, e com isso vem uma sensação de não brinque comigo. Ele tem uma baixa tolerância a idiotas e vai te destruir se você não tiver o bom senso de recuar quando ele der a dica.

A festa continua. Mais pessoas chegam, depois se dispersam e desaparecem. Split e Callie se encontram eventualmente e, com o passar das horas, eles ficam cada vez mais perdidos. Eles estão um sobre o outro e logo eles estão tateando um ao outro, fazendo algo quente e pesado, até alguém gritar com eles para conseguir um quarto. O que eles fazem, ruidosamente.

Está ficando tarde, estou tonto e com calor e meu ombro dói. Encontro a escada de incêndio e saio e sento-me em um passo, respirando o ar fresco da noite. Ouço a porta se abrir, olho para ver a India e não consigo deixar de sorrir para ela.

Ela está usando um short curto que cobre sua bunda redonda e apertada, e uma blusa brilhante e justa que mal cobre todas as partes importantes. Ela se senta ao meu lado, firmando-se entre mim e o parapeito. E então ela se inclina contra mim, e meu coração quase explode.

— Quente lá— ela observa.

— Sim está.

Trocamos comentários sobre a festa e as pessoas, a conversa fiada de duas pessoas totalmente à vontade uma com a outra.

E então ela fala sério. — Você disse que não cresceu nesta vida. Como foi crescer?

Nós conversamos sobre muitas coisas, mas nunca sobre minha vida crescendo, além da primeira admissão. Foi assim que me encontro com ela naquela escada de incêndio até o amanhecer, contando a ela sobre minha infância, meu pai, as brigas com ele sobre a escola e quase todas as outras coisas. Mas deixo de fora o fato de que não consigo ler muito bem porque, diabos, isso é constrangedor. Eu apenas dou a ela a impressão de que eu odeio a escola e deixo assim. E isso é verdade - não há mentira lá. Ela me conta sobre Isaac, e sobre como perdê-lo a bagunçou por tanto tempo. Ela admite que ainda não está realmente apaixonada por ele, mas imagina que está tão apaixonada por ele quanto jamais conseguirá.

Então ela olha para mim com aqueles grandes olhos castanhos e me diz que está pronta para seguir em frente.

— Sim? — Eu pergunto, não perdendo o significado dela, mas querendo ser clara. — Você quer dizer seguir em frente com outra pessoa.

— Não brinque, Colt. Não podemos adiar mais isso. Você sabe o que eu estou dizendo. — Uma pausa, como um pensamento lhe ocorre. — Mas Callie vai chutar sua bunda, quando ela descobrir sobre nós.

— Por causa de Split?

Ela balança a cabeça. — Ele não vai se importar. Sou amiga da namorada dele, não dele. Mas ele não vai intervir se Callie for atrás de você.

— Valeria a pena.

— Valeria?

Meus dedos encontram os dela, e nossas palmas se tocam, nossos dedos se enroscam. — Isso aí. Você vale totalmente a pena deixar Callie me chutar a bunda.

— Você acha? — Uma nota de admiração, uma nota de dúvida.

Eu dou um suspiro de descrença. — India. Eu quero tanto você que dói. Não pude pensar em mais nada desde que entrei na casa de Callie naquele dia e vi você sentada à mesa da cozinha.

Ela me deixa ver a vulnerabilidade em seus olhos. — Não brinque comigo, Colt.

— Eu gosto de você, India. Um monte.

Ela sorri. — Onde estamos na terceira série agora?

— Acho que sim.

Isso me faz rir, quando ela se levanta, me oferecendo sua mão. — Vamos.

— Onde?

— Há um quarto vazio no andar de cima. — Ela sobe a escada de incêndio para o próximo andar e eu a sigo.

Ela abre a janela, espia e certifica-se de que a sala esteja vazia. Está, e ela entra. Eu entro em seguida. É um lixo - eu já estive em alguns lugares de merda, mas esse lugar é um dos piores. O ar tem um cheiro velho, e um colchão velho e um colchão de molas estão no meio da sala. Há uma colcha esfarrapada e costurada à mão dobrada na cama e um travesseiro tão velho que é quase plano. Uma cômoda

antiga fica em um canto, arranhada e maltratada, o acabamento descascando e uma mesa encravada na parede.

O lugar é bem e verdadeiramente um merda. Mas é particular.

India fecha a janela e verifica a fechadura da porta.

Então ela se vira para mim, e de alguma forma eu estou bem perto dela, e ela está olhando para mim. Nós dois sabemos o que é isso, e nós dois sabemos que queremos que isso aconteça por um longo tempo. Ela espera por mim, piscando, querendo, apenas esperando.

Minha mão flutua para tocar seu quadril, a outra as maçãs no rosto. Eu escovo os cabelos para fora do caminho e cutuco o queixo para cima. Ela sorri, inclina-se para mais perto, seios achatados contra o meu peito. Ela inclina a boca para mais perto da minha.

Eu a beijo. Não é um beijo doce. É repentino, curto e quase brutal em sua paixão áspera. Não sei o que é isso entre nós. Eu já estive com um monte de garotas, mas nunca foi assim. Nunca houve esse sentimento de... Desespero. Como se eu não conseguisse mais dela, mais perto dela, eu vou entrar em combustão. Ela parece sentir isso também, e o jeito que ela se afasta do beijo para me encarar e ofegar por respiração diz que é tão surpreendente para ela quanto para mim.

Mas eu me paro. Estamos em um quarto escuro e fedorento em uma casa estranha. — Quero que nossa primeira vez juntos seja melhor que isso, India.

— Eu não me importo onde isso acontece, Colt— respira India. — Eu só quero você. Mal posso esperar.

— Mas este é um dos sítios mais horríveis que eu já estive. Você merece melhor. — Não posso deixar de pegar outro beijo. — *Nós* merecemos melhor.

Uma pausa, um momento, uma respiração. E então a India faz meu mundo completo. — Mamãe está no turno da manhã e está trabalhando duas vezes novamente. Não estará em casa até hoje à noite.

— Então o que estamos fazendo aqui? — Eu a puxo de volta para a janela, para a escada de incêndio. — Vamos para casa.

Corremos para casa - a festa fica a apenas alguns quarteirões do complexo de apartamentos. Quando chegamos lá, estamos rindo e sem fôlego. India está mexendo na chave e na fechadura, e eu deslizo minhas mãos por toda ela, beijando a parte de trás de seu pescoço, cavando minhas mãos na frente de sua bermuda, segurando sua bunda, tateando seus seios, beliscando seu lóbulo da orelha, moendo minha ereção furiosa em sua bunda.

Finalmente, porra, finalmente, ela abre a fechadura e abre a porta. Nós caímos, e ela trava a porta atrás de nós mais uma vez.

Se vira para mim. Agarra minha camisa. Rasga e depois me empurra agressivamente para o quarto dela. Agarro-a pela frente da blusa, puxo-a comigo enquanto caminho de volta para o quarto dela. Estamos nos beijando, nos atrapalhando. Pego as mãos dela e pressiono as palmas das mãos no meu estômago, pressiono-as para baixo, mas ela empurra minhas mãos, palmas da minha bochecha, seu rosto perto do meu, seus olhos arregalados, marrom-líquido, ansiosos, ardendo de necessidade. Então ela empurra de novo, e eu tombo para trás para cair na cama e ela está em cima de mim, sentada nas minhas coxas, passando os braços em volta do meu pescoço e me beijando como se fosse a última noite que já haverá.

E então, Deus... E então ela se recosta e tira a blusa. Se eu estava duro antes, eu fico diamante ao vê-la em seu sutiã. É renda vermelha,empurrando um par de lindos seios C-cup castanhos chocolate. Deslizo minhas mãos sobre eles, mas ela bate nas minhas mãos.

— Ainda não.

— Não?

Ela balança a cabeça. ‘Mmm-mm.

Ela estende as costas e abre o sutiã, jogando-o de lado. Ela se mostra para mim. Ela tem os seios mais bonitos que eu já vi. — Agora, — diz ela.

Porra, eu os quero, quero prová-los, senti-los, lambê-los, fodê-los. Inclinando-me para a frente, fecho a boca sobre os pequenos mamilos empinados. Eu passo minha língua sobre eles, provando sua pele deliciosa. Inclino-me para trás e olho um pouco mais. Cheio, redondo, esticado com grandes aréolas escuras ao redor dos mamilos. Pesado. Eu os levanto nas palmas das mãos. Macio, tão fodidamente macio. Eu deixo minha língua vagar, aréola, mamilo, parte de baixo. Ela engasga quando eu corro minha língua em círculos rápidos, movimento, movimento, movimento. Ela arqueia as costas, empurrando aqueles malditos seios perfeitos na minha boca.

Pego um, levanto-o à minha boca, enquadro sua coluna inferior com a palma da mão e a puxo para mais perto. Suas pernas fecham em volta da minha cintura, seu cabelo cai pelas costas, sua garganta é uma coluna esbelta, inclinada em direção ao meu queixo. Eu beijo seu corpo, entre seus seios, sua garganta, seu queixo. Eu gentilmente acaricio seus seios e deslizo minha palma pela espinha e pelos

cabelos. Pego um punhado daquela massa grossa e encaracolada e puxo seu rosto para o meu, exigindo um beijo.

E inferno, ela entrega. Me beija delirando, deixando-me sem fôlego e fraco.

E então a India desliza para fora de mim, se levanta, dando um passo para trás, seus seios saltando lindamente. Ela desabotoa seus jeans e tira-os, e esse brilho me deixa ainda mais duro, tanto que dói. O movimento faz seus seios tremerem e tremerem enquanto ela trabalha o jeans apertado em suas coxas, arrancando-os. Por baixo, ela está usando uma tanga vermelha, apenas um triângulo de seda sobre o centro - e, maldita seja, se esse pequeno pedaço de material não estiver escuro com a umidade de seu desejo.

— Venha aqui, — eu rosno, alcançando-a.

Ela dança para trás. — Uh-uh! Você também precisa tirar a roupa, querido Colt. Você entendeu— ela gesticula para seu corpo exuberante - quando eu entendo - gesticulando para mim.

Na minha virilha.

Eu me levanto. Talvez flexione um pouco, mas não obviamente. Apenas tensionei meus abdominais e pequei um pouco. Faço um show de ir devagar, desabotoar, tirar o jeans para revelar uma cueca boxer preta apertada, e é melhor você acreditar que estou saindo dessa merda, mais forte do que jamais estive na minha vida, olhando a garota mais sexy do mundo, observando-a me observar, desejo em seus olhos, ganância em seu olhar.

Ela me quer.

Isso aí. E eu a quero, quero-a mais do que qualquer mulher que já conheci.

Dou um passo em sua direção, lento e predatório. — Tire isso, India— eu digo, apontando para sua calcinha. É um comando. Não tenho certeza de onde isso vem, mas é bom. O comando áspero, a franqueza direta. E caramba, ela cava.

Seus olhos brilham e brilham, e ela levanta o queixo. — Me obrigue.

Meu primeiro instinto é apenas arrancá-los. Mas eu não. O desafio era fazê-la tirá-las, não para eu tirá-las para ela. Então eu me aproximo, tão perto que as pontas dos seios dela escovam meu peito. Eu olho nos olhos dela, nossos narizes não se tocando muito, nós dois respirando com dificuldade com a necessidade contida. Estendo a mão e gentilmente raspo meu dedo sobre o tecido molhado. Sinto o contorno de sua vagina dentro da tanga. Traço meu dedo em cada lábio e a fenda entre eles. Ela respira fundo, mas permanece imóvel. Ela está olhando para mim, resoluta. Determinada. Qual de nós será o único a arrancar sua calcinha primeiro?

Ela vai, caramba; Eu vou fazê-lo.

Encho um dedo indicador no elástico na parte interna da coxa e puxo o triângulo para o lado, deslizo o dedo indicador da minha outra mão nela. Oh, porra. Desliza tão suave, desliza facilmente em sua umidade quente, e ela geme.

Os joelhos dela tremem. Afasto-me e deixo a calçinha se encaixar de volta no lugar, depois rastreio sua abertura sobre o tecido. Eu provoco e empurro meu dedo através da seda. A India mói contra o meu toque, buscando mais. Procurando meu dedo dentro dela. Trago a costura dela novamente e deslizo meu dedo sob o elástico. Eu corro meu dedo sobre sua abertura nua, mas não entendo direito.

— Colt. — É quase um apelo.

Dou a ela o que ela quer e deslizo meu dedo, sujando em seus sucos por toda a abertura e pelo clitóris. Eu provoco esse pequeno nó duro até que ela gire e triture contra o meu dedo. E então eu afasto, e desta vez ela choraminga.

Mas ela também é suja. Ela enfia a mão na minha cueca e me segura, acariciando-me. Deus, o jeito que ela me toca, com tanta fome, mas de alguma forma tão doce. Deliberado e delicioso. Deus, é preciso todo o meu controle para segurar. Merda, estou perto e nem começamos. Estou seriamente prestes a gozar nas minhas cueca boxer como um maldito virgem.

Caio de joelhos e fora do seu alcance. E aquele pequeno gemido de novo, aquele pequeno murmúrio de protesto: Mmmm-mmmmmmmmm! Como se dissesse o que você está fazendo? Devolva!

Ela quer, e eu amo que ela queira. Eu quero que ela tenha.

Eu gostaria que ela pudesse me tocar para sempre, mas tenho um desafio a vencer. Eu puxo sua calcinha para baixo apenas o suficiente para descobrir a parte superior de sua fenda, e eu trabalho minha língua nessa pequena abertura, apenas no entrada superior, na pequena brecha onde sua pequena e apertada boceta começa. E então eu ouço um gemido completo. Deus sim. Ela realmente quer isso. Então eu afasto o triângulo e dou-lhe uma boa lambida na minha língua, e, maldita, se ela não tem um sabor tão doce quanto a porra de açúcar. Não resisto a prová-la novamente. E de novo. E de novo. E então de repente eu a estou devorando, comendo seu clitóris como se fosse minha última refeição.

— Foda-se Colt... Por favor... — ela murmura.

— Tire-as, India.

— Uh-uh. — Ela mói contra a minha boca enquanto me nega.

— Agora, India. — Eu coloquei um chicote na minha voz, e seus olhos se abrem, encontrando os meus.

Eu deixo a cueca deslizar de volta no lugar e volto a me enterrar em seus quadris. Provocando-a. Pressiono meus lábios sobre sua abertura e respiro quente.

— Maldito seja— ela rosna, e tira a calcinha vermelha. Ela joga para mim. Eu deixei cair no meu rosto, inalando o cheiro dela. O que a fez rir. — Você é desagradável.

— Isso aí. — Eu agarro as costas de suas coxas e a puxo para mais perto. Eu enterro meu rosto contra sua boceta. — Deixe-me sentir você gozando.

— Colt-baby...?

— Hmmm?

— Cale a boca e coma minha boceta. — Ela puxa meu rosto contra si mesma, arqueando as costas avidamente e torcendo os quadris, moendo a fenda contra os meus lábios.

Eu a devoro. Devasto seu clitóris com minha língua e deslizo meus dedos dentro e fora de sua abertura até que ela esteja moendo e ofegando, segurando meus ombros para me equilibrar e montando meu rosto. Eu levanto uma coxa para cima do meuombro, abrindo-a ainda mais. Então eu a levanto para que ela esteja sentada nos meus ombros. Levanto-me e ela agarra o lintel da porta com as duas mãos, moendo contra o meu rosto. Eu seguro a sua bunda apertada e suculenta e levanto seu núcleo mais perto do meu rosto, colo em seu clitóris em círculos, para cima e para baixo, de um lado para o outro, ansiosamente e mais e mais rápido até que ela se contorce sem parar, usando o lintel para se levantar e na minha boca, me montando.

Ela goza com um grito, e eu provo sua essência. Lambo, lambo até que ela esteja sem fôlego. Até que ela se empurra, geme e volta novamente.

— Para baixo, baixo, me deixe descer. — Ela se contorce, alarga as coxas e empurra para trás e desliza pelo meu corpo.

Ela se agarra aos meus lados para se equilibrar enquanto balança nas pernas instáveis, mas não perde tempo em me despir da minha cueca. Então ela se ajoelha e me leva na boca.

Deus, essa boca. Aqueles lábios, envolvidos em mim, são mais quentes do que eu jamais imaginei. Seus olhos se arregalam enquanto ela toma mais e mais, olhando para mim. Eu sofro por deixar ir. Pulsar com a necessidade de se mover, empurrar entre aqueles belos lábios. Mas eu não. Eu fico quieto e deixo que ela faça as coisas dela. O que... merda, é preciso tudo o que tenho e algo extra para mantê-lo para trás, para segurar, para não descer pela garganta.

Eu tenho que me afastar, rangendo os dentes e flexionando todos os músculos do meu corpo com o esforço de me segurar.

— Você está perto? — A India está lá, de joelhos na minha frente, me observando.

— Foda-se... Sim, tão perto.

— Me dê isso. — Ela se muda, mas eu fico fora de alcance.

— Não, não assim.

Eu levanto a India para seus pés.

Não posso evitar: enterro meu punho no cabelo dela, aquele cabelo incrível. Gentilmente, mas com firmeza, puxo a cabeça para trás e a beijo com tudo o

que tenho. Até nós dois estarmos sem fôlego. E é aí que eu me ajoelho e cutuco a abertura dela. Criatura linda e disposta que ela é, a India não hesita, apenas se aproxima entre nós e me encaixa nela, sobe na ponta dos pés e quando estou aninhado dentro de sua fenda úmida, ela afunda e eu empurro.

Nós gememos em uníssono, e nossas bocas colidem. Nossos dentes clicam e lábios esmagam, e eu a sinto apertando em volta de mim. Eu a levanto, com as duas mãos na bunda dela, enquanto eu a levanto e abro. Ela mói, e nós estamos nos beijando, ofegando, trocando fôlego, movendo-se e se contorcendo juntos.

— Cama— India suspira. — Me deite.

Dou dois passos curtos e a abaixo suavemente sobre a cama. Ela colocou os calcanhares na minha espinha e está se mexendo, e eu esqueço tudo. A tensão no meu ombro, uma dor latejante, desaparece no fundo e tudo o que posso fazer é encará-la e ir com ela.

Eu assumo o controle e ela fica quieta enquanto controlo o ritmo. Lento, raso. Deixando o desejo de orgasmo recuar um pouco, e depois aumentá-lo. Mais rápido, mais profundo, mais duro. Ela alcança entre nós e seus dedos vão para seu clitóris. Eu ajusto minha posição em cima dela, inclinando-me para trás até ficar de pé e meu pau se esticar, e estou empurrando fundo, e ela está loucamente vigorosamente acariciando desesperadamente seu doce clitóris, e Deus, eu amo isso, do jeito que ela assume o controle de seu prazer.

Ela arqueia as costas e eu a sinto gozando, sinto o aperto ao meu redor e vejo como as gotas de suor nos lábios e na testa e pontilham os seios. Ela empurra loucamente, e seus olhos se abrem.

— Agora baby, Colt. Agora, goze agora.

Quem pode desobedecer a uma ordem como essa? Eu não. Eu deixo ir. Trovões martelam em minhas veias e eu me deixo empurrar forte e selvagem. E a India, ousada e perfeita, leva cada impulso pulsante com um gemido encorajador e choroso, ainda se tocando. Merda, ela está gozando. A menina tem um gatilho para o cabelo. Sua boceta apertando em volta do meu pau latejante quando ela chega é tudo o que preciso.

Inclino-me sobre ela e enterro uma mão em seus cachos e puxo descaradamente, esmago minha boca na dela enquanto dou um grito explosivo.

Ela geme alto e alto, como se a sensação de eu entrar nela assim lhe desse prazer sexual. Gemendo comigo, se contorcendo comigo, tirando isso de mim. Tomando tudo o que tenho e exigindo mais.

Nós dois passamos, ela empurra meu peito até eu me deitar, e ela se enrola quase inteiramente em cima de mim. O cabelo dela faz cócegas no meu nariz. Isso me faz sorrir como um idiota, por algum motivo.

Um silêncio longo, longo e confortável. Nós dois estamos sonolentos. Nenhuma palavra é necessária; nós dois adormecemos.

* * * *

— Colt? — Sua voz é baixa, hesitante. — O que aconteceu? Com Lil B. Diga-me o que aconteceu.

Estamos acordados, ainda nus, ainda em sua cama, ainda emaranhados juntos.

Eu soltei um suspiro. Não era isso que eu esperava que ela dissesse, mas decido que ser franco e honesto com ela é mais importante do que qualquer outra coisa. — Não é bonito. Você realmente quer ouvir isso?

— Apenas me diga.

— O garoto estava atravessando a rua. Bem na beira do relvado Bishop. O carro apenas... acelerou, desviou e acertou em cheio. Mandou ele voar. Ele estava morto no segundo em que sua cabeça bateu no meio-fio, a cabeça aberta como um maldito melão. Então Split dispara atrás dos filhos da puta, você sabe? Nós os pegamos sem problemas. Split teve sorte, deu alguns tiros e acertou nos pneus traseiros. Então ele puxou outra arma e me deu. Eu - eu não queria isso. Mas não pude recuar. Eu nunca tinha disparado uma pistola antes. Parecia tão pesado, para algo tão pequeno. Tudo aconteceu em um borrão, depois disso. Lembro de armas disparando, lembro de um chapéu do Mets, alguém atirando em mim. Lembro de ter sido atingido no ombro e quase ter sido atingido no rosto. Toco a cicatriz ao longo da minha têmpora. — Minha arma disparou e eu... eu atirei nele. Acabou antes que eu soubesse o que aconteceu. Eu lembro de sangue. Sangue por toda parte. O carro estava vermelho com ele - o capô onde atingiram Lil B, o para-brisa, os assentos, o painel. E então eu percebi que tinha acabado de atirar em alguém.

Finalmente estou lidando com o que aconteceu e não gosto disso. Mas, de outra maneira, é bom falar sobre isso.

— Mas eles atiraram em você primeiro.

— Sim. Mas eu ainda matei alguém. — Eu engasgo. Eu seguro o pânico, o surto dentro de mim.

Mas ela sabe, no entanto, a India sabe o que estou sentindo. Seu rosto está no meu peito, suas mãos se movem em círculos suaves, tocando minha cicatriz, meu rosto, afastando meu cabelo. — Você tinha que fazer. Você não teve escolha.

Eu não posso falar. Eu tento. Mas eu não posso. Eu não consigo respirar.

— Colt?

Balanço a cabeça e tento afastá-la, física e metaforicamente. Tento me sentar, mas ela não está deixando. — De jeito nenhum, Colt. — Ela me empurra de volta para a cama. Ela é forte. Ela senta em mim. Seu cabelo é selvagem em volta dos ombros e os olhos estão molhados de lágrimas. — Estou aqui. Está tudo bem. Entendi. Não está tudo bem, mas tudo bem.

— India...

— Tudo bem em não estar bem. Quando Isaac morreu, Cleo me disse a mesma coisa. Tudo bem em não estar bem.

— Culpa é uma merda.

— Sim. — Ela descansa as palmas das mãos no meu peito, olhando para a distância média. Eu posso dizer que ela está lidando com suas próprias memórias do passado e então ela fala, quase consigo mesma. — Isaac, ele estava bravo comigo. Quando ele e Split saíram naquele dia, estávamos discutindo sobre ele ter problemas. Se machucando. Nós meninas, sabemos que tudo o que podemos fazer é aceitá-los como são. Você vai fazer o que tem que fazer para permanecer vivo, e nós conseguimos, mas isso não significa que gostamos. É por isso que eu não queria me envolver com mais Bichops ou com alguém de uma gangue. Eu quero mais. Eu não quero ter que me preocupar. E eu também não quero brigar com meu homem por se

preocupar. Eu fico pensando que se eu apenas... dissesse algo diferente, o mantivesse em casa, de alguma forma. Eu não sei. Talvez ele ainda estivesse aqui.

— Não, India, você não pode...

Ela me interrompe com um gesto violento. — Eu sei, ok? Eu sei! Mas ainda penso nisso. Então, eu sinto um pouco de culpa. Não é o mesmo, mas... Sim, a culpa é uma merda.

— Sou parte dos Bishop, mais ou menos. Não sou um membro pleno, mas ainda assim...

Ela ri, e é triste. — Eu sei. Isso não passou despercebido. Mas estou envolvida agora.

— Eu sinto muito.

Ela balança a cabeça. Eu amo isso, como o cabelo dela voa quando ela balança a cabeça. — Cara, você cala a boca com aquela bagunça 'desculpe'. Eu sabia no que estava me metendo. Eu sabia. Mas você é diferente. Você pode ser mais. Eu acredito. Você vai ser mais, Colt.

— Você também. Vai ser diferente. Eu serei diferente.

— Eu sei.

O momento está cheio de significado: seja mais. Faça mais. Ser diferente. Não acabe morto. Como Isaac. Como Lil B. Como eu quase fui.

India vasculha a mesa de cabeceira e pega um pequeno baseado em um saquinho Zip-Loc. Ela acende, dá uma tragada profunda, se inclina para perto de mim, beija perto e atira com a fumaça na minha boca. Nós beijamos, respiramos e provamos o THC enquanto ele passa por nós. Outra tragada, e desta vez ela inspira e

segura. Então ela me entrega o baseado e depois levanta meu pau flácido à boca, absorvendo-o. Exala pelo nariz enquanto me trabalha ereto com sua boca quente e macia. Ela pega o baseado novamente e brinca enquanto me acaricia com a mão, os olhos em mim, um sorriso provocando os cantos da boca.

Não demora muito para eu ficar duro e doendo. Ela mantém a fumaça na boca e me leva profundamente em sua garganta, a fumaça escorrendo de suas narinas. Ela se afasta e exala o resto, volta para o meu pau. Eu fumo e a assisto, assisto seu cabelo se mover, gemo com a felicidade de sua boca em mim.

— India, o suficiente.

Ela se senta, pega o baseado de mim, dá uma forte tragada, seus olhos em mim enquanto ela desce. Ela empurra contra mim, então eu estou deitando, deixando claro como isso vai acontecer. Ela sopra fumaça pela boca e pelo nariz, a fumaça se enrosca no rosto e na minha ereção, e então só há a boca dela em mim, deslizando para cima e para baixo. Punho girando em torno da minha base, bombeando, acariciando e segurando minhas bolas, sem diminuir a velocidade agora, sem piedade, apenas a língua dela deslizando contra o lado do meu eixo, os lábios na glande, sugando com força.

Eu não posso segurar; Eu não ouso.

Pego um punhado daquele maldito cabelo lindo, e ela geme afirmativamente, olha para mim enquanto ela balança para cima e para baixo, para cima e para baixo. Ela coloca a mão sobre a minha e me mostra que ela quer que eu puxe. Deus, essa garota. Eu puxo com força. Empurro os cabelos, empurro delicadamente no começo e depois mais e mais, puxando os cabelos, a cabeça.

Ela geme ruídos encorajadores - mmmhhhmmmm, mmmmm, mmmmm, mmmhhhmmmm - enquanto eu perco o controle. Eu fodo. É uma força imparável dentro de mim, e ela está pegando e agindo como se o ama.

Eu puxo duas vezes, então, puxões curtos e afiados para dizer a ela que estou perto. Ela se afasta até que seus lábios estejam ao redor da cabeça grossa, bem a tempo. Eu solto um grito, e ela aceita. Tudo isso, tirando leite de mim até que eu esteja fraco, flácido e sem fôlego.

E então ela se abaixa ao meu lado, tira o baseado ainda ardente dos meus dedos e termina.

Levam alguns segundos para que eu possa formular um pensamento.

— Jesus, India.

— Sim? Bom?

— Bom? Querida... Se eu ainda não estava apaixonado, com certeza agora estou.

Ela pára de repente. — Você o quê?

Eu percebo o que eu disse. Apenas meio que saiu por conta própria. Mas é verdade e é irrevogável.

— Eu— um.'

Ela relaxa. — Você pode pegar de volta. Calor do momento e tudo isso.

Eu rolo no meu cotovelo e fixo meus olhos nos dela. — Não. Você não pode retirar as palavras. E eu não quero.

Lágrimas picam seus olhos. — Não, Colt. Não brinque comigo.

— Eu não estou. — Eu enxugo uma lágrima. — É uma loucura... Mas eu não retiro.

— Foi apenas um boquete. Eu vou chupar seu belo pau sempre que quiser. Você não precisa me dizer que me ama por isso.

— Eu vou te dedicar totalmente aos boquetes. Isso foi incrível. Mas... — Eu paro, começo de novo. — Eu nunca acreditei em amor à primeira vista. Até eu conhecer você.

Ela ri e rola em mim. Beija meu peito. — Rapaz, você roubou essa frase de um filme.

— Claro que sim. Não sei qual, mas eu sabia. É uma boa linha e tem o benefício adicional de ser verdade.

— Legal— diz ela rindo.

A risada vira gemido, porém, enquanto eu beijo seu corpo, lavando seus mamilos até ficarem duros, e depois para baixo, beliscando suas coxas, lambendo o vinco de sua fenda, lambendo cada vez mais forte até minha língua cutucar através dos lábios inferiores. Lambo até que ela se contorça, deslizo um dedo nela, alternando entre ondular e lamber. E quando ela está desesperada com a necessidade de gozar, eu dou a ela, forte e rápido e implacável. Lamber, sacudir e empurrar os dedos para dentro e para fora até que ela quase rasga meu cabelo com a força selvagem de seu orgasmo. Chupo seu clitóris entre os dentes e depois o solto, mexo e mexo e mexo até que ela goze pela segunda vez.

De novo e de novo. Eu perco a noção e tenho certeza que ela também. Parece que não há limite. E ela é mais linda todas as vezes.

— Pare, Colt, baby, pare. Não aguento mais. — Ela me puxa para cima, puxa meu rosto para seus seios e me segura lá.

O dia passa enquanto dormimos enrolados um ao outro.

CAPÍTULO 10

Contagem de corpos

Não sei por quê nem como, mas estar com a India melhora a cada dia. Estamos juntos há seis meses e eu a amo mais do que nunca. Estamos quentes e pesados o tempo todo e isso deixa algumas pessoas doentes até à morte, mas simplesmente não podemos parar. Callie realmente chutou minha bunda. Eu a deixei, mas também assegurei que ela soubesse que nunca desistirei da India.

Ela vale a pena e muito mais.

Callie veio nos aceitar, e eu.

A India e eu conversamos muito sobre o futuro, e começamos a fazer planos, planos reais. Ela está se candidatando para ir à escola de cosmetologia no próximo semestre e está realmente empolgada com isso, o que me faz feliz. Ela não sabe, mas tenho um plano sobre o qual não contei a ela: quero que consigamos um lugar juntos, nosso próprio lugar. Eu começo a olhar... para fora do capô. Nós falamos sobre mudar para o nosso próprio lugar, mas isso não aconteceu até agora e eu quero continuar assim, então, quando eu encontrar o lugar certo, ela terá a surpresa de sua vida.

Mal posso esperar.

A fim de ganhar dinheiro suficiente para comprar o novo apartamento e ainda economizar em uma garagem, volto ao que sei: corro com Split e os Bishops e trabalhamos com um comércio bastante lucrativo. Não tenho muito orgulho do fato de ainda estar na rua ou de como estou ganhando dinheiro, mas é dinheiro e isso me

comprará o que quero. Split conhece meu objetivo - sobre a garagem de qualquer maneira - e ele sabe que meu plano é deixar a gangue eventualmente. Curiosamente, ele apoia a ideia, e acho que até vejo um pouco de inveja em seus olhos nas poucas vezes em que falamos sobre isso. Split não tem essa opção, na verdade não. Como um negócio paralelo, e para começar a construir uma base de clientes, tenho ganho dinheiro extra ajudando as pessoas com seus carros, consertando, ajustando, personalizando.

Ainda estou na India, na casa da mãe dela, e ajudo com comida e aluguel. Sinceramente, temos uma quantidade razoável de privacidade, pois sua mãe sempre sai ou dorme porque trabalha muito em turnos duplos. Nós conversamos algumas vezes, mas ela mantém para si mesma. Uma velha mágoa sangra em seus olhos, e algo em mim piora. Algo sobre o pai da India, provavelmente. Eu só ouvi trechos dessa história - um amor entre uma mulher negra e um imigrante coreano aqui com um visto temporário, em uma época em que essas coisas ainda eram bastante tabu. Merda, ainda é, para algumas pessoas. A India era apenas uma criança quando seu visto acabou; ele não teve escolha a não ser partir, e eles nunca mais o viram. A India nunca o conheceu. Ela cresceu meio coreana em um bairro todo preto e aprendeu a ser mais dura do que todos os outros por causa disso. As meninas podem ser dez vezes mais cruéis que os meninos, é tudo o que a India dirá sobre o assunto.

As coisas boas nunca duram para sempre. Ao menos não para mim.

Começa como em qualquer outro dia. Eu estou sobre a quadra de basquete com alguns dos Bishops. Estou mais próximo, jogando alguns lances. Eu estou me esforçando para jogar, porque sou péssimo no basquete, mas é o que você faz numa preguiçosa tarde de domingo no bairro. Estou prestes a finalmente acertar um lance

quando Split tensiona, se endireita. Todo mundo fica hiper-alerta. Então T-Shawn vai até o banco, coloca a camisa e, não tão sub-repticiamente,enfia a peça na calça jeans. Split é como um fio vivo, zumbindo com a violência contida. Mo, alto, magro, sempre imprevisível, está olhando em volta e eu posso ver a tensão em seus olhos. Lil Shady, um irmão pequeno, agressivo e raivoso, com um cabelo selvagem no rabo, pronto para roncar o tempo todo, fica de pé com a cabeça erguida, observando, esperando. Ele está sempre me acusando de tentar roubar a garota dele, apesar do fato de que eu tenho a minha, sem mencionar que eu nem gosto da garota dele. O vermelho também existe, grande, largo, lento, sempre soltando rimas e falando sobre 'fazer'.

Seis caras entram arrogantemente na quadra. Eles se espalham, mãos nos bolsos, cabeças inclinadas para trás, olhos brilhando ao sol. Eles são novos, acho que são difíceis. Mas eles não sabem com quem estão se metendo.

Espero ao lado de Split enquanto eles trocam insultos, cospem veneno, a conversa de merda de sempre que leva à carne. Exceto que, neste caso, é uma desculpa para começar uma guerra de território. Fico fora disso, como costumo fazer nessas circunstâncias. Meu trabalho é fazer backup. Entre se for necessário. Eu sou a exceção; ainda um estranho, e qualquer pessoa que não pertença aos Bishops realmente não me aceita. Membros de outras gangues certamente não. Eles me atiravam à vista, apenas por ser quem eu sou e por estar aqui.

A merda vai para o sul em um instante - uma lâmina de faca brilha e, de repente, essa guerra de território é real.

Eu só posso ver isso acontecer. Todo mundo está emparelhado, brigando, um a um. Também estamos vencendo.

E então o filho da puta com T-Shawn está batendo em rolos, cavando em seu bolso, abre uma lâmina preta de sete centímetros e a enfia na garganta de T-Shawn... duas vezes.

Espirros de sangue.

T-Shawn cai de costas e ouço o som mais horrível: borbulhante, borbulhante e úmido, ofegante.

Jogo de lado o pequeno punk que veio me dar uma surra, nivelei com um cotovelo. Estou do outro lado da quadra em um instante e tenho o filho da puta em minhas mãos.

Empurro-o para o chão, sento -me sobre ele - posso me sentir fazendo isso, mas de alguma forma não sou eu. Está apenas acontecendo, meu corpo no piloto automático. Sei que nunca lavarei esse sangue das minhas mãos. Estou esmagando a cabeça dele contra o concreto, repetidamente, até minhas mãos ficarem vermelhas e meu rosto ficar molhado e pegajoso, e as mãos me afastarem.

O resto dos filhos da puta inimigos se foi, eles fugiram, deixando seu amigo morto na quadra conosco.

Colt Calloway, número de corpos: dois.

T está no chão. Eu o agarro, puxando-o em meus braços. Ele está sangrando por toda parte, e o burburinho ofegante está desaparecendo, e posso dizer que ele está indo embora.

— T... — Eu grito. — Vamos lá, cara.

Split está impassível, mas vejo as rachaduras em sua expressão. Ninguém diz nada, todos assistimos enquanto T-Shawn sangra e fica em silêncio. Tudo aconteceu em alguns segundos - não havia nada que alguém pudesse fazer.

Exceto se prepare para a próxima vez, porque, com certeza, haverá uma próxima vez.

* * * *

E, com certeza, uma semana depois é Lil Shady. Merda ruim. Ele e eu tínhamos acabado de fumar um cigarro na casa dele, e então partimos para seguir nossos próprios caminhos. Então, uma hora depois, a porta se abre com o teclado do cara para quem estou fazendo algum trabalho mecânico. Mo e Split têm Shady, carregando-o. Ele já se foi. Mancando, com a cabeça pendendo, o sangue pingando de um buraco no crânio.

Quem será o próximo? Eu? Split? Mo? Red? T-Shawn se foi, e agora Shady? Porra.

India e eu conversamos naquela noite por um longo tempo. Então vamos para a cama e é aspero e duro, e depois é doce, e ela me abraça, como ela fez depois que T morreu. Como ela faz todas as noites, mas ela me abraça especialmente forte naquela noite.

Antes que o sono me reivindique, decido encerrar as coisas com Split amanhã.

India e eu estamos dando o fora daqui.

* * * *

No dia seguinte, levanto cedo e, quando a India acorda, digo para ela arrumar suas coisas, que volto na hora do almoço para buscá-la. Vou ver Split e depois a India e eu estamos indo para o Brooklyn. Eu tenho o suficiente salvo; nós vamos encontrar um lugar.

É hora de começar de novo.

Vejo o rosto da India se iluminar quando ela ouve meu plano - ela está tão pronta para isso quanto eu.

Estou passando pela quadra de basquete e vejo um rumor em andamento - é a mesma porra de gangue rival. Eles estão usando tacos, correntes e punhos. É selvagem e retorcido por alguns minutos, mas depois se quebra por conta própria. Alguns caras se dispersam, outros vão atrás deles. Split e eu somos deixados sozinhos, e ainda há uma boa meia dúzia de outros caras empilhando para fora dos carros, vindo em nossa direção, puxando peças enquanto se aproximam de nós.

— Merda. — Split me empurra. — Vá, cara. Vá! Corra, filho da puta!

Se Split disser correr, você sabe que é ruim. Nós corremos. Como cães, nós corremos. Os seis caras nos perseguem por becos e ruas laterais. Algo racha atrás de nós, e o para-brisa de um carro estacionado se despedaça. Balas surgem em painéis de quartel e no asfalto. A estrada termina em uma cerca de arame em torno de um terreno baldio. Split - mais leve, menor e mais ágil - sobe e desce como um maldito macaco. Eu chego no meio do caminho quando sinto algo puxar minha manga, e então ouço um zumbido zangado no meu ouvido, seguido por um estalo. Muito perto. Pistolas quebram uma fração de segundo depois.

Split está dividido, prestes a voltar para me ajudar.

Eu pulo de volta da cerca. — Vá! Dê o fora daqui. Vou percorrer os quintais.

— Encontre de volta na quadra. — Ele diz isso enquanto se vira e corre. Então Split se foi. Garoto pode correr como um maldito guepardo quando precisa.

Arrisco um olhar enquanto saio pelos quintais do bairro. Sou mais lento que Split - velocidade e agilidade não são o meu forte. Eu tenho uma arma, é claro, mas reluto em usá-la, sempre fiz, desde a merda com Lil B; Eu tinha planejado devolvê-lo a Split hoje, mas agora acho que não tenho muita escolha. Puxo, verifico a carga do clipe enquanto me escondo atrás de uma parede parcial em ruínas. Tropeço em scooters, Big Wheels e caminhões de bombeiros enquanto torço por uma rua lateral, desço por outra. Eles me seguem, apenas alguns metros atrás de mim e ganhando. Tiros ocasionais tocam. Uma rodada pica minha coxa; outro arranca o chapéu da minha cabeça.

Corra, filho da puta.

Viro-me aleatoriamente, volto e pulo cercas quando posso, tentando perdê-las. Corra, corra, corra! Eu ando uma milha, talvez mais, por velhos bairros degradados, casas antigas em ruínas, casas de espingarda, todas construídas junto com a tinta agora desaparecendo e barras nas janelas e portas, cercadas por cercas de arame e faixas amarelas de grama e calçadas rachadas.

Finalmente, os gritos desaparecem; Eu os perco correndo pela casa de alguém, um velho casal negro assistindo Jerry Springer. Eles não estão nem um pouco perturbados. Eles apenas me xingam do sofá e exigem que eu pelo menos feche a maldita porta da frente atrás de mim.

Eu passo devagar, ouvindo, meus sentidos hiper-alertas. Estou ofegante. O suor escorre pelo meu rosto, meus pulmões estão doendo e minhas pernas estão queimando.

Assim que atravesso um cruzamento, ouço um grito. — Ali está ele!

Eles cheiram a sangue.

Eu decolo novamente, mas eles estão logo atrás de mim, todos os seis. Eles estão a menos de vinte metros atrás de mim e estão ganhando rápido. Todos eles têm armas. Um deles ergue a arma, abre uma tacada que se abre e entra no carro. Em seguida, outro tiro é disparado, faltando também. Um terceiro round vai alto e bate em uma casa. Alguém grita, grita.

Droga. Eles vão acertar em alguém inocente.

Eu giro, tomar cuidado objetivo, abrandar a fazê-lo, e rachar fora de uma rodada. Sangue derrama, e ele tomba, segurando seu estômago. Eu atiro novamente, e um segundo cai, segurando seu peito e eu posso vê-lo sufocar o vômito. O terceiro é rápido em disparar de volta, e uma rodada atinge meu bíceps, rasgando um corte ao longo do lado de fora. Eu decolo novamente quando uma onda de tiros descuidados dispara atrás de mim. Foda-se, foda-se. O medo persegue todos os meus passos.

É isso. Tem que ser isso.

Acabei de matar mais duas pessoas. Foda-se, foda-se.

Eu me mexo em uma esquina, ofegando de agonia pelo que fiz, mal consciente da dor lancinante na minha perna.

Colt Calloway, número de corpos: quatro.

Ele está bem atrás de mim. Estou tropeçando nos meus próprios pés. Eu cortei através de um quintal, pulo uma cerca, corro desordenadamente por uma rua que parece exatamente como todos os outros, mas é familiar de alguma forma. Eu já estive nessa rua antes; Fiz parte de uma casa aqui - é um ponto de encontro frequente para qualquer pessoa associada aos Bishops.

Então, na casa, a cerca de dez metros de distância, vejo um rosto e cabelos pretos selvagens.

India.

O que diabos ela está fazendo aqui? Há um monte de outras pessoas sentadas na varanda com ela. Eles me veem arrastando as costas na direção deles, e todos se espalham ou caem no chão. Os caras na varanda pegam a arma e disparam tiros, espalhando meus perseguidores.

— Abaixe-se! — Eu grito tão alto que minha voz fica rouca.

A India vê que sou eu e se esconde atrás da varanda, fora da vista.

Eu vejo Split à distância, com Red e Easy, dirigindo por esse caminho. Eu grito por eles, mas eles estão muito longe e não podem fazer nada de onde estão.

Armas estalam e estalam ao meu redor, e eu me viro para trás para ver que a maioria delas está espalhada. Todos, exceto um.

Ele para, quase indiferente, e petulantemente dispara uma rodada. Ele sente minha falta, passa por cima do ombro e faz um buraco nas finas ripas de madeira da varanda.

Eu ouço um som molhado. Não há grito.

— Ah merda. — Eu o ouço dizer isso. Ele sabe.

Eu sei.

Eu tropeço até parar, querendo que a India fique bem. Desejando que a verdade não seja realidade.

Eu esqueço o outro cara, eu esqueço tudo. Corro.

Deslizo na grama, caio e subo na esquina.

Não.

Não.

Não.

Sangue, o sangue da India mancha a grama. Não há gritos, dor ou choro. Sem som.

Eu a puxo para mim e grito o nome dela. Minhas coxas estão molhadas com seu sangue quente. Os olhos dela estão abertos. Me encarando. Cegos. Mãos puxam para mim. Vozes gritam. Sirenes uivam.

Alguém me puxa, me empurra, me levanta e entra no carro. Onde está a India?

E então eu lembro. Eu vejo seu olhar cego - e o buraco entre seus olhos. Seus lindos olhos castanhos.

Split está dirigindo. Ele está chorando silenciosamente.

O sol brilha na água quando atravessamos uma ponte. Estou ciente do som de pneus zunindo no convés da ponte de metal.

— Não é sua culpa— ele murmura. — Foi um acidente.

— Ela está morta.

E essas são as últimas palavras que falo há muito tempo.

CAPÍTULO II

Um broto de mudas

— Colt. Vamos lá cara. Fale comigo, irmão. — Split está agachado na minha frente.

Ele está lá... eu não sei... há muito tempo. Suplicando. Implorando.

Está ficando com raiva. Ele está tentando conseguir uma resposta de mim. Mas ele não está conseguindo.

Estou vazio. Exceto pela dor, estou vazio.

Eu apenas fico olhando através dele. Sem vê-lo. A única coisa que preenche minha visão é a India, o buraco em seu crânio, os olhos vazios.

— Você vai morrer de fome. Você não come há uma semana.

Ótimo. Morrer de fome seria um excelente castigo, e a morte seria muito melhor do que isso.

— Você tem que levantar. Você tem que deixá-la ir, cara. Ela se foi. Sinto muito, mas ela se foi. Você desistir da vida não vai trazê-la de volta. Eu também sinto falta dela.

— Callie sente falta dela. Maya sente falta dela. E nenhum de nós te culpa. OK? Você pode, mas eu não. Callie, não. Ninguém te culpa. Não foi sua culpa. Foi um acidente.

Algo ácido ferve no fundo de minhas entranhas; fel grosso, quente, raivoso e amargo. Raiva.

Eu tenho a raiva fervendo nas profundezas da minha alma negra e insensível. Engasgo. Pisco e balanço minha cabeça. É minha culpa. Eu os levei até ela. A bala não me acertou e a acertou. Deveria ter sido eu. Deveria ter sido eu. Corri, em vez de ficar e lutar. Eu corri, levei-os até ela e fiz com que fosse morta.

Não importa o que digam, é minha culpa que a India esteja morta.

Split se levanta, sibilando de frustração, esfregando a palma da mão em seu cabelo despenteado. Ele não raspou o rosto ou a cabeça desde que a India morreu. Eu também não. Não tomei banho. Não comi. Não me movi. Eu estou na cama da India. Continuo tentando evocar a sensação dela em meus braços. Tento invocar a beleza de seu corpo nu ao lado do meu. O jeito que ela me beijava. O brilho em seus olhos logo pela manhã, quando ela me via.

Split sai sem olhar para trás. Ótimo. Vá. Fique longe. Eu não mereço amigos. E com certeza não mereço seu perdão ou pena.

As sombras mudam conforme as horas passam. Vejo apenas memórias, apenas imagens da India. Me atormento com os pensamentos do que poderíamos ter tido, do que quase tivemos, e me odeio ainda mais.

A porta do quarto se abre e imagino que seja Callie ou Split, mas não é.

É a mãe da India, Maya. Ela parece abatida. Olheiras sob seus olhos. Sombras dentro de sombras em seu olhar; A India era sua única filha, sua única família.

Ela se senta perto dos meus pés e encara o nada, fica sem falar por um longo tempo. Finalmente, lentamente, seu olhar vai para o meu. — Não pode ficar aqui, filho. Não mais.

Eu esperava por isso. Aceno, e – com o corpo dolorido por estar imóvel há tanto tempo - me sento e fico de pé, me sentindo tonto. Eu me movo em direção à porta.

— Eu não acabei. Sente-se, Colt, e me escute.

Eu me viro, tropeço e sento ao lado dela. Pelo menos isso eu devo a ela. Eu tenho que ouvir ela dizer que me odeia. Que matei a filha dela. Ela encara o tapete sob seus pés, o cabelo preso como sempre - acho que nunca a vi com o cabelo solto. Ela está usando o uniforme do hospital.

Ela estende a mão e pega a minha. — Olhe para mim, garoto. — Eu olho para cima, mas não consigo olhar em seus olhos. A coisa mais difícil que já fiz, olhar essa mulher nos olhos. — Eu perdoo você.

Eu balanço minha cabeça; negando as lagrimas em meus olhos. Negando a dor em meu coração. Eu balanço minha cabeça com tanta força que dói.

— Sim. Eu perdoo. — Ela agarra minha mão com força. Suas palmas e dedos são calejados e fortes. — Minha India, era tudo o que eu tinha. Agora ela se foi. E... eu não vou adoçar isso. E foi por sua causa. Se ela não tivesse se envolvido com você, ela ainda estaria viva. Eu disse a ela para não sair com mais nenhum daqueles meninos Bishop. Não vêm acompanhados de algo bom. Ela sabia disso. Eu sabia. Depois de Isaac... Eu não achei que ela voltaria a estar com um Bishop. Mas ela me disse: — *Ele é diferente, mamãe. Ele não é como os outros.* — E acreditei nela. Eu deixei você vir para cá quando queria e fazer o que quisessem. Vocês são adultos, precisam tomar as suas próprias decisões. E... Você a amava. Eu vi isso. Eu vi isso nela. Ela se machucou muito quando Isaac morreu. E você a trouxe à vida de uma

forma diferente. Ela estava se formando em cosmetologia. Ia ser um modelo na cidade. Mas agora... ela se foi.

Não consigo sufocar um soluço.

Maya respira fundo e agarra minha outra mão, segurando-as com tanta força que os ossos doem. Ela fixa os olhos nos meus. — Eu perdoo você. E você... Você tem que ir. Você ficando aqui; vai definhar naquela cama. Eu não posso deixar você fazer isso. Ela não gostaria que você ficasse deitado ali, desistindo de tudo. Eu perdoo você. E pelo bem dela, vou fazer você ir. Se você quiser desistir, não vai ser aqui. E... Honestamente, você tem que ir e também por minha causa. Agora preciso aprender a ficar sozinha. E você me lembra ela. Então você tem que ir. Por você, por ela e por mim.

Eu concordo. É tudo que consigo fazer. Ela está certa. Eu sei que está. Mas... não importa. Nada importa. Eu não consigo sentir nada além da dor. Então me levanto, viro e olho para Maya. Ela vê o lamento nos meus olhos.

Posso ver que há outra coisa que ela quer me dizer.

— O quê, Maya? Pode dizer.

Ela balança a cabeça. — Eu não posso - eu simplesmente não posso.

Eu fico olhando para ela por um longo tempo, mas ela permanece em silêncio. — Obrigado. Por tudo.

— Adeus, Colt. — É o fim. Ela coloca a mão no meu ombro, e então ela sai, e eu fico sozinho.

Leva apenas alguns minutos para embalar as minhas coisas. Guardei o meu dinheiro, roupas, sapatos extras, só isso. Isso é tudo o que tenho. E a arma. Eu a

seguro em minhas mãos, olhando para ela. Enfio na parte de trás da minha calça, porque não quero na minha bolsa. Tenho que me livrar disso.

Terminei. Acabou com os Bishop. Acabou com tudo.

Estou na porta da frente, bolsa no ombro, dando uma última olhada na sala de estar onde India e eu passamos tanto tempo juntos. Aquele sofá... Deus, nós fizemos amor naquele sofá tantas vezes, sob aquela manta de marfim, assistindo TV.

Maya me impede. Ela está carregando um dos ursinhos de pelúcia da India, aquele com olho de botão azul. Sem dizer nada, ela me entrega. Por um momento que parece uma eternidade, seguro o ursinho de pelúcia em minhas mãos, sentindo o cheiro da India nele, sentindo-a nele. Eu engulo em seco, pisco mais forte. Com lágrimas nos olhos, deixo o apartamento da India. Não olhe para trás. Desça as escadas na frente do prédio, vire à direita e comece a andar.

Isto é familiar. A caminhada.

Eu ando alguns quilômetros antes de Split me alcançar. Ele para seu GTO na minha frente e sai. Ele me dá um duro olhar. — Você vai embora assim mesmo? Foda-se, Colt. Achei que você tivesse mais coragem do que isso.

Eu balanço minha cabeça; Não tenho.

Ele me encara, peito com peito, nariz com nariz. — Foda-se, cara. Eu não vou deixar você ir embora assim. Eu sei que está sofrendo. Eu sei que se odeia. Mas você não pode ir embora. Estamos nisso juntos.

Em resposta, retiro a 9 mm, ejeto o clipe, puxo o slide para ejetar a concha na câmara, entrego tudo para ele. Eu empurro passando por ele.

Ele agarra meu braço e me dá um empurrão e me acerta com um gancho de direita. Isso me derruba e caio de costas no chão, sangue escorre pelo canto do meu lábio. Eu fico no chão, chocado. Split joga a arma, o pente e o projétil no banco de trás do carro e se ajoelha na minha frente.

Ele agarra a frente da minha camisa. — Estou farto, Colt. Você não vai me irritar. Eu não vou deixar você. — Ele se levanta, me colocando de pé.

Ele se lança contra mim e me atinge de novo. Eu deixo. Seguro meu rosto. Ele me bate mais uma vez, direto no estômago. Me dobro, então me endireito. Eu mereço isso. De novo, e de novo, ele me soca e eu não faço nada além de aguentar.

— Lute de volta, porra!

Eu não posso. Eu não vou.

Ele para, respirando com dificuldade, olhando para mim com fúria.

— Você vai desistir assim, então... Você não a merecia. Você nunca a mereceu.

Isso dói fundo.

Eu cambaleio com a dor que suas palavras trazem. É uma agonia física saber que não a mereço. Isso eu nunca a mereci. E a dor dos socos fortes e precisos de Split torna tudo ainda mais real.

Eu gosto da dor. É algo em que se agarrar.

— Pensei que você fosse meu amigo, meu irmão. — A divisão está rachando. Raiva e agonia são um redemoinho em seus olhos. Ele me empurra com força. — Você não é. Você não é nada.

Eu não posso discutir com isso.

Mas a dor cortante de saber que ele está certo me deixa de joelhos. E Split está lá, me agarrando pelos cabelos. — Fique com raiva, Colt. Por mim. Por você mesmo. Dos idiotas que causaram tudo isso. Eu cuidarei deles, sabe? Certifique-se de que eles paguem. Eles pagarão. Agora, você tem que se levantar e mostrar quem você é. A India não ia gostar de um merda. Um pedaço patético de merda que simplesmente desistiu. Apenas vá embora. De mim, de Callie, de Maya, de Cleo, dos Bishops. Esse não é você. Você precisa se reencontrar de novo, Colt.

Ele me põe de pé pelos cabelos. Me empurra. Observa por um momento, esperando uma reação. Eu não digo nada, não faço nada. Não tenho nada, não sou nada. Não sou o homem que a India amava. Ele morreu quando ela morreu.

Split cospe no chão aos meus pés, entra no carro e vai embora. Mas ele só anda alguns metros antes de parar bruscamente. Anda furiosamente em minha direção, me agarra pela camisa e me puxa em direção ao carro. Me empurra para dentro, fecha a porta atrás de mim. Entra e começa a dirigir. Eu não pergunto para onde. Não importa.

Split dirige alguns quarteirões até o hospital e para no estacionamento. — Vamos lá. Mo está aqui, se machucou muito com toda essa merda. Você deve a ele, pelo menos, fazer-lhe uma visita.

Porra, tenho que visitar o Mo. Ele é um cara bom, um pouco louco, mas bom. Então, me levanto e até o nono andar e vejo como o Mo está. Ele levou um tiro no peito e chegou ao hospital a tempo de ser remendado. Ele está conectado a todos os tipos de máquinas e monitores, parecendo pálido e irritado. Entediado. Fico lá e isso é mais do que necessário. Ele não fala nada sobre a India, e eu não digo nada.

O tempo passa e tenho que sair da sala. Estou na metade do caminho para o elevador quando sou parado por uma linda jovem com o cabelo preso em trancinhas, usando uniforme de enfermeira.

— Ei, você é o Colt? — ela pergunta. Eu concordo.

— Eu era amiga da India. — Ela abaixa a cabeça, parece hesitante. Receosa. — Não sei se a mãe de Maya te contou, mas... Hum. India - ela... quando ela morreu, ela estava... — Então uma longa, longa pausa. Uma lágrima escorre por seu rosto. Ela finalmente olha para mim, os olhos úmidos. — Ela estava grávida.

Eu acho que desmaio. Só me lembro do azulejo frio no rosto e da sensação de frio por dentro. Então me dou conta de mãos me levantando, me carregando. Posso ter chorado, não sei. É tudo um borrão, uma névoa, escuridão.

Estou em um sofá e percebo que estou no apartamento de Split e Callie.

Sinto fome e sede, mas ignoro.

Split me obriga a comer, e faço isso apenas para tirá-lo do meu pé. Estou vazio, nem sei por quanto tempo.

* * * *

Estou no sofá de Split.

Estou vendo a India.

Estou vendo ela sangrar nas minhas pernas e na grama.

Estou ouvindo Maya me dizer que é minha culpa, mas ela me perdoa. Eu não me perdoo; tudo que eu mereço é dor.

O único pensamento que tenho é que preciso sentir dor.

Tarde da noite, algo - não sei o quê - me impele a me levantar do sofá e ir na ponta dos pés para a cozinha. Abro uma gaveta e tiro uma faca de carne. Eu não sei o que me leva a me apoiar na pia e passar a lâmina pelo meu pulso. Dói, mas não o suficiente. Estou sem camisa e algo escuro e preto e sedento sussurra para mim, me dizendo para passar a lâmina no meu peito. Diretamente sob meu mamilo esquerdo, um pedaço longo e lento.

A dor é aguda e doce. Enquanto sangro, posso respirar. Mas desaparece cedo demais. Então eu passo a lâmina no meu outro peito. Eu pressiono com força para que a lâmina corte profundamente. Eu flexiono e o sangue flui. Eu respiro fundo e prendo a respiração.

Mas quando a dor diminui, a âncora pressionando meu peito está de volta.

Estou prestes a cortar meu peito novamente quando a porta do quarto de Split e Callie se abre. Callie sai, vestindo uma das camisas de Split e parecendo sonolenta. Ela não me vê a princípio enquanto pega um copo do armário e vai até à pia para enchê-lo de água. Então ela me vê.

— Merda, desculpe, não vi você. — Ela pisca para mim, ainda com os olhos turvos. E então seu olhar se fixa no meu peito; os filetes de sangue escorrendo pelo meu peito. Ela vê os cortes longos e profundos na minha pele, no músculo. Vê a faca na minha mão, a lâmina vermelha. — Colt? Que porra que está fazendo?

Eu apenas fico lá. Não tenho palavras, nenhuma explicação.

Ela balança a cabeça em desgosto. — Cara, você precisa de ajuda. Isso não pode continuar. — Ela pega sua água e volta para a cama.

Eu a ouço conversando com Split em murmúrios baixos, e depois de um minuto ele sai, vestindo uma samba canção. Seu olhar passa pelos meus cortes, depois vai para a faca.

— Eu preciso me preocupar em encontrar você morto na minha cozinha? — ele exige.

Eu penso sobre isso. Acabo balançando a minha cabeça negando. Não se trata de buscar a morte. É sobre encontrar a dor para que eu possa respirar. Mesmo se eu pudesse falar, não poderia explicar.

Split tira a faca de mim. — Não seja idiota, cara. Este não é o caminho. — Ele lava a faca com cuidado, seca e a guarda. Eu apenas observo. Quando ele termina, ele me encara. — Colt, eu não preciso dessa merda. Você quer se cortar em pedaços, faça isso em outro lugar. Não na minha casa. Não perto da minha mulher. Ela já sofreu o suficiente. Eu sei que está sofrendo, mas fazer isso não vai consertar as coisas. Eu não vou sentar e assistir você fazer essa merda.

Ele tem razão. Ela está certa. Ambos estão certos. É uma merda e não conserta nada.

Mas posso respirar quando sangro. Posso respirar quando a dor é aguda e recente. Não consigo respirar sem a India e não mereço.

Então me corto, mas só faço isso quando estou sozinho, onde eles não podem ver, eu nunca os deixo saber.

Encontro uma lâmina de barbear e guardo na carteira. Ando pelas ruas à noite, quando as luzes da rua zumbem e zumbem e as ruas estão vazias e os parques infantis estão silenciosos. Às vezes me sento no balanço e penso na India, e penso em flertar, viver, me apaixonar por uma garota.

Eu levanto minha camisa e deslizo a navalha em meu peito, então abaixo os meus bíceps.

Observo o sangue e respiro enquanto ele flui.

Split sabe que ainda estou fazendo isso, mas mantenho minha promessa, e nunca mais me cortei perto dele ou de Callie.

Nunca pensei que seria um cortador.

Assim como nunca pensei que seria um sem-teto, ou um membro de uma gangue, ou um lutador underground.

Eu sou todas essas coisas, e nenhuma delas vale a pena.

* * * *

Alguns meses depois, volto a lutar. Todas as noites há uma luta, e luto quantas vezes Ruiz permite. As lutas são os únicos momentos em que me sinto vivo. Luto como um tigre ferido. Noite após noite, semana após semana. Meu rosto leva uma surra. Meu nariz está permanentemente quebrado. Guardo o meu dinheiro, economizo tudo. Eu nem me incomodo em contar, eu apenas coloco em uma mochila e deixo na casa de Split.

Eu luto. Eu corto.

E eu caminho.

Eu quase não durmo.

Eu tento, mas não consigo.

Quando estou sozinho no apartamento ouço música e canto para mim mesmo.

Começa ruim, mas se transforma em... Alguma coisa. Eu escrevo uma música para cantar para mim mesmo e, no processo, encontro uma maneira de afastar o vazio, de afastar a necessidade de cortar:

Silencie sua voz de choro, criança perdida.

Não deixe nenhum pedido de conforto passar por seus lábios.

Você está bem, agora.

Você está bem, agora.

Não chore mais, enxugue os olhos.

Se desfaça da dor, coloque no chão e deixe para os pássaros.

Não sofra mais, criança perdida.

Fique de pé e pegue a estrada, siga em frente e sele a dor por trás das milhas.

Não está tudo bem, não está bem.

Eu sei, eu sei.

A noite é longa, é escura e cruel. Eu sei, eu sei.

Você não está sozinho.

Você não está sozinho.

Você é amado.

Você está seguro.

Silencie sua voz de choro, criança perdida.

Você está bem, agora.

Você está bem, agora.

Apenas espere mais um dia.

Espere mais uma hora.

Alguém virá para você.

Alguém vai te abraçar.

Eu sei, eu sei.

Não está tudo bem, não está tudo bem.

Mas se você apenas esperar,

Mais um dia, mais uma hora.

Será. Será.

A música é para mim. É para a India. É pela pequena vida que ela tinha dentro de si.

E eu acho que, na tristeza, talvez ela nem soubesse sobre isso. Canto para mim mesmo, minha pequena melodia, com suas palavras infantis de canção de ninar. Eu canto para mim mesmo, baixinho e, finalmente, posso dormir.

* * * *

Um dia, depois de horas de caminhada sem rumo, me vejo passando por uma garagem. Eu olho para dentro das baias e vejo carros nos elevadores, mecânicos em macacões embaixo deles, consertando e trocando o óleo e tudo mais. Eu não posso deixar de parar e assistir. Esta cena simples disparou minha imaginação como nada nas últimas semanas. Eu acendo um cigarro e me encosto em uma parede que oferece uma boa visão. Um garoto desalinhado em um macacão grande demais está trabalhando em uma caminhonete suspensa por um elevador hidráulico, e posso dizer a partir do que estou vendo o garoto está bagunçando o sistema de escapamento do pobre coitado. O garoto não tem ideia do que está fazendo e ninguém o está supervisionando.

Seja por frustração ou pelo simples fato de que não aguento mais vê-lo lutar, vou até o compartimento de serviço, empurro o garoto para o lado e pego a chave inglesa dele.

— Ei, cara, que diabos? — ele protesta e tenta me empurrar para fora do caminho, ao mesmo tempo tentando tirar a chave inglesa.

Um olhar meu o faz recuar. — Você está estragando tudo. Deixe-me ajudar antes que você estrague tudo e que não possa ser consertado.

Ele dá um passo para trás, observa enquanto eu desfaço seus erros, prestando atenção enquanto desmonto todo o sistema de escapamento, revendo peça por peça e montando da maneira certa.

Quando termino, minhas mãos estão cobertas de graxa e há algo vivo em meu peito. O peso em meu peito diminuiu um pouco.

Um cara corpulento de macacão com a parte superior amarrada na cintura se aproxima de mim e do garoto, e do último modelo Ram 15OO que acabei de consertar. — O que está acontecendo, Ricky? — ele pergunta, com café na mão.

O garoto, Ricky, gesticula para mim. — Eu não sei, Carl. Ele simplesmente apareceu. Pegou a chave inglesa e refez todo o meu trabalho.

— E você apenas deixou?

Ricky gesticula para mim novamente. — Você já olhou para ele?

Carl, obviamente o dono da garagem, examina o sistema de escapamento. — É um bom trabalho. Qual o seu nome?

Eu mal tenho falado nos últimos meses, mas de repente... Me sinto vivo novamente. Talvez com um pouco de graxa sob as unhas e uma chave inglesa na mão, eu possa encontrar uma maneira de respirar além de me cortando.

Então eu limpo minha garganta. — Colt.

— Você conhece carros, Colt?

Eu concordo. — Sim.

Carl aponta para um Camry em um elevador. — Dê uma olhada nisso.

Jogo a chave de volta para Ricky e me enfio sob o Camry. Os freios precisam ser substituídos e há vazamento de óleo de algum lugar. O vazamento é provavelmente o motivo pelo qual foi trazido aqui. Em alguns minutos encontro a causa do vazamento.

— Encontrei o vazamento— digo, emergindo de debaixo do carro.

Carl acena para mim e então olha para Ricky, — Desculpe, garoto. Você acabou de ser substituído.

— Ah, vamos, Carl. Eu estou apenas começando! E a tia Linda disse...

— Minha irmã não administra a minha loja. Você não sabe merda nenhuma sobre carros e não tenho tempo para te ensinar. Você pode trabalhar no balcão.

— Isso é besteira — diz Ricky, mas saiu baixinho e ele já está indo para a frente da loja.

Carl estende a mão. — Eu preciso de alguém em tempo integral. Estou atolado de ordens de serviços, e meu único funcionário qualificado me largou no mês passado.

— Vou trabalhar até cair. Você não ficará desapontado. — Eu aperto sua mão.

— Ganhará quinze por hora. Mantenha o nariz limpo e não foda qualquer coisa.

— Parece bom.

E assim, eu tenho um emprego. Um verdadeiro trabalho. Um trabalho legítimo e legal, fazendo a única coisa que sempre me divertiu. É estranho preencher as informações pessoais e assinar meu nome. Sei que vou precisar de uma conta bancária para depositar meus cheques de pagamento. Eu sorrio ironicamente para mim mesmo - tornar-se legítimo não quer dizer não ter dinheiro, somente quer dizer ter dinheiro no banco como todo mundo.

De alguma forma, esse pensamento me faz sentir bem.

Eu coloco um macacão, fecho o zíper e começo a trabalhar.

Parece que o solo estéril da minha alma brotou de repente uma muda.

Talvez a esperança tenha um lugar para crescer.

Eu começo a trabalhar naquele dia, naquele momento. Trabalho no Camry, conserto o vazamento e troco os freios. O próximo desafio é um Volvo velho pra caralho, o qual eu consigo trazer a vida por tempo suficiente para ver o dono por mais um verão. Depois de uma pausa para o almoço, troco o óleo e conserto um motor de arranque defeituoso em um Focus. Eu esqueço tudo enquanto trabalho. Tudo. Tempo, eu, India, Split, o passado, tudo. Nada existe, somente a ferramenta em minha mão e o problema mecânico que precisa ser consertado.

Eu tenho minha cabeça sob o capô de um Charger restaurado, mexendo nas velas de ignição. Estou ciente de uma presença atrás de mim e sinto um toque no ombro. O instinto me faz girar e me lançar para a frente. Ferramenta na mão, eu levanto meu braço, pronto para atacar. De repente, volto aos meus sentidos. Percebo que estou com Carl pela garganta e estou prestes a bater em sua cabeça.

Imediatamente o solto e deixo a ferramenta cair no bloco do motor. — Merda. Merda. Desculpe. — Eu recuo. Pisco forte, limpo o meu rosto. — Desculpe. Eu sinto muito.

Carl engole e se endireita. — Muito nervoso? Jesus.

— Eu não gosto de ser surpreendido.

— Não me diga. — Ele esfrega a garganta. — Eu preciso me preocupar com você?

Eu encolho os ombros. — Ninguém vai vir atrás de mim.

— Não é o que eu quero dizer. Você vai surtar? Você quase quebrou meu cérebro agora mesmo, e tudo que fiz foi ficar atrás de você.

— Só... Só levei um susto, só isso. Eu não ouvi você.

Ele acena com a cabeça e, em seguida, faz uma pausa antes de dizer: — Tudo bem. Apenas... Mantenha essa merda sob controle, cara. Os clientes vão me processar se você fizer essa merda com eles. — Ele bate no pulso. — Já passa das dez da noite, hora de parar.

Eu aponto para o carregador. — Estou quase terminando aqui. Não me importo de ficar para terminar.

Carl balança a cabeça. — Eu estou indo para casa. E, sem querer ofender, mas eu ainda não confio em você para te deixar sozinho aqui. Então. É hora de parar.

— Entendi.

— Como se soletra o seu nome? Quero ter certeza de que seu nome na etiqueta está correta.

— C-O-L-T.

Ele trava, apaga as luzes e fecha as portas da loja. Nós estamos na estrada onde a luz forte dos postes nos ilumina. Carros passam em ambas as direções.

— Eu terei seu crachá pronto amanhã. Minha esposa faz bordados. Esteja aqui às nove. — Ele estende a mão para mim.

Hesitante eu a pego. Eu tenho um chefe e ele é um cara decente, ao que parece. Nem todo mundo estaria disposto a ignorar meus instintos nervosos e alertas. — Vejo você amanhã, Carl.

Volto para a casa de Split e Callie. Eles estão juntos no sofá, Callie está assistindo Split jogar no Xbox e estão compartilhando uma garrafa de bebida, com a cabeça apoiada no colo dele. Eles ficam confortáveis juntos. É fácil e tranquilo para eles.

Split me ouve entrar e pausa seu jogo. — Onde você esteve, cara? — Não esperando uma resposta. Então ele se vira para olhar para mim, vê o macacão, a graxa em minhas mãos. — Não me diga! Você conseguiu um emprego?

Arrisco um sorriso muito enferrujado e encolho os ombros. — Sim.

Split põe a mão no coração, um gesto comicamente dramático. — Ele fala! Deus seja louvado!

— Cale-se. — Eu abaixo minha cabeça, envergonhado. Principalmente porque me sinto uma pessoa novamente. É estranho, doloroso e revigorante.

— Mas de verdade, estou feliz por você, Colt. Aonde?

— Carl's Auto Garage. Poucos quilômetros ao norte daqui.

— Você não vai mais lutar? — É uma pergunta com algo mais nas entre linhas. Ele também está perguntando se eu vou parar de me cortar.

Eu encolho os ombros. — Acho que sim. Vou tentar.

Sento-me do outro lado do sofá, os pés de Callie sobre meus joelhos, assistindo Split atirar em zumbis. É bom sentar-se. Eu tomo um gole na garrafa e devolvo.

O passado ainda está lá. A miséria. A dor. A culpa. Mas…

Mas de alguma forma eu percebo que não é tudo que existe. Se eu puder trabalhar em carros, posso sobreviver. É o que a India teria desejado.

— A India ficaria orgulhosa de você — diz Callie.

— Era sobre isso que eu estava pensando — digo a ela.

É difícil olhar para ela porque ela está sempre olhando para o meu peito, vendo o sangue grudado na minha camisa depois de ter me cortado. Ela está sempre olhando para mim como se visse a India.

Mas agora, eu olho para Callie, e ela apenas me vê. Compartilhamos um sorriso cheio de significado.

Eu só posso sobreviver a isso.

CAPÍTULO 12

Aprendendo a Jogar

O tempo cura. Isso é o que eles dizem. Eu tenho as marcas cicatrizadas no meu peito para provar isso. Por dentro ainda sofro, ainda me odeio pelo que aconteceu. Ainda não fui capaz de me perdoar, mas estou chegando lá.

Minha vida se tornou algo muito simples: trabalho para Carl, consertando carros. Eu economizo o meu dinheiro, mantenho minha cabeça baixa, meu nariz limpo e tento apenas fazer isso, um dia de cada vez. Eu não luto mais e tenho que admitir que é bom.

Um dia, não muito depois de começar a trabalhar para Carl, Split e eu estavámos sentados na escada do lado de fora do prédio deles, fumando um baseado.

Ele o entrega para mim, sopra a fumaça e então me olha. — Não estou tentando expulsá-lo, mas... Você já pensou em conseguir seu próprio lugar?

— Sim. Engraçado você mencionar isso, porque estive pensando sobre isso.

— Você sabe que é bem-vindo para ficar o quanto quiser. Mas pode ser bom para você ficar sozinho.

Moro com Split e Callie desde que a India morreu. Eles merecem seu próprio espaço e é hora de eu dar isso a eles.

Split está certo. Ele não disse isso com tantas palavras, mas de certa forma os estou usando como uma muleta: quando estou sozinho, a tentação de lidar com a solidão com uma lâmina de barbear é muito forte. Mas eu tenho que enfrentar aquele

demônio da mesma forma que enfrentei os oponentes no ringue de boxe - eu tenho que lutar e me comprometer.

Eu entrego a ele o baseado. Enquanto a fumaça flutua sobre nossas cabeças, digo: — Vou encontrar algum lugar.

— Colt, você sabe que não estou...

— Eu não posso viver com vocês para sempre. — Eu dou um tapa nas costas dele. — Eu estou bem. Vai ser bom.

É assim que me encontro em um cenário maluco: sublocar um quarto de uma velha. Encontrei o lugar em um anúncio classificado e liguei para ela por impulso. Ela queria ter uma reunião cara a cara e, por motivos que ainda não entendo, concordou em sublocar um quarto para mim. É barato e fica perto da garagem.

O nome da senhoria é Tilda. Ela é branca, oitenta e sete, ágil, doce e rigorosa. Nenhuma mulher depois da meia-noite. Não fumar dentro ou fora de casa. Sem música alta. Regras absurdas para a maioria dos caras da minha idade, mas na minha situação... É perfeito. E impossível. Não tenho como evitar os meus demônios, não tenho como evitar ter que lidar com isso.

Na maioria das vezes, vou para o trabalho e depois volto para casa e tenho que enfrentar a solidão com meus pensamentos, com minhas memórias. Com meus demônios.

Não posso fumar no meu quarto, então me entrego à bebida o que só aumenta a minha solidão. Quando estou bêbado, me corto - a tentação é avassaladora. É demais.

E então algo realmente estranho acontece. Algo totalmente comum, que me muda completamente, altera completamente a minha visão da vida.

Uma noite, Tilda coloca um disco em seu velho aparelho de som - é uma coisa muito antiga com um gabinete de madeira sofisticado. A música me obriga a sair do meu quarto e ir para a sala de estar.

É um disco de vinil de verdade e o som é incrível. Música suave, lenta e antiga. Uma mulher cantando.

Deus, que visão ela é, toda arrumada com seu vestido mais chique, seu cabelo grisalho preso. Ela está dançando sozinha, um grande sorriso no rosto enquanto ela se contorce e balança lentamente no lugar, vendo claramente algo de décadas passadas.

— É Nina Simone, Colt. — Ela para de dançar e, de alguma forma, aqueles velhos olhos veem coisas que não deveriam. Ela estende a mão enrugada como papel. — Dance comigo.

Eu escuto as palavras; a cantora está cantando sobre um novo amanhecer... Como seria um novo amanhecer, eu me pergunto?

Pego a mão frágil de Tilda na minha, coloco a mão em sua cintura e dançamos lentamente, balançando para Nina Simone. A música termina e outra começa. Continuamos dançando.

— Frank e eu costumávamos dançar assim. — Ela fala no meu ombro.

Ela é pequena e parece frágil, mas sua voz é forte. — Nós dois amávamos Nina. Frank costumava cantar para mim. Dançávamos e ele cantava.

— Bem... Só não espere que eu cante — eu digo.

— Você já tentou?

Eu balanço minha cabeça. — Na verdade, não. — Exceto pela musiquinha que às vezes canto para mim mesma, quando não consigo dormir, mas nunca contaria a ninguém sobre isso.

Ela se afasta de mim, ajusta o disco, abaixa a agulha e 'Feeling Good' toca novamente. — Cante isso. Eu sei que você conhece a letra. Todo mundo conhece essa música.

Então eu canto - você não pode dizer não para uma velha como Tilda. É estranho no início. Uma outra lingua. Desajeitado. Mas a música é como uma droga, um novo tipo de droga. Eu sinto isso em minhas veias, queimando, coruscando, efervescente e selvagem. Então eu canto.

Eu canto.

Quando a música acaba, sinto algo poderoso por dentro. Tilda está olhando para mim. — Ora, Colt, você tem uma voz linda! Absolutamente adorável. Meu Frank não conseguia cantar. Mas ele era tão sincero que nunca disse a ele. De qualquer maneira ele só cantava para mim. Mas você, Colt, deveria cantar mais.

Ela me deixa ir depois de mais uma dança. Mais tarde, porém, eu canto aquela música de Nina Simone repetidamente, baixinho. E me ajuda a dormir.

Quando acordo na manhã seguinte, há um estojo de guitarra do lado de fora da porta do meu quarto com uma nota escrita na letra cursiva de Tilda: *Esta era de Frank. Ele tocava tão bem quanto cantava, mas com certeza adorava tentar. Você deveria também.*

Eu nem sei por onde começar. Eu nunca segurei um violão, muito menos toquei um.

Eu tiro o violão do estojo e apenas fico olhando para ele. É velho. Pode valer muito, ou talvez nada - o que eu sei? Eu dedilho as cordas. Eeesh, até eu sei que está desafinado.

Coloco de volta na maleta e naquele dia esqueço dele enquanto estou no trabalho.

Chego em casa do trabalho naquela noite e há uma adolescente sentada no sofá ao lado de Tilda, assistindo TV. Quando entro, os olhos da garota se arregalam e ela se encolhe no canto, em pânico, até solta um pequeno grito de medo.

Eu paro no meio da porta, confuso.

— Oh, cale-se — Tilda repreende a garota. — É apenas o Colt. Ele mora no meu quarto de hóspedes.

A garota encara Tilda como se ela tivesse uma segunda cabeça. — Você é louca? Ele é a pessoa mais assustadora que já vi!

Ela está certa. Meu outro mecanismo de enfrentamento tornou-se o exercício.

O porão de Tilda está vazio e inacabado, então ela me deixou trazer alguns equipamentos de ginástica. Eu malho como um louco todos os dias, agora, e estou mais forte do que nunca. Adicione as tatuagens, o cabelo desgrenhado não cortado, as mãos gordurosas... Até eu sei que pareço o bandido que sou.

— Desculpe incomodá-la. — Eu evito seus olhos e vou em direção ao meu quarto.

— Espere, Colt. — A voz de Tilda não admite argumentos. Eu paro no corredor e me viro. — Frankie, estou com vergonha de você. Você não sabe nada

sobre este jovem. Você acha que eu o traria para minha casa se estivesse preocupada com o que ele poderia fazer? Você deve a ele um pedido de desculpas.

— Está tudo bem, Tilda. Ela tem razão — eu digo.

— Não, Colt. Ela está julgando pelas aparências, e eu sei que ensinei minha filha melhor do que isso. Eu esperava que ela tivesse passado essa lição para minha neta também. — Tilda parece chateada.

E Frankie também. Na verdade ela está quase chorando.

— Vovó, eu...

— Não, Frankie. Levante-se, vá até Colt e peça desculpas. Ou você pode voltar para casa agora.

Frankie se levanta devagar e se aproxima de mim. Ela funga e arrisca um olhar para mim. Tento parecer... Mais suave. Mais acessível. Mas não parece funcionar, a pobre garota está tremendo como uma folha.

— Sinto muito — ela murmura, quase inaudível.

— Tudo bem. — Eu deveria dizer outra coisa. Algo reconfortante. — Eu nunca deixaria nada acontecer com Tilda. Ela é ótima.

Isso me rendeu um leve sorriso de ambas.

— Sente-se, Colt. — Tilda dá um tapinha no sofá. — Assista So You Think You Can Dance conosco. Você pode gostar disso.

Frankie bufa, e quase o faço também. Parece idiota. Mas como eu disse, você não diz não para Tilda. Então eu me sento e assisto um monte de merdas magricelas andando pelo palco.

O tempo todo Tilda está de olho em sua neta, um brilho de especulação em seus olhos. Quando o show acaba, Tilda desliga a TV. — Frankie, você ainda estuda música, certo?

Frankie encolhe os ombros. — Sim. Eu estou indo ao conservatório para as aulas. Você sabe disso, vovó.

— Quais instrumentos você toca?

Frankie fica confusa com as perguntas repentinas e olha para a avó como se ela devesse saber as respostas. Mas ela responde de qualquer maneira. — Guitarra, piano, harpa. E eu canto.

Tilda concorda. — Levante-se. Está resolvido, então. Você vai passar a noite e, de manhã, vai dar aulas de violão ao Colt.

— Eu o quê? — Frankie se levanta, em pânico novamente. — Eu não posso. Eu não... Vó, vamos lá.

— Eu tenho que trabalhar, Tilda. — Eu também me levanto. Esta é uma má ideia.

Tilda balança a cabeça. — Você deve a ele mais do que um miserável ‘sinto muito’ por sua reação indelicada. E ele está interessado em aprender a tocar violão e cantar. Não é, Colt?

— Hum. — Eu gaguejo, mas lá no fundo... Sim, merda, sim, quero aprender a tocar.

Mas eu nunca admitiria isso. E essa garota tem quinze anos no máximo. O que ela poderia me ensinar?

Tilda me golpeia. — Você é muito grande, mau e viril para admitir, mas quer aprender. E minha Frankie é talentosa. Ela poderia te ensinar uma ou duas coisas. Eu a ouvi tocar. Ela é incrível. Você pode reservar uma ou duas horas pela manhã.

Eu apenas pisco. — Eu... hum. Ok, eu acho.

— Vó...

— Frankie, engula seu orgulho. — Tilda não aceita um não como resposta. Um encolher de ombros.

— Bom.

— Muito bom. — Tilda acena com as mãos, espalhando-nos. — Agora. Todos para a cama.

* * * *

De manhã, Tilda tinha saido. Ela me deixou um bilhete: fui ao clube de bridge. Colt, talvez você possa pagar a Frankie pela aula? Não muito, apenas uma coisinha. E seja legal com ela. Ela é doce.

Frankie está à mesa da cozinha, comendo cereal, fones de ouvido, celular na mão, polegar voando loucamente, enviando uma mensagem de texto.

Ela me vê, envia a mensagem, desliga o telefone e puxa os fones de ouvido. — Você realmente quer que eu lhe ensine a tocar violão?

Eu encolho os ombros. — Sim, se você não se importar.

— Você sabe alguma coisa sobre música?

Eu balancei minha cabeça. — Não.

Um suspiro. — Grande surpresa.

— Eu lhe pagarei pelas lições. Então você vai ganhar algo com isso, mesmo se eu for péssimo.

— Oh, você deve ser horrivel. O objetivo da lição é aprender pelo menos um pouco. — Ela se levanta, enxagua a tigela na pia e se senta no sofá. — Onde está seu violão?

— Hum. No meu quarto.

Ela acena. — Bem? Vá buscar. Não consigo ensinar sem ele.

Isso é tão estranho receber ordens de uma adolescente. Mas estou em desvantagem. Pego a caixa do violão, abro e pego o instrumento. Mas então eu noto que Frankie está olhando para mim.

— O quê? — Eu pergunto.

— Isso é... É o violão do vovô.

Eu concordo. — Sim. Sua avó me deu.

Frankie está imóvel, tensa. Ela sussurra, — Vovô me fez me interessar por música por causa desse violão. Eu tenho o nome dele. Vovó... Deu para você?

Merda. Isto é estranho. — Quer dizer, ela apenas disse que eu deveria tentar aprender. Eu acho.

Frankie balança a cabeça. — Não, ela não disse isso. Ela deu a você. Você é um péssimo mentiroso.

— Não, ela não me deu expressamente. Ela deixou do lado de fora do meu quarto. Eu apenas presumi. Você pode ficar com ele.

Frankie balança a cabeça. — Você fica com ele. Eu só... Eu sempre pensei que ela me daria algum dia.

— Sinto muito, Frankie. Eu não sabia.

Um encolher de ombros. — Tudo bem. — Ela pega de mim, dedilha. — Meu Deus. Muito desafinado. — Ela puxa as cordas uma por uma, torcendo as cavilhas até que soem bem em seu ouvido. Dedilha novamente. — Pronto. Assim é melhor.

Ela me entrega.

— Apenas dedilhe - é um acorde aberto.

Ela segue isso com um resumo rápido e técnico de vários acordes, posições dos dedos, ritmos, uma análise do uso de trastes... É estonteante. Ela vê que não estou seguindo, então pega o violão de mim.

— Apenas observe ok?

Eu aceno, e vejo com fascínio enquanto ela se lança em uma peça musical chocantemente impressionante. Parece clássico, como Mozart tocado em uma guitarra. Ela está curvada sobre o violão, olhos fechados, carrancuda, concentrada, dedos voando no braço da guitarra, nas cordas.

Quando ela termina, sorri para mim. Ela apenas se exibiu, eu percebo. Para me mostrar suas credenciais. E então ela toca Mary Had a Little Lamb devagar e com cuidado. Passa para mim. Tento imitar o que a vi fazer e ela me corrige.

Uma hora se passa e no final quase consigo tocar a música corretamente. Na semana seguinte, Frankie veio e me deu outra lição.

Isso se torna uma coisa normal. Ela é uma menina doce, talentosa como o inferno. Nunca falamos sobre nada além de música, mas desenvolvemos um relacionamento através dela. Ela não tem mais medo de mim. Na verdade, eu diria que somos meio amigos. O que é estranho, mas legal.

Em dois meses, fica claro que tenho um pouco de talento natural, pelo menos. Estou pegando cada vez mais rápido. Aprendendo canções cada vez mais complicadas. Trabalho de acordes, técnica real.

É divertido. É outro mecanismo de enfrentamento positivo. Eu posso me expressar.

Perco-me na música com a mesma facilidade com que me perco no trabalho.

À noite, sozinho, me sento no quintal e dedilho baixinho o violão e canto junto. Para ninguém além dos grilos e as estrelas, mas é melhor do que me cortar.

Frankie se torna como uma irmã mais nova. Ela me lembra meu próprio irmão, Kyle, em Michigan. Me pergunto o que ele está fazendo? Se ele ainda é amigo daquela garota... Nell. A vizinha. Coisinha fofa, doce, inteligente, tão perfeita quanto Kyle. Esses dois sempre foram inseparáveis, o menino de ouro e a menina de ouro. Eu saí e nunca mais olhei para trás. Mas Frankie, ela é jovem e doce, e ela me lembra Kyle.

* * * *

O telefone fixo toca às três da manhã em um fim de semana. O telefone fixo de Tilda nunca toca. Eu nem sabia que ela tinha um, para ser honesto. Mas eu acordo de um sono profundo, com o barulho de campainha vindo da cozinha.

Tilda dorme como uma pedra; ela tira o seu aparelho auditivo à noite para não ser incomodada.

Eu pego o telefone e atendo.

— Alô?

— Colt? — A voz do outro lado é minúscula, tímida, com medo. Quieta, como se tivesse com medo de ser ouvida.

— Quem é?

— É a Frankie.

— São três da manhã, Frankie. Onde você está... O que houve? —

— Eu.. — Há um grito do outro lado, interrompendo-a.

— Frankie? Fale comigo.

— Estou em uma festa. As coisas estão ficando meio loucas e eu não sei como chegar em casa, e não tenho nenhum dinheiro, e o cara com quem vim está... Ele não está bem. Eu estou assustada.

— Onde você está?

— Eu não sei!

— Você pode ver lá fora? Você pode ver os edifícios perto de você, ou as ruas transversais, um endereço, qualquer coisa?

Ela se atrapalha. — Fica aí. — A linha fica muda e ouço ruídos de fundo. Longos minutos se passam antes que ela volte. — Existem apenas apartamentos e prédios em todos os lugares. Eu não sei. Mas consegui o endereço. — Ela cita um endereço em uma rua, bem no centro de Manhattan, uma parte cara da cidade.

— OK. Esconda-se em algum lugar. Não beba mais. Fique longe de todos. Estarei aí assim que puder.

— Você virá?

— Pode contar com isso. Apenas sente-se e fique segura.

— Eu estou assustada.

— Estou indo, Frankie. Você vai ficar bem. Eu prometo.

— OK. Apenas... Se apresse.

Tilda tem um Cadillac velho e deixa as chaves em um gancho na cozinha. Ela me disse que se eu precisasse, poderia pegá-lo emprestado, desde que enchesse o tanque e devolvesse em segurança. Então eu o pego emprestado, e me mando pela ponte até Manhattan, em direção ao centro da cidade. Encontro o endereço, um prédio alto e chique. Do tipo com toldo e porta giratória e porteiros em uniformes elegantes.

— Estou visitando um amigo — digo. Claramente, o porteiro noturno está acostumado a festas como essa, com todos os tipos de personagens questionáveis indo e vindo. Não é muito seguro se você me perguntar; merda, eu não deixaria eu entrar. Mas ele deixa, então eu vou até o décimo quarto andar.

A música toca atrás da porta, que é mantida aberta pela barra da fechadura. Abro e entro. Há corpos por toda parte. É uma festa de adolescentes ricos, garrafas de

bebidas caras por todo lado, filas de coca em mesas antigas. Garotas em vestidos minúsculos de estilistas em cima de punks idiotas que usam os colarinhos de suas camisas polos virados para cima. Ninguém me dá atenção. Há um casal transando em um sofá.

Outro casal transando em um canto.

Jesus, que bagunça. Ninguém supervisiona essas crianças? Nenhum deles tem mais de dezoito anos.

Eu ouço ruídos atrás de uma porta fechada. Não são sons bons: grunhidos, gemidos abafados e agudos. Uma fivela de cinto tilintando. Um tapa. Não interessa quem está atrás daquela porta, eu vou entrar.

Eu chuto a porta, uma rachadura sólida da minha Timberland logo abaixo da maçaneta. Ela se abre e eu vejo um punk magro e de bunda branca com a calça nos tornozelos, prestes a estuprar Frankie.

Oh infernos, não.

Eu o agarro pelo cabelo e puxo. Seguro ele. Ele se assusta quando me vê; ele deveria ficar, porque eu estou vendo vermelho. Frankie está com uma minissaia que foi puxada para cima, em torno da cintura, a camisa levantada, o sutiã pela metade, seios pequenos à mostra. Sua bochecha está vermelha no local que o merda a atingiu.

Minha raiva é como um inferno.

— Frankie. Fora. — Minha voz é baixa, um rosnado que promete sangue.

— Colt?

— Fora. Agora. Espere lá fora. — Eu não quero que ela veja o que estou prestes a fazer.

Ela sai correndo, ouve o aviso em minha voz. Endireita suas roupas conforme vai saindo.

Quando ela está fora de vista... O sangue voa. Sem uma palavra, eu transformo o pequeno filho da puta em hambúrguer.

Quando termino com ele, saio da sala e encontro Frankie encolhida contra a parede, uma multidão ao seu redor, gritando perguntas para ela. Eles me viram e viram o que eu fiz.

Eu os empurro de lado, agarrando Frankie. — Vamos.

— O que... o que você fez com Heath?

— Eu ensinei a ele uma lição. — Eu a arrasto para fora da festa até o elevador; ignoro as suas perguntas até que estejamos no Caddy.

Ela está tentando abafar os soluços. — Eu... Eu sinto muito.

Eu paro em um sinal vermelho. — Desculpe? Porra, você não tem nada com o que se desculpar. Você está bem?

Ela concorda. — Sim.

Ignoro o sinal verde, sento-me no cruzamento, viro-me para olhar para ela. — Me diga a verdade, Frankie. Ele estuprou você?

Ela balança a cabeça. — Não. Não. Você chegou lá antes dele conseguir. Ele... Ele teria... Ele estava prestes a... — Ela estremece. Começa a chorar. — Ele... Ele me disse que eu queria... Que eu pedi por isso. Já fomos a festas juntos antes e ele estava me forçando, fisicamente. Eu sempre o impedi, disse a ele que ainda não estava pronta para isso. Ele apenas... Ele sempre foi tão insistente sobre isso. Ele me agarrava. Me tocava. Sempre agia como se fosse uma piada.

— Mas, então, esta noite, ele me encurralou naquela sala depois que eu liguei para você. Eu pensei que tinha trancado a porta, mas ele... Eu não sei. Ele entrou. 'Vista-se como uma vagabunda', ele disse, e você... Você consegue o que pede.

— Jesus. Que idiota.

— Eu sei que minha saia é um pouco curta, mas...

— Pare. — Minha voz estala como um chicote, e ela olha para mim. — Não. Apenas... Porra, não. Ouça-me, Frankie: isso é uma completa mentira. Não importa o que você esteja vestindo, o consentimento é tudo o que importa. Ninguém jamais pode tocar em você sem sua permissão. Você se veste como quiser, isso não a torna uma vagabunda. Não significa que você pediu. Você não mereceu. Você não pediu por isso.

Ela estremece, tenta se livrar disso, mas não consegue. Ela desmorona. — Ele me fez sentir como se eu... — Soluços.

Toco timidamente seu ombro. Não sei muito sobre confortar as pessoas, certamente não uma jovem como Frankie, e certamente não a relação platônica de irmão que tenho com ela. Eu a abraço? Eu não sei. Ela pode não querer isso.

— Você não é. É culpa dele, Frankie. O único erro que você cometeu foi passar um tempo com um pedaço de merda como ele.

— Ele é popular na escola, e eu... Não sou.

— Eu não sei merda nenhuma sobre política do ensino médio ou qualquer coisa - sempre fui um solitário. Mas se você me perguntar, não vale a pena. Esses idiotas, os populares, não serão nada em alguns anos. Ser popular no colégio, não vale de nada. Apenas seja você. Faça o que você quiser e seja a melhor nisso. Foda-se

todo mundo, foda-se todo o drama de merda. — Eu suspiro. — O que quero dizer é que não importa quem ele seja. O que ele diz, quão legal ou popular ele é, o que você vestiu ou não. Ele mostrou o que era na primeira vez que colocou as mãos em você de uma forma que você não gostou.

Ela acena com a cabeça e fica quieta por um longo tempo. — Isso... Parece que você o machucou muito.

Eu não sei responder. — Sim, — digo, porque a verdade geralmente é melhor. — Eu sou um cara ruim, Frankie. Eu não sou legal. E com pedaços de merda como ele, só tem uma maneira de lidar. Mas Frankie, por favor... Apenas saiba disso: eu nunca, nunca machucaria você. Não precisa ter medo de mim. Você é minha amiga e ninguém fode com meus amigos. Então se alguém te machucar, te ameaçar, sim, vou foder com eles. E mandá-los para uma ambulância.

Algum tempo atrás, Heath poderia ter saído daquela festa em um saco de cadáver, a sorte dele é que estou mais calmo.

— Você é meio assustador. — Ela olha para mim, para os nós dos meus dedos, que ainda têm o sangue do idiota. — Mas eu não tenho medo de você.

— Nunca saia com alguém como eu. Eu não sou bom. Encontre alguém bom, alguém que irá tratá-la bem.

Ela inclina a cabeça para trás contra o encosto de cabeça, olhando de lado para mim. — Eu não sei. Alguém como você parece melhor do que alguém como Heath.

— Talvez. Mas existem caras lá fora melhores do que nós dois. Encontre um deles.

Está tudo quieto de novo, até que estou estacionando na casa de Tilda e desligando o motor.

Ela coloca a mão no meu pulso. — Obrigada, Colt.

Eu apenas aceno. — Se você precisar de mim, eu estarei lá.

Nós dois saímos, mas antes de entrarmos, Frankie toca meu braço. — Colt? Não diga a vovó. Ela vai contar para a mamãe e eu vou ter problemas e...

— Frankie — interrompo. — Eu não vou dizer nada. Eu acho que elas merecem saber, mas é sua decisão. Eu não vou mentir, se alguém perguntar.

Ela concorda. — Obrigada.

Eu a acompanho, certifico-me de que ela está segura no sofá e vou para o meu quarto.

…E imediatamente tenho um ataque de ansiedade.

Eu não sei porquê. Cheguei a tempo. Ela nem mesmo é nada minha.

Apenas a neta da minha senhoria.

Mas Tilda é mais do que uma senhoria para mim e Frankie é minha amiga.

Elas me ensinaram muito, entre as duas.

E, apesar de tudo, pela primeira vez desde que vim para Nova York, estou pensando em minha casa - em Michigan.

Foda-se se eu sei o por quê.

Sete horas da manhã e estou acordado, cansado, letárgico e pensando em minha família. Mãe. Kyle. Kyle, principalmente.

Algum impulso estranho me fez discar um número de telefone que nunca esqueci, o telefone fixo pouco usado na casa em que cresci.

Mamãe atende. — Alô?

O pânico bate, mas preciso dizer algo. — Hum. Oi.

— Quem - quem é?

— Sou... Sou eu, mãe.

— Colton?

— Sim.

— Meu Deus. Eu não tinha certeza - não tinha certeza se ouviria sua voz novamente.

— Eu também não pensei que você ouviria. Eu nem sei por que estou ligando.

— Eu... Alguns meses atrás, eu voei para Nova York. Sozinha. Seu pai não sabe que fui. Ele estava em Washington, é claro, e... Bem, eu... Eu procurei por você. Passei o fim de semana inteiro andando por aí, procurando por você.

— Você veio?

— Sim.

— Isso é loucura, mãe. Como você poderia esperar encontrar uma pessoa em toda Nova York? — Uma pausa. — Como você sabia que eu estava em Nova York? Eu poderia estar em qualquer lugar.

Ela está quieta. — Eu sei, mas você mencionou isso, no dia em que saiu você mencionou que poderia tentar lá, e eu... Eu não sei o que pensei que iria conseguir. Eu só... Eu tinha que fazer algo. Mas... Eu nunca deveria ter deixado você ir. Estava

errada. Seu pai estava errado. E pelo que vale a pena... Sinto muito, sinto muito. — Eu a ouço fungar. Ela parece tão inconsolável. — Você estava certo, você sabe. Eu olho para trás e - eu me arrependo de deixá-lo tratá-lo como ele tratou.

— Obrigado. Eu acho.

— Você vai voltar algum dia? — Ela ousa realmente parecer esperançosa.

Eu odeio isso. Eu não sei por que eu liguei, porra. — Nenhuma chance mãe. Eu não tenho nada aí para querer voltar. Eu tenho uma vida aqui.

— Você - você está bem?

Eu ri. — Estou bem. — Não há como eu contar a ela nem mesmo um quarto do que eu passei.

— Você é um péssimo mentiroso, Colton.

Eu rio de novo. — Foi o que me disseram. — Uma não-resposta é a única resposta.

Um longo silêncio e então ela pergunta: — Posso ligar para este número? Se eu tiver que falar com você?

— Pode. Mas eu saio muito. Você não vai me encontrar na maioria das vezes. Então...

— Então o que você está dizendo é para não ligar, a menos que seja realmente importante?

— Isso.

— Lamento que as coisas tenham acabado assim, mas estou tão feliz que você tenha ligado Colton.

É estranho ser chamado assim: ninguém nunca me chama de Colton. Acho que a maioria das pessoas nem sabe que o que significa Colt, é apelido para varios nomes. — Preciso ir agora. Tchau mãe.

— Tchau, filho. Eu te amo.

— Sim, uh –ok.

Eu? Eu a amo? Eu não sei. Honestamente não sei mais. Ela deixou muitas coisas passarem quando eu estava crescendo e ela deixou algumas coisas simplesmente acontecerem. Eu a amo apesar disso?

Pouco antes de desligarmos, percebo que não perguntei sobre Kyle, e ele foi a razão de eu ter ligado em primeiro lugar. — Mãe, espere. Como... Como está Kyle?

— Kyle? — Ela parece surpresa ao me ouvir dizer o nome dele. — Hum. Ele tem dezoito anos e... Está prestes a se formar no ensino médio. Ele foi nomeado orador da turma e aceitou uma bolsa de estudos para jogar futebol em Stanford. Ele e Nell Hawthorne namoram há algum tempo. Você se lembra dela, tenho certeza. Eu acho que eles estão firmes. Por que você pergunta?

— Eu... Algo aconteceu hoje que me fez pensar nele. Eu não sei. Foi o que me fez ligar. Parece que ele ainda é o menino de ouro, hein? — Isso soou amargo pra caralho.

— Colton...

— Não importa, mãe. Desculpe. Estou feliz que ele esteja bem.

A conversa termina. Eu desligo primeiro. Um pouco abruptamente, porque não sei mais o que dizer. Eu nem sei por que liguei. Acabei de despertar velhas memórias, coisas que não quero pensar.

O trabalho naquele dia é estranho, ocupado, mas estranho. Estou cheio de pensamentos estranhos, um desejo de não apenas... Subsistir mais. Estou pensando em querer viver da maneira que a India e eu falamos - normal e comum, buscando sonhos.

CAPÍTULO 13

Outro tipo de sofrimento

Você não conhece o significado do terror até sentar em um banco do lado de fora do Central Park, em Manhattan, tocando música para estranhos. Frankie me desafiou a tocar - tocar música em público para obter dicas.

Eu nunca desisti de um desafio, então estou tentando. E eu sou péssimo.

Mas é emocionante. Então eu volto semana após semana, todos os sábados e domingos, o dia todo. Sento-me no banco, o mesmo banco toda semana, estojo aos meus pés, alguns dólares no veludo vermelho como isca, e toco e canto. Eu melhoro e as pessoas na verdade param e escutam depois de um tempo, e algumas vezes até colocam alguns dólares no caso, embora eu ache que elas o façam tanto pelo espetáculo de um bandido tatuado imenso e musculoso fazendo Nina Simone, Ella Fitzgerald, e Billie Holiday como pela música ao vivo. Mas é algo, e isso me faz sentir bem.

Eu adoro isso - quase tanto quanto amo meu trabalho na garagem.

Como prometido, Carl me dá cada vez mais responsabilidade, me permite assumir clientes, fazer alguns trabalhos de restauração, bem como os reparos chatos que realmente pagam o aluguel. Ele me paga bem e me permite usar o espaço nos fins de semana para o meu trabalho de restauração quando ele estiver fechado.

Tenho um monte de dinheiro economizado em uma conta bancária. Tilda me ajudou a levar minha mochila cheia de dinheiro para depositar e ganhar juros, e agora

quase tenho o suficiente para pensar em encontrar minha própria garagem. Tenho até algumas possibilidades.

Eu quase esqueci minha ligação bizarra e única para mamãe. E então, no início de uma segunda-feira de manhã, quando estou me preparando para o trabalho, o telefone fixo toca. Tilda, que está fritando ovos para nós dois, apenas olha para ele.

— Quem poderia ligar tão cedo e por telefone? — Tilda pergunta, intrigada.

— Não sei. Eu atendo - digo. — Olá?

Uma fungada. — Colton? — Outra fungada. — É... é a mãe.

— Ei. Então, hum... O que foi?

Eu não quero parecer rude, mas é estranho que ela esteja ligando, muito menos às sete e meia da manhã de segunda-feira.

— Eu... algo aconteceu, Colton. — Mamãe parece... quebrada. Meu coração afunda. Isso não é bom.

— Mãe, o que aconteceu? Fale comigo.

— Eu... — Ela funga novamente, respira trêmula, como se mal estivesse segurando os soluços. — É Kyle. Houve um acidente, e Kyle, ele está... ele está morto.

Estou tão surpreso que por um momento não consigo falar. — Você está zombando comigo?

— Colton, não. Ele estava no norte com Nell e... foi um acidente estranho. Houve uma grande tempestade de vento e uma árvore caiu sobre ele. Ele se foi. Ele se foi. Meu bebê, meu bebê se foi... — Ela está chorando agora. Histérica.

— Jesus... de jeito nenhum. — Deixei o telefone deslizar para fora das minhas mãos. Ele pendura pela corda e eu me afundo em uma cadeira. Tilda pega o telefone, fala brevemente com minha mãe e depois desliga.

— Colton? — Ela coloca a mão em mim. — Eu sinto muito.

— Eu mal o conhecia. Ele era muito mais novo que eu e eu - sempre tive problemas com minha família. Meu pai, principalmente. Meu próprio irmão e eu nunca o conheci. Na verdade não. Eu... eu estava tão... e agora ele está morto. Jesus. Eu nem sei o que pensar.

— Sua mãe disse que o funeral é em dois dias. Anotei o endereço para você. — Ela esfrega minhas costas. — Há algo que eu possa fazer?

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Eu mal conhecia Kyle.

Mesmo quando digo essas palavras, ele é tudo que consigo pensar. Eu odiava estar perto dele quando estávamos crescendo, porque ele sempre foi o garoto de ouro e ele estabeleceu um padrão que eu nunca poderia medir. Então eu fiquei longe dele. Mantido para mim mesmo. Especialmente porque papai sempre parecia preocupado que minha estupidez iria infectá-lo ou algo assim. Eu não sei. Então, eu nunca o conheci realmente, mas ele era meu irmão, afinal, e eu devo ter me importado mais do que queria lembrar, ou eu nunca teria chamado para casa em primeiro lugar.

Fugi para Nova York e nunca olhei para trás. Mal poupei-lhe um pensamento.

E agora ele se foi.

Não sei o que sinto.

Só sei que tenho que ir ao funeral. Realmente não quero, mas preciso. Eu tenho que fazer isso por Kyle - pode ser a única coisa positiva que posso fazer por ele.

Ligo para Carl imediatamente e explico a situação. Que eu preciso de alguns dias de folga. Ele me oferece o uso de seu caminhão, que eu nem sabia que ele possuía; ele sempre pega o ônibus para trabalhar. Mas, seja o que for, eu tenho que chegar até Michigan e ele está oferecendo a solução perfeita. Então eu pego o caminhão e faço a longa viagem de volta para casa.

* * * *

É muito estranho estar de volta em Michigan. Eu nunca pensei que voltaria aqui. Eu dirigi direto, onze horas sem parar. Estou em casa - bem, o que costumava ser estar em casa. Nova York é estar em casa agora. Esta é apenas a casa dos meus pais, a casa em que cresci. Ontem à noite caí no sofá do meu antigo quarto e tentei não pensar muito. Meu antigo quarto agora é uma caverna de homens, com uma grande TV de tela plana, som surround, sofás de couro grosso, uma mesa de sinuca, frigobar, tudo funcionando. Agradável. Eles provavelmente mudaram no dia em que saí. Mas agora eles estão me deixando dormir no sofá lá dentro. Eles não me incomodam, pelo menos até o dia seguinte.

Mas na manhã seguinte, é estranho. Eu estou de jeans e camiseta, e mamãe e papai estão me encarando como se nunca tivessem me conhecido. Eles não escondem o fato de que estão examinando descaradamente toda a minha nova tinta e as várias cicatrizes que tenho nos braços e ombros. Eles estão me encarando como se eu fosse

um alienígena, é o que estão fazendo. Mamãe está abatida, de olhos vermelhos, quebrada. Papai está apenas... cansado. Como se a morte de Kyle tivesse consumido toda sua energia. É tão tenso. Tanta coisa não dita entre nós.

— Colton, — papai começa. — Agora que você voltou...

Eu o cortei.

— Não voltei. Não estou aqui para falar sobre besteiras velhas. Estou aqui para o funeral de Kyle, e é isso. Então você pode pegar o que quer dizer e enfiar na bunda. Eu não quero ouvir isso.

— Colton, pelo menos pode ouvi-lo, — diz mamãe.

Balanço a cabeça. — Foda-se isso.

Eu saio. Pego o grande e complicado F-250 de Carl e navego pela antiga vizinhança. Paro em uma loja de bebidas e compro doze fardos de cerveja, uma garrafa de Jameson e alguns cigarros. Não sei como lamentar Kyle, como lidar com estar de volta aqui.

Parei de me cortar meses atrás, desde que moro com Tilda. Nem fumei mais maconha, agora que eu não estou tanto perto de Split e Callie. É muito difícil estar perto deles - lembra a todos nós de muita merda, eu acho.

Meu único vício que resta é a bebida e, mesmo assim, não uso muito.

Lembro-me, quando voltei para casa, que não tenho terno. Não posso muito bem aparecer em um funeral de jeans e camiseta surrada, posso? Então, eu fui na Men's Wearhouse e comprei um terno. É um pouco apertado nos ombros e bíceps, e muito longo nos calcanhares, mas tanto faz. Eu nunca vou usá-lo novamente, provavelmente.

Ele está morto, porra, então não é como se Kyle desse a mínima para o que eu uso no funeral dele.

Jesus.

Me bate toda vez que penso nisso. Que irmão de merda eu era. Quero dizer, realmente, eu não era um irmão. Ele poderia muito bem nem ter um irmão. Ele tinha onze anos quando eu saí? Algo parecido. Apenas uma criança maldita. Nem mesmo no ensino médio. Foi o quê...? Seis, sete anos ou mais desde que saí? Ele tem dezoito anos ou tinha quando morreu. E isso me faz com 23 anos, quase 24.Droga. O tempo passou rápido. Eu odeio ter abandonado meu irmão mais novo. Mas eu não teria feito bem a ele, mesmo que eu estivesse por perto. Eu não sou nada como ele era. Ele era inteligente, bom, talentoso. Passeio completo para a porra da Universidade de Stanford para o futebol, notas quase perfeitas. Tinha uma garota que ele amava, uma boa garota, pelo que ouvi. Lembro-me de Nell Hawthorne sendo uma coisinha doce e magra em tranças loiras-avermelhadas com essas sardas no nariz. Pernas magras brilhando ao sol enquanto ela e Kyle corriam pelo quintal enquanto eu estudava.

Eu? Quero dizer, estou chegando lá. Fazendo algo de mim mesmo. Fora da turma, fora do ringue, trabalhando um trabalho honesto, vivendo com uma doce velhinha. Merda, estou até me tornando um músico. Quem pensou?

Não é como Kyle, no entanto. Garoto poderia ter sido alguma coisa. Possuir uma empresa como o Sr. Hawthorne, ou um senador como o pai. Presidente. Jogador de futebol da maldita NFL. Quem sabe?

Mas ele não será nada agora, tudo por causa de um acidente.

E eu não sei a primeira coisa sobre ele. Sua cor favorita, banda favorita, comida favorita. Ele era engraçado? Sério? Merda, eu nem sei como ele era. Não vi

uma foto dele desde que voltei. Há algumas na prateleira da casa de mamãe e papai, mas não consegui olhar para elas muito de perto. Só tenho a impressão de um garoto alto, de cabelos escuros e bonito.

O anoitecer chega e eu estou andando pelas estradas de terra em algum lugar longe de tudo. É uma linda noite de verão, quente, o ar é suave e as estrelas estão fora. Eu puxo a caminhonete louca e grande de Carl, simplesmente deito na cama e olho para as estrelas por um longo, longo tempo. Você não vê estrelas assim, em Nova York.

É muito pacífico e eu quase podia esquecer por que estou de volta aqui. Quase.

Quando volto para casa, depois da meia-noite, todas as casas na rua estão escuras. Não há luzes acesas, exceto uma na casa dos Hawthorne. As cortinas estão fechadas, mas um brilho amarelo opaco acende um pedaço de grama perfeitamente cuidada entre nossa casa e a deles. A janela deve estar aberta, porque eu ouço música. Mumford e filhos.

E alguém está chorando.

'Chorar' não é a palavra certa - merda, essa palavra não está nem perto da realidade.

Alguém está chorando. Soluços angustiantes e devastadores. Uma dor que poderia destruir o mundo.

É o som trágico mais horrível que eu já ouvi em toda a minha vida. E eu sei exatamente como ela se sente.

Eu ainda sinto essa tristeza, todos os dias, pela India. Isso nunca vai embora. A ponta afiada da dor é sempre nítida, mas o tempo pode fazer com que você fique entorpecido pela agonia dela.

Quero subir na lateral da casa dos Hawthornes e puxar a pobre garota em meus braços e deixá-la chorar, confortá-la de alguma forma. Fazer alguma coisa. Mas eu não a conheço.

E não é o meu lugar.

Além disso, eu provavelmente apenas a assustaria.

Então, entro e sento no sofá de couro chique do papai, que custa mais do que eu ganho em um mês, bebo uísque e sigo com cerveja até ficar tonto e entorpecido o suficiente para dormir.

CAPÍTULO 14

Uma doca, um beijo, um erro; um começo

Papai fica na frente do caixão de Kyle e limpa a garganta. — Kyle... ahem. Deus, isso é tão difícil. Kyle... — Papai tem que piscar, encarar o teto e depois pigarrear novamente. Ele começa de novo. — Kyle era meu filho. Ele tinha - ele tinha muito potencial. Não apenas em termos de atletismo, sabem? Quero dizer, ele era ótimo no futebol. Tão talentoso. Um líder tão natural. Mas... em quem ele era como pessoa, ele tinha um potencial tão grande. Inteligente, carismático, compassivo. Um garoto tão bom. Tanto potencial, cortado muito cedo. Vou sentir falta dele.

E então ele tem que se sentar, beliscando a ponta do nariz, os ombros tremendo.

Estou de pé nos fundos da igreja. Não ouso me sentar com todo mundo. Estou longe há tanto tempo, que todos provavelmente se perguntarão quem diabos eu sou. Estou melhor aqui atrás.

Um garoto sobe para dizer algumas palavras. Ele está entre os de altura média, corpulento, loiro, bonito. — Sou Jason Dorsey. Tive o privilégio excepcional de ser o melhor amigo de Kyle. E eu quero dizer mesmo privilégio. Ele era o melhor amigo que alguém poderia pedir. Ele faria qualquer coisa por você. Ele estaria lá, não importa o que você precisasse. Ele era engraçado, mas nunca à custa dos outros. Ele era apenas... legal. Eu sei que isso soa estúpido ou o que seja, mas ele era. Ele era realmente apenas um cara legal. Todo mundo queria estar perto dele, queria ser seu amigo. Eleiluminava uma sala, sabia? — O garoto faz uma pausa, respira fundo,

compõe-se admiravelmente. Não conheço esse garoto, mas gosto dele. — E eu fui o melhor amigo dele. Eu sempre serei grato pelo tempo que tive com ele. Eu vou chorar por ele. Mas também, ele gostaria que comemorássemos o quão incrível ele era na vida. Pelo menos, é o que vou fazer.

Uma longa pausa, então.

Silêncio. Gargantas limpando, fungando.

E então uma jovem mulher de vestido preto longo sobe ao pódio. O cabelo dela é... não sei como descrevê-lo. Cobre polido? Ouro vermelho. Loiro morango. Está caído, solto, alguns ganchos segurando-o longe do rosto dela, o qual não consigo ver, porque ela está com a cabeça abaixada. Um braço está engessado. Ela agarra a lateral do pódio como se fosse algo vital, segurando-o com tanta força que consigo ver as juntas dos dedos ficando brancas.

Ela vira o rosto para cima e fico impressionado.

Ela é um anjo. Adorável, perfeito, requintado. Linda. Olhos verdes acinzentados e vibrantes que atordoam do outro lado da sala. Pele pálida e sem falhas. Aquele respingo de sardas no nariz.

Nell Hawthorne.

Eu tenho que me sacudir, porque estou olhando.

Ela não está olhando para a multidão, para mim ou para ninguém. Ela simplesmente ergue os olhos por um momento e depois volta o olhar para o pódio. Então ela respira fundo.

— Eu amei Kyle. — Outra respiração. Sua voz treme, treme. — Eu o amei tanto. Eu ainda amo, mas... ele se foi. Não sei mais o que dizer. — Ela desliza uma

fina pulseira de ouro do dedo, um pequeno diamante brilhando no centro. — Ele me pediu em casamento. Eu disse a ele que éramos jovens demais. Eu disse a ele... Eu disse a ele que iria para a Califórnia com ele. Ele estava indo para Stanford jogar futebol. Mas eu disse que não, ainda não... e agora ele se foi. — Ela desliza o anel de volta no dedo.

Então, engasgando com os soluços, ela corre com saltos de cinco centímetros para fora da igreja, passando por mim sem me ver, sem ver nada ou ninguém. Eu vislumbro seu rosto quando ela passa por mim; olhos cinza-esverdeados molhados de lágrimas.

Não sei por quê, mas eu a sigo. Em vez de sair pela porta da frente, ela vira uma esquina e sai pela porta dos fundos. Uma vez lá fora, ela começa a correr, tirando os sapatos e apenas correndo. Plana, correndo. Seu longo vestido está voando atrás dela, e seus longos cabelos estão chicoteando em volta dos ombros.

O céu está cinzento, pesado e chuvoso. Alguns segundos depois, o céu se abre e grossas e lentas gotas de chuva começam a cair.

Há um enorme carvalho velho atrás da igreja, uma sentinela solitária em hectares de grama verde. Ela corre direito a ele. Desaba contra ele, estremecendo, tremendo.

Sou puxado pela grama em direção a ela. Não sei por quê, não entendo a compulsão de ir até ela. Mas eu vou. Sou compelido, forçado por alguma necessidade imparável de estar perto dela, a oferecer-lhe todo o conforto que possuo.

Então, na chuva eu vou. Ao me aproximar dela, ouço um... um lamento. Essa é a única palavra para isso. Sem soluços, sem chorar, mais um som como se ela estivesse segurando um pouco de dor vulcânica, e está fervendo. Seus ombros estão

tremendo com isso. Seu vestido é de seda preta fina e gruda na pele molhada, revelando o corpo de uma deusa, todas as curvas assassinas e linhas esbeltas e atléticas que não posso deixar de notar. Percebo também que sua pele está arrepiada de frio e que ela está tremendo.

Ela está arranhando a casca da árvore com os dedos, a testa esmagada contra o tronco. Lamento, lamento, lamento, tentando conter uma onda de tristeza.

Tiro o paletó e o coloco sobre seus ombros.

Ela olha para mim. Olhos estriados com tons de musgo e pedra olham para mim, lágrimas brilhando, mas não caindo, olhos penetrantes, vulneráveis, mas de alguma forma ferozes.

Eu mudei naquele momento. Algo nela me chama. Uma música de sirene tecendo feitiçaria em minhas veias.

Não sei o que fazer, o que dizer. Então eu não digo nada. Apenas encosto-me à árvore ao lado dela e deixo o silêncio subir. Ela apenas olha para mim, mas percebo que ela se afastou da beira da quebra, então isso é alguma coisa.

Não sei o que dizer, então enfio a mão no bolso interno do meu paletó, pego meu Zippo e um maço de cigarros. Os cigarros são uma coisa de vez em quando, para momentos de estresse e pausas no trabalho. Não é um vício, mas algo que ainda faço de vez em quando.

Pego um e acendo. Inspiro, saboreio. Seus olhos expressam seu desgosto por fumar em geral. Seu nariz se torce, as sobrancelhas abaixam, a boca abaixa. É uma expressão fofa. Não deveria ser, mas é.

— Eu sei, eu sei, — eu digo, buscando indiferença. — Essas coisas vão me matar.

— Eu não disse nada. — Sua voz soa rouca.

— Você não precisava.

Há algo aqui, algo entre nós. Como se eu a conhecesse. Eu não, mas ela se sente... familiar. Sua presença, sua proximidade. Não parece alguém que eu acabei de conhecer, mas sim… alguém que eu sempre conheci. Isso não faz sentido. Mas parece certo.

No entanto, tão errado, todas as coisas consideradas. Eu não deveria estar aqui, com ela. A namorada do meu irmão morto. Sua dor é a de uma viúva. Ela o amava, e aqui estou eu conversando com ela.

— Eu posso ver nos seus olhos. Você desaprova. — Eu dou outra tragada.

— Eu acho. Fumar é ruim. Talvez seja uma antipatia herdada. — Ela encolhe os ombros. — Eu nunca conheci alguém que fuma.

— Agora você conhece, — eu digo. — Eu não fumo muito. Socialmente, geralmente. Ou quando estou estressado.

— Isso conta como estresse, eu acho.

— A morte do meu irmãozinho? Sim. Esta é uma ocasião para fumantes. — Eu odeio o quão casual isso soa, como se eu não desse a mínima. Como se fosse uma coisa velha. Eu gostaria de saber como expressar minhas emoções, mas não sei. Eu nem entendo como me sinto.

Silêncio novamente, enquanto eu fumo. O cigarro está quase no fim.

— Posso tentar? — Sua voz é baixa, hesitante. Como se estivesse ousando fazer algo proibido, arriscando um pensamento que normalmente nunca daria voz.

Eu não deveria, mas entrego a ela a bituca. Nossas pontas dos dedos se tocam, e é como um raio me atingindo. Seus dedos são pequenos, delicados, limpos. As minhas são grossas, ásperas e permanentemente sujas, as linhas e espirais das minhas impressões digitais gravadas com graxa, a parte de baixo das minhas unhas para sempre enegrecida.

Ela dá uma tragada. Ela leva muito, rápido demais. Especialmente para uma fumante virgem. Ela tosse, e posso dizer que a pressa a atinge como uma tonelada de tijolos. Agarro seu cotovelo para segurá-la, e esse toque, minha mão em torno de seu braço - é como se eu pudesse sentir todas as partículas de seu ser através daquele contato inocente, como se eu pudesse ler a fusão nuclear de dor que a percorre, como se eu pudesse sentir a vida e a tristeza e a beleza e a dor.

Uma vez que eu sei que ela está firme, eu deixo ir.

Isso foi um acaso, esse sentimento. Isso não significa nada; além disso, vou voltar para Nova York amanhã.

De volta à minha vida.

Longe dela, longe deste lugar.

De alguma forma, o pensamento de deixá-la não se encaixa bem comigo.

Olho para longe e vejo a sra. Hawthorne em pé na porta dos fundos da igreja. Olhando para mim, olhando para Nell.

— Merda. Acho que é hora de partir. — Faço um gesto para ela e Nell assente.

Ela suspira. Olha para mim. Olhos arregalados e suplicantes. — Posso ir com você?

Eu não entendo a pergunta, mesmo que seja óbvia e simples. Ela mexe com a minha cabeça. — Ir comigo?

— Para o cemitério. Eles vão querer conversar. Fazer perguntas. Não posso... simplesmente não posso.— Ela está tremendo de novo. Olhando para a mãe como se ela fosse a última pessoa na terra que ela quer estar por perto. Como se o pensamento de andar de carro com a mãe fosse demais.

Pego a bituca do cigarro, apago e coloco no bolso -estes são belos jardins, não há razão para jogar lixo. — Certo. — Eu dou de ombros. — Vamos. — Eu abro a porta do passageiro para ela; seguro sua mão pequena e macia para ajudá-la a subir no degrau cromado e entre no caminhão. É uma fera enorme, o caminhão de Carl. Pneus Knobby todo-o-terreno, suspensão hidráulica, tubos de escapamento a diesel fixados atrás da cabine. Tem um ronco de motor com efeito louco, um rosnado malicioso a diesel. Não é o meu estilo, mas ainda é bem foda. E Nell parece sexy como o inferno em seu vestido molhado, subindo nele.

Que diabos eu estou pensando? Jesus, eu sou um idiota. Que merda de pau. Soltei sua mão o mais rápido possível, limpei minha mão na minha perna para manchar a sensação de sua mão na minha.

Ele se sentia muito bem, mas de maneira muito errada.

Viro a ignição, colocando o motor gigantesco ruidoso. ‘Barton Hollow’ começa, dos The Civil Wars, a tocar no ponto em que parou quando eu parei o caminhão. É uma música muito boa, então eu deixo. Talvez ela goste. Eu não sei. Eu não espero a reação que vejo nela quando recuo. É uma reação visceral, como se ela

tivesse sido atingida no estômago. Inicio a música de novo e dirijo em silêncio. Deixo a lista de reprodução do meu pen drive assumir o controle. São todas as músicas que estou aprendendo a tocar e as uso quando estou quebrando. Boas músicas folclóricas com letras significativas e melodias que se traduzem bem em capas acústicas.

Eu posso dizer que Nell está envolvida com a música, então eu a deixo com ela. Deixo a música tocar, porque às vezes você só precisa se deixar levar, deixe que você tenha um momento de não sentir, não pensar, um momento em que tudo o que importa é a música.

Estamos no cemitério muito cedo. Eu saio e me aproximo para ajudá-la. Ficamos ali, no estacionamento de cascalho do cemitério rural, na chuva, com os olhos presos. Eu não consigo desviar o olhar. Eu tento, mas não consigo desviar o olhar. Eu me dei um momento para apenas olhar para ela, para memorizar como é a perfeição, porque é o mais próximo que eu já chegarei.

Eu percebo que ainda estamos de mãos dadas.

Eu deixo ir. Solto um suspiro. — Vamos fazer isso. — Lembrando a mim e a ela por que estamos aqui.

Parece que ela está prestes a fugir. Enterrando Kyle, ela preferia morrer a fazer isso. A igreja, isso foi apenas um culto. Sem sentido diante desse tipo de sofrimento. Mas vendo aquele caixão afundar no solo, vendo a sujeira cobrir, sabendo que o possuidor de seu amor está na caixa, sabendo que é realmente real... que ele realmente se foi? Isso é impossível de fazer, mas você precisa fazê-lo de qualquer maneira.

Eu ando na frente dela até o toldo que cobre o caixão e o local do enterro. Eu a sinto atrás de mim. Talvez me seguir a ajude a fazer o que ela precisa fazer.

O caixão está fechado agora. Eu nunca o vi nele. Não quis. Não poderia. É melhor lembrá-lo como o garoto no quintal, jogando a bola no ar e pegando ela mesma, com os cabelos negros nos olhos. Sorrindo, feliz, vivo. Despreocupado. Ele seria um estranho naquela caixa, se eu o visse.

Eu paro, para o lado enquanto Nell vai até o caixão. Todos os olhos estão nela. Ela tenta se afastar do caixão, como se fosse demais, como se simplesmente não pudesse fazê-lo. O que eu entendo totalmente. Quase não cheguei ao túmulo da India naquele dia. Split teve que me apoiar, me empurrar, me carregar.O salto do sapato de Nell pega na grama, e ela tropeça. Eu a pego, ajudo ela se erguer, e a deixo ir.

Mesmo esse breve toque é irrevogavelmente elétrico. Há uma cesta de rosas vermelho-sangue perto do túmulo.

Um ministro de preto com colarinho branco se levanta e realiza o serviço funerário. Ele cita a Bíblia, fala sobre perda e encontra conforto em Jesus.

Eu me pergunto se alguém está realmente ouvindo ele.

Certamente não Nell. Ela se foi - está perdida em pensamentos. Ela olha para o caixão, mal contendo as lágrimas. Ela está montando uma nova onda de tristeza, segurando a crista.

Quando o pastor termina, há um longo silêncio. Todo mundo está esperando Nell jogar a primeira flor no caixão. Você pensaria que seria mãe ou pai, mas eles esperam por ela. O amor, a perda, a dor, todo mundo cede instintivamente a Nell, à presença maciça de sua dor.

Ela tropeça até o caixão, pega uma rosa nos dedos trêmulos quando o caixão é abaixado no chão. Ela está respirando com dificuldade, como se fosse fisicamente

exaustivo apenas estar viva sem ele, sobreviver à perda, conter a dor que ela claramente não se deixa expressar. É de cortar o coração.

Ela tem que deixar escapar ou isso a matará; Eu sei que isso pessoalmente é verdade. Ela joga a rosa e sussurra algo que significava apenas para Kyle.

Então ela se vira, tropeça, tira os sapatos e os deixa na grama. Então ela corre, corre descalça, selvagem e desesperada.

Por um momento, ninguém sabe o que fazer. Todo mundo apenas a vê partir. — Deixe-a ir, — diz o pai de Nell. — Ela sabe o caminho de casa. Ela precisa de um tempo sozinha.

Ninguém vai atrás dela, o que é apenas... estúpido.

Atiro minha flor, olho em silêncio mental e físico para o caixão, nem mesmo sabendo dizer adeus ao irmão que eu nunca realmente conheci.

E então eu corro atrás de Nell.

Seus pais estão brigando, sua mãe claramente exigindo que seu pai vá atrás de Nell. Ele deveria, e ele faz. Ele fica em seu chique fodido Mercedes SUV atrás dela.

Não me preocupo com o caminhão - prefiro correr. A chuva está boa. E algo me diz que Nell precisa correr. Depois de mais ou menos um quilômetro, alcanço Nell, que está correndo loucamente. O braço dela está preso em um molde grosso, o que não pode ser bom; o empurrão e o pulo têm que machucar aquele braço quebrado como uma cadela. Eu vejo o pai dela cruzando ao lado dela; vê-lo debruçado na janela aberta, implorando por ela. Ouça a voz dele e da mãe dela. Nell apenas balança a cabeça e continua correndo. Com os pés descalços em uma estrada de terra. Tropeçando nas rochas.

Eles se afastam. Claramente, eles apenas a deixarão correr.

Outro carro passa por mim e diminui a velocidade ao lado de Nell. É aquele garoto, Jason. Eventualmente, ele vai embora também.

Eu não sou um corredor, mas eu mantenho o ritmo com ela. Quando está claro que ninguém mais está atrás dela, pego meu ritmo e corro logo atrás dela. Ela sabe que estou aqui.

Ela me ignora e tudo bem. Desde que ela saiba que estou aqui. Não estamos a uma milha da nossa rua quando ela pisa em uma grande pedra e rola o tornozelo.

Eu a pego. Levanto-a em meus braços. Estou sem fôlego e tenho um cavalo de charley na coxa, mas eu a carrego.

— Eu posso andar, — ela insiste, então eu a desço.

Exceto que ela não pode, seu tornozelo cede e ela precisa se equilibrar. Ela é forte, determinada. Ela continua pulando, sem colocar peso no tornozelo.

— Deixe-me carregá-la, Nell, — eu digo. Minha voz é grossa, áspera. Eu a quero nos meus braços. Ela pertence lá. Mas isso não vai acontecer. É estúpido, está errado, é horrível da minha parte sequer pensar nisso. Mas também é verdade.

— Não. — Sua voz é tão cheia de determinação que me faz balançar a cabeça, maravilhado.

E então ela coloca seu peso no tornozelo, caminha normalmente, como se não tivesse apenas torcido o tornozelo. Maldito impossível. Não deveria estar andando. Devia estar mancando. Mas ela não faz. A dor tem que ser insuportável. Mas ela empurra isso. Tudo o que posso fazer é segui-la, deixando-a

seguir seu próprio caminho. Eu quero pegá-la, mas ela me odiaria por isso. Então eu a sigo, maravilhado com a tolerância à dor, a resistência e a firmeza.

Ela está chorando. O cabelo dela está solto pelos ganchos e está caindo na frente do rosto, obscurecendo suas feições. Embora eu não possa vê-los, eu posso apenas dizer... lágrimas estão escorrendo pelo rosto dela, misturando-se com a chuva.

Eu sofro por ela.

Eu a levo para casa; verifico se ela entra em sua casa, onde seus pais podem cuidar dela.

Eles me oferecem suas condolências e eu vou embora. Volto para minha casa e passo pelos meus pais até o meu antigo quarto. Deixo-os na sua dor. Eles não precisam de mim aqui para testemunhar, nem me querem aqui. Eu sou um estranho, um intruso.

* * * *

De alguma forma, o resto do dia passa e eu durmo um pouco. Acordo às três da manhã, pensando na India, pensando em Kyle, sentindo falta da India, me odiando, doendo por dentro. Pego minha guitarra, o velho Taylor acústico de Frank, que Frankie insistiu que eu continuasse tendo. Pego o licor, a cerveja e meus cigarros e vou para o convés. Sento-me na velha cadeira de madeira Adirondack, assisto a lua ondular na água e bebo uísque, o persigo com cerveja, toco no violão. Zumbido baixinho.

Em algum momento, percebo que Nell está no convés comigo. Descalça. Vestindo um grande casaco com capuz que deve ter sido de Kyle, a julgar pelo ajuste e pelo caminho, ela se encolhe, como se esperasse que ele falasse com ela através do algodão velho e macio.

Bebemos, fumamos e conversamos. É conversa fiada, mas eu estou olhando para ela. Eu sei que ela ainda está segurando. A tristeza, a dor, a dor.

— Você não pode segurar para sempre, — eu digo a ela, em um ponto.

Ela não pisca, não vacila. Ela sabe exatamente o que eu quero dizer. A resposta dela é imediata. — Sim, eu posso.

— Você vai enlouquecer. Vai sair, de um jeito ou de outro. Eu sei disso por experiência. — Eu segurei, sobre a India. Eu sangrei, cortei fora de mim. Eventualmente, eu apenas tive que encarar, sentir, possuir e seguir em frente.

Eu ainda estou sentindo isso. Ainda curando. Ainda aprendendo a viver sem ela. — Melhor louco do que quebrado, — diz ela.

Eu não posso discutir com isso.

Então bebemos e eu canto. Cantar. É tudo o que sei fazer, a única coisa que tenho a oferecer. Eu canto Mumford, Simon & Garfunkel, Iron & Wine, City & Colour. Tudo o que sei, eu toco. Eventualmente, não resta mais nada, apenas a necessidade de continuar colocando o que sinto na música. É a única maneira que sei lamentar, eu acho.

Então eu toco pelo Kyle.

Não há palavras, não é realmente uma música, apenas notas que saem do violão por conta própria, como se eu fosse apenas uma embarcação. É um adeus para o meu irmão mais novo.

E algo sobre essa música apenas... porra a quebra.

Ela se lança da cadeira; mancando em seu tornozelo fodido, o braço balançando desajeitadamente em busca de equilíbrio enquanto ela mancava para fora do convés. Nem sei para onde ela está indo, e também não acho que ela saiba. Ela está engasgada com os soluços, ainda tentando mantê-lo dentro. Ela tropeça para fora do convés e cai na areia na beira da água.

Abaixei o violão e agachei-me ao lado dela, sem ousar tocá-la. — Deixe-me em paz, — ela rosna.

Ela não quer conforto, não quer ouvir o que tenho a dizer. — Deixe ir, Nell, — digo a ela. — Apenas deixe sair.

— Eu não posso. — É um sussurro quebrado.

— Ninguém vai saber, — digo a ela. Conheço o constrangimento da dor. — Será o nosso pequeno segredo. — Isso soa tão insignificante, mas eu não sou bom com essa merda, por ser sensível e reconfortante.

Ela apenas balança a cabeça.

Ela tem areia nos lábios. Eu quero afastá-la, mas não quero.

Sua respiração fica irregular, sugando oxigênio além da dor, perdendo a batalha contra a dor.

O primeiro soluço é o pior. É como se o mundo inteiro estivesse sofrendo com suas cordas vocais. Eu não posso não tocá-la. Coloquei minha mão nas costas

dela, no ombro dela, um toque inocente só para que ela soubesse que estou aqui. Ela se contorce, mas eu sei que ela precisa lembrar que ela não está sozinha. Ela se perderá se não tiver esse fundamento.

Eu sei disso por experiência também.

Não há nada a dizer, então eu não digo nada. Apenas sento ao lado dela enquanto ela chora. Ela tenta recuar, é claro. Tenta se levantar e não pode.

Então eu a levanto. Seu tornozelo cede, ela grita de dor e cai em mim.

Eu a pego, a seguro. Inspiro o cheiro dela. O cheiro de mulher, xampu, sabonete e um pouco de perfume.

Eu me deixei abraçá-la. Eu finjo, por um único instante no tempo, que está tudo bem. Que isso é permitido. Não é, mas eu finjo assim mesmo. Tento dizer a mim mesmo que estou fazendo o que alguém faria na minha posição - estou confortando a namorada do meu irmão morto. Mas eu sei que é muito mais do que isso, e me sinto culpado por isso.

Mas eu não paro.

Eu não sei como isso acontece. Um segundo, o topo da cabeça dela está embaixo do meu queixo, e estou sentindo o xampu em seus cabelos sedosos de cobre, segurando seu corpo contra o meu, fingindo que isso não está errado em tantos níveis. E então, no momento seguinte, ela está olhando para mim, e o universo está em seus olhos, aqueles malditos olhos cinza-esverdeados e hipnotizantes que parecem me conhecer melhor do que eu mesmo.

Ela está caindo em mim; Eu estou caindo nela.

Seus lábios tocam os meus. Deus, eu não consigo parar. É magnético. Tidal. Galáxias estão colidindo. Seus lábios são macios, doces, com gosto de Jameson.

Calor, um beijo como nenhum outro.

É a perfeição, uma familiaridade assustadora, como se esse beijo fosse para ser, desde o início dos tempos. O primeiro beijo de uma vida inteira de beijos.

Mentiras, essas mentiras. Mentiras doces, tentadoras e bonitas. Ela não é minha. Nunca será.

Mas... porra, esse beijo. Eu me afogo nele. Revelo nele.

E então ela está se afastando. — O que eu estou fazendo? — Sua voz está cheia de ódio e confusão. — O que eu estou fazendo? Que porra estou fazendo?

Eu passo na frente dela, paro-a, agarro-a. — Espere, Nell. Espere. Apenas espere.

— Não me toque, — ela assobia. — Isso... isso estava errado. Tão errado. Eu estou... desculpe... desculpe.

— Não, Nell. Isso acabou de acontecer. Eu também sinto muito. Isso acabou de acontecer. Está bem. — Não está bem. Mas tenho que tentar absolvê-la de alguma forma. É minha culpa.

— Não está bem! Como posso beijar você quando ele está morto? — Ela está gritando. Sua voz é venenosa com desespero e auto-aversão. — Quando o homem que eu amo se foi? Como posso beijar você quando... quando eu... quando Kyle...

— Não é sua culpa. Eu deixei acontecer também. Não é sua culpa. Apenas aconteceu. — Eu tenho que me apegar a isso. É tudo o que tenho.

— Pare de dizer isso! Você não sabe ! Você não estava lá ! Ele está morto e eu... — Os dentes dela se juntam, ela se interrompe tão de repente.

E assim, a conversa mudou.

— Não estamos mais falando sobre o beijo, estamos? — Eu pergunto.

— Eu não posso - eu não posso - eu não posso... — Ela se vira, tropeça, abalada, explodida. Eu quero ir atrás dela, mas não posso.

Também estou abalado.

Eu também sinto a culpa.

Para Kyle, por beijar sua namorada quando ele só está no chão há algumas horas.

Mas também para a India. Por sentir tanta potência em um único beijo, tanta intensidade naquele beijo. Por se sentir como aquele beijo acidental, de alguma forma...mais do que qualquer coisa que eu compartilhei com a India. A quem eu tanto amava. A que morreu por minha culpa.

Essa culpa me destrói.

Levo minhas coisas para dentro e bebo o resto da garrafa de Jameson até ficar bêbado, tonto, lutando contra um turbilhão de emoções que estar bêbado apenas confunde e piora, mas com embriaguez pelo menos posso continuar bebendo até me esquecer, até que possa desmaiar.

* * * *

No dia seguinte, acordo ao meio-dia, minha cabeça latejando, minha boca tão seca que dói. Meu estômago está revirando. Engulo um pouco de Tylenol com os restos da garrafa de uísque, pego algumas garrafas de água e carrego meu violão e mochila até o cemitério, onde o caminhão ainda está estacionado. Jogo meu equipamento no banco traseiro.

Eu ando até o túmulo de Kyle.

Eu fico de pé, olhando para o solo fresco.

— Sinto muito, irmão. Por tudo. Por não estar lá para você. Pelo que aconteceu ontem à noite no cais. Por nunca te conhecer. — Sinto a tristeza pela primeira vez, por ele. É uma pulsação baixa, uma espessura na minha garganta.

— Eu provavelmente nunca voltarei aqui. Mas você é meu irmão, minha família e... foda-se. Eu não sei, cara. Eu sinto muito.

Coloquei uma palheta de guitarra no topo da lápide, a única lembrança que tenho para deixar.

— Tchau, Kyle.

Entro no caminhão, e não doze horas depois, incluindo uma parada para o almoço e o almoço em uma colher gordurosa para encharcar a bebida, estou de volta a Nova York.

Assim que entro pela porta, desejo não ter ido embora ou não voltar.

Frankie está no sofá, folheando um álbum de fotos.

Kleenex em uma mão. Olhos vermelhos. Uma versão mais antiga de Frankie, uma versão mais nova de Tilda, está sentada ao lado dela.

Frankie olha para mim e começa a chorar. Ela pula e corre até mim. Ela me abraça, para minha surpresa. — Oh Deus, Colt. Sinto muito, sinto muito.

CAPÍTULO 15

O Testamento

— Frankie? — Minha voz é um baixo murmúrio. Não ouso pensar nisso.

— Eu não tinha seu número de telefone. Não sabia como contatá-lo.

— Onde está Tilda?

Ela balança a cabeça contra o meu peito.

— Se foi. Ela foi tão rápido. Ela caiu, quebrou o quadril. Depois disso, ela apenas... Eu não sei. Aconteceu tão rápido.

— Maldição. — Meus olhos ardem. Eu amei aquela velha. — Eu só saí por três dias! Como pode... Como ela pode ter morrido?

— Sinto muito, Colt.

— Estou tão cansado de pessoas morrendo todo o caralho do tempo! — O sentimento arranca de mim. Inadequado, imprudente, sujo e verdadeiro.

A mãe de Frankie inala bruscamente de surpresa. Frankie apenas olha para mim, sem julgar.

Eu limpo o meu rosto.

— Eu sinto muito. Desculpe-me, eu apenas... Desculpe.

A filha de Tilda, a mãe de Frankie – eu nem sei o nome dela – limpa a garganta.

— Tilda falou muito de você. Ela realmente se importava com você.

— Ela era uma ótima velhinha e tenho muito a agradecer. Eu realmente gostei da sua mãe. — Eu limpo a garganta, arranhando meu pé na madeira do saguão. — Eu... Ela era como uma família para mim.

Dizer *'eu te amo',* ou algo assim, é impossível. Eu disse a India que a amava e eu a matei. Talvez seja superstição, mas simplesmente não posso dizer novamente.

— Eu não pretendo parecer... Sem consideração, ou algo assim. Mas... Minha família, a família *dela* chegará em breve. Temos que passar pelos efeitos dela, coisas assim. E teremos que vender esta casa, como parte da liquidação de sua propriedade. — A mãe de Frankie parece natural, mas posso dizer que ela está desconfortável, entregando essa notícia a um cara como eu em uma situação como essa. — Então, me desculpe, mas...

— O que mamãe está tentando dizer é que ela está te expulsando, porque na verdade você não é da família. — Somente Frankie poderia dizer algo assim e ainda assim parecer compassivo, de alguma forma.

— Frankie!

Frankie encolhe os ombros.

— O quê? É verdade. Não há motivo para se esquivar disso. Apenas diga o que caralho você tem a dizer, mãe. Jesus.

— Linguagem, mocinha!

Frankie olha para sua mãe.

— Eu posso dizer o que eu quero. Eu não sou uma criança. — Ela olha para mim. — Colt sabe o que quero dizer.

Eu passo por ela, ajeito seus cabelos.

— Com certeza, criança. Diga o que você quer dizer e diga logo. Atire direto ou cale a boca.

Recolho minhas roupas, tentando não ficar com raiva e falhando. Primeiro eu perco meu irmão caçula, depois eu fodo tudo e beijo a namorada dele, apenas para voltar para casa e descobrir que um dos meus únicos amigos acabou de morrer. Não só isso, mas também estou perdendo minha casa.

A vida é uma droga.

Sem teto novamente.

Faço as malas rapidamente, colocando minhas malas no saguão, depois me viro para me dirigir à filha de Tilda.

— Essa é a maioria das minhas coisas. Eu tenho algumas máquinas pesadas no porão, mas eu voltarei por elas mais tarde, depois que eu descobrir onde vou ficar. Ou você pode apenas vendê-las com a propriedade. Eu não dou a mínima.

Frankie se levanta e embaralha desajeitadamente para ficar na minha frente. — Onde você vai, Colt?

Eu dou de ombros. — Não sei. Eu vou ficar bem, querida. Não se preocupe comigo. — Dou-lhe um abraço de um braço. — Não é a primeira vez que não tenho um teto sobre minha cabeça.

— Sinto muito, Sr. Calloway...

Eu a cortei. — Tudo bem. Você tem que fazer o que tem que fazer, certo? Sem ressentimentos. — Eu levanto minhas malas novamente. — Quando é o funeral?

Uma batida. — Quinta-feira, mas...

— Escute, senhora. — Eu dou a ela um olhar duro e de aço. — Você vende a casa, me expulsa no mesmo dia em que descubro que Tilda está morta, assim que volto do funeral de meu irmão. É chato, mas eu entendo. Sem problemas. Tem que acertar sua propriedade. Mas você *não* vai me dizer que não posso ir ao funeral. Foda-se. Ela era minha *amiga*. Sei que sou apenas um bandido, mas me importei com ela e mereço estar lá. — Ela não diz nada, então eu apenas aceno para Frankie. — Vejo você por aí, criança. Fique longe de problemas, hein?

— Tchau, Colt.

E assim, estou sem teto de novo, sem amigos de novo.

Com exceção de Split, é claro, mas ele e Callie estão melhor comigo longe de todos os negócios deles.

Então eu ando.

Penso.

Sonho.

* * * *

O funeral de Tilda é... Como você descreve um funeral sem parecer banal? 'Foi uma cerimonia adorável.' Você ouve merdas assim o tempo todo. Mas isso não tem sentido. Você perdeu alguém que amava – não importa se existem arranjos agradáveis de flores ou algumas palavras eloquentes. É um funeral. É uma merda. Isso é péssimo.

O funeral de Tilda foi uma merda e foi péssimo.

Luto contra o desejo de chorar o tempo todo, de pé no fundo, observando-os abaixar o caixão no chão. Espero minha vez, espero até que todos os outros joguem sua rosa, e então fico ali em cima do buraco, olhando para o caixão, mais uma vez sem saber o que dizer.

Então eu canto 'Feeling Good' *acapella*, apenas para Tilda. As pessoas param, escutam. Ninguém espera que um fodido grande e áspero como eu seja capaz de cantar da maneira que eu faço, mas neste caso, eu realmente não dou a mínima. Eu estou cantando para Tilda.

Frankie se inclina para mim, envolve um braço magro em volta da minha cintura e canta comigo.

Quando a música termina, ela olha para mim. — Isso é péssimo.

Eu pisco e fungo e tento em vão sorrir para ela. — Sim, criança, é. — Isso é realmente tudo o que há para dizer:

Isso é péssimo.

* * * *

Estou andando pelas ruas um dia depois do trabalho, de volta aos meus velhos hábitos – não disse a Carl que sou um sem-teto. Eu apenas ando depois do trabalho, ficando em um 'assim chamado' motel. Talvez durma no sofá do escritório da oficina, levante e saia cedo, volte e finja que não dormi a noite lá.

Estou andando por Queens, em algum lugar. Não tenho certeza, não dou a mínima. Apenas andando, sentindo falta de Tilda e... Eu ouço jazz. Uma música de

Nina Simone vem de uma janela. Olho para cima e vejo uma janela aberta, e consigo ver uma velha que me lembra Tilda, sentada em um assento na janela, bebendo chá e olhando para a memória. Paro e assisto por um minuto.

Deus, sinto falta de Tilda.

E então olho através da rua e vejo um prédio à venda. Velho, decadente, mas robusto. Tem portas de enrolar e um pequeno apartamento acima. É uma oficina antiga, não é uma área ruim, mas não é ótima. Provavelmente eu conseguiria por um preço decente. Corro pela rua e espio pelas janelas. É perfeito pra caralho. Três elevadores hidráulicos, um compartimento para troca de óleo, balcões nas paredes, um escritório minúsculo, muito espaço. Precisa de muito trabalho de limpeza, raspagem, pintura, retoque. Os pisos precisam ser removidos e recobertos, e as janelas provavelmente precisam ser substituídas também. Há muito trabalho a fazer, mas poderia ser *minha*. Agora tenho clientela suficiente para poder pendurar meu próprio letreiro facilmente, restaurando e fazendo trabalhos personalizados.

De volta à loja, ligo para o número de telefone do agente e pergunto sobre o preço da lista.

— Sinto muito, — o agente me diz. — Essa propriedade já foi vendida, apenas não tive a chance de tirar a placa. Sinto muito pela confusão.

— Posso fazer uma contraproposta ou algo assim?

— Não, desculpe, o acordo já está feito.

— Bem, obrigado de qualquer maneira. — Dou ao agente meu número de telefone. — Você ligaria se algo mudar?

— Certamente.

Desligo, pressiono o telefone na minha testa. Bem, porra.

Lá se vai esse sonho. Eu tento não ser amargo, mas é difícil. Eu realmente queria aquele lugar. Apenas... Parecia certo.

Faço meu caminho de volta parao Carl's, tento lidar com o meu desapontamento acionando chaves debaixo de um velho e enferrujado Fairlane. Vejo um par de sapatos brilhantes se aproximando pela baia aberta, muito caro para este bairro. Saio de baixo do carro, limpo as mãos no macacão e examino o visitante: tipo de advogado, terno de três peças, fone de ouvido Bluetooth, sapatos elegantes, relógio de ouro e couro.

— Posso ajudar?

— Você é Colton Calloway? — ele pergunta.

— Sim. O que posso fazer para você?

— Meu nome é Gregory Hall. Estou com a empresa Hall, Pryor e Williams. Eu represento a propriedade de Mathilda Irene Stafford.

— Quem?

Ele franze a testa com a minha ignorância.

— Sua antiga senhoria?

— Oh, Tilda? Ok... Sobre o que é?

Ele pega um envelope. — Ela o nomeou em seu testamento. Você pode visitar nossos escritórios amanhã de manhã para leitura do testamento, para que possamos obter algumas assinaturas e compartilhar os detalhes com você.

— O que isso significa em português simples?

Ele solta um pequeno suspiro. É óbvio que ele não está feliz por estar aqui, conversando com um cara como eu.

— Isso significa que ela deixou algo para você da propriedade dela. Uma lembrança de algum tipo, provavelmente. Como eu disse, a leitura do testamento ocorrerá nos escritórios de nossa empresa em Manhattan amanhã às nove da manhã. Uma vez que você está nomeado no testamento, você tem direito a estar presente para a leitura.

— Ok, obrigado. — Não tenho certeza do que mais dizer.

— Tenha um bom dia. — Ele me entrega um cartão de visita e depois sai.

Então, no dia seguinte, estou em um trem para Manhattan, olhando as torres como um turista, depois pegando um elevador banhado a ouro até o décimo oitavo andar de uma torre de escritórios. Estou de terno. Não sei qual é o protocolo, mas é melhor pecar por excesso do que por falta, imagino. Eu localizo o escritório da empresa, sigo a recepcionista bonitinha por um labirinto de escritórios até uma sala de conferências.

A filha de Tilda está lá, Frankie também, e seis ou sete outras pessoas. Sobrinhos, sobrinhas, talvez um irmão, eu não sei. O processo é chato como o inferno. Gregory Hall lê o testamento em tom monótono, todos se mexendo com impaciência.

Não sei por que estou aqui e não ouço nada que me interessa: a reunião envolve muitas explicações, divisão dos bens de Tilda, o dinheiro liquidado com suas economias e títulos e a venda da casa e muitas outras coisas que eu nem conheço. Parei de prestar atenção até ouvir meu nome.

O violão. Isso tudo sobre o violão. Eu sufoco um suspiro e sintonizo.

— ...E no que diz respeito a Colton Calloway, meu muito bom amigo, eu lego a ele o violão do meu amado marido Frank. Sinto muito, Frankie, eu sei que você queria, mas Colt precisa mais. Além disso, dos ativos líquidos de minha propriedade, lhe entrego uma quantia de cento e cinquenta mil dólares. Menos do que ele merece, com certeza, mas mais do que minha família apreciará. Não que eu me importe. Eles têm o que precisam, e meu dinheiro é meu para dar como eu desejo. Eu amo todos vocês. Escrito de próprio punho, em boa saúde mental e com testemunhas presentes, assinado... Mathilda Irene Stafford.

Jesus.

O quê?

Há um alvoroço. Gritaria. Lembro-me de outras quantias de dinheiro sendo nomeadas. Muito menos do que Tilda me deixou. A velha louca me deixou cento e cinquenta mil? Por quê?

Frankie está sentada ao meu lado e se inclina para perto.

— Eu disse a ela o que aconteceu. O que você fez. Como você me resgatou. — Ela ri. — Eu não sabia que ela faria isso, no entanto. Mamãe e tio Larry estão *putos*. Você recebeu mais do que eles.

Olhares. Lágrimas.

Não sei o que fazer. O advogado está na minha frente, entregando-me um pacote grampeado de papéis, pedindo que eu assine. Eu o encaro, chocado.

— Posso... Eu não sei, recusar?

Ele encolhe os ombros.

— Você poderia. Isso atrasaria bastante a execução do testamento dela, porque teríamos que renegociar com todos os outros.

Frankie fala para ele.

— Ele assinará. Só um segundo. — Ela se inclina para perto de mim, sussurra no meu ouvido. — É o que ela queria. Ela ficaria brava se você não aceitasse. Ela está dando a você para que você possa comprar sua oficina. — Sua voz é baixa, mas sincera. — Pegue, Colt. Não se preocupe com eles.

— Não é justo.

— Não. Mas o que é justo nesta vida? — Palavras sábias de alguém tão jovem.

Ouço a voz de Tilda: *Não me pergunte duas vezes, jovenzinho. Eu tenho minha própria opinião.*

Eu sorrio ao pensar no que ela diria se estivesse aqui. Pego a caneta, assino onde as pequenas abas adesivas rosa indicam. Eu desliguei as instruções do advogado. Eu ligo para ele mais tarde, entendi.

Volto para a garagem de Carl atordoado. Sento-me em um banquinho na bancada, agradecendo silenciosamente a Tilda.

* * *

Algumas semanas depois, meu telefone toca.

— Alô?

— Olá, Sr. Calloway? Sou Rachel McKenna. Sou corretora de imóveis, conversamos há algumas semanas sobre a oficina de automóveis no Queens.

— Oi, Rachel. Como posso ajudá-la?

— Não vou perder tempo, senhor Calloway: você ainda está interessado em comprar a garagem?

— Absolutamente, sim. Mas pensei que a venda estava feita.

— Acontece que o comprador não foi capaz de garantir o financiamento. — Há uma pausa. — Perdoe-me por dizer isso, mas... Você parece bastante jovem. Você é capaz de financiar a compra, Sr. Calloway?

— Qual é o número?

Ela hesita. Nomeia um número muito, muito, menor do que eu pensava que seria.

Escondo minha emoção, tento parecer que estou considerando.

— Srta. McKenna, esse lugar precisa de muito trabalho.

Outra hesitação. — O que você estava pensando?

Eu contraponho com um número duzentos mil a menos, sem esperar que ela morda. Mas ela faz. Deve estar desesperada para descarregar o lugar.

— Eu posso fazer isso. — diz ela. — Nem um centavo a menos, no entanto.

— Você conseguiu um acordo, senhorita McKenna. — Estou tonto, cauteloso, esperançoso. Rachel McKenna nomeia um prédio de escritórios, um endereço na parte inferior de Manhattan, e marcamos uma reunião para a próxima semana, já que atualmente é final de tarde de uma sexta-feira.

Com o dinheiro de Tilda, posso pagar um adiantamento considerável o suficiente para que meu banco me conceda um empréstimo pelo restante. Passo um dia inteiro assinando documentos, mas então, às três horas de uma terça-feira à tarde, Rachel McKenna me entrega as chaves da minha própria oficina.

Está feito.

Ela precisa de muito trabalho para torná-la apresentável. Provavelmente haverá problemas imprevistos. Agora, devo um pagamento hipotecário considerável todos os meses. Mas é *meu*.

Estou na baia vazia, respirando o odor espesso de graxa, óleo velho e poeira.

Trabalhei duro e realizei meu sonho.

Consegui, India.

Eu consegui.

CAPÍTULO 16

Não terminamos de conversar

Um ano depois

Estou sentado em um banco de parque nos limites do Central Park, tocando. Eu tenho meu estojo no chão perto dos meus pés, alguns dólares dentro como sementes de dinheiro brilhantemente verde contra o veludo marrom.

Eu não toco há meses; a loja está muito ocupada, com muitos pedidos, muitas reformas e trabalhos personalizados.

Mas isso, o ar livre e a falta de expectativas, é onde eu moro. Onde minha alma voa. Assim como meu show semanal no bar de Kelly, não se trata de dinheiro, embora eu costume fazer um pedaço decente de dinheiro.

É sobre deixar a música fluir do meu sangue para o violão, deixando-a penetrar nas minhas cordas vocais.

Estou ajustando uma corda, ajustando a afinação para minha próxima música. Minha cabeça está abaixada, inclinada para o lado, ouvindo o tom perfeito. Consegui, balançando a cabeça em aprovação.

Começo com ‘I and Love and You’ dos Avett Brothers. Esta é uma música que sempre atrai uma multidão. É a música mais do que eu, realmente. É uma peça musical tão brilhante. Tanto significado está nas letras. Olho para o primeiro verso e olho a calçada na minha frente. Um homem mais velho em um terno de negócios, um telefone na orelha, outro preso ao cinto de couro caro; uma jovem mulher

com cabelos loiros em um coque bagunçado, um menino de rosto pegajoso segurando a mão dela, ambos pararam e ouviram; um casal gay, jovens de mãos dadas, cabelos esvoaçantes e bufantes e lenços coloridos; três garotas adolescentes, rindo, sussurrando entre si por mãos em concha, pensando que eu sou fofo.

E ela.

Nell.

Eu poderia escrever uma música, e o nome dela seria a música. Eu poderia cantar dedilhar um violão, e o corpo dela seria a melodia. Ela está de pé atrás do resto da multidão, parcialmente obscurecida, encostada a um parquímetro, uma bolsa de tecido com retalhos pendurada em um ombro, vestido verde pálido roçando os joelhos e abraçando as curvas, cabelos strawberry blonde[3] em uma trança casual e pendurada sobre um ombro. Pele pálida como marfim, impecável e implorando para ser acariciada. Beijada.

Eu não sou santo. Eu fiquei com outras garotas desde a última vez que a vi, mas elas nunca foram suficientes. Nunca foram certas. Elas nunca ficam por muito tempo.

Agora, aqui está ela. Por quê? Eu tentei tanto esquecê-la, mas ainda assim seu rosto, seus lábios, seu corpo, vislumbrados sob um vestido preto molhado... Ela me assombra.

Ela está mordendo o lábio, segurando-o entre os dentes, olhos verde-acinzentados me prendendo no banco. Merda. Por alguma razão, não consigo entender, esse hábito, morder o lábio... Não posso aguentar. Eu quero largar o violão e ir até ela, tomar aquele lábio inferior perfeito e carnudo na minha boca e não soltar.

[3]Uma coloração de cabelo ruivo bem claro e um pouco dourado.

Eu quase vacilo no primeiro encontro de nossos olhos, mas não o faço. Eu encontro o olhar dela e continuo a música.

Estou cantando para ela, quando chego ao refrão final.

— Eu... Amo... Você.

Ela sabe. Ela vê nos meus olhos. É uma loucura total cantar essa música para ela, mas não posso parar agora. Eu assisto seus lábios se moverem, murmurando as palavras. Seus olhos estão doloridos, assombrados.

A pessoa em pé na frente se move e eu vejo uma caixa de violão apoiada em sua coxa, o fundo redondo plantado na calçada, a palma da mão estabilizando o topo estreito. Eu não sabia que ela tocava.

A música termina e a multidão se afasta algumas pessoas atirando notas de um e cinco. O empresário – ainda no telefone – joga cinquenta e um cartão de visita anunciando-se como produtor de gravadora. Eu aceno para ele, e ele faz o gesto universal de 'Ligue para mim' com a mão livre. Eu poderia ligar para ele. Eu poderia não ligar. Música é expressão, não negócio.

Ela se aproxima, dobrando os joelhos e levantando a caixa do violão, desliza no banco ao meu lado. Seus olhos nunca deixam os meus enquanto ela se senta, abre a maleta e retira um belo acústico clássico da Taylor. Ela morde o lábio novamente, depois puxa algumas cordas, dedilha e começa 'Barton Hollow'.

Eu rio baixinho e vejo que a dor nunca a deixou. Ela carregou isso todo esse tempo. Eu me viro para ela, e então estou cantando. As palavras caem dos meus lábios facilmente, mas eu mal estou me ouvindo. Ela toca fácil e bem, mas é claro que ela não toca há muito tempo. Ela ainda olha para os dedos no braço da guitarra

enquanto troca de acordes e fica algumas notas erradas. Mas a voz dela... É pura magia, doce e prata, cristalina e tão doce.

Nós atraímos uma multidão louca juntos. Dezenas de pessoas. A rua além está bloqueada pela vista dos corpos, e posso dizer que ela se sente desconfortável com a atenção. Ela cruza a perna sobre o joelho, salta com o ritmo e abaixa a cabeça como se desejasse que o cabelo estivesse solto para que ela pudesse se esconder atrás dele. Ela toca uma corda, perde o ritmo. Giro no banco para encontrar os olhos dela, trancamos os olhos e aceno para ela, diminuo a velocidade e acentuo o ritmo. Ela respira fundo, seus seios incham atrás de casaco e encontra o ritmo comigo.

A música termina cedo demais. Eu meio que espero que ela se levante, guarde o violão e flutue novamente, sem uma palavra trocada, apenas desapareça tão misteriosamente quanto ela apareceu. Ela não faz, no entanto. Graças a Deus por isso. Ela olha em volta para a multidão, morde o lábio, olha para mim. Espero palma da mão achatada nas cordas.

Ela respira fundo, puxa algumas cordas, preguiçosamente, como se estivesse decidindo, depois acena para si mesma, um rápido movimento da cabeça como se dissesse: — Sim, eu vou fazer isso. — Então ela começa a tocar uma música que eu sei que sei, mas não posso colocar. Então ela canta. E, novamente, seu violão, reconhecidamente medíocre, desaparece substituído pela beleza chocante de sua voz. Ela está cantando ‘Make You Feel My Love’ de Adele. O original é simples e poderoso, apenas o piano e a voz única de Adele. Quando Nell canta, ela pega e torce, torna assustador e triste e quase com um som country. Ela canta baixo em seu registro, quase sussurrando as palavras.

E ela canta para mim.

O que não faz nenhum sentido. Mas ainda assim, ela me observa enquanto canta, e eu posso ver os anos de dor e culpa em seu olhar.

Ela ainda se culpa. Eu sempre soube que sim, e esperava que o tempo a curasse disso, mas posso ver, mesmo sem falar com ela, que ela ainda carrega o peso. Há escuridão nesta garota agora. Eu quase não quero me envolver. Ela vai me machucar. Eu sei isso. Eu posso ver, eu posso sentir isso chegando. Ela tem muita dor, tantas rachaduras, estilhaços e entalhes em sua alma, e vou ser cortado por ela se não tomar cuidado.

Não posso consertá-la. Eu também sei disso. Eu não vou tentar. Eu já tive muitas garotas ingênuas comigo, pensando que podem me consertar.

Eu também sei que não vou ficar longe. Vou agarrá-la e me deixar cortar. Sou bom com dor. Sou bom em sangrar, emocionalmente efisicamente.

Eu a deixo cantar. Não entro; apenas dou a ela o momento, deixo que ela possua. A multidão assobia, bate palmas e joga dólares em sua caixa de violão aberta.

Agora ela espera, observa. Minha vez. Eu sei que tenho que escolher minha música com cuidado. Estamos estabelecendo um diálogo aqui. Estamos conversando sobre música, discutindo acordes de violão, notas cantadas e títulos de músicas. Eu dedico absurdo e zumbido, pensando. Então vem a mim:

‘Can’t Break Her Fall’ de Matt Kearney. Ele fala comigo, e é único, uma música que as pessoas vão se lembrar. E eu sei que ela vai me ouvir, ouvir o que não estou dizendo quando canto. Meio cantado, meio rap. Os versos contam uma história tão forte e vívida, e de repente eu posso ver ela e eu na letra.

Ela ouve com atenção. Seu olhar verde-acinzentado endurece, e os dentes prendem o lábio e mordem com força. Oh sim. Ela me ouviu. Eu pego o tremor na

mão dela quando ela coloca o violão no estojo, fecha-o e tenta não tropeçar enquanto ela foge de mim. Sua trança se arrasta atrás dela, saltando entre as omoplatas, e suas panturrilhas brilham em branco pálido à luz do sol de Nova York. Eu a deixo ir, termino a música e depois clico no violão fechado e corro atrás dela.

Atravesso a rua, os táxis amarelos buzinando impacientemente, pelo barulho da cidade e depois desço para o metrô. Eu a vejo passando um cartão e lutando com a catraca, a caixa de guitarra segurada desajeitadamente pela alça. Ela passa o cartão novamente, mas a catraca não se mexe e ela xinga baixinho. As pessoas estão se alinhando atrás de nós, mas ela não percebe elas ou a mim a poucos metros de distância. Ela balança a cabeça, para de lutar e respira fundo. Nesse momento, passo por ela, deslizo meu próprio cartão e a empurro gentilmente através do portão. Ela obedece como se estivesse atordoada, deixa-me tirar o violão dela e deslizo as tiras por cima do ombro, segurando minha própria maleta pela alça. A palma da minha mão livre segura sua parte inferior das costas, levando-a para o vagão do metrô. Ela não olha para mim, não questiona que sou eu. Ela apenas sabe. Ela está respirando profundamente imóvel, se recompondo. Eu a deixo respirar, deixo o silêncio esticar. Ela não se vira para olhar para mim, mas se recosta um pouco, as costas roçando minha frente. Ela não coloca seu peso contra mim, apenas permite uma sugestão de contato.

Ela sai depois de algumas paradas e eu a sigo. Ela pega outra linha e continuamos em silêncio. Ela não encontrou meus olhos desde que correu do banco do Central Park. Eu fiquei atrás dela, apenas seguindo. Eu sigo-a até um prédio de apartamentos em Tribeca, sigo-a pelas escadas ecoando, tentando não encarar sua bunda balançando enquanto ela sobe as escadas. É difícil não fazê-lo. É uma bunda

tão fina, redonda e tensa e balançando provocativamente sob o algodão fino de seu vestido de verão.

Ela abre a porta com o número 314 usando a ponta do pé e vai direto para a cozinha. Ela não está olhando para ver se eu a sigo sem ser convidado, o que eu faço. Fecho a porta atrás de mim, coloco o estojo de violão no chão, debaixo de um interruptor de luz, logo ao lado da porta, ao lado de uma pequena mesa quadrada empilhada com partituras e livros de violão e pacotes de cordas de nylon. Meu estojo fica no chão ao lado da entrada da cozinha aberta. Eu a vejo abrir um armário ao lado da geladeira, puxar uma garrafa de Jack, torcer a tampa e jogar no balcão. Seu punho treme, e ela inclina a garrafa até os lábios e suga três vezes, longas e duras drenagens diretamente da garrafa. Droga. Ela abaixa a garrafa violentamente e fica com a cabeça pendurada entre os braços apoiados no balcão, um pé esticado atrás dela, o outro dobrou-se perto do balcão no trecho de um corredor. Ela estremece, endireita, limpa os lábios com as costas da mão. Cruzo o espaço entre nós e não perco a maneira como ela se tensiona quando me aproximo. Ela para de respirar quando meu braço mergulha sobre seu ombro e minha mão agarra a garrafa. Trago-a aos meus lábios e combino com ela três puxões longos. Queima, uma dor familiar.

Ela se vira no lugar, finalmente, encostada na borda do balcão, olhando para mim, olhos arregalados e procurando. De repente, ela parece um personagem de anime, de olhos arregalados e cheia de emoção. Eu quero tanto beijá-la, mas não quero. Eu nem a toco, mesmo estando a meros centímetros dela. Seguro a garrafa, minha outra mão apoiada no balcão ao lado do cotovelo.

— Por que você está aqui? — ela pergunta. Sua voz é um sussurro áspero, queimado por uísque.

Eu deixei um sorriso torto inclinar meus lábios.

— Aqui no seu apartamento? Ou aqui em Nova Iorque?

— No meu apartamento. Em Nova Iorque. Na minha vida. Aqui. Por que você está aqui?

— Eu vivo em Nova Iorque. Eu tenho vivido desde os dezessete anos. Estou aqui no seu apartamento porque eu te segui do Central Park.

— Mas por quê?

— Porque não terminamos de conversar.

Ela torce o nariz em confusão, um gesto tão absurdamente adorável que minha respiração gagueja no meu peito.

— Conversar? Nenhum de nós disse uma palavra.

— Ainda é uma conversa. — Inclino a garrafa nos meus lábios e dou outro puxão, sentindo que ela atingiu meu estômago.

— Sobre o quê?

— Diga-me você.

— Eu não sei. — Ela pega a garrafa de mim, bebe, fecha e a guarda. — Sobre... Naquela noite no cais?

Eu dou de ombros, inclino minha cabeça de um lado para o outro.

— Mais ou menos, mas não realmente.

— Então sobre o que você achou que estávamos falando?

— Nós.

Nota da autora

Se você leu os outros livros desta série, provavelmente está esperando uma lista de reprodução aqui. Não estou incluindo uma, porque, honestamente, você conhece as músicas. Seria redundante, neste momento.

A lista de reprodução é a mesma de Falling Into You, Falling Into Us, Falling Under e Falling Away. As músicas são as que ele e Nell cantaram juntos, as que Becca e Jason dançaram, as que Kylie e Oz tocaram juntos, as que Ben e Echo ouviram.

Você conhece as músicas, então não vou listá-las aqui, não desta vez. Desenterre sua cópia antiga do FIY, reproduza essa lista de reprodução e pense em Colt.

Porque este livro é, verdadeiramente, o fim desta série. Espero que você tenha amado a história de Colt, cavalgando com ele quando ele se tornou o homem por quem Nell se apaixonaria, pelo qual todos se apaixonaram.

FIM